

# FAUSTO: ENSAIO CENOGRÁFICO NA CIDADE



Univerdidade Federal de Santa Catarina  
CTC - Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Introdução ao projeto de graduação  
Orientador: Cesar Floriano dos Santos  
Graduanda: Melina Valença Marcondes 0213128-5

## APRESENTAÇÃO

O objeto final do trabalho de conclusão de curso é um projeto cenográfico para a peça *Fausto*, de Goethe, na cidade de Florianópolis. Sinteticamente, o projeto cenográfico a ser desenvolvido pretende a espacialização de um texto teatral, tanto no que se refere à determinação da relação público-espetáculo, quanto à vivificação do texto na sua forma visual. A proposta torna-se urbana quando propõe a utilização de uma sucessão de espaços abertos e fechados de Florianópolis, de modo a permitir a saída do espetáculo teatral do seu ambiente característico – o Teatro – para a urbe, aproveitando a riqueza cenográfica da própria cidade e manipulando-a conforme a necessidade conceitual e estética da montagem. O projeto acredita na ligação entre as disciplinas de cenografia e arquitetura: ambas trabalham com a questão espacial movida por decisões relacionadas a elementos motores reais e imaginários. A cenografia, indubitavelmente, seria um tipo de arquitetura que permite a aproximação do elemento humano, de seus dramas poéticos, psicológicos e filosóficos. Sem dúvida, o humano é o mote do trabalho.

A presente dissertação tem o papel de subsídio teórico para o projeto de conclusão de curso propriamente dito. Para tal fim, o tema cenografia foi estudado através do contato com profissionais da área, da vasta observação de montagens teatrais e da leitura de textos relacionados. O resultado desta pesquisa não consiste num histórico sobre cenografia, mas em uma análise crítica em relação ao texto teatral escolhido, ou seja, a pesquisa condiciona-se às decisões relacionadas ao projeto cenográfico. Em paralelo, o texto teatral *Fausto* foi profundamente estudado com o auxílio de textos de análise desta obra e filosóficos relevantes aos seus temas, permitindo a sua interpretação. Entende-se aqui interpretação como um olhar individual para a obra, produzindo uma maneira de expressá-la e dar-lhe vida, mas sem perder de vista sua identidade imutável, dissociada da personalidade do intérprete. O fruto desta interpretação será uma adaptação criteriosa do texto original que permitirá a montagem - confronto entre texto e cena – e fornecerá o fundamento sobre o qual será realizado o projeto propriamente dito.

O projeto de cenografia consiste em um trabalho multidisciplinar realizado através de discussão entre todos os envolvidos na sua montagem (atores, diretores, cenógrafos). Contudo, no âmbito do trabalho acadêmico, sem vinculação a um grupo de teatro consolidado, tornou-se necessária a intervenção da acadêmica em todas as etapas do processo. Acreditando na contribuição do cenógrafo na concepção do espetáculo, este trabalho permite uma ampla experiência da aluna sobre as diversas partes do processo de montagem de um espetáculo teatral.

A escolha da peça *Fausto* de Goethe foi guiada por dois motivos principais: a vontade de conhecer uma das mais relevantes obras teatrais da modernidade, seu conteúdo de profundidade humana e filosófica e a fecundidade poética contida no seu texto. *Fausto* é considerada a *Divina Comédia* dos tempos modernos; assim como Dante, Goethe dispunha de um saber enciclopédico de sua época, e resumiu na sua obra mor os sentimentos e pensamentos do homem moderno. A obra apresenta uma riqueza poética e humana que determina a profundidade de seu conteúdo, sendo possível uma multiplicidade de interpretações. Para tanto, são referências diversos campos da filosofia no exercício de sua interpretação, conferindo uma profusão e convergência de conceitos preciosos da filosofia moderna em um mesmo trabalho de análise de um texto teatral. Ao mesmo tempo, como diz Berman, *Fausto* é uma tragédia do moderno, num certo sentido, reflete a aventura da cidade e do urbanismo modernos. Desta forma, *Fausto* possui elementos de grande contribuição para um trabalho de conclusão acadêmico, por conter informações preciosas e pela possibilidade que abre à busca de informações complementares.

A obra *Fausto* foi escrita por Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) ao longo de sessenta e dois anos (1770-1832, publicação na íntegra após sua morte), transmitindo toda a rica experiência de vida do autor. Não é difícil imaginar a

grandiosidade da vivência de uma pessoa ao longo de mais de meio século, especialmente em um período de grande turbulência e revolucionário da história mundial. A Alemanha de seu nascimento ainda possuía resquícios de uma cultura medieval quando, na sua juventude, recebeu a influência de ideais iluministas e, mais tarde, o processo de industrialização do trabalho. Goethe frequentou a Universidade em Leipsick – citada em *Fausto* – onde desenvolveu o gosto pelo classicismo francês. Foi, porém, obrigado a interromper seus estudos e voltar para sua cidade natal, Frankfurt, para se curar de uma doença. Ali teve grande contato com os costumes medievais alemães através da medicina de curandeiros, obtendo conhecimento do ocultismo, que será abordado na primeira parte de *Fausto*. Alguns anos depois, retomou seus estudos na Universidade de Estraburgo, onde se engajou no movimento romântico alemão *Sturm und Drang* (em tradução aproximada, “Tempestade e Ânsia”) que se opunha ao iluminismo cientificista e racionalista para exaltar a natureza e o sentimento. *Sturm und Drang* possuía uma feição revolucionária em relação às convenções sociais de sua época – essa alma revolucionária encontrou sua representação na personagem Fausto. O gosto de Goethe foi se modificando aos poucos, voltando ao classicismo, na procura de modelos gregos de beleza. Evidentemente, esta nova postura estética foi refletida em sua obra, resultando em um Fausto erudito da Renascença, a mente cheia de superstições medievais, mas apaixonado pela beleza grega.

“Os problemas de Fausto não são apenas seus: eles dramatizam tensões mais amplas, que agitaram todas as sociedades européias nos anos que antecedem a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. A divisão social do trabalho na Europa moderna, da Renascença e da Reforma ao tempo do próprio Goethe, produziu uma vasta classe de produtores de cultura e idéias, relativamente independentes. Esses especialistas em artes e ciências, leis e filosofia produziram, ao longo de três séculos, uma brilhante e dinâmica cultura moderna. Por outro lado, essa mesma divisão do trabalho, que propiciou a existência e o desenvolvimento dessa cultura moderna, manteve inacessíveis ao mundo ao redor suas novas descobertas e perspectivas, seu vigor e fecundidade. Fausto de (e ajuda a criar) uma cultura que abriu uma amplitude e profundidade de desejos e sonhos humanos que se situam muito além das fronteiras clássicas e medievais. Ao mesmo tempo, ele está inserido numa sociedade fechada e estagnada, ainda incrustada em formas sociais típicas do feudalismo e da Idade Média: formas como a orientação especializadora, que impede o seu desenvolvimento, bem como o de suas idéias. Como portador de uma cultura dinâmica em uma sociedade estagnada, ele está dividido entre vida interior e vida exterior.” (BERMAN, 1986)

É evidente a capacidade de Goethe em utilizar em sua obra uma riqueza e profundidade histórica, relatando acontecimentos de sua época, mas conseguindo ser extremamente anacrônico pelo enfoque poético, sensível e psicológico. Goethe produz *Fausto* em um dos períodos históricos mais turbulentos e revolucionários da história mundial e utiliza em seus personagens os dramas, traumas e transformações da história em que a sociedade e ele mesmo vivenciara.

*Fausto* foi escrita em duas partes. A primeira delas Goethe começou a escrever por volta de 1770, aos vinte e poucos anos, e publicou na íntegra em 1808, alterando-o pontualmente até a sua morte. Trata-se de um texto acabado, linear – salvo exceções como as cenas da noite de Varbulga e das Áureas Núpcias - num ato contínuo. Por isso, constitui uma parte mais conhecida e popular, sendo a mais encenada nos teatros. O drama começa com o *Prólogo no Céu*, uma abertura que proporciona um tom cósmico para a peça, onde Deus e Mefistófeles – o demônio – fazem uma aposta pela alma de Fausto: se o demônio conseguir levar o doutor para o mundo profano, ele vence a aposta. Fausto é um cientista do século XVI; isolado em seu estúdio na procura pela essência do universo, de certa forma ele aspira ao divino, postura que o demônio vai tentar mudar. Os monólogos de Fausto, sozinho em seu estúdio são de extrema profundidade filosófica. Mefistófeles consegue se infiltrar no estúdio de Fausto e convencê-lo a fazer um pacto para explorar o mundo terreno. Fausto se perde no mundo, explora sensações antes nunca apreciadas, torna-se um homem apaixonado. Uma de suas aventuras sentimentais, a mais conhecida popularmente, é a paixão por Margarida, uma moça simples de um vilarejo que vai se envolver com Fausto e acabar numa tragédia. Margarida é morta por uma

sociedade puritana que a condena por ter amado fora dos padrões da Igreja e por ter matado seu próprio filho, ato que resulta do desespero por ser renegada. Um drama com o final típico das tragédias shakespearianas, mas Fausto não tem seu fim nesta primeira parte e nada mais frustrante que não saber o destino da alma do herói, pactuada com o demônio.

A segunda parte do drama de Goethe vai conduzir o leitor ao final de Fausto, por um caminho tortuoso. Fausto percorrerá cenas de portentoso peso alegórico. Goethe levará o personagem a encontrar Helena de Tróia, mas ainda habitando o mundo medieval, em uma cena típica das tragédias gregas. Para manter a linearidade com a primeira parte, o leitor terá que se conduzir aos dois últimos atos, escritos simultaneamente por Goethe, em que Fausto continuará sua história de desenvolvimento que levará a sua morte e salvação. A segunda parte foi escrita entre 1825 e 1831, sendo publicada após a morte de Goethe. Trata-se de uma obra inacabada e com muitos trechos enigmáticos e possivelmente provisórios. Os cinco atos têm grande independência entre si, podendo-se entender cada parte isoladamente, carecendo de um sentido de conjunto. Todas as tentativas de se encenar a segunda parte na íntegra foram infrutíferas, pois comprometiam os valores poéticos da obra pelo excesso de informação.

As traduções aqui utilizadas são de dois autores portugueses: Antônio Feliciano de Castilho – primeira parte - e Agostinho D'Ornellas – segunda parte. Castilho traduziu a primeira parte de Fausto com a ajuda de um alemão radicado no Rio de Janeiro, por não conhecer a língua alemã, e a publicou em 1872. O desconhecimento da língua original não foi um empecilho para o trabalho de Castilho, que pretendia inovar na sua tradução. Com a experiência de outros tradutores portugueses, ele percebeu a inevitabilidade da imperfeição da tradução da língua alemã para a portuguesa. Então, Castilho aceitou que fidelidade e criação não fossem antônimos na sua tradução, e se permitiu interpretar e criar sobre a obra de Goethe. Sua tradução foi, acima de tudo, uma adaptação para o claro entendimento na língua portuguesa, mas mantendo a fidelidade e a essência da obra de Goethe. Castilho não traduziu a segunda parte devido sua imensa complexidade. Por outro lado, Ornellas, também um ótimo tradutor, se propôs a transportar as palavras de Goethe intactas ao português, em 1873. Nas suas próprias palavras, Ornellas expõe sua idéia diferente a de Castilho: “Não quero dar ao público o Fausto coado através do prisma das minhas idéias. Aí vai a obra, tanto quanto coube a em mim, fiel e escrupulosamente traduzida; sempre que assim necessário, subordinei a forma à idéia e, à custa deste e outros ao menos graves sacrifícios, espero ter conseguido ser verdadeiro, embora não elegante.” As duas traduções são consideradas nesse trabalho como uma complementaridade de idéias, e não como eventos antagônicos. A primeira parte de Fausto se trata de um texto mais popular, coerente ao ideal de Castilho, permitindo maior flexibilidade na tradução. Já a segunda parte é repleta da complexidade e da genialidade de Goethe, exigindo uma tradução mais fiel à língua original.

O texto exposto a seguir é fruto de uma adaptação dos dois textos traduzidos. Partindo da vontade de mostrar as duas partes da obra Fausto, mas viabilizando sua montagem, alguns cortes foram realizados criteriosamente. Os critérios norteadores da edição foram dois: preservar a atemporalidade e focar a história de Fausto. A atemporalidade foi construída sobre cenas que enfatizem a psicologia dos personagens no detrimento de cenas de romantismo exacerbado e de localização histórica definida – por exemplo, as cenas românticas de Margarida, na primeira parte, e as da corte barroca e da Grécia de Helena, na segunda parte. A centralização em Fausto se realizou pela retirada de cenas protagonizadas por outros personagens. Outras cenas foram retiradas por serem de pouca expressão dramática, irrelevância à trama principal e por terem o seu sentido explicitado em outra cena, portanto, redundantes. Além disso, algumas palavras e expressões demasiadamente antiquadas ou típicas da língua de Portugal foram substituídas por novas palavras à escolha da acadêmica, com base no dicionário Houass. A divisão do texto ficou a cargo da acadêmica, que modificou a estrutura original de cada autor. O texto foi dividido em cenas - correspondes à troca de cenários - e em atos. Os atos propostos pela acadêmica dividem o drama em três momentos marcantes e distintos da trajetória de *Fausto*, fazendo referência à divisão proposta por Berman: Sonhador, Amador e Fomentador.

O texto a seguir apresentado conta com uma formatação específica que visa sistematizar a leitura do texto, suas alterações e sua interpretação. Do lado esquerdo da página consta o texto *Fausto*, do lado direito notas e no topo das cenas as descrições de cena. O texto dramático já consta com as alterações supracitadas e está em cor preta. As intervenções da aluna estão grafadas em cinza. As notas são acréscimos explicativos sobre alterações no texto dramático (indicadas por letras maiúsculas) e contribuições de interpretação de ordem filosófica (indicadas por números). As descrições de cena são de dois tipos: as originais (cor preta) do texto e as alteradas por este trabalho (cinzas). As alterações são pré-lançamentos de cena propostos no presente trabalho. Também do lado direito da folha, constam imagens ilustrativas captadas do filme “Faust” de Fiedrich Wilhelm Murnau, de 1926. As figuras não servem como referência estética ao trabalho de cenografia, mas como ilustração de uma importante montagem de *Fausto* realizada pelo expressionismo alemão.

## CENA I [A] [B]

[Prólogo no Céu]

*Local da cidade em que esteja representado o poder institucional, local de centralidade. O Empíreo, iluminado, representado em um nível superior ao do estúdio de Fausto, em blackout nesta cena, que, por sua vez, estará acima do nível dos espectadores. No Empíreo, Deus e Mefistófeles se apresentam no mesmo plano horizontal mas em posições antagônicas. Os anjos terão mais mobilidade dentro do cenário, em oposição a Deus e a Mefistófeles que se apresentarão estáticos nesta cena. O cenário inicia em completo blackout e as figuras se iluminam medida em que forem citadas. À roda a CORTE CELESTIAL, com as suas hierarquias: anjos, arcanjos, querubins, serafins, tronos, potestades, dominações, virtudes, e coros. Depois, MEFISTÓFELES*

*(Ilumina-se os três Arcanjos)*

RAFAEL (*cantando*)

No coro sideral o sol vai prosseguindo,  
qual na origem lho hás dado, o curso harmonioso.  
Tonitruante baixo em teu concerto infindo,  
só mandando-lho tu, Senhor, terá repouso.  
Sua luz dobra a nossa, enchendo-nos de espanto  
não poderemos sondar-lhe a portentosa essência.  
Como o fora a princípio, ó sacra Onipotência,  
teu sol é hoje ainda enigma, assombro, encanto.

GABRIEL (*cantando*)

E da terráquea esfera a máquina esplendente  
segue em seu remoinho, eterno, arrebatado;  
por que ora à luz dos céus florido Éden se ostente,  
ora descansa envolta em negro véu bordado.  
O mar espuma, troa, investe as brutas fragas,  
que o repulsam desfeito, em nunca finda guerra.  
Mas na perpétua luta, as rochas como as vagas  
seguem juntas, sem termo, o girar da terra.

MIGUEL (*cantando*)

Dos solos contra o mar, do oceano aos continentes,  
jogam-se os temporais com ímpeto profundo;  
zona de assolasses e criações potentes,  
que desfaz e refaz perpetuamente o mundo.  
Ígnea precede a morte ao trovejante horror.  
Mas nós, os cortesãos da tua imensidade,  
gozamos luz e paz por toda a eternidade.  
Bendito sejas tu, Senhor! Senhor! Senhor!

*(Ilumina-se Deus e Mefistófeles)*

OS TRÊS (*juntos*)

As tuas criações enchem os céus de espanto;  
nem o arcanjo lhes sonda a portentosa essência.  
Como o fora a princípio, ó sacra Onipotência,  
teu mundo é hoje ainda enigma, assombro, encanto.

MEFISTÓFELES (*cortejando ao Padre Eterno*)

Inda enfim cá tornei. Visto quiseres  
saber por mim o que lá vai no mundo,  
pronto; que antigamente (inda me lembra)  
gostavas de me ouvir. É só por isso  
que me tornas a ver entre esta súcia.  
Tem paciência! Eu, retóricas sublimes,  
é coisa que não gasto; e mesmo escuso  
deste augusto congresso expor-me às vaias.  
Com o meu *patos* tu próprio te ririas,  
a não teres perdido esse costume.  
Sei cá palavrear de sois! de mundos!  
Todo o meu saber é perder homens.  
O deusinho da terra está na mesma:  
parvo como *ab initio*. Melhor fora  
(digo eu cá) não lhe teres infundido  
o raio dessa luz, que lá se chama  
*Razão*, e que na prática só presta  
para o tornar mais bruto que os mais brutos.  
Com licença da Tua Majestade,  
o que ele me parece, é gafanhoto

A] “O prólogo do autor”, que precede o “Prólogo do céu”, foi eliminado nesta edição. Entende-se que este prólogo traduz a vontade do Goethe em fazer uma auto-ironia a sua condição como diretor em Weimar quando o diretor de teatro, criado por ele, conversa com seus colaboradores principais, o poeta e o gracioso (palhaço), sobre a condição financeira desfavorável do instituto. Essa introdução causaria um esgotamento desnecessário no início da peça, partindo-se assim para o “Prólogo do céu”, que remete diretamente ao tema da peça.



B] A introdução da peça através de um prólogo tem a intenção de preparar o espectador para o drama a ser apresentado. No caso da peça *Fausto*, o “Prólogo de céu” institui a peça uma característica cósmica, que será retomada ao longo do drama. Este trecho tem outra função importante de apresentar Deus e o Diabo, que antes de significarem duas figuras da religião, representam os dois extremos entre os quais o homem estava situado, na concepção da sociedade ocidental da época de Goethe. Deus seria o símbolo positivo, representaria a razão, o bem, a verdade, o eterno, o sagrado, a moral e a sanidade. No outro lado, estaria a figura de Mefistófeles que seria o lado pagão do homem, o animalesco, o mal, o caos, o tempo, a finitude, o profano, o imoral e a loucura.

pernilongo, com mescla de cigarra, [1]  
já voador, já saltador, já num relvado  
com a sua solfa velha a estrugir tudo.  
E vá lá, se da erva não saísse  
inda era meio mal; mas tem o sestro  
de se andar sempre à cata de imundícies.

O SENHOR

Parece-se contigo. O teu regalo  
é esse: acusar sempre. Então no mundo  
nada há bom?

MEFISTÓFELES

Não senhor. Quanto eu lá vejo  
passa até de ruim. Chega a haver dias  
que eu próprio tenho lástima dos homens,  
coitados! nem me animo a atormentá-los.

O SENHOR

Viste Fausto?

*(Uma luz branda ilumina Fausto, logo abaixo, estudando)*

MEFISTÓFELES

O Doutor?

SENHOR

Sim, o meu servo.

MEFISTÓFELES

Servo teu? guapo servo! o rei dos parvos.  
Seu comer e beber são do outro mundo.  
Pasce-se no fervor da cachimônia,  
que o traz há muito aéreo; em suma, é doido,  
e ele próprio o suspeita. Ambiciona  
cá do céu as estrelas mais formosas,  
da terra gozos máximos. Nem perto  
nem longe, vê, nem sonha, em que se farte. [2]

O SENHOR

Por enquanto, anda à toa; em breves dias  
lhe darei claridade. O fazendeiro  
antevê, no abrolhar, a flor e o fruto.

MEFISTÓFELES

Quer Vossa Majestade uma apostinha?  
Verá se também este se não perde,  
uma vez que me deixe encaminhá-lo.

O SENHOR

Deixo, enquanto for vivo. Onde há cobiças,  
é natural o errar.

MEFISTÓFELES

Muito obrigado.

Pois com os vivos também é que me eu quero;  
com defuntos embirro; o meu regalo  
é tentar caras rechonchudas, frescas;  
sou como o gato: de murganho morto  
não faço caso; o meu divertimento  
é correr e arpoar aos que me fogem.

O SENHOR

Como queiras. Permito-te que o tentes.  
Se logreres caçá-lo desbatiza-o,  
e inferna-o muito embora. Mas, corrido  
fiques tu *in aeternum*, se confessas  
que o bom, dado que errar às vezes possa,  
nunca nos sai da estrada, a reta, a nossa.

MEFISTÓFELES

Bom. Não lhe há de tardar o desengano,  
Ganhei tão certo a aposta, como é certo

1] Mefistófeles fala dos homens ("deusinho na terra") que tenta voar por meio de seu conhecimento, comparando-os a insetos que, logo na primeira tentativa, caem vergonhosamente. O diabo menospreza os esforços filosóficos dos homens, pobres criaturas infelizes por viverem na terra. Não valoriza a tentativa do homem em superar sua condição, ou seja, o ser "faústico". O Demônio ri dos homens que não percebem que a inteligibilidade e a matéria são elementos complementares, e não contrários, para gerar ação e vida. Esta opinião sobre o homem não é compartilhada por Deus, que acredita que o homem erra enquanto se esforça, então, a tentativa justificaria o fracasso.

2] A aposta entre Deus e o Diabo toma como foco Fausto por ser um representante do homem do seu tempo, um erudito que buscava a verdade absoluta através da razão, da metafísica. Abdicava da materialidade, por julgá-la fonte de pecados ou de distorções, segundo a tradição teológica e platônica, mas que se diferenciava dos demais homens por ser consciente da deficiência de se atribuir à razão supremacia absoluta no conhecimento. Assim, Fausto assume posição privilegiada na aposta por estar ciente da ambigüidade do conhecimento, por ser um homem em dúvida, torturado e fragilizado. Assim, a aposta transcende os limites da moral e põe em jogo a determinação de Fausto a permanecer no eterno estado de insatisfação, a continuar a servir Deus mesmo acompanhando o Demônio.

chamar-me eu Mefistófeles. Se eu vingó  
na empresa, a palma do triunfo é minha.  
Há de se regalar de comer terra,  
como a tia serpente. [3]

O SENHOR

Alargo a vênua.

Outorgo, enquanto andares nesse empenho,  
poderes encarnar, viver com os homens.

Aos demos como tu, ignóbeis e alegres,  
nunca os aborreci tão cá de dentro,  
como aos demais que a minha essência negam.

O homem cansa depressa; e quando  
cansa nada mais quer fazer. Em razão disso  
é que eu houve por bem dar-lhe estes sócios  
que o despertam, ativam; potestades  
criadoras até! [4]

*(Voltando-se para os anjos)*

Vós outros, filhos

legítimos de Deus! regozijai-vos  
nesta mansão das perenais delícias,  
aqui onde o poder que vive eterno  
e eternamente cria, vos enlaça  
com vínculos de amor indissolúveis.

E essas do mundo cambiantes cenas,  
ide assentando na vivaz memória!

*(A luz no império se dissipa até o blackout, mantendo apenas Mefistófeles e Fausto iluminados)*

MEFISTÓFELES (só)

E está bem conservado. Não desgosto  
de o ver de vez em quando. O meu sistema  
de não quebrar com ele inteiramente,  
mesmo assim, não é mau. Tamanho vulto  
conversar tanto à mão com um diabrete  
não é leve honraria.

E se eu lhe ganho a aposta! oh! que ufania!...

*(Ilumina-se completamente o estúdio de Fausto)*

- 3] Deus, anteriormente, chama Fausto de seu servo. Este fala adianta um constatação da cena seguinte: Fausto nega a matéria e o mundo sensível como verdades, considera-os o reflexo imperfeito do mundo divino. Pela aposta, cabe a Mefistófeles a tarefa de conduzir Fausto ao extremo oposto de suas ambições: se Fausto renunciar completamente ao divino e se contentar a uma existência material, se “se regalar de comer terra”, Mefistófeles conquistará o direito à alma de Fausto.



- 4] Deus admite, nesta fala, o poder dos demônios, seus opostos, de inquietar o homem: aqui, Deus parece abdicar de sua onipotência. Não é apenas o divino, mas seu eterno antagonismo com o profano que impelem o homem em sua existência, que o induzem às criações e ao desenvolvimento.

## CENA II

*Estúdio de Fausto, logo abaixo do Empíreo e acima do nível dos espectadores. O estúdio é uma bolha translúcida, quase transparente, onde estejam gravados ou sejam projetados textos e códigos científicos e alquímicos citados no texto e complementares a este (o modulor, o globo terrestre, o macrocosmo, etc.). Fausto vê o mundo exterior (e vice-versa) através do discurso. A bolha não possui qualquer ligação com o solo, como exceção de uma escada retrátil, que aparece conforme a necessidade. Dentro da bolha, além de Fausto, alguns objetos a serem utilizados, como o esqueleto, o veneno, máquinas penduradas no teto da bolha, talvez uma vela. Espaço suficiente para a gesticulação, movimentação e interação de dois personagens ao mesmo tempo. FAUSTO, desassossegado, depois o ESPÍRITO DA TERRA, WAGNER, UM CAMPÔNIO VELHO, os HABITANTES DA CIDADE, MEFISTÓFELES e COROS CITADOS.*

### FAUSTO

Ao cabo de escutar com o mais ansioso estudo  
filosofia, e foro, e medicina, e tudo  
até a teologia... encontro-me qual dantes;  
em nada me risquei do rol dos ignorantes.  
*Mestre em artes* me chamo; inculco-me *Doutor*;  
e em dez anos vai já que, intrépido impostor,  
aí trago em roda viva um bando de crendeiros,  
meus alunos... de nada, e ignaros verdadeiros.  
O que só liquidei depois de tanta lida,  
foi que a humana inciência é lei nunca infringida.  
Que frenesi! Sei mais, sei mais, isso é verdade,  
do que toda essa récua inchada de vaidade:  
lentes e bacharéis, padres e escrevedores.  
Já me não fazem mozza escrúpulos, terrores  
de diabos e inferno, atribulados sonhos  
e martírio sem fim dos ânimos bisonhos.

Mas, com te suplantar, fatal credulidade,  
que bens reais lucrei? gozo eu felicidade?  
Ah! nem a de iludir-me e crer-me sábio. Sei  
que finjo espalhar luz, e nunca a espalharei  
que dos maus faça bons, ou torne os bons melhores;  
antes faço os bons maus, e os maus inda piores.  
Lucro, sequer, eu próprio? Ambiciono opulência,  
e vivo pobre, quase à beira da indigência.  
Cobiço distinguir-me, enobrecer-me, e vou-me  
com a vil plebe confuso, à espera em vão de um nome.  
E chama-se isto vida! Os próprios cães da rua  
não quereriam dar em troco desta a sua. [5]

*(Depois de longa pausa meditativa)*

Só falta recorrer às artes da magia.  
No espírito há poder; na voz cabe energia,

que a transforma em cominando. Então, consociada  
a palavra ao querer, talvez lhe seja dada  
força para arrancar com soberano império  
à natureza avara o íntimo mistério. [6]  
Se o chego a conseguir... que júbilo! que dita!  
Não precisarei mais, desde essa hora bendita,  
após trabalhos mil como esses que frustrei,  
dar por certas ao mundo as coisas que não sei.  
Ser-me-á fácil dizer o vínculo profundo  
que uniu partes sem conto, e fez do todo um mundo;  
ver a força motriz de tanto movimento,  
e consignar-lhe a causa. Ah! desde esse momento  
em que o cerrado enigma enfim me for notório,  
foi-se o torpe chatim de estulto palavrório.

*(Depois de pausa, e voltando-se comovido, para a fresta por onde entra o luar)*

Oh minha lua cheia, oh minha doce amiga!  
Possas tu não mais ver em tão cruel fadiga  
o homem que tanta vez dos céus hás contemplado  
a desoras velando, em livros engolfado.  
Melancólica amante! a claridade tua  
achou-me sempre a ler. Se hoje um teu raio, ó lua,

- 5] O texto inicia questionando a infalibilidade inerente aos sistemas de conhecimento. O que torna Fausto incapaz de desvendar o mistério que a natureza lhe oculta não é a falta de erudição, mas é tê-la em demasia. Fausto reconhece sua incapacidade de saber pois sabe demais; sabe mais que os eruditos de sua época, mas todo o conhecimento que acumulou só lhe gerou mais dúvidas. Séculos antes, Fausto já conhecera o paradoxo quântico: quanto mais se sabe sobre um objeto, menos se sabe sobre o mesmo.



- 6] Fausto compartilha o ideal platônico de conhecimento quando procura encontrar a essência da natureza. Como idealista, ele acredita na existência de algo transcendente ao homem, mas por ser um pensador da ciência, ele não acredita nos dogmas da Igreja e da sociedade, tenta descobrir seus próprios dogmas. Sua postura, então, é a de dividir o mundo em dois, o sensível – mundo material que é percebido por meio da aparência das coisas – e o inteligível – das idéias puras, apreendido exclusivamente pelo pensamento. O mundo material seria o das sombras, projeção corrompida do ser real e ideal do mundo das idéias. Assim, para alcançar a verdade imutável, o olhar devia ser dirigido para um ponto além do mundo sensível.

me levasse a pairar nos cumes apartados,  
a borboletear nos antros freqüentados  
dos espíritos só, a saltitar liberto  
da científica névoa, em fundo de um deserto,  
à luz crepuscular que tácita derramas  
aos selvosos desvãos, por entre as móveis ramas!  
Que refrigério d'alma um banho nesse rócio  
não dera, amada lua, às febres do teu sócio!

*(Silêncio. Cai em desalento. Depois levanta-se, e percorre com a vista o aposento)*

Que masmorra que é isto! E aqui me vou gastando  
neste covil infecto, abominoso, infando,  
lóbrega escuridade a que o celeste dia,  
prazer da terra toda, um raio a custo envia  
pelos vidros de cor em treva mascarado.  
Para onde quer que fuja o olhar do emparedado,  
bate nesta Babel de livros bolorentos,  
pastagem da poeira, informes, sonolentos,  
e em rumas de papeis, do tempo denegridos,  
caótico tropel de abortos esquecidos,  
que trepa, galga, encobre, enluta, afeia, inunda,  
a casa desde o piso à abobada profunda;  
sem falar no sem-fim de drogas, pós, essências,  
máquinas, que sei eu! misérias, impotências,  
que já me infundem tédio. E a isto se apelida  
o meu mundo! Isto é mundo, ou esta vida é vida? [7]

*(Dolorosamente)*

E inda perguntarás, pobre homem, donde vem  
a angústia que te rala, e as forças te retém?  
Toda a gente a gozar dos bens que o Fator Sumo  
lhe faculta na terra; e eu... neste ascoso fumo  
entre ossos de animais e esqueletos!  
Sus! Sus!  
Fausto, longe daqui! Torna-te ao ar, à luz!

*(Vai a sair. Retrograda lentamente)*

Mas... agora me ocorre; é bom tentar. Vejamos  
que nos diz no seu livro o sábio Nostradamus.  
Não há guia melhor.

*(Ou, conforme o original, tira da livraria um calhamaço, ou indica uma inscrição na parede da bolha)*

Aqui se põe patente  
dos planetas o influxo; e logo em continente,  
percebido o teor da natureza, tomo  
com ela intimidade, e a meu sabor a domo;  
trato-a de igual a igual. A espíritos é dada  
esta mútua influência. Eis a teoria achada... [8]

*(Pausa)*

Sim; mas o praticá-la! O humano entendimento  
não pode só por si colher o pensamento  
que o nosso abstruso autor depôs nestas figuras.  
Gênios que me cercais, volantes e às escuras,  
se me ouvis, respondei!

*(Continua a folhear o livro. Encara na estampa do Macrocosmo)*

Que imagem peregrina!  
que inefável delícia enleva repentina  
todo todo o meu ser! enchentes de doçura,  
nunca de mim sonhada! A mão que tal figura  
aqui delineou, à fé que era divina,  
pois só vê-la me acalma, a dor já me não mina.

O coração me exulta, alegre, alvoroçado,  
sôfrego, crente, certo, ufano, endeusado

7] Fausto se isola em seu estúdio para encontrar a essência do mundo. Este método de pesquisa segue um modelo cartesiano, em que a relação do sujeito – Fausto - com o corpo de estudo – mundo - deve ser distanciada. O objeto deve ser conhecido pelo seu espírito, ou seja, é conhecido através da ação do pensamento abstrato. Na Segunda Meditação Metafísica, Descartes utiliza o exemplo da cera, que falseia sua forma, tamanho e cheiro, sendo destituída destes valores quando levada ao fogo. O método cartesiano, então, descarta qualquer iniciativa de se utilizar os sentidos para se estudar um objeto, somente o pensamento poderia desvendar a essência do corpo. O distanciamento permitiria a Fausto analisar o universo e o homem como objetos estanques, com seus limites e verdades bem definidos. Ainda no âmbito da pesquisa, a Caixa de Skinner seria uma boa representação do confinamento de Fausto, mas em uma inversão do experimento, aqui é o cientista que é retido pela caixa.

8] Há uma intenção implícita na busca de conhecimento de Fausto. Já foi dito que Fausto almeja a essência de todas as coisas. Há um paralelo entre essa ambição e o fim último das ciências naturais: decompor a matéria e os fenômenos até seus elementos ou forças essenciais os quais, uma vez descobertos, permitiriam prever e reproduzir quaisquer eventos com precisão. A busca de Fausto é, portanto, a busca por uma força externa que determine o fluxo do universo. É a busca por um determinismo, uma força exterior que justifique suas ações. [continua]

de atingir afinal explicação completa  
do enigma que há já tanto os dias me inquieta. [9]

Dar-se-á que eu seja um deus? Não sei. A claridade  
que me cresce em redor, não é da humanidade.  
Neste debuxo morto avisto claramente  
a vivaz natureza, universal nascente,  
estar-se em criações contínuas prorrompendo.  
Vejo-o com os olhos d' alma. Agora, agora entendo  
a sentença do sábio:

*(Em tom de quem recita coisa decorada)*

- "O mundo espiritual  
"a ninguém é vedado. O porque o julgas tal  
"é por teres o senso obtuso, e o coração  
"defunto. Rompe a inércia! Expulsa a indecisão,  
"discípulo covarde, e engolfa-te brioso  
"no arrebol que entrevês."

*(Contempla a estampa)*

Quadro maravilhoso!  
Como tudo se tece e junto se unifica!  
Nora imensa e possante, esplendorosa, rica,  
música e gemedora, esvaziando e haurindo  
das matrizes dos céus, com jogo alterno e infindo,  
vida e morte, uma à outra amplíssimo tesouro,  
tudo permisto e a flux nos alcatruzes de ouro,  
e tudo de auras mil de bênçãos ventilado,  
puro consolo empíreo ao mundo trabalhado!  
Que visão teatral! mas ai! visão somente!  
Oh Natureza enorme, oh tentação presente,  
hei de entrar-te...

Mas como? Onde é que tens sumidos  
os seios da abundância, a que andam suspensos  
céu e terra? O meu ser, murcho, desanimado,  
almeja ir lá sugar leite caudal, jorrado  
a quanta sede há 'í! vê que só eu definho  
faminto na abundância.

*(Voltando impaciente uma porção de folhas do livro)*

Avante! Outro caminho!

*(Dá com a figura do Espírito da Terra)*

Acho influência melhor nesta figura.  
É *Gênio* mais vizinho este da *Terra*.  
Recresce-me vigor; como que entrada  
de um vinho novo me refere a mente.  
Ouso ao mundo lançar-me: aos bens e aos males;  
Arcar com temporais; sentir sem medo  
O estrondo de um naufrágio. [10]

*(A luz interior da bolha fica menos intensa)*

Olha o negrume  
que lá vai pela abobada! Sumiu-se  
de todo a lua. A lâmpada oscila...  
apagou-se, fumeça. Raios rubros  
sinto zunir-me em derredor das fontes.  
Da abóbada me sopram calafrios...

Bem te pressinto, Espírito invocado!  
Aparece! Todo eu já sou tumulto.  
Transforma-se o meu ser: anseio, anelo  
por novas sensações. A ti me entrego.  
Obedece! Mando eu. Sai! sai! Não tremo;  
custe-me embora a vida.

Fausto procura um Deus para se equiparar e servir e poderia ser dele a frase de Einstein "Deus não joga dados". Não por acaso a trajetória de Fausto reflete a trajetória das ciências quando ambos chegam no ponto limite do qual só poderão subsistir aceitando o paradoxo. Fausto descobrirá que Deus não apenas joga dados, mas os joga com o Demônio.

9] Fausto se ilude de estar vendo o macrocosmos na sua totalidade. Encanta-se com a possibilidade de entendê-lo e dominá-lo. A estampa permite que Fausto contemple o objeto de seus estudos como um objeto completo e definido. Mas logo percebe que não passa de uma representação. Ao mesmo tempo, percebe que a sua visão do universo é apenas contemplativa, como um espectador passivo, então, almeja possuir uma ligação mais vital com o mundo. Sua mente transborda vida interior e ele pretende colocá-la como ação no mundo exterior.

10] Fausto se dá conta do quão alto e intangível chegou sua ambição. Ele agora recua e diminui o foco de sua sede de conhecimento e poder: o espírito da Terra é a representação dos fenômenos físicos terrestres em sua totalidade e essencialidade. Ele representa a Terra, mas uma terra "divinizada", uma vez que absoluta e atemporal. É neste mundo "absoluto" em que Fausto aceita se atirar, um mundo que lhe é apreensível em sua totalidade, um privilégio negado ao homem.

*(Lê na parede ou, conforme o original, pega do livro e profere em baixa voz a fórmula da evocação do Espírito. A aparição do espírito pode se dar exterior à bolha; este em um local elevado e intensamente iluminado. Fausto e o espírito conversam através da bolha)*

ESPÍRITO

Quem me chama?

FAUSTO

Horrendo aspecto!

ESPÍRITO

Pois me evocaste  
da minha esfera,  
eis me...

FAUSTO *(afastando os olhos, e como quem foge)*

Não posso!...

ESPÍRITO *(Durante esta fala, Fausto vai fazendo os gestos e acionados que o Espírito denuncia)*

Olha-me! Espera!

Já que almejaste  
por ver e ouvir-me,  
podes falar!

Olha-me firme  
sem titubear!

Aos teus conjuros  
obedeci.

Bem! Que me queres?

Pronto! Eis me aqui.

Pasmas, covarde?

foge-te a cor?

perdeste a fala?

tremes de horror?

O sábio, o forte,

o sem segundo,

o que em seu peito

criava um mundo,

o que nutria

orgulho tal,

que a nós, Espíritos,

se cria igual,

aí jaz por terra

convulso, exausto!

Quem me dá novas

do antigo Fausto?

Tu, que ousaste

apostrofar-me

no teu canto,

com a insolência mais que rara

de afrontar-me cara a cara,

mal que aspiras

o ar que efundo,

já deliras,

já no fundo

mais profundo

do teu ser,

verme calcado,

sentes a vida

quase perdida!

FAUSTO

Eu ceder-te, fogo fátuo!

Nunca tu presumas tal!

Sou Fausto; sou Fausto;

de ti sou igual. [11]

ESPÍRITO

Neste mar,

neste mar tempestuoso

do viver e do atuar,

subo, desço, não repouso,

vou e venho sem cessar



- 11] Fausto clama pelo Espírito da Terra, e na sua presença, como em um delírio, ele se sente um Deus, um Übermensch (Super-homem). Ele tem a necessidade de se igualar a Deus ou aos espíritos, representações da superação a condição humana. O personagem tenta transcender a condição do homem, escapar do pensamento que nunca se conclui, do constante aprendizado e da intangibilidade da vida. Mas, sua aspiração ao eterno logo é desencorajada pelo Espírito e assim como Ícaro, Fausto cai do seu vôo, na frustração de não conseguir superar sua humanidade.

neste mar.  
Morredouras vidas,  
mortes renascidas  
em fogosas lidas,  
sem jamais parar...  
eis de que eu fabrico  
no imenso tear  
as roupas fulgentes  
que o rico mais rico,  
que o Ente dos Entes  
se digna trajar.

FAUSTO

Gênio ativo e infatigável,  
bem que abarques todo o mundo,  
eu, espírito incansável,  
posso crer-me a ti segundo.

ESPÍRITO

Segundo a um ser, tua invenção,  
mas a mim não.

*(Desaparece.)*

FAUSTO *(só)*

A ti não! a quem então?  
Eu que de Deus imagem ser me cri,  
nem sequer posso comparar-me a ti? [C]

Tão monstruosa  
era aquela visão, que me sentia  
a par dela pigmeu.

Ter eu suposto  
que era imagem de Deus! Crer-me chegado  
à intuição da verdade, já despido  
na plena luz o invólucro terreno!  
e exceder querubins! e a meu talante  
por toda a natureza insinuar-me,  
fruindo gozos da criadora essência!!...  
Pago bem caro o orgulho. Trovejou-me  
tremenda voz: “És nada.”

Sim. Nem posso  
equiparar-me a ti! Pude evocar-te  
mas reter-te não pude. Vi-me a um tempo  
sumo e ínfimo. Espírito inclemente,  
com um mero *Vade retro* me atiraste  
de novo ao flutuar da sorte humana.

A quem já buscarei para instruir-me?  
e de que hei de temer-me?

É bem que eu ceda  
ao meu impulso atual, ou que o resista?  
Que maior jus terão sobre a existência  
Os males do que a força?

És tu, matéria,  
parte vil do meu ser, és tu quem sempre  
vem contrastar do espírito os arrojos.  
Como na vida há bens, fora da vida  
já não cremos que os possa haver maiores.  
Altos assomos d’alma, que haveriam  
de nos dar a ventura, eis que os afoga  
um mar d’interessículos mundanos.  
Quando audaz fantasia arranca o vóo,  
brada insofrida: “Eternidade, és minha!...” [12]  
leva-lhe as asas repentino raio;  
esperança, alegria estão desfeitas,  
e um cantinho qualquer então lhe basta.  
Mas se a vaidade é ida, aí vem cuidados  
ralar-nos o interior e destruir-nos

C] Após o desaparecimento do espírito, quando Fausto proclama sua indignação, ele é interrompido por seu discípulo Wagner. Nas falas decorridas, seu aluno demonstra sua admiração à erudição de seu mestre. Este trecho foi cortado para não se romper a intensidade da fala e da angústia de Fausto, sendo logo mais à frente, representado um momento análogo com mais duração e profundidade.



12] Fausto renega veementemente a matéria, a parte de seu ser exposta ao tempo, mutável. A nega em benefício de seu ideal abstrato de conhecimento, de sua sonhada “eternidade”. Este é o sentido mais profundo da busca de conhecimento de Fausto: a busca pela imortalidade.

alegria e descanso; não sossegam;  
trajam máscaras mil; agora a casa,  
logo o paço, a mulher, a prole, os servos,  
fogo, punhal, venenos, mar. Trememos  
com receios quiméricos; choramos  
perdas sonhadas, ilusórias, nulas.

*(Pausa)*

Deus, eu! Pois eu não vejo claramente  
que não sou Deus? Imagem sua! imagem  
mais depressa de um verme: um verme vive  
a afuroar na terra, a alimentar-se  
do pó da terra, enquanto um passageiro  
o não pisa e sepulta.

E em a realidade  
que é senão pó tudo isto que me cerca,  
em tanta prateleira acumulado?  
toda essa pedantona ninharia,  
que inda ao mundo dos vermes me afeiçoa?  
Ali é que hei de achar o que me falta?  
Terei de ler milheiros de volumes  
para saber que em tudo e em toda a parte  
os homens tem vivido a atormentar-se?  
não havendo senão de longe em longe  
num sítio ou noutra alguém que se não queixe?

*(Encarando no esqueleto)*

Que me estás tu daí zombeteando,  
caveira despejada? Entendo a mofa:  
dizes que os teus miolos, quando os tinhas,  
também como hoje os meus, esfervilhavam;  
tudo era afadigarem-se às escuras  
em demanda da luz que vivifica;  
por gosto erravas, mísero, qual erro,  
traz a verdade e em vão. [13]

*(Virando-se para as máquinas)*

Se até vós mesmos,  
instrumentos, que nunca houvestes alma,  
estais com as vossas cordas e cilindros,  
rodas e dentes, a meter-me à bulha!  
Eu ter-vos, eu supor-vos chave mestra  
de tanto arcano, estar-lhe ansioso à porta,  
forcejar... e afinal desenganar-me  
de que a chave não diz com a fechadura!  
Ciosa de seus véus a natureza  
nem ao mais claro dia se descobre;  
e o que ela nos não mostre por si mesma  
não lho hão de arrancar máquinas.  
Conservo

para aí todas essas velharias  
porque eram de meu pai, que eu fruto delas  
inda o não vi; nenhum! Olha a roldana,  
como está do candeeiro enfumaçada!  
Pudera! um lucubrar de tantos anos!  
Melhor eu me tivera descartado  
de tão reles herança, encargo e carga  
que me faz suar tanto! O que homem herda  
só o pode chamar seu quando o utiliza.  
Haver que nos não presta é simples ônus.  
Só no uso consiste a propriedade.

*(Encara numa âmbula de vidro)*

Mas, que atração possante,  
dalém, a todo o instante,  
me está chamando o olhar?  
Âmbula cristalina,



13] O esqueleto desafia Fausto ao lembrá-lo da morte, limite último da condição humana. Ele mostra a Fausto a futilidade de todos os objetos e quimeras que o cercam, suas *Vanitas*. A consciência da morte determina a temporalidade e transitoriedade da existência, atira o homem ao tempo, torna-o um constante devir. A exemplo de sua própria existência, suas experiências são transitórias, suas realidades e verdades se transformam constantemente. O homem que caminha para a morte é um ser inconcluso, incerto e frágil. Isso se opõe radicalmente ao desejo de eternidade e onipotência de Fausto. Consciente desta contradição, a personagem já é um homem absurdo, nos termos de Camus. Ele é absurdo por ser consciente dos confrontos que caracterizam a sua condição: do seu desejo desmesurado de saber frente à intangibilidade do mundo, de seu desejo pelo eterno frente à sua mortalidade. Mais uma vez, Fausto se frustra frente a sua incapacidade de transcender limites do homem e alcançar a eternidade.

teu brilho me fascina,  
me alegre e me ilumina.  
Nesta alma, selva escura,  
graças a ti fulgura  
esplêndido luar.

*(Pega a âmbula)*

Salve, ó cristal que eu tiro  
do ocioso teu retiro  
com fé, com devoção!  
Conténs a quinta essência  
da indústria, da ciência,  
a inércia, a sonolência,  
a morte fulminante.  
Sê-me, ó licor prestante,  
refúgio e salvação. [14]

Miro-te, e a dor se acalma.  
Empunho-te, e já n' alma  
se infiltra placidez.  
Outra maré que estua:  
Que ímpeto em mim atua!  
e sobre a face tua,  
vítreo estendal das vagas  
me arroja a ignotas plagas  
onde outros céus já vês.  
Ígnea carroça alígera  
aí vem tomar-me. Parto.  
Já por caminho insólito  
da terra vil me aparto.  
Remonto no éter fluido.  
Sacudo a humanidade.  
Engolfo-me nos vórtices  
da suma atividade.

Oh! que existir magnífico!  
Sublimo-me até Deus.  
Sus, verme; sus, blasfemo,  
que o ínfimo ao supremo  
alças nos sonhos teus!

De insanos terrores zomba!  
Costas vira ao sol da terra!  
Portão que a todos aterra,  
eis braço audaz que te arromba.  
Por um ato só pendente  
da minha própria vontade,  
provarei que a humanidade  
é também onipotente;  
que não passam de delírios,  
abortos da mente insana  
esses infernos-martírios  
com que a morte à vida engana.  
Almejo ir com ledor rosto  
devassar o passo estreito,  
onde o humano preconceito  
tão vivos fogos tem posto.  
Partamos! É vinda a hora;  
rompa-se a treva cerrada;  
embora no arrojo, embora,  
meu ser se resolva em nada. [15]

*(Tira um copo lavrado)*

Desce! Vem! Sai do cofre esquecido  
(e há bem anos) oh taça, que hás sido  
dos avitos festins o prazer.  
De conviva a conviva girando  
nenhum triste, em te aos lábios chegando,  
resistia ao teu ledor poder.  
Cada um quando a vez lhe chegava,  
sua trova às figuras cantava

14] “O suicídio, como salto, é a aceitação em seu limite. Tudo está consumado: o homem volta à sua história essencial. Seu futuro, seu único e terrível futuro, ele o distingue e se precipita. À sua maneira, o suicida resolve o absurdo. Ele o arrasta na mesma morte. Mas eu sei que, para se manter, o absurdo não pode se revolver. Ele escapa ao suicídio à medida que é, ao mesmo tempo, consciência e recusa da morte.” (CAMUS, 1989)



15] O suicídio para Fausto seria a continuação da procura pela superação da condição humana, a fuga do absurdo, do estado permanente de insatisfação, do contraditório, do incerto, enfim, a suspensão do tempo. Fausto se aproxima de Sócrates ao ver na realização da morte uma saída à intangibilidade do mundo. Para Sócrates, a morte permitiria a separação da alma das distorções proporcionadas pelos sentidos, a deixaria livre para encontrar a verdadeira essência de todas as coisas, pois a alma pertenceria ao mundo das idéias puras, sendo portanto eterna, enquanto o corpo, seria composto pelos elementos terrenos e finitos. Para Fausto, a morte também seria a resolução do ser, o fim do seu estado de constante transformação. O suicídio consumaria assim as aspirações de Fausto à onipotência, seja pela superação de seus conflitos e incertezas, seja pelo poder de decidir o seu destino.

do teu fúlgido insigne lavor,  
e depois te enxugava de um trago.

Como em voz a sorrir inda vago,  
tempos bons do meu flóreo verdor!

Agora estou sozinho;  
não há já aí vizinho  
a que haja de passar-te.  
Agora já não tenho  
que me apurar o engenho  
nos teus primores de arte.  
Bom! Venha este licor que súbito inebria;  
dele é que te hei de encher; eu mesmo o preparei;  
nenhum lhe chega em força.

*(Depois de ter vazado o veneno, da âmbula para o copo, diz com solenidade:)*

Aurora do grão dia!  
Com este tetro misto enfim te brindarei!

*(Ao chegar a taça aos lábios tângem campas; ouvem-se anjos a cantar)*

CORO DE ANJOS *(não vistos pelo espectador, sons que chegam da Igreja vizinha)*  
Cristo ressuscita!  
Jubilai alturas!  
Paz às criaturas,  
salvas e seguras  
da prisão maldita!

*(Continuam a ouvir-se ao longe repicar os campanários da cidade.)*

FAUSTO  
Que divina toada e inesperado encanto  
dos lábios me repulsa o líquido letal!  
Este repique ao longe é já o sinal santo  
que anuncia aos fieis o júbilo Pascal?  
Será este cantar o do celeste coro  
que outrora em dia igual, trocando em festa o choro,  
por cima do sepulcro aberto ao Redentor  
hosanas entoara à nova lei do amor? [16]

CORO DE MULHERES *(que cantam, sem serem vistas também, no próximo templo)*  
Por nós, seus devotos  
aqui foi trazido;  
aqui, entre votos  
de aromas ungido,  
aqui o envolvemos  
no linho mais fino.  
Como é que o perdemos,  
o Mestre Divino?

CORO DOS ANJOS *(que não são vistos)*  
Ressurgiu Cristo amante,  
ilesos, triunfantes  
de tanta provação.  
Traz por coroa ufana  
a humana salvação.

FAUSTO  
Vozes celestiais, potente suavidade,  
que assim baixais ao pó, de mim que pretendes?  
Não faltam por aí fracós em quem podeis  
empregar-vos em cheio. Ouço-vos, é verdade,  
mas falece-me a fé... Sem fé, que racional  
daria seu assenso ao sobrenatural?  
Àquelas regiões, donde ouço a boa nova,  
não ousou abalançar-me. E ainda todavia,  
só porque na puerícia os mesmos sons ouvia,  
como que reverdeço, e o crer se me renova.  
Ai, domingo Pascal, o que eras algum dia!  
Coavas por mim dentro um ósculo celeste.  
O argentino repique era uma profecia...



16] O tanger dos sinos da Páscoa afastam o pensamento de Fausto com relação ao suicídio. Este momento não possui uma conotação cristã de salvação; antes se refere a uma lembrança nostálgica do seu tempo infantil. Fausto entra em contato novamente com seu passado de inocência, quando a insatisfação erudita não fazia parte de sua vida, lembranças essas que estavam soterradas. Volta ao período em que possuía uma forte ligação com o mundo sensível, emanando um desejo tumultuoso de mudança.

Ai, dia do Senhor, que júbilos me deste!  
Era-me êxtase orar. Impulso irresistível,  
inefável saudade, encanto indefinível  
me levava a girar nos campos florescentes,  
ou no mais ermo bosque, onde em silêncio fundo,  
debulhando-me à farta em lágrimas ferventes,  
sentia dentro n' alma abrir-se um novo mundo.  
Este alegre cantar era, naquela idade,  
um bando de folgança à pronta mocidade:  
Vinha lá primavera! Inda hoje estas lembranças  
de boa fé tamanha e tão pueris folganças  
tanta força em mim tem, que junto ao passo extremo,  
depois de resoluto... hesito, se não tremo.  
Bem hajais! Prossegui!... oh cânticos celestes,  
que abrir-me enfim soubestes  
a fonte onde a ternura as lágrimas encerra.  
Por vencido me dou: reconquistou-me a terra. [17]

CORO DOS DISCÍPULOS (*Invisíveis para o espectador*)

Do avarento moimento arrombado  
reascendeu para o trono paterno,  
Deus de Deus, luz de luz, sempiterno,  
perenal Criador incriado.  
Ai de nós! ai, que invejas ao Mestre!  
De ora avante sem ele tão só  
cá ficamos no exílio terrestre,  
Ai saudades! ai céus! ai de nós!

CORO DOS ANJOS (*invisíveis para o espectador*)

Da corrupção da morte  
alou-se incorruptível.  
Discípulos do forte,  
fugí da mesma sorte  
da culpa à herança horrível!  
Aos que amam de verdade,  
cumprem a caridade,  
e para a eternidade  
chamando os homens vão,  
a esses, pia gente,  
o que chorais ausente  
é, foi, será presente:  
pai, mestre, amigo, irmão! [D]

*(Com o tanger dos sinos, a cidade fora da bolha se ilumina para Fausto. Ao mesmo tempo, ele recebe a visita do seu amigo e discípulo Wagner que entra na bolha. Se descobrem, por aqui e por acolá, veredas rústicas, com gente passeando em várias direções.)*

FAUSTO (*conversando com Wagner*)

Descoalharam-se os rios e ribeiros.  
Bem haja a primavera! Já nos viça  
por todas essas várzeas esperança.  
O inverno, já caduco, aí vai buscando  
refúgio pelas serras. Pobre inverno!  
ver como ainda está baldando raivas  
por se vingar da fuga! e nós a rirmos  
dos tiros mortos, que de lá nos lança,  
granizo imbele, que realça os verdes,  
mal que um raio de sol os desmortalha.  
Por toda a parte desabroham vidas.  
Que folgazão que é o sol! Como se alegre  
de trajar de matiz a natureza!  
Como inda por aqui lhe mínguam  
flores, supre-as com tanta gente pintalgada. [18]

*(Fausto olha para além da bolha, em direção à cidade)*

Vira-te para trás! Desta eminência  
olha para a cidade; o formigueiro,  
que do escuro da porta vem surdindo!  
Não há quem neste dia não cobice  
vir ao campo assoalhar-se. Este alvoroço

17] “Na visão de Goethe, porém, as rupturas psicológicas da arte e do pensamento romântico – em particular a redescoberta dos sentimentos da infância – podem liberar tremendas energias humanas, capazes de gerar amplas doses de poder e iniciativa a serem desviados para o projeto de reconstrução social. Assim, a importância da cena dos sinos para o desenvolvimento de Fausto - e do Fausto - revela a importância do projeto romântico de liberação psíquica no processo histórico da modernização.” (BERMAN,1986)

D] O trecho a seguir consistia uma cena em que Fausto saía de seu estúdio para contemplar a vida na cidade no Domingo de Páscoa. A alteração desta cena se deu no sentido de manter o personagem no seu estúdio até o pacto com o Demônio, dando maior intensidade dramática ao momento em que Fausto troca seu claustro definitivamente pelo mundo. Assim, algumas estrofes foram modificadas e outras eliminadas para garantir a coerência da cena, mantendo Fausto em seu estúdio, preservando o caráter contemplativo da cena.

18] A morte para Fausto é substituída por uma profusão de vida. A cidade é descoberta pelo doutor como a celebração da existência, a possibilidade de transformação e de aquisição de conhecimento vivo com a experiência. Ele começa a se abrir para o mundo, se expandir para a materialidade, a perceber o tempo, as pessoas, a natureza, não como meras representações do real, mas como singularidades.

[continua]

com o ressurgir de Cristo, é clara mostra de outra ressurreição em todos eles.  
- Da casa-sepultura, - das canseiras da oficina ou do trato; - da estreiteza dessas vielas, que apelidam ruas, - do soturno dos templos, - é o instinto quem os promove à luz. Vê com que anseio se atira a turbamulta ao campo, às quintas! Que barcadas de gente jubilosa sobem, descem, transpõem a movediça veia do rio! Vê-me aquele bote além, além, o último; de cheio já mete a borda na água; até as sendas dos montes lá ao longe estão querendo quebrar-nos olhos com as garridas cores do gentio que as peja. Já cá chega o estrondear da aldeia. O céu do povo, se há céu do povo, é isto; o rapazio, os homens feitos, tudo grita, salta, ri, tripudia. Aqui me sinto eu homem, e me é dado que o seja.

WAGNER

Honra e proveito,  
Senhor Doutor, é o estar convosco.  
Mas eu, se dirigisse um passeio,  
não vinha para aqui; nunca achei graça  
ao que cheira e tresanda a grosseria.  
Este zangarrear cantigas toscas,  
estes jogos de bola, esta algazarra,  
tudo isso odeio; implica-me com os nervos.  
Andam doidos; parecem-me possessos.  
Nem é cantar nem festa; é só balbúrdia. [19]

*(Reúne-se o povo à roda, no chão e em volta da bolha)*

UM CAMPÓNIO VELHO *(no chão, fala com Fausto através da bolha)*

Quem nos dias ruins não faltou nunca,  
bem devia na festa aparecer-nos.  
Aqui está, vivo e são, mais de um salvado  
pelo pai do senhor, quando as malinas  
levavam tudo a eito; e a não ser ele,  
inda agora durava a epidemia.  
O senhor nesse tempo era uma criança,  
e mesmo assim andava em roda viva  
com o paizinho por casa dos enfermos.  
Caíam como tordos os defuntos,  
e ele sempre de pé. Livrou de boa!  
Livrou? Quis de propósito salvá-lo,  
para bem nosso, o Salvador do mundo.

TODOS

Viva, viva tempos largos  
quem nos põe à morte embargos!

FAUSTO

Reservai para Deus as vossas graças!  
Quem ensina a salvar, quem salva é Ele.

*(Pouco e pouco vão todos se dispersando, à medida que a cidade escurece, ficando só Fausto e Wagner a conversar no estúdio iluminado)*

WAGNER

Mestre! mestre! Que arroubo hão de causar-lhe estas aclamações! Feliz quem saca do talento e saber tão belos frutos. Correm todos a vê-lo; os pais aos filhos o apontam; é o oráculo das turbas. Emudece a rabeça; a dança estaca; formam alas ao sábio; as carapuças voam pelo ar; e quase lhe ajoelham, nem que fora o viático.

Assim como a natureza se transforma de inverno para primavera – Páscoa na Europa simboliza esta transformação - Fausto se abre para a cidade, deixa aflorar suas lembranças de infância.



19] Wagner é o contraponto de Fausto. Apesar de valorizar a ordem e menosprezar tudo que seja ligado ao mundano, ele é um erudito que busca a verdade absoluta através da razão e não identifica falhas neste processo. Assim, ele realça que a angústia de Fausto não é um sentimento inato a todos homens, ela depende de uma tomada de consciência. Isso leva a pensar que o absurdo de Fausto decorre do seu conhecimento da confrontação entre seu apelo e o silêncio despropositado do mundo. De certa forma, ele é responsável pelo sua consciência, portanto, pelo seu drama interior.

FAUSTO (*referindo-se a um ponto externo à bolha, distante*)

Quanta vez, meu Wagner,  
não fui eu assentar-me ali, sozinho,  
com a mente desvairada, consumido  
do orar e de jejuns, rico de esperanças,  
firme na fé! Que choros e suspiros,  
que estorcer destas mãos, a ver se obtinha  
do poder sobre-humano o fim da peste!  
Estas aclamações soam-me a escárnio.  
Se bem me leras no íntimo, verias  
que nem filho nem pai merecem glórias.  
Meu pai era um sujeito obscuro, honrado,  
crendeirão, todo entregue a vãs teorias  
sobre o teor do enigma Natureza.  
Logrou ter seus prosélitos. Fechavam-se  
numa cozinha negra, onde tentavam  
toda a casta de receitas com a mira  
na fusão dos contrários: *Leão ruivo*,  
(peralvilho montês) ia a consórcio  
com a tenra *Flor de lis* em banho morno;  
passados logo a fogo mais intenso,  
levantavam fervura ambos os noivos,  
cada qual em sua câmara, e se uniam,  
feitos os dois um só; bastava aquilo  
para surdir num íris de mil cores  
dentro no copo a *juvenil princesa*.  
Estava pronto o remédio; era tomá-lo,  
o enfermo ia puxando, e ninguém punha  
nem suspeição de culpa ao mata-sano.  
(Morre quem tem seus dias acabados!)  
Aqui verás com que infernais misturas,  
sob coro de atacar a epidemia,  
fomos por todas estas vizinhanças  
muito mais peste do que a própria peste.  
A quantos mil não ministrei eu mesmo  
a bebida funesta! e vendo-os ir-se,  
ouvia ao mesmo tempo elogiados  
por coisa grande os brutos assassinos! [20]

WAGNER

Que aflição por tão pouco! A proibidade  
que mais tem que exigir, quando se exerce  
honrada e pontualmente o que aprendemos?  
Enquanto foi rapaz, novel no ofício,  
ia-se com seu pai, que era o seu mestre,  
e exemplar que na cópia se revia.  
Cresceu, adiantou conhecimentos;  
nada, mais natural. Depois, seu filho,  
se o tiver, lançará mais longe a barra.

FAUSTO

Que ditosa ilusão, supor que ao homem  
seja dado emergir do mar dos erros!  
O que é mister saber, ninguém no atinge,  
e o que se alcança para nada presta.

(*Após alguns momentos de absorção:*)

Fora com tais tristezas, que destoam  
deste festivo dia!  
Cede, ó alma, aos rebates da alegria!

Que lindeza de tarde! Olha os casais fronteiros  
engastados no verde, e como estão festeiros,  
banhados no esplendor do sol que vai fugindo!  
Mais um dia vivido, um dia mais que é findo.  
Vê-lo lá vai agora, o astro procriador,  
alegrar sucessivo, e encher de puro calor  
terras, céus, regiões, montes, cidades, povos,  
que em círculo sem termo avista sempre novos.  
E eu, eu, que o sigo assim com os votos e com a mente,  
sem asas, preso ao solo e escravo eternamente!  
Que delícia montar num raio vespertino,

20] Fausto critica a medicina aplicada por ele e seu pai na sua juventude. Os dois possuíam a convicção de que todos os pacientes eram organismos padronizados e o tratamento médico a ser aplicado era desenvolvido em laboratório, sem considerar a singularidade de cada um. O homem a ser tratado era um objeto acabado de estudo, sem possibilidade se metamorfosear em relação ao tempo. A medicina por eles praticada se convertia em um instrumento de dominação social, por instrumentazilar o corpo em seu próprio discurso e por assumir, supostamente, o controle da morte. Fausto então, nestes anos todos, fugiu do seu erro se isolando em seu estúdio, mas não modificando sua visão do mundo e dos homens. Agora, pela primeira vez, ele começa a reconhecer o mundo em toda sua diversidade, o ser como um devir constante, uma individualidade.



e acompanhar no curso ao grão farol divino,  
vendo sob os meus pés, na imensa profundidade,  
sem eu lhe ouvir nem som, girar a redondeza!  
montes a trajar sol; vales escurecidos;  
os regatos de prata, em ouro convertidos!  
Abismos e alcantis da serra mais bravia  
não serviram de empacho à minha etérea via.  
Oh! pasmo! aí vem o mar com as mornas enseadas!  
Que é isto, ó sol! quem faz que aos olhos meus te evadas?  
Cansei-me eu de o seguir? Como? Por quê?

Reassumo  
do querer força nova; hei de alcançar-te, ó sumo  
voador luminoso, eterno fugitivo,  
fartar-me em ti de luz, vulcão perene-ativo.  
O dia me precede; a noite me acompanha;  
por cima os céus; aos pés a undísona campanha. [21]

(Pausa)

Que aprazível sonhar! mas ah, que o sol no entanto  
cada vez mais se aparta e me desfaz o encanto.  
Nas sedes do infinito, ó alma, em vão te abrasas:  
prende-te ao solo o corpo; o corpo não tem asas...  
não tem, não pode ter. Mas todos, por instinto,  
já sentiram por certo o mesmo que em mim sinto:  
cobiças de transpor, anseios de subir.  
Quando na madrugada em giros se vê ir  
subindo pelo azul a esperta cotovia,  
que, já sumida à vista, inda o seu canto envia;  
quando as águias reais, sobre os pinhais da serra  
pairam lá pela altura; e sobre o mar e a terra  
o grou retorna à pátria, ao ninho, aos seu amores...  
quem não inveja a sorte àqueles voadores?

WAGNER

Quimeras, também eu tenho sonhado;  
mas dessa casta nunca. Isto de campos  
depressa me enfastia; o ser alado  
para quem gosta será bom, concedo,  
mas eu não tenho inveja ao passaredo.  
Tem lá comparação com os gozos d'alma  
do que anda a viajar de livro em livro  
e de página em página! Há delícia  
para alegrar no inverno as seroadas  
como isto, que até dá calor aos membros?  
Desenrolando um nobre pergaminho,  
parece-me que a bem-aventurança  
toda se embebe em mim.

FAUSTO

Sim. Por enquanto  
não aspiras a mais. Conheces uma  
das duas sedes d'alma; o céu te livre  
de sentires a outra.

Albergo dentro  
dois espíritos, dois; forcejam ambos  
por se fugir: - um deles, voluptuoso,  
abraça a terra; os órgãos o secundam;  
o arraigam nela; - o outro, desdenhando  
este mundo, este pó, se evade em busca  
das regiões que nossos pais habitam.  
Ah! se entre o céu e a terra existem entes  
dotados de poder, eia! aos meus rogos,  
do dourado nevoeiro onde se ocultam  
descendam presto! [22]

Dessem-me uma capa  
de tal condão, que, em me embarcando nela,  
me visse por encanto em longes terras...  
não a trocava por nenhuma galas,  
nem por manto de rei.

21] A tentativa de Fausto em  
“voar”, como disse Mefistófeles  
no Prólogo, reproduz a  
obstinação de Ícaro em tocar o  
sol, em colocar-se em pé de  
igualdade com o deus Apolo. É  
a mesma ambição de Fausto:  
transcender as vicissitudes  
humanas, se igualar a Deus.  
Apolo é a antítese do humano:

“(…) é “o Resplandecente” de  
modo total: em sua raiz mais  
profunda é o deus do sol e da  
luz, que se revela no esplendor.  
A “beleza” é seu elemento:  
eterna juventude lhe  
acompanha. Mas também a  
bela aparência do mundo  
onírico é o seu reino: a verdade  
superior, a perfeição própria  
desses estados (...). O deus da  
bela aparência tem que ser ao  
mesmo tempo o deus do  
conhecimento verdadeiro. (...) não é lícito que falte tampouco  
na essência de Apolo aquela  
comedida limitação, aquele  
estar livre das emoções mais  
selvagens, aquela sabedoria e  
sossego de deus-escultor. Seu  
olho tem que possuir um  
sossego “solar”: ainda quando  
está encolerizado e mire com  
mau-humor, se acha banhado  
na solenidade da bela  
aparência.” (in: NIETZSCHE,  
Friedrich. *A visão dionisiaca do  
mundo*. 1870)

22] Duas almas habitam no peito de  
Fausto, uma ligada ao  
conhecimento através da mente  
(racional platônica) e a outra  
pelo viver no mundo (sensível).  
Agora ele sabe que não pode  
continuar com sua mente  
separada do mundo, ao mesmo  
tempo, não pode abdicá-la para  
viver no mundo. Esta dualidade  
de corpo-espírito coloca Fausto  
novamente em questão,  
ocasiona seu tensionamento,  
deixando-o aberto para um  
processo mais dinâmico de vida.

WAGNER

Tate! Não chame  
por essa indigna cáfila de trasgos  
que (toda a gente o sabe) andam sem termo  
a remoinhar-nos pelos ares turvos  
e a chover-nos a súbito desgraças.  
- Os do norte com dentes navalhados  
e lancetas por língua, a nós se atiram.  
- Os do nascente secam-nos, consomem  
o pulmão afanado. - Quando saltam  
do deserto africano às nossas terras,  
abrasam-nos. - Os d'oeste entram suaves,  
mas para logo nos afogam tudo:  
gados, campos, casais. Pérfidos todos,  
alegram-se de ouvir nosso desejo  
com a mira sempre em convertê-lo em males;  
folgam de nos servir para burlar-nos;  
mensageiros do céu se nos inculcam,  
e com doçura angélica nos mentem.  
Mas, basta de devaneio. Olhe que o dia  
já se quer despedir lá do horizonte,  
soltas as frias cãs; desce a janela.  
Nesta hora é que é delícia o lar caseiro.  
Não se demore!...

Que pasmar é esse?  
que mira no crepúsculo?

*(Avista-se um grande cão preto, que vai fazendo todos os movimentos indicados no diálogo)*

FAUSTO

Um cão preto!  
Não vês como anda à doida a espojar-se?  
agora pelo chão da sementeira,  
logo sobre o restolho? [23]

WAGNER

Há muito o vejo.  
mas isso que nos monta?

FAUSTO

Observa, observa!  
Que julgas tu que seja aquele bruto?

WAGNER

Eu sei? algum cão d'água que perdesse  
a pegada do dono, e ande, a seu modo,  
naquele desatino a procurá-lo.

FAUSTO

Vê-lo em torno de nós caracolando  
de giro em giro, e cada vez mais perto?  
Se a vista me não mente, vai deixando  
rasto de lume após.

*(o cão gira em torno do estúdio)*

WAGNER

O que eu só vejo  
é um canzarrão preto. Isso é no mestre  
alguma ilusão óptica.

FAUSTO

Suspeito  
que anda a armar-nos em roda imperceptíveis  
mágicos laços com que os pés nos tolha.

WAGNER

E eu entendo que a pobre da alimária  
o que faz é saltar, medrosa e incerta,  
por só nos ver a nós, em vez do dono,

23] O cão preto é Mefistófeles, uma representação bastante comum na época medieval. A forma física escolhida pelo Demônio é bastante sugestiva, pois insinua o lado animalesco do homem, o extremo oposto do significado de Deus, como comentado no prólogo. Interessante observar também, no começo desta cena, a comparação que Fausto faz de sua vida a do cão: "Os próprios cães da rua não quereriam dar em troco desta a sua". Mefistófeles aparece como a referência utilizada por Fausto, quase como uma provocação que prevê a troca da vida racional pela sensível ou animalesca a ser realizada através do pacto dos dois mais a frente. Por fim, é Fausto que dará sua vida pela do cão.

FAUSTO

O círculo se aperta; ei-lo conosco.

WAGNER

Então já vê se é cão, ou se é fantasma.  
Ele grunhe, ele agacha-se de rojo,  
abana a cauda... Nada disso é novo;  
nunca vi cão que não fizesse o mesmo.

FAUSTO (*falando ao cão*)

Boca, boca, vem cá!

WAGNER

Tem graça o perro.  
Sempre gostei de um bruto desta casta:  
- Se o dono pára, assenta-se; - falou-lhe,  
salta-lhe doido em cima; - lambe e ladra;  
- busca o perdido; - aboca da corrente  
a bengala do amigo, e à mão lha torna.

FAUSTO

Tens razão; sim, tudo isso é mero ensino,  
que não entendimento.

WAGNER (*sai enquanto diz esta fala e dá entrada ao cão*)

A cães tão mestres  
não fica mal a um sábio o afeiçoar-se.  
Este caiu-lhe em graça, e não me admira:  
discípulo melhor não no há no mundo.

*(O cão entra no estúdio de Fausto. Algo muda no cenário para focar somente o interior do estúdio de Fausto)*

FAUSTO

Lá deixei planície, prados,  
tristemente sepultados  
na mudez da noite escura.  
A alma pura sobre a impura  
já cá dentro predomina  
com sutis pressentimentos;  
calca a essência alta e divina  
as terrenas sensações.  
Oh! que insólitos momentos!  
Redimi-me das paixões,  
que no âmago consomem  
o melhor dos meus dois eus.  
Só respiro afeto ao homem;  
só respiro afeto a Deus. [24]

*(Voltando-se para o cão, que anda desassossegado)*

Pára aí, cão! Já basta de corridas.  
Que farejas à porta? Ali tens lume;  
vai-te deitar ao pé! Toma, cachorro,  
a almofada melhor que tenho em casa.

*(Atira-lhe a almofada de cima da cadeira em que se costuma sentar)*

Aqui sim, no meu cantinho  
vendo rir-me o candeeiro,  
gozo o bem de estar sozinho,  
e esquecer o mundo inteiro.

N' esta mansa claridade reamanhece o coração!  
Dentro, há paz, serenidade;  
raia luz, fala a razão;  
refloresce a esperança amante;  
e um saudoso instinto envida  
em nosso ânimo anelante  
o grão Ser, o Autor da vida.

*(Uiva o cão)* [25]

24] Fausto se desliga da cidade e se isola novamente no seu estúdio. Sua alma torna a prevalecer sobre seu corpo, e ele retorna a procurar a essência divina das coisas. Antes, ele tenta se redimir das paixões, porque o homem ligado a este sentimento é aquele que sente falta, vontade, é o homem inconcluso. Foge novamente da dualidade corpo-espírito e dos sentimentos que o fazem humano, que encobrem sua razão.



25] Já aqui, antes de sua metamorfose, Mefistófeles já se presta ao papel que lhe é de direito. A cada vôo ensaiado pela vaidade de Fausto, o cão preto perambula, uiva, mina a disposição de Fausto em alçar vôo intelectual rumo ao divino.

Não me uives, cão! Tapa essa boca, bruto!  
Belo acompanhamento às harmonias  
que vão dentro de mim! Costume é de homens  
zombar do que transcende a sua esfera;  
belo e bom muita vez os incomodam,  
por isso rosnam; queres tu, cachorro,  
fazer-te igual juiz? rosnar como eles?

(Pausa)

Por demais é cansar-me. O júbilo celeste  
foi-se, não volta mais. É força de desgraça,  
oh minha alma sedenta, achar no ermo agreste  
abundante matriz, entrar a encher a taça,  
e cair, sem ter morto o ardor com que vieste!  
Comigo é sempre assim. Paciência! O que inda vale  
como compensação, é esta ânsia inata  
que nos ala o querer, do ínfimo escuro vale,  
às altas regiões, onde a alma se dilata,  
em comunicação com o sobrenatural.  
Salve, ó revelação! Teu mais brilhante assento  
é o Evangelho Santo, o Novo Testamento.  
Cobiço perscrutar o texto primitivo,  
e com a maior lealdade, e o escrúpulo mais vivo,  
transplantar, se puder, à locução materna,  
à minha língua amada, a augusta frase eterna.

(Lê os versículos na parede da bolha ou, conforme o original, abre a Bíblia no Evangelho de S. João)

*No princípio era o Verbo.* É esta a letra expressa;  
aqui está... No sentido é que a razão tropeça.  
Como hei de progredir? há 'í quem tal me aclare?  
*O Verbo!!* Mas o Verbo é coisa inacessível.  
Se apurar a razão, talvez se me depare  
para o lugar de Verbo um termo inteligível...

Ponho isto: *No princípio era o Senso...* Cautela  
nessa primeira linha; às vezes se atropela  
a verdade e a razão com a rapidez da pena;  
pois o Senso faz tudo, e tudo cria e ordena?...

É melhor *No princípio era a Potência...* Nada!  
Contra isto que pus interna voz me brada.  
(Sempre a almejar por luz, e sempre escuridão!)  
... Agora é que atinei: *No princípio era a ação.* [26]

(Voltando-se para o cão)

Entendamo-nos, cão. Se te agrada o meu quarto,  
não me tornes a uivar, que já estou mais que farto.  
Não tolero ao meu lado um atrapalhador.  
Desempata: - eu ou tu! - Dei-te abrigo e calor;  
sou o teu hospedeiro, e da hospitalidade  
não quero as leis quebrar. Tens plena liberdade:  
se te agrada sair, bem vês a porta aberta.

(Conforme o original, vai-se o cão transformando, do modo que a fala indica. Alternativas: O cão já é representado por Mefistófeles, com postura curvada ou se arrastando em traje com pêlos ou a metamorfose se realiza por meio de efeitos como gelo-seco ou luminotécnicos que ocultem a troca do cão pelo ator)

Mas... que é isto que observo? Assim se desconcerta  
das coisas o teor, o ser da natureza!  
Sonho, ou velo?... O meu cão não tinha esta grandeza,  
nem este corpanzil. E o súbito denodo  
com que se ergueu de um pulo! Isto de todo em todo  
não é já cão; os cães não tem esta figura.  
Então, que gênio mau, que horrenda diabrura  
hospedei eu em casa? Ui! como vai crescendo!  
Que hipopótamo é este! Horrendo vulto, horrendo!  
Vibra chamas do olhar! ameaça com a dentuça!...



26] Na continuação da sua busca pela verdade, Fausto agora procura no texto sagrado o princípio do universo. Durante o processo de tradução ele esbarra na palavra que sintetiza a força motriz do universo. Primeiramente ele opta por *No princípio era o Verbo*, mas o verbo é uma palavra mutável, sempre um estar, se condiciona conforme a pessoa e o tempo. Na busca pelo termo adequado opta por *No princípio era a Ação*, recorrendo ao panteísmo moderno que liga Deus ao universo ou a razão à matéria, através da concepção da ação como propulsora do universo.

“Fausto se encontrava próximo do Deus do Velho Testamento, o Deus criador, que trabalhou, que fez o céu e a terra, e que descansou após seu trabalho. O Deus da ação. O deus da renovação que aparece no conjunto de suas manifestações, ou seja, um Deus do movimento. Ele anseia por um Deus não com a eficácia na Graça (na salvação), como determinava a mística agostiniana da Idade Média, mas um Deus que se realizasse na ação, no trabalho e no desenvolvimento do espírito humano.” (KONESKI, 1999)

Teu diabólico ser de balde se rebuça;  
apanhei-te. Ora espera; e tu verás se o signo  
do grande Salomão contra o poder maligno  
de vós, relé do inferno, essências vis e imundas,  
te não vai atirar de súbito às profundas. [27]

*ESPÍRITOS MAUS (fora da bolha, invisíveis)*

Um de nós lá caiu na esparrela.  
Companheiros, cautela, cautela,  
não entreis em tal casa. Podemos  
cá de fora observar; observemos.  
E era um lince do inferno, o coitado  
que lá jaz na armadilha apanhado  
a tremer como um triste raposo.

Sus, escravos do perro tihoso,  
vogai para cá!  
vogai para lá!  
Acima e abaixo!  
Com isso faredes  
que o sócio oprimido  
se livre do empacho  
das mágicas redes.  
À obra! Sentido!  
Sois-lhes todos devedores  
de favores.  
De os pagar é vinda a hora.  
Ponde-o fora  
da prisão que o desalenta.  
Leva! Gira! Aferventa! Aferventa!

*FAUSTO (voltando-se a escritos de magia)*

Atiro-me ao bruto; primeiro, com a fórmula  
*dos quatro* chamada:

“Arda a Salamandra! Retorça-se a Ondina!  
“Esvaia-se o Silfo! Da terra na mina  
vá Gnomo lidar!”  
(Quem não soubesse a fundo os elementos,  
o seu poder, as suas qualidades,  
por nenhum modo punha leis a gênios.)

*(Torna-se ao escrito)*

“Tu, se és Salamandra, salta flamejante!  
“Se Ondina, difunde-te em vaga espumante!  
“Se és Silfo, em meteoro te exala brilhante!  
“Íncubo, Íncubo! acode! Protege a vivenda!  
“Sai do chão, sai! Acabe tão longa contenda!”

Nenhum dos quatro é nele; está bem visto.  
Nem se ergue, nem se move; olha-me fito,  
imóvel que nem órbitas de crânio.  
Inda lhe não fiz moza. Em vão persiste;  
a esta outra imprecação não me resiste:

*(Voltando ao livro)*

És tu do inferno prófugo,  
bruto animal?  
Então, encara, pícaro,  
este sinal  
que espanta as negras cáfilas  
do antro infernal!

*(Continuam os efeitos de mutação)*

Oh! que balofo inchar! que pelos hirtos!  
Podes tu ler, maldito, o ente incriado,  
o inefável, o que enche a imensidade,  
o que expirou na cruz alanceado,  
e redimiu da culpa a humanidade?

27] A aparição de Mefistófeles vai caracterizar o tom do drama daqui para frente, ele demarca a ruptura do mundo platônico para o sensível – leia-se mundano, caótico, labiríntico. Arrisca-se a dizer que o drama assume uma postura maneirista ao romper com o ideal clássico, levando em conta a época em que a história é desenvolvida. O estilo artístico Maneirismo corresponde a contradição entre o ideal de equilíbrio do classicismo vigente e a realidade desequilibrada, decorrente das agudas transformações históricas – movimentos religiosos reformistas e a consolidação do absolutismo em diversos países europeus - e existenciais que passava o Ocidente no século XVI. Fausto é a personificação desta contradição. Como dito antes, é o homem absurdo, que vai se libertar das amarras clássicas e assumir uma perspectiva mundana. Neste trecho, da metamorfose de Mefistófeles, já se observa elementos maneiristas, como o horroroso versus o belo e o onírico versus a razão.



Olha aquilo! Emprazado atrás do lume,  
cresce, entufa-se; é vulto de elefante.  
Mais? enche tudo; em breves audiências,  
vê-lo eis desfeito em névoa. [28]

(*Ao bicho*)

Não me esbarres  
pela abóbada! Aqui! Aqui! Lançar-te  
já já aos pés do Mestre! Toma tento,  
que eu não ameaço em vão; bem o tens visto.  
Tisno-te ao fogo sacro; não te exponhas  
ao corisco trisulco! não provoques  
das artes em que excedo a mais terrível!

(*MEFISTÓFELES, dissipada a névoa, em trajes de estudante em jornada*)

MEFISTÓFELES

Que berreiro, Senhor! às suas ordens.

FAUSTO

O recheio do cão cifrou-se nisto!  
Um viandante escolar! faz rir, faz.

MEFISTÓFELES

Salve,  
luzeiro do saber! Fez-me, confesso,  
suar a bom suar.

FAUSTO

Como te chamas?

MEFISTÓFELES

Ridícula pergunta para um sábio  
que tímbrá tanto em desprezar palavras,  
não pode ver sem tédio as aparências,  
e só aspira ao âmago das coisas.

FAUSTO

Dos entes como tu saber-se o nome  
(Blasfemo, Tentador, Pai da Mentira)  
é para logo conhecer-lhe as manhas.  
Quem és pois?

MEFISTÓFELES

Quem eu sou? Parte da força,  
que, empenhada no mal, o bem promove. [29]

FAUSTO

Não te percebo o enigma.

MEFISTÓFELES

Sou o espírito  
que estorva sempre. E com razão, pois tudo  
quanto nasceu merece aniquilado;  
portanto era melhor não ter nascido.  
Meu elemento é o que chamais vós outros  
Destruição, Pecado, o Mal, em suma.

FAUSTO

Dizes que és parte, e eu vejo-te completo!

MEFISTÓFELES

Falo verdade chã. *Retro* bazófias!  
Cada homem (microcosmo de loucuras)  
imagina-se um todo; e eu sou, confesso,  
parte da parte que era tudo *in ovo*;  
parte da treva, mãe da luz, sim dessa  
vaidosa luz, que à sua mãe pleiteia  
foros de universal; por mais que o tente  
não lhos há de usurpar; quem lhe deu posses  
para mais que abraçar as superfícies?  
penetra num só corpo? (e inumeráveis

28] “Os monstros eram desarmonias possantes e tumultuosas discordantes que, por volta de 1600, se destacavam no teatro como, por exemplo, no King Lear, de Shakespeare (...) O elemento paranóico do Maneirismo de todos os tempos procura no monstro e no monstruoso uma ‘encarnação’ demasiadamente grande da deformação. Para vários maneiristas, tudo o que se opõe ao ‘bom gosto’ parece ser moderno e legítimo, visto que o ‘bom gosto’ é algo aristocrático, burguês e classicista. Detarte o monstro é encarado como a antítese do ‘bom gosto’, criação da natureza ‘mágica’ (...) Sobretudo os monstros maneiristas são produtos de uma loucura alucinante e absurda (...) Marsilio Ficino já havia dito que o espírito que se dedica intensamente à Ciência, à Arte ou à Literatura, há de tornar-se ‘saturnino’, embora não tenha nascido sob este signo. Sem humildade e sem piedade há duas coisas que fazem ‘mal’: o ‘espírito’ da perfeição artística e a busca da originalidade. Segundo Papini, os artistas vivem na intimidade do demônio. O perigo que eles correm surge do fato de quererem atingir apenas coisas extraordinárias e singulares. O monstro ‘demônio’ é a projeção extraterrena de muitos artistas que, como diz Platão no diálogo sob plátanos de Ilissos, não deixam vencer o seu orgulho pelo amor. Na moral cristã o orgulho é considerado como o mais grave de todos os pecados. No Inferno de Dante o monstro mais terrível da História da Arte e da Literatura, no mais profundo abismo, devora os orgulhosos que não viveram no amor (...)

[continua]

são eles) só os tinge e aformosenta;  
e o mais pequeno em seu correr a embarga.  
Deixá-la; tenho fé que cedo acabe;  
se perece a matéria, está perdida. [30]

FAUSTO

Já sei o que és, e qual teu nobre empenho.  
Como não podes destruir o todo,  
pões-te a tomar desforra em ninharias.

MEFISTÓFELES

Consigno pouco, é certo. O oposto ao *Nada*,  
o *Que quer que é* que existe, o mundo bronco,  
por mais que em vulnerá-lo me desvele,  
fica-me sempre ileso. Em vão lhe arrojo  
ondas, procelas, fogos, terremotos;  
ao cabo, terra e mar ficam serenos.  
Pois a relé desgostosa, a corja humana!  
Não há meter-lhe dente. Ando, há que tempos,  
a matar neles, sem parar na faina,  
e a espécie a medrar sempre em sangue, em forças.  
É para endoidecer! De ar, água, e terra,  
do quente e frio, do úmido e do seco  
mil germes brotam... Se não pilho o fogo,  
ficava-me sem nada.

FAUSTO

E opções à força  
eterno ativa, criadora, amante.  
pobre demônio, o punho teu fechado!  
Busca outro ofício, aborto vil de caos.

MEFISTÓFELES

Pensarei nisso, e falaremos. Posso  
ir-me embora; pois não?

FAUSTO

Pedes-me vênua!  
Não te percebo. És livre. Mas, agora  
que já sei quem tu és, outorga franca  
para me vires ver, quando quiseres.  
Aí tens a janela, aqui a porta,  
e além a chaminé, que se não fecha.

MEFISTÓFELES

Bom; mas para sair, força é dizê-lo,  
acho um certo empecilho; e é ver pintado  
no limiar um pé de feiticeira.

FAUSTO

Tens medo ao pentagrama! Essa é bonita!  
E quando entraste, diabo do inferno,  
emandingou-te acaso? Um gênio desses  
deixa-se assim lograr?

MEFISTÓFELES

Repare o sábio!  
Aquele pentagrama está mal feito.  
O ângulo que aponta para a rua  
não fechou bem.

FAUSTO

Ditoso acaso. Temos  
portanto que estás preso, e eu sou teu dono.  
Foi o tal bico-aberto uma fortuna.

MEFISTÓFELES

O cão vinha a correr; não viu a coisa.  
Agora é que reparo no problema.  
Não há sair; não há.

“O monstruoso manifesta-se,  
portanto, como adversário  
dialético de Deus, do amor, do  
invisível e de tudo o que é  
modesto. Será que este mundo  
composto só de monstros não é  
uma caricatura do mundo  
terrestre em que vivemos? O  
Maneirismo, em sua última fase,  
freqüestes vezes tomou a forma  
de uma magia negra e de um  
narcisismo fracassado.”  
(HOCKE, 2005)

29] Mefistófeles é metade da força  
de um universo dual, entre o  
divino e o material. Ele se  
apresenta como o ser que  
promove o Mal, a destruição de  
padrões estabelecidos, mas  
acaba promovendo o Bem, pois  
impulsiona o homem ao  
progresso criativo. Essa  
dialética entre o bem e o mal  
será, ao longo da tragédia  
fáustica, força propulsora ao  
desenvolvimento de Fausto.

30] Mefistófeles descreve um  
universo, ou mesmo o homem,  
dividido em luz e trevas. Sem as  
trevas ou a matéria a luz ou a  
razão não existe. A  
confrontação entre estes dois  
extremos é a garantia de sua  
existência mútua:

“A luz não ressurgue sozinha,  
sem a matéria que lhe atribui  
concreticidade. Assim, o Verbo  
não pode ter criado tudo  
sozinho, do nada. Ele  
necessitou da ação, da matéria,  
para ressurgir. O verbo não  
pode ser dono da primazia da  
criação, nada apareceria sem o  
auxílio da matéria, ela dá  
luminosidade às coisas, ela faz  
aparecerem as coisas. A Luz  
nada é sem a materialidade que  
lhe dá consistência existencial.

[continua]

FAUSTO  
Pela janela.

MEFISTÓFELES  
É uma lei de espectros e demônios:  
sai-se por onde se entra; à entrada livres,  
forçados no sair.

FAUSTO  
Regulamentos  
até no inferno! Bravo! Então convosco  
também, senhores meus, pode haver pactos?

MEFISTÓFELES  
Mau é nós prometermos; que faltar-vos  
nenhum de nós vos falta; é pagamento  
rés-vés; nem meio chavo se lhe sisa.  
... Essas explicações são contos largos;  
ficam para outra vez. Agora, peço  
com a maior ânsia, deixe-me ir embora!

FAUSTO  
Mais um instante: lê-me a buena-dicha!

MEFISTÓFELES  
Basta de me emprazar. Solte-me e breve  
há de tornar-me a ver então prometo  
satisfazer-lhe em cheio as veleidades.

FAUSTO  
Não te armei laço algum. Se estás na rede,  
foi por teu alvedrio. Asno me julgas  
que havendo às mãos o demo, o lance a monte,  
e que fique boca aberta a ver se torna?

MEFISTÓFELES  
Mui bem. Se leva em gosto a convivência,  
também eu; já não parto. O que lhe ponho  
por condição, é que há de permitir-me  
entretê-lo tão só com as minhas artes.  
É nobre passatempo,

FAUSTO  
Assino, pondo  
por condição também, que essas tais artes  
me possam divertir.

MEFISTÓFELES  
Dou-lhe a certeza,  
caro amigo e senhor. Vai regalar-se  
numa só hora mais que em todo um ano  
do seu viver monótono. Os cantares  
que se hão de ouvir a espíritos mimosos,  
e as imagens formosas, sedutoras,  
que esse coro gentil virá mostrando,  
será tudo real, que não prestígios  
de nenhuma arte oculta enganadora.  
Haverá para o olfato almas delícias.  
Depois para o paladar tão finos gostos  
como nunca os provou. Depois volúpias  
até às fibras íntimas. À obra!  
Tudo é prestes. [E]

*(Mefistófeles troca de roupa para se adaptar a Fausto)*

Mãos à obra!  
Toca a deitar cá fora. Eu já no intuito  
de lhe furtar a mente a hipocondrias,  
aqui venho, trajado à fidalguia:  
- corpete carmesim bordado de ouro,  
- capa de gorgorão, gorra enfeitada  
com sua pena de galo,- e o coruscante  
chanfalho à cinta. Não percamos tempo.

“A inteligência se revela através da matéria que lhe dá concreticidade e faz o mundo. A Luz, na sua idealidade, é pura e sem corrupção, é idealidade. Porém, se ela quiser vir a ser aparência, deve concordar em se corromper pela matéria, que, sujeita ao que lhe é peculiar, ou seja, ao espaço e ao tempo, corrompe a Luz idealizada” (KONESKI,1999)

Fausto procura apenas a luz e Mefistófeles lhe oferece a escuridão como contraponto. O acesso a uma forma mais ampla de conhecimento, dos mundos material e supra-sensível, fascina Fausto.



E] Algumas estrofes a seguir foram retiradas para simplificar a cena, pois pareciam existir unicamente para retirar o personagem Mefistófeles do ato para uma troca de roupa. Essa transformação pode ser realizada durante a conversa entre os personagens, sem a necessidade do ator se ausentar. A alteração também visa a continuidade do fluxo dramático.

Vestir como eu, e andar! Livre dos cepos,  
verá o que é viver.

FAUSTO

Mudar de pele  
não muda interior. Com quaisquer trapos  
há de ir comigo o meu viver terrestre.  
Já sou velho de mais para brinquedos,  
e para descartar-me de cobiças  
inda muito rapaz. Que há nesse mundo  
que me possa atrair? Priva-te! Abstém-te!  
Eis o eterno refrão com que nos quebram  
o bichinho do ouvido a toda a hora.  
De manhã, quando acordo, é sempre aflito  
e ansioso de chorar, pela certeza  
de que o dia que enceto é, como os outros,  
incapaz de cumprir-me um só desejo,  
nem um só. Pois se eu sei que a expectativa  
do mínimo prazer já chega eivada  
de sua improbação, e cada almejo  
do meu férvido sangue há de ir gelar-se  
ante as carrancas do viver prosaico!  
À noite é-me forçoso entrar num leito  
onde já sei me aguarda o labirinto  
da turbulenta insônia, e, se olhos cerro,  
medonho pesadelo! O Deus que me enche  
rege-me a seu talante, influi, domina  
até o âmago mais fundo o meu composto.

E tamanha potência nada pode  
fora de mim nos mínimos objetos!  
Dura carga é viver! quem dera a morte!

MEFISTÓFELES (*ironicamente*)

Devagar, devagar! Hóspeda é essa  
que dispensa convite e zanga a todos.

FAUSTO

- Feliz o herói que, na embriaguez da glória,  
no instante mesmo em que lhe pega os loiros  
com sangue hostil nas fontes a vitória,  
cai fulminado ao silvo dos pelouros!  
- Feliz o amante que depois do enleio  
de louca dança, e no auge do delírio,  
súbito expira no adorado seio,  
e antes da morte vislumbrou o Empíreo!  
- E feliz eu, se quando, face a face,  
logrei tratar com gênio alto e possante,  
nesse extra-vida glorioso instante  
morte improvisa os dias meus soprasse! [31]

MEFISTÓFELES (*ironicamente*)

Assim será; mas certo sujeitinho,  
certa noite que eu sei, não teve a força  
de tragar certo líquido.

FAUSTO

Já vejo  
que também gostas de espiar.

MEFISTÓFELES

Não digo  
que tudo sei, mas sei que farte.

FAUSTO

E ignoras  
o porque eu não bebi? Foi porque a ponto  
uns conhecidos sons, ecos da infância,  
me arrancaram do horrendo labirinto  
por onde eu tumultuava, e me puseram  
nos meus primeiros, meus saudosos dias!...  
e era tudo fantástico!

31] A vida é, para Fausto, uma constante contradição. Não é apenas o conhecimento que contém a dúvida, mas qualquer prazer traz consigo a dor e o sofrimento. Fausto sabe que viver as paixões é entregar-se ao tempo, ele vive no mundo dos desejos irreconciliados, das afirmações que carregam em si sua negação, no mundo absurdo.

É deste estado que Fausto renuncia ao almejar o divino: a verdade absoluta enfim resolveria a existência, a cristalizaria, anularia qualquer ambigüidade. Mas Fausto já vive o absurdo por conhecê-lo. Não há saída: sua busca pelo divino só lhe traz dúvida e sofrimento em igual intensidade; ele já é ambíguo, mesmo que não o queira.

A sua intensa racionalidade contrapõem-se pesadelos, irrupções de um inconsciente desconhecido e já ativo. Só resta a Fausto desejar um triunfo seguido por uma morte instantânea, heróica, aniquilar consigo o absurdo.

Mal haja  
quanto humano artifício enleia as almas,  
e com suaves forças lisonjeiras  
na mundana caverna as traz cativas.  
- Maldita a presunção, que ilude ao homem.  
- Malditas as miragens, que nos cegam.  
- Maldita a glória vã.- Maldito o sonho  
dos póstumos lauréis. - Maldito o gozo  
do possuir: de ter esposa, filhos,  
servos, campos ubérrimos. - Maldito  
o Mamon, que envidando-nos seu ouro,  
ora nos lança às íngremes façanhas,  
ora (e só para uns frívolos recreios)  
por cima dos deveres nos afoga  
preguiceiros coxins. - Maldita a vinha  
com o seu néctar balsâmico - Maldita  
essa das graças graça, *amor* chamada.  
- Maldito o esperar sempre. - A fé maldita.  
- Maldita sobre tudo a paciência! [32]

CORO DE ESPÍRITOS (*invisíveis*)  
Ai ai! desta feita deixaste arrasado  
com a força do murro tão lindo universo;  
já tudo em ruínas desaba disperso.  
Já é! Ver um homem com Deus comparado!  
Andar, companheiros, levar por aí fora,  
para os sumidouros do vácuo sem fundo,  
os cacos e entulhos da fábrica mundo.  
Pasmava-se dela; choremo-la agora.

Sus, filho do barro, sus, sus, potentado!  
Em troca do mundo, que já destruíste,  
extraí de ti outro, melhor, menos triste!  
Profere o teu Fiat, e logo é criado!

Vida nova, clara vida,  
corra limpa de mistérios!  
Encha os âmbitos etéreos  
o cantar do teu Éden!

Ao fator do novo mundo  
fama em cânticos florida  
alce em coro adorando  
glória, glória, glória, Amém!

#### MEFISTÓFELES

Aí tem no que os meus pajens lhe cantaram  
regras do bom viver; de mais acerto  
nem conselheiros velhos as dariam.  
Aproveite a lição! Torne-se ao mundo!  
Fuja do viver só, que estagna a mente,  
os sentidos embota, e mole-mole  
chucha os sucos vitais. Mau passatempo  
é esse de cevar melancolia,  
feros abutres da alma. Em sociedade,  
por mui ruim que seja, ao menos sente-se  
com homens homem. Não direi que desça  
a conviver com a sórdida gentilha.  
Figurão não sou eu; mas se lhe serve  
comigo acompanhar na aventureira  
jornada deste mundo, pronto e às ordens!  
Aqui tem um criado, um companheiro,  
um pau mandado, o mais pontual dos servos. [33]

#### FAUSTO

E eu que te hei de pagar?

#### MEFISTÓFELES

Depois veremos;  
não é coisa de pressa.

#### FAUSTO

Ai, nada, nada,

32] É a morte proferida: é a renúncia da existência em toda a sua extensão: a renúncia da vaidade e da humildade, das grandes realizações e do cotidiano, do prazer e do sofrimento, enfim, do amor. E o coro de espíritos denuncia essa renúncia absoluta, essa semelhança a Deus pelo poder de destruir o Universo. Mas essa renúncia também é ambígua: se ela destrói também ela pode criar e o coro oferece essa possibilidade de renovação a Fausto. Poder-se-ia dizer que é este o momento em que Fausto se decide a deixar o confinamento do estúdio.



33] Mefistófeles não mente ao se colocar ao serviço de Fausto. Daqui para a frente, Mefistófeles fará, sem trapaças, todas as vontades do mestre, mesmo as que não lhe agradem. Ele é absolutamente servil e é por meio de sua servidão que domina Fausto: a cada desejo, ele o arrasta gradativamente para os domínios do profano, seus domínios. O que está em jogo na aposta com Deus não é a ardileza do demônio, mas a vontade do homem, e Mefistófeles respeita tais condições.

que eu sei de cor as manhas dos diabos:  
não dão ponto sem nó. Venha o primeiro  
que pelo amor de Deus a alguém servisse.  
Vamos às condições: propõe-nas franco.  
No tomar um tal servo há seus perigos.

#### MEFISTÓFELES

Obrigo-me a servi-lo em tudo e à risca  
enquanto vivo for, e obedecer-lhe  
aos acenos até, sem cansar nunca.  
Depois, quando lá em baixo nos toparmos  
trocamos os papéis. [34]

#### FAUSTO

Pouco me afleimo  
do teu *depois*, e mais do teu *lá em baixo!*  
Escavaca este mundo, e engendra um novo,  
que se me dá, se é deste que deriva  
tudo que me contenta, e o sol que doura  
os meus males é este? Em se acabando  
mundo e sol para mim, saia o que saia;  
e não há mais dizer. Que me interessa  
que lá se odeie ou se ame? haja ou não haja  
um *abaixo* e um *acima?*

#### MEFISTÓFELES

Então já pode  
no pacto conchavar-se. O que eu lhe afirmo  
é que estes dias que passarmos juntos  
lhe hão de por minhas artes dar tais gostos  
quais os não teve alguém.

#### FAUSTO

Pobre diabo,  
que hás de tu dar-me? O espírito de um homem  
como eu sou, foi jamais compreensível  
aos da tua relé? Tens iguarias  
que não matam a fome; ouro que fulge,  
mas que igual ao mercúrio, escapa aos dedos;  
jogo em que é certa a perda; uma beldade  
que até nos braços meus soltando arrulhos,  
já está piscando o olho ao meu vizinho;  
pompas de glória, um fumo!

O que eu preciso,  
se o tens, são frutos a pender de copa  
sempre frondosa, e que antes de apanhados  
não tenham já por dentro o podre e os vermes.

#### MEFISTÓFELES

Bem; tudo isso há de ter; conte comigo  
Desde agora, amiguinho, à rédea solta.  
Folgar e mais folgar! Leva de escrúpulos!  
Tudo quanto bem sabe, é permitido.

#### FAUSTO

Se eu me acosto jamais em fofa cama,  
contente e em paz, que nesse instante eu morra!  
Se uma só vez com falsas louvaminhas  
chegares por tal arte a alucinar-me  
que eu me agrade a mim próprio; se valeres  
a cativar-me com deleites frívolos,  
súbito a luz da vida se me apague.  
Vá! queres apostar?

#### MEFISTÓFELES

Se quero! Aposto.

#### FAUSTO

Aperto mais: Se me chegar momento  
a que eu diga: “Demora-te! És formoso”  
então aos teus grilhões entrego os pulsos; [35]  
então a morte aceito; os sinos dobrem;

34] É digno de nota que, apesar de ter apostado a alma de Fausto diretamente com Deus, Mefistófeles é obrigado por Fausto a assinar um contrato. Conclui-se que Deus não é o dono da alma de Fausto, ele está mais próximo dos deuses da antiguidade: é uma força que age sobre o homem, não seu senhor. Fausto impõe a Mefistófeles o contrato pois sabe das conseqüências de se tratar com demônios. Assim, ele conquista o direito sobre sua alma quando toma consciência das implicações de suas escolhas, ele se torna livre no mesmo momento em que se torna responsável pelo seu destino.



35] Fausto buscará no mundano o que o divino não pôde lhe fornecer: satisfação plena. Ele destruirá sua antiga existência erudita para se reconstruir. Fausto repete a aposta de Deus ao empenhar sua alma pela satisfação terrena.

já livre estás de mim. Dessa hora avante,  
quede o relógio! Caiam-lhe os ponteiros!  
Acabou-se meu tempo.

MEFISTÓFELES

Olhe o que afirma,  
que entre nós outros nada esquece.

FAUSTO

Embora!  
Não me obriguei de leve. O que eu padeço  
não é escravidão? Ser logo servo  
de outro ou de ti, que monta? [36]

MEFISTÓFELES

Às suas ordens,  
desde já. Tem a nata dos serventes para este bródio de barrete fora,  
meu querido Doutor!

Mais uma nica.

Há morrer e viver. É bom primeiro  
pôr o preto no branco: um tudo no nada;  
duas regritas só.

FAUSTO

Que é! Papeladas  
até no inferno, rábula! Bem mostras  
entender pouco do que seja um homem.  
Não vai librado o meu destino inteiro  
na palavra que dou? Sendo o universo  
um turbilhão perene, achas que possam  
quatro letras de borra agrilhoar-me?  
(E é geral todavia o preconceito)  
Feliz o que tem fé: não se aventura  
a coisas em que é tarde o arrepender-se.  
De pôr num pergaminho uns papa-ratos,  
e assiná-lo, é que todos estremeçam,  
por entenderem... que a palavra humana  
que na pena é já morta, assume vida  
se a uma pele defunta a incorporaram.  
Vá! Que exiges, espírito danado?  
pergaminho? papel? mármore? bronze?  
letra de pena, de buril, de escopro?  
Escolhe!

MEFISTÓFELES

Ih! que facúndia, e que fogachos  
sem quê nem para quê! Basta um farrapo  
de papel fino ou grosso, e uma gotinha  
do sangue próprio, com que assine em baixo. [37]

FAUSTO

Se nessas pataratas fazes luxo,  
vá lá!

*(Arregaça o braço esquerdo; Mefistófeles pica-lhe a veia; Fausto molha no sangue a pena, e assina com ela o pergaminho que Mefistófeles lhe apresenta.)*

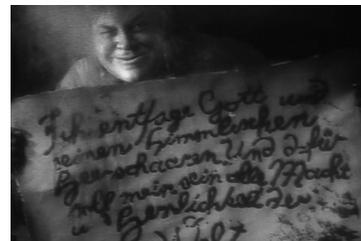
MEFISTÓFELES

Isto do sangue é coisa pouca  
que tem seu quê.

FAUSTO

Não te violo a avença;  
não tenhas medo. As minhas posses todas,  
já daqui tas obrigo. Inchei de modo  
que só posso caber na tua esfera.  
O Fator Sumo pôs-me em bando. Encontro  
cancelos a vedar-me a natureza.  
O fio do pensar quebrou-se. Há muito  
que de todo o saber vivo enjoado.  
Deixar-me ora engolfar em vosso abismo,  
deleites sensuais, paixões fogosas!

36] É a confirmação das palavras de Deus no prólogo: Fausto é seu servo; ele o é pois serve à razão. Ao assinar o contrato, Fausto apenas troca de senhor, opta por servir ao mundano, e o servirá para sempre, se este o satisfizer.



37] “Fausto vai absorver o lado obscuro da existência humana, vai validar as paixões, o exterior, a destruição e o lado da vida que se refaz incessantemente pela ‘corrupção’. Para aceitar esse mundo, Fausto peca, nega o que está estabelecido. Deve desvencilhar-se da tutela do Deus da tradição e caminhar sozinho. A ‘morte de Deus’, apregoada por Nietzsche na modernidade faz-se reflexão na tragédia de Fausto. Assim, ‘deus morre’, quando o saber perde sua necessidade de chegar às causas últimas. O imperativo da verdade cai por terra. Fausto não está mais impulsionado pela ‘vontade de verdade’, mas pela ‘vontade de saber’. A Divindade, agora, se reelabora na natureza, no devir da natureza, no movimento orgânico do mundo. A divindade deixa de ser inacessibilidade absoluta. Não está separada do homem. Não pune, integra-se à ação.” (KONESKI,1999)

Rompam já aí portentos e portentos,  
qual a qual mais possante a enfeitiçar-me!  
Mergulhem no vórtice dos tempos,  
no encapelado mar das aventuras.  
Sigam-se embora, como queiram, dores  
a deleites, ou júbilos a mágoas.  
Tudo, menos a inércia, o mal dos males,  
o que mais vexa a dignidade humana. [38]

#### MEFISTÓFELES

Não ponho restrições; peça por boca!  
Se as primícias quiser libar de tudo,  
de qualquer coisa (por fugaz que seja)  
se quiser na voadura apoderar-se,  
não faça cerimônia; e que lhe preste!

#### FAUSTO

Entendamo-nos bem. Não ponho eu mira  
na posse do que o mundo alcinha *gozos*.  
O que preciso e quero, é atordoar-me.  
Quero a embriaguez de inoportáveis dores,  
a volúpia do ódio, o arroubamento  
das sumas aflições. Estou curado  
das sedes do saber; de ora em diante  
às dores todas escancaro esta alma.  
As sensações da espécie humana em peso,  
quero-as eu dentro em mim; seus bens, seus males  
mais atrozes, mais íntimos, se entranhem  
aqui onde à vontade a mente minha  
os abraça, os tateie; assim me torno  
eu próprio a humanidade; e se ela ao cabo  
perdida for, me perderei com ela.

#### MEFISTÓFELES

Pode crer (há muitos mil janeiros  
que eu ando a roer nisto), inda não houve  
homem nenhum que desde o berço à cova  
lograsse digerir esse fermento.  
O complexo do mundo (e pode crê-lo,  
pois lho afirma um diabo) é incompreensível  
a todos salvo a Deus. Só ele brilha  
na luz perpétua; a nós enclausurou-nos  
nas trevas sem limite; e a vós, aos homens,  
alterna dia e noite.

#### FAUSTO

E eu quero.

#### MEFISTÓFELES

Entendo.  
O mau é que a arte é longa, e a vida breve.  
Dou que não leva a mal uma lembrança.  
Tome por sócio um vate, e dê-lhe largas.  
Deixe-o campear nos páramos dos sonhos, [39]  
até ao ponto de ajuntar às prendas  
do meu caro Doutor os dons mais nobres:  
valor leonino, rapidez de cervo,  
estro d'Itália, madureza do Norte.  
Deixe-o ver se, por artes de berliques,  
o faz a par magnânimo e velhaco;  
se lhe improvisa uns fêrvidos amores  
como os tinha em rapaz, e juntamente  
segundo o plano dele arrazoados!  
Figurão tal, quem dera vê-lo! Eu curvo  
chamava-o logo - "Senhor Dom Mundinho!"

#### FAUSTO

Mas então eu que sou, se me é defeso  
ao ápice aspirar da humanidade,  
alvo constante de meus crus anseios?

#### MEFISTÓFELES

É...? o que é... e acabou-se. Erga o toutiço

38] Notável a inversão da disposição de Fausto: antes a inércia era o seu ideal: a verdade imutável, a satisfação completa, o enclausuramento. Agora, o movimento ininterrupto será sua ambição. Mefistófeles surge aqui, segundo as palavras do próprio Deus, como "potestade criadora", força que, contraposta à divindade, desperta, em dialética, o movimento o criador do homem.



39] O mundo dos sonhos é uma chave para distanciar Fausto do racionalismo. No campo do onírico não pode se deixar de abordar Freud, que afirma que o sonho é a manifestação direta do inconsciente, antítese libertadora do racionalismo. Nos sonhos o homem teria seus impulsos primitivos, desejos, revelados com liberdade, pois os pensamentos morais e éticos estariam enfraquecidos. "Sonhar é acordar-se para dentro." A frase de Mario Quintana traduz muito do que Fausto vai vivenciar ao fazer o pacto com Mefistófeles, a possibilidade de entrar em contato com os sentimentos reprimidos pela sociedade e por ele mesmo, através da racionalidade. Ele vai reencontrar uma parte dele escondida, os seus impulsos mais escondidos, sua liberdade de vivenciar desejos que desde a infância havia se afastado.

emperrucado com milhões de crespos,  
ponha salto em tacões maior de vara,  
que não cresce uma aresta.

FAUSTO

Em mal, que é certo.  
Quanta ciência em mente de homem cabe  
toda em balde juntei; por mais que explore,  
força nenhuma se criou cá dentro;  
não cresci a grossura de um cabelo,  
e em nada do infinito estou mais perto.

MEFISTÓFELES

Senhor meu! Ver as coisas desse modo  
é vê-las como o vulgo. A nós compete  
pensar com mais juízo, enquanto há vida  
para se desfrutar. Eu te arrenego!  
Se tem por coisa sua os pés, os braços,  
cabeça, *et cetera...* ao mais de que se apossa  
porque o não tem por seu? Merco seis cavalos,  
de seis cavalos a força ajunto à minha.  
Levo-me pelo ar, porque possuo  
mais vinte e quatro pés. Fora tontices!  
Vamos por esse mundo. O que lhe eu digo  
é que um palerma que desperdiça o tempo  
em perpétuo hesitar, é como besta  
levada pela beija à roda, à roda,  
por mão de um trasgo em árida charneca  
insulada entre flóridos pastios.

FAUSTO

E onde nos vamos?

MEFISTÓFELES

Vamo-nos primeiro  
pôr já já daqui fora, que em tal sítio  
sô mártires. E chama-se isto vida!  
uma eterna moedeira dos rapazes  
e de si próprio! Deixe-me esse inferno  
ao seu vizinho Pança! Há quantos anos  
anda aí como o boi no calçadouro!  
e inda assim o mais fino do que sabe  
não lhe é dado ensiná-lo aos estudantes. [F]

*(Fausto se troca do seu traje de doutor)*

MEFISTÓFELES *(à parte, voltado para Fausto)*

Descarta-te do siso e da ciência,  
máximas forças do homem! Crê somente  
nas ficções dos espíritos falazes,  
e és meu sem redenção! Deu-te o destino  
alma que, desdenhando os bens do mundo,  
só aspira vaidosa a bens sem termo.  
Com este posso eu bem. Voto arrastá-lo  
por quanto há aí de frioleiras chilras  
ao mais bruto viver. Já o estou vendo  
espernear de raiva, inteiriçar-se  
aferrado à matéria. À boca, aos olhos,  
(quando o vir mais sedento e mais faminto)  
hei de me regalar de negacear-lhe  
fartos manjares, rescendentes vinhos.  
Dar-se ao diabo este asneirão foi luxo,  
que ele ia ao fundo pelo próprio peso. [40]

*(FAUSTO, já trajado à fidalga, como Mefistófeles, mas ainda um ancião)*

FAUSTO

Onde iremos?

MEFISTÓFELES

Escolha! Acho que poderemos  
correr da sociedade os dois confins extremos,  
começando na plebe, e indo do baixo ao sumo.

F] Seguia a esta fala uma cena em que Mefistófeles substituiu Fausto na recepção de um estudante. Neste trecho o Demônio expõe idéias destruidoras da razão e incentiva a vivência do mundano ao estudante, uma cena curiosa, mas dispensável para não interromper a fio dramático do pacto entre Mefisto e Fausto.



40] O “siso” e a “ciência” se relacionam ao conhecimento, ao poder de abstração, a tudo que é, por assim dizer, divino no homem. Mefistófeles assume o juízo científico como “máximas forças do homem” e roga que Fausto o renuncie. Antes de ser o que distingue e eleva o homem dos demais animais, é o pensamento que o define, propriamente, como homem, como único ser dividido entre o concreto e o abstrato, entre sua realidade orgânica e seus juízos.

Que instrução! que recreio há de encontrar, presumo, nesta desfrutação!

FAUSTO

Com barbas tão compridas,  
índole assim montês, maneiras encolhidas,  
que vou eu lá tentar? Sou feito deste modo.  
Detesto o conviver. Não sei, não me acomodo,  
com o bulfício mundano. Onde se encontra gente,  
fico como um pigmeu tolhido inteiramente. [41]

MEFISTÓFELES

Isso, amigo, mau é; mas não há mal sem cura.  
Anime-se e verá...

Mas que olha? que procura?

FAUSTO

Como havemos nós de ir? Cavalos, trens, criados...  
onde estão?

MEFISTÓFELES

Nunca eu tivesse outros cuidados!  
Estende-se este manto, embarca-se a seu bordo,  
e despede-se o vôo.

FAUSTO

Isso é melhor, concordo.

MEFISTÓFELES

De certo. Saiba mais que para tal viagem  
bom será não levar grande matalotagem.  
Enquanto fecho um olho, apronto o gás que deve  
levantar-nos da terra. Assim, quanto mais leve  
for a carga, melhor. Que rapidez! Aceite  
já os meus parabéns, à conta do deleite  
que tem de lhe excitar na mente comovida  
o ver entrado-a nova e prodigiosa vida,

*(Durante esta fala, Reaparece a escada e os dois saem da bolha enquanto se interpõe a próxima cena. Nas cenas subseqüentes, a platéia acompanhará Fausto e Mefistófeles em seu trajeto se acomodando a cada novo cenário.)*

41] “Porém, a subjetividade que alcançamos a título de verdade não é uma subjetividade rigorosamente individual, visto que, como já demonstramos, no cogito eu não descubro apenas a mim mesmo, mas também os outros. Através do penso, contrariamente à filosofia de Descartes, contrariamente a filosofia de Kant, nós nos apreendemos a nós mesmos perante o outro, e o outro é tão verdadeiro para nós quanto nós mesmos. Assim, o homem que se alcança diretamente pelo cogito descobre também todos os outros, e descobre-os como sendo a própria condição de sua existência. Ele se dá conta de que só pode ser alguma coisa (no sentido em que se diz que alguém é espirituoso, ou é mau ou é ciumento) se os outros o reconhecerem como tal. Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro. O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros.” (SARTRE, 1970)



### CENA III

*No original, Taberna do Retiro d'Auerbach, em Leipsick. Local próximo à cena do estúdio para facilitar a transição entre as cenas e o deslocamento da platéia. A platéia pode chegar ao cenário com o diálogo já iniciado, deixando implícito que a farra se iniciara há algum tempo. Local residual da cidade, um beco ou uma rua de pouco tráfego. RANS, O BOTAFOGO, O PENEIRA, O QUINTEIRÃO, e outros com aparência animalesca, com vestes e maquiagens que distorçam as formas humanas.*

O RANS

Bom! Ninguém bebe, ninguém ri. Que lesmas!  
Pois é livrar de mim, que eu com mazombos  
não me sei entender. Façam-se agora  
palhiço podre, uns mequetrefes destes,  
que os não há de mais fogo!

O BOTAFOGO

A culpa é tua  
meu Rans, que não nos botas a espertar-nos  
alguma brejeirice, alguma asneira.

O RANS (*despejando-lhe um copo de vinho na cabeça*)

Vão as duas por junto.

O BOTAFOGO (*levantando-se para arredar-se, e sacudindo da cabeça o vinho*)

Arreda, porco!

O RANS

Serei, se à fina força assim o querem.

O PENEIRA

Quem desconfia, rua! Andem, rapazes.  
Beber como animais; dançar à doida;  
e esvaziar o bofe em cantarolas,  
Leva acima! [42]

O QUINTEIRÃO

Ui! que berro! Quem me acode  
com algodão, que arrolhe estes ouvidos?  
Goelas do diabo!

O PENEIRA

A voz de um baixo  
deve estrugir a abóbada.

O RANS

Está visto.  
Paliou bem. Quem não gosta de chalaças  
pode-se pôr a andar. Larilarára (*cantando*).

O QUINTEIRÃO (*cantando*)

Larilarára.

O RANS

Bravo! Afinadinho!

(*Canta em tom de chasco*)

Meu santo Império romano,  
inda te vejo de pé!...

O BOTAFOGO (*interrompendo*)

Barro cantar políticas. Te arrenego!  
Forte sensaborão! Dêem vocês graças  
cada manhã, que, ao levantar da cama,  
lhes não dê que pensar o santo Império.  
Ser Rei e Imperador, não chega a isto  
de ser um João ninguém; mas como é de uso  
haver um maioral que nos governe,  
toca a eleger um Papa. Todos sabem  
que para onde acode o maior peso  
é que verga a balança; e em consequência,  
o homem que tem mais peso é que mais vale. [43]

42] Fausto pede para se atordoar no mundo, sentir em peso todos os sentimentos humanos. Mefistófeles leva Fausto para o extremo oposto à racionalidade, um local onde o que impera são os sentidos, sem qualquer tipo de preocupação com razão. Os frequentadores da taberna são quase animais, como chegam a se comparar a porcos, porque estão totalmente livres para vivenciar os seus impulsos e sem qualquer consciência, numa vida fácil e cheia de prazeres. Os rapazes embriagados se divertem com cantorias alegres e conversas sem objetividade. Fausto se decepciona com sua primeira experiência mundana, pois a mudança havia sido muito radical para ele e sua idade avançada já não lhe permitia apreciar a irresponsabilidade de bebedeiras em tabernas e a inconseqüência jovem.

43] A letargia é regra nesta cena. Os ébrios são alheios à política e não lhes interessa saber quem os governa desde que sejam governados. Eles se dispõem a renunciar sua liberdade para se isentarem de qualquer responsabilidade. São o retrato da alienação.

O RANS (*cantando*)  
Voa, voa, Filomela!  
Vai levar dez mil bons dias  
ao meu anjo, à minha bela;  
e, pousada ante a janela,  
acordá-la entre harmonias!

O PENEIRA  
Que tolice! enviar a raparigas  
comprimentinhos! Fora! eu cá não uso. [44]

O RANS  
Pois não uses; e eu sim. À minha amada  
comprimentos e beijos. Estou vendo  
que lho quer proibir este papalvo!

(*Canta*)  
Abre! é noite erma e calada.  
Abre a porta, ó minha amada!  
Vem, se estás inda acordada.  
Vem, se em mim cuidando estás.  
Abre; em vindo a madrugada,  
a fechá-la tornarás.

O PENEIRA  
Aporfia em cantar-lhe. É gabarolas  
mais gabarolas. Deixa estar que um dia  
inda espero rir muito. Há de lograr-te  
como a mim me logrou. Namore um bruxo,  
com quem na encruzilhada, à meia noite,  
dance a dança macabra; ou mais à própria  
um bode velho, que, ao voltar da serra  
de Block, onde celebram seus pagodes,  
lhe passe pela porta, e galopando  
lhe berre: Boa noite! Agora um moço,  
que é gente de osso e carne, pentear-se  
para um diabo assim! Os cumprimentos  
que lhe eu faria com a melhor vontade  
era quebrar-lhe os vidros da janela.

O BOTAFOGO (*dá um grande murro na mesa. Ficam todos sentados à escuta. Levanta-se com gravidade*)  
Atenção! Vou falar! Calem-se todos!  
Ninguém me negará que eu sei as regras  
do bom viver. Aqui nesta assembléia  
há gente femeeira, à qual eu devo,  
em atenção à sua dignidade,  
oferecer, neste serão de amigos,  
algum pratinho bom. Afí vai; sentido!  
Uma canção do trinque; e vocês, súcia,  
berrem-me no estribilho até que estourem [45]

(*Erguem-se todos, e vão rodeá-lo com os copos na mão. Canta.*)  
Era uma vez um ratinho,  
que tinha feito o seu ninho  
numa dispensa Real.  
A dispensa era tamanha,  
que em mar de manteiga e banha  
nadava o nosso animal.

Rói, rói, rói. Não tem parança.  
Engorda; cresce-lhe a pança  
de um modo descomunal.  
Nem o pai do nosso clero,  
o grande doutor Lutero  
se gabou de pança tal.

Cozinheira, que anda à espreita,  
descobre-o, e treda lhe ajeita  
bom pitéu arsenical.  
Apesar de andar sem fome,  
o bichinho prova... come...  
comeu tudo; achou-se mal.

44] É a negação do amor romântico, do amor intelectual. Em um certo sentido, é a negação do próprio erotismo. O sexo é concebido como pura reprodução, estritamente orgânico, como o fazem os animais.

45] A cena é dominada por atos de animalidade: os ébrios se entregam a urros, cantorias e bebedeiras até o limite de suas forças. No âmbito do teatro, vale a recomendação para o ator dionisiaco:

“O ator teatral intenta alcançar o modelo de homem dionisiaco no estremecimento da sublimação, ou também no estremecimento da gargalhada: vai mais além da beleza e, sem embargo, não busca a verdade, mas sim a verossimilhança. (O símbolo, signo da verdade.) o ator teatral não foi a princípio, naturalmente, um indivíduo: o que deveria ser representado era, efetivamente, a massa dionisiaca, o povo (...) Mediante o jogo com a embriaguez, tanto o ator teatral mesmo como o coro dos espectadores que o rodeava deviam cair exaustos, por assim dizer, da embriaguez.” (NIETZSCHE, 1870)

São pinchos; são guinchos  
com a dor interior,  
que todos diriam  
que dentro lhe ardiam  
garrochas de amor.

CORO

Sim: dentro lhe ardiam  
garrochas de amor. [46]

O BOTAFOGO (*continuando a cantar*)

Corria de cabo a cabo;  
dava dentadas no rabo;  
fugia para o quintal;  
mordia; arranhava; a frágua  
era tal, que à minguá d'água  
bebia num lodaçal.

Contemplar tanta agonia,  
em lágrimas desfaria  
corações de pedernal.  
Ver passar este inocente,  
de uma vida tão contente  
para um suplício infernal.

Nem chia! Arqueja deitado!  
Sente que o termo é chegado  
da sua vida mortal.  
Moléstias destas e amores,  
não as entendem doutores,  
nem se curam no hospital.

São pinchos; são guinchos  
com a dor interior,  
que todos diriam  
que dentro lhe ardiam  
garrochas de amor.

CORO

Sim: dentro lhe ardiam  
garrochas de amor. [47]

O BOTAFOGO (*continuando a cantar*)

Sem lhe importar com ser dia,  
no exaspero da agonia  
corre à cozinha fatal;  
e espumando a atroz peçonha,  
na amada manteiga sonha,  
e bufa o sopro final.

Foi seu fúnebre elogio  
rir-lhe sobre o corpo frio  
a cozinheira brutal:  
- “Adeus, rei dos roedores!  
Também quem morre de amores  
padece martírio igual.”

Que sorte! que morte!  
Senhor, por favor,  
livrai-nos de asneiras  
de más cozinheiras,  
bem como de amor!

CORO

Livrai-nos, Senhor,  
livrai-nos de amor!

O PENEIRA

Como os sensaborões gostam daquilo!  
Que feito! envenenar um pobre rato!

46] Uma das várias comparações entre os ébrios e os animais. Na cantiga, o ratinho com o qual os rapazes simpatizam come para além da saciedade, ele se empanturra. Como ocorre ao rato, a gula sempre saciada dos ébrios pode levá-los à própria destruição. (Isso vale para seu oposto: a busca racional de Fausto o levou à beira do suicídio). O ratinho morre abocanhando o pedaço de manteiga e, mais à frente, tem-se a impressão que os próprios ébrios se afogam no vinho, na ânsia de satisfazer seus sentidos.



47] Novamente aqui, o amor carece de idealidade, assume um sentido puramente orgânico quando é comparado à cólica estomacal que leva o rato à morte.

O BOTAFOGO

Dou que este ratazana é da família.

O QUINTEIRÃO

E tu, paçudo da careca à mostra,  
como viste no bicho o teu retrato,  
ficaste consternado; entendo e louvo.

*(Tornam todos a sentar-se, conversando baixinho uns com os outros. FAUSTO e MEFISTÓFELES entram)*

MEFISTÓFELES

Houve por bem mostrar-lhe, antes de tudo,  
o que são *bons vivants*. Toda esta malta  
faz do folgar seu pão quotidiano.  
Pensar pouco e rir muito, eis o que explica  
toda essa patuscada. Aqui se gira  
à laia dos peões, ou de um bichano  
que anda ao redor a ver se apanha a cauda;  
pois enquanto a cabeça lhes regula,  
e o taberneiro fia, adeus, cuidados!  
e estão divertidíssimos.

O BOTAFOGO *(aos companheiros, maliciosamente)*

Aqueles  
vem de jornadeiar. Logo demonstram,  
pelos seus modos, que não são da terra.  
Uma hora há só talvez que chegaram.

O RANS

Certo; e viva Leipsick! Isto é que é terra.  
Abaixo de Paris, Leipsick! Um homem  
para ser gente, há de vir cá. [48]

O PENEIRA *(baixo, aos companheiros)*

Mas estes  
que diabo serão?

O RANS *(para o Peneira)*

Deixa-os comigo!  
Faz-se de um bom copázio saca-trapos,  
e hão de desembuchar. Dão-me ares ambos  
de ser alguém. Tem caras de enjoados,  
modos de soberbões.

O BOTAFOGO

Tunos de feira  
aposto.

O QUINTEIRÃO

Pode ser.

O RANS *(enfeitando-se para falar aos dois recém-chegados)*

Toma sentido  
como eu tos enrodilho.

MEFISTÓFELES *(a Fausto)*

Estes patetas  
nem faro tem para aventar o demo,  
que está já, vai não vai, para filá-los.

FAUSTO

Vivam, senhores!

O PENEIRA

Viva!

*(Baixo, olhando de soslaio para Mefistófeles.)*

Aquele, a modo  
que claudica de um pé.

MEFISTÓFELES

Dão-nos licença

48] Leipsick ou Leipzig é a cidade alemã onde Goethe cursou sua primeira Universidade e onde desenvolveu o interesse pelo classicismo francês que mais tarde iria renegar.



de tomarmos assento entre os senhores?  
Como não há na casa boa pinga,  
folgaremos com a bela sociedade.

O QUINTEIRÃO

Quer-me a mim parecer que o meu amigo  
é biqueiro, de mal acostumado.

O RANS (*a rir*)

Digam-me cá: saíram muito tarde  
de Ripach? E ceou com o Mané-Coco? [49]

MEFISTÓFELES

Não senhor. Temos vindo tanto à pressa,  
que o não pudemos. Na última jornada  
sim, por sinal que nos contou mil coisas  
dos primos da cidade, encarregando-nos  
de dar a cada um muitas saudades.

(*Cortejando de cabeça*)

O QUINTEIRÃO (*baixo, a RANS*)

Apanha! Descobriu-te. É fino o tipo.

O PENEIRA

É espertalhão.

O RANS (*aos companheiros*)

Eu já to arranjo.

MEFISTÓFELES

Se nos não enganamos, pareceu-nos  
lá ao longe escutar para esta parte  
um coro magistral; aqui as vozes  
debaixo desta abóbada, por força  
que hão de fazer efeito peregrino.

RANS

Dar-se-á que seja acaso o nosso amigo  
cantor de profissão?

MEFISTÓFELES

Quem dera um disso!  
Vontade não me falta; agora as forças...

O QUINTEIRÃO

Petas da vida; uma cantiga!

MEFISTÓFELES

Um cento.

O PENEIRA

Coisinha nova.

MEFISTÓFELES

Pronto. Agora mesmo  
vimos de Espanha; em vinho e cantorias,  
não quero que haja terra igual àquela.

(*Canta.*)

Catava-se um rei, quando acha  
nas suas meias reais  
uma grande pulga macha,  
pai-avô e Adão das mais, [50]

O RANS

Vocês não ouvem? Que hóspede! uma pulga!...

MEFISTÓFELES (*continuando a cantar*)

Causou no rei tal encanto  
a lindeza do animal,  
que desde logo o amou tanto  
como ao príncipe real.

#### 49] Segundo D'Ornellas:

“João de Rippach [Mané-Coco para Castilho]. Rippach é uma aldeia nas cercanias de Leipzig. *João Rippach* chamam os estudantes de Leipzig a um homem rude e boçal.”

50] Mais uma cantiga com tema de animais. Mefistófeles contradiz o que fala o Botafogo no começo da cena ao descrever um rei portador de pulgas como qualquer outro animal. É tanta a simpatia pelo parasita que o rei o adota, nomeando-o príncipe. A farra dionisiaca dissolve as relações de poder e de hierarquia, o rei também é um ébrio, reina o desgoverno.

“De maneira espontânea, a terra oferece os seus dons, pacificamente se acercam os animais mais selvagens: panteras e tigres arrastam o carro adornado com flores, de Dionísio. Todas as delimitações de casta que a necessidade e a arbitrariedade tenham estabelecido entre os seres humanos desaparecem: o escravo é homem livre, o nobre e o de berço humilde se unem para formar os mesmos coros báquicos. Em multidões cada vez maiores vai rodando de um lugar a outro o evangelho da “harmonia dos mundos”: cantando e dançando, manifesta-se o ser humano como membro de uma comunidade superior, mais ideal: desaprendeu a andar e a falar. Mais ainda: se sente magicamente transformado, e na realidade se converteu em outra coisa.” (NIETZSCHE, 1870)

Chama o alfaiate régio,  
e diz-lhe: - “Fará favor  
de arranjar um fato egrégio  
aqui a este senhor.

Não se esqueça que é preciso  
trazer-lhe calções também.  
Faça a obra de improviso;  
talhe-a justo, e cosa-a bem.”

#### O BOTAFOGO

Olhe lá! O tal rei, que diga ao mestre  
que, se a farpela não sair bem feita,  
com ele se há de haver; e se as calçotas  
fizerem pregas, cortam-lhe a garganta.

#### MEFISTÓFELES (*continuando a cantar*)

No clero, nobreza, e vulgo,  
foi imensa a admiração,  
a primeira vez que o pulgo  
se mostrou de fardalhão.

Eram bordados, veludo,  
rendas, laçarrões, cetim,  
rebrilhando sobre tudo  
as veneras e o espadim.

Deu-lhe el rei grã-cruz e pasta,  
um viscondado, e o poder  
de elevar e enriquecer  
aos bichos da sua casta.

Teve inda outro privilégio  
muito invejável, que foi:  
pastar, comer como um boi  
nas damas do paço régio,

e até na própria rainha;  
sem nenhuma ter ação  
de coçar tal comichão  
nem recusar-lhe a maminha,

quanto toda a outra gente,  
se a morde a pulga, o que faz?  
Vai com os dedos de repente,  
pilha-a, belisca-a, e trás!

#### TODOS (*levantando-se em coro alegríssimo*)

Vai com os dedos de repente,  
pilha-a, belisca-a, e trás!

#### O RANS

Bonita peta! bravo!

#### O PENEIRA

Abaixo as pulgas!...

#### O BOTAFOGO

Esticar dedos, zumba, estão pilhadas.

#### O QUINTEIRÃO

Viva e reviva a liberdade e o vinho! [51]

#### MEFISTÓFELES

Eu, em honra e louvor da liberdade,  
também vazava um copo, se não fora  
tão soez a mistela cá da casa.

#### O PENEIRA

Cale a boca praguenta!

51] Os ébrios não são senhores de suas vontades, sequer as possuem. É outra a liberdade a que se referem, a liberdade sem vontade, sem responsabilidade.

“Na embriaguez dionisiaca, no impetuoso recorrido de todas as escalas anímicas durante as excitações narcóticas, ou no desencadeamento dos instintos primaveris, a natureza se manifesta em sua força maior: volta a unir os indivíduos e os faz sentir-se como uma só coisa, de tal modo que o *principium individuationis* aparece, por assim dizer, como um permanente estado de debilidade da vontade. Quanto mais decaída se encontra a vontade, tanto mais se esmigalha tudo no individual: quanto mais egoísta e arbitrário é o modo como o indivíduo está desenvolvido, tanto mais débil é o organismo ao que serve. Por isso, naqueles estados irrompe, por assim dizer, uma ruptura sentimental da vontade, um “suspiro da criatura” pelas coisas perdidas: no prazer supremo ressona o grito de espanto, os gemidos nostálgicos de uma perda insubstituível. A natureza exuberante celebra por sua vez sua saturação e suas exéquias.” (NIETZSCHE, 1870)

MEFISTÓFELES

Se eu soubesse  
que se não agastava o taberneiro,  
oferecia à bela sociedade  
um *quod ore* do nosso. Estou que haviam  
lamber-lhe os beijos. [52]

O PENEIRA

Venha sempre, venha.  
Com ele eu me haverei.

O RANS

Sendo a pinguinha  
do que a gente mastiga, e farta a dose,  
cá louvor ao que é bom não se recusa.

O QUINTEIRÃO (*baixinho*)

São do Reno, já vejo.

MEFISTÓFELES

Uma verruma,  
se a há!

O BOTAFOGO

Mas para quê? Deixou na rua,  
fora da porta, a pipa?

O QUINTEIRÃO

O taberneiro  
há de ter disso ali naquele canto,  
na cesta em que arrecada a ferramenta.

MEFISTÓFELES (*tira da cesta um trado. A RANS*)

Para o seu paladar, que vinho escolhe?  
Peça por boca!

O RANS

Diz então na sua  
que tem de toda a casta?

MEFISTÓFELES

O que repito  
é que peçam por boca!

O QUINTEIRÃO (*a RANS*)

Este já cuida  
que está chuchurreando.

O RANS

Eu, já que é livre  
a cada um pedir, peço do Reno;  
sempre é vinho patrício.

MEFISTÓFELES (*furando na borda da mesa, diante do lugar de RANS*)

Arranjem cera,  
que há de servir para fazer batoques.

O QUINTEIRÃO

Prestidigações, aposto.

MEFISTÓFELES (*apontando para o Botafogo*)

E o seu vizinho?

O BOTAFOGO

Eu cá, champanha; e que esfuzie escumas.

*(No original, Mefistófeles fura a mesa de onde jorra a bebida. Uma alternativa seria que a bebida jorrasse em cascatas da parede ou do alto, intensificando a cena e os caracteres animais, permitindo o distanciamento da platéia sem reduzir o efeito dramático)*

Nem tudo que é de fora há de enjeitar-se.  
Muita coisa há bem boa em longes terras.  
Sou alemão de lei: detesto a França  
pessoalmente falando; agora os vinhos...

[52] Se Deus, em sua perfeição e verdade, equivale a Apolo, Mefistófeles fará as vezes do seu opositor, Dionísio, deus do caos, do grotesco e do vinho. Ele promoverá uma celebração ao vinho, ao êxtase narcótico, ao mundano. Ele conduz desta maneira Fausto ao extremo oposto da racionalidade, a um mundo onde imperam os sentidos e a inconsciência.

“A arte dionisíaca, em contrapartida [à arte apolínea], descansa no jogo com a embriaguez, com o êxtase. Dos poderes, sobretudo, são aos que ao ingênuo homem o elevem até o esquecimento de si que é próprio da embriaguez, do instinto primaveril e da bebida narcótica. Seus efeitos estão simbolizados na figura de Dionísio. Em ambos os estados o *principium individuationis* cai por terra. O subjetivo desaparece totalmente perante a eruptiva violência do geral-humano, mais ainda, do universal-humano. As festas de Dionísio não apenas estabelecem um pacto entre os homens, também reconciliam o ser humano à natureza.”  
(NIETZSCHE, 1870)

O PENEIRA (*ao aproximar-se-lhe Mefistófeles*)  
Sempre embirrei com pinga avinagrada.  
Para mim, quero vinho de senhoras,  
docinho.

MEFISTÓFELES (*furando*)  
Aí tem Tokay.

O QUINTEIRÃO  
Leva de brinco.  
Dar-se-á que estes senhores se apostassem  
a vir zombar de nós?

MEFISTÓFELES  
Zombar! que idéia!  
Zombarmos com tão nobre sociedade,  
era audácia de mais.

(*Para o Quinteirão*)  
Sem cerimônia,  
de qual toma?

O QUINTEIRÃO  
Qualquer, mas desempate!

MEFISTÓFELES (*que, diante de todos, vai fazendo buracos que se tapam com rolhas, canta.*)

De si cachos a parreira,  
de si pontas deita o bode.

Logo, a exemplo da videira,  
deitar vinho a mesa pode,  
apesar de ser madeira.

Grande abismo, ó natureza!  
Quem rastreia os teus caminhos!  
Ora sus, mortais mesquinhos!  
Rolhas fora! Aí vão da mesa  
borbotar caudais de vinhos.

(*Todos tiram as rolhas, e a cada um corre no copo o vinho que desejou.*)

TODOS  
Que belo chafariz!

MEFISTÓFELES  
Mas sumo tento  
em não verter por fora alguma gota.

(*Bebem repetidas vezes.*)

TODOS (*cantando*)  
Beber, beber! sinto barruntos  
de desbancar qualquer selvagem!  
Beber, beber, quais na lavagem  
bebem quinhentos porcos juntos.

MEFISTÓFELES (*a Fausto*)  
Aí tem o povo livre, e os seus regalos!

FAUSTO  
Tomara-me já longe destes brutos. [53]

MEFISTÓFELES  
Inda isto não é nada. Aguarde um pouco,  
e verá onde chega a brutalidade.

O PENEIRA (*bebe sem cuidado, e entorna parte do vinho, que, em tocando no chão, se converte em labareda*)  
Acudam! fogo! fogo! Isto é, má hora,  
lume do inferno.

53] Fausto repudia a festa dionisiaca. Sua mente ainda não se libertou inteiramente do claustro e seu velho corpo de sentidos debilitados se ressentia com as novas sensações que lhe são oferecidas.

“O êxtase do estado dionisiaco, com sua aniquilação das barreiras e limites habituais da existência, contém, enquanto dura, um elemento letárgico, no qual se submergem todas as vivências do passado. Caem deste modo, separados entre si, pelo abismo do esquecimento, o mundo da realidade cotidiana e o mundo da realidade dionisiaca. Mas tão pronto a primeira volta a penetrar na consciência, é sentida enquanto tal com náusea: um estado de ânimo ascético, negador da vontade, é o fruto de tais estados. No pensamento o dionisiaco é contraposto, como uma ordem superior do mundo, a uma ordem vulgar e má: o grego [como Fausto] queria uma fuga absoluta deste mundo de culpa e de destino. Apenas se consolava com um mundo depois da morte: seu anseio tendia mais alto, mais além dos deuses, o grego negava a existência, junto com seu policromo e resplandecente reflexo dos deuses. Na consciência de despertar da embriaguez vê por toda a parte o espantoso absurdo de ser homem: isto lhe produz náusea. Agora compreende a sabedoria do deus dos bosques.” (NIETZSCHE, 1870)

MEFISTÓFELES (*esconjurando a chama*)

Meu válido lume,  
para aí já! (*Aos convivas.*) Foi só uma pinguinha  
do que há no purgatório.

O PENEIRA

Estes tipos  
não sabem com que gente estão metidos.  
Pode sair cara a brincadeira.

O RANS

Não caia você noutra; eu já o aviso.

O QUINTEIRÃO (*aos companheiros*)

Será melhor pedir-lhe em cortesia  
que se nos ponha ao fresco.

O PENEIRA (*levantando-se, de punho fechado, para Mefistófeles*)

Ah, sô marmanjo,  
pois então, lá supôs que isto eram asnos,  
bons para embasbacar com peloticas?

MEFISTÓFELES (*ao Peneira*)

Cala-te aí, pipa velha!

O PENEIRA

Então já viram  
atreimento assim? vir insultar-nos  
este pau de vassoira, cavalinho  
de alguma bruxa ao sábado!

O BOTAFOGO

Sem tosa  
já ele se não vai.

O QUINTEIRÃO (*tira uma das rolhas de cera, e golfa do buraco sobre ele uma língua  
de fogo*)

Ui! que me queimo!

O PENEIRA

Mata, mata o patife! facada nele!  
Olhem não voe! Segurá-lo e fogo!

(*Puxam pelas facas e correm sobre Mefistófeles.*)

MEFISTÓFELES (*declamando*)

Falsas vistas, sons fingidos,  
transtornai-lhes os sentidos!  
Sem sair, vaguem perdidos! [54]

(*Param atônitos, olhando uns para os outros.*)

O QUINTEIRÃO (*como fascinado*)

Onde estou? Linda terra!

O RANS

É certo... vejo-os...  
são parreirais!

O PENEIRA

Que suspensão de cachos!  
e tão à mão!

O BOTAFOGO

Oh! que alentada cepa!  
oh! que formosos cachos, que se abrigam  
aqui sob esta parra verdejante!

(*Agarra o Peneira pelo nariz, e cada um vai fazendo outro tanto ao seu vizinho, e  
levantando a faca.*)



54] “Assim como a embriaguez é o jogo da natureza com o ser humano, assim o ato criador do artista dionisíaco é o jogo com a embriaguez. Quando não o experimentou em si mesmo, esse estado só se pode compreender de maneira simbólica: é algo similar ao que ocorre quando se sonha e se suspeita que o sonho é sonho. De igual modo, o servidor de Dionísio tem que estar embriagado e, às vezes, espreitando atrás de si mesmo como observador.” (NIETZSCHE, 1870)

MEFISTÓFELES (*como acima*)

Varrei-vos, ilusões!  
De lhes mostrar acabo  
se podem com o diabo  
medir-se uns beberrões.

(*Saem Mefistófeles e Fausto. O PENEIRA, O QUINTEIRÃO, O BOTAFOGO, O RANS, e outros largam os narizes do próximo, e as facas com que os iam decepar.*)

O PENEIRA  
Hein!

O QUINTEIRÃO  
Que é?

O RANS  
O teu nariz!

O BOTAFOGO (*a Peneira*)  
A tua penca!

O QUINTEIRÃO  
Ai que estou derreado. Uma cadeira,  
que me sinto ir abaixo.

O RANS  
O que foi isto?  
Vocês não me dirão?

O PENEIRA  
Que é dele, o biltre?  
Se o pilho às mãos, matei-o.

O QUINTEIRÃO  
Onde irá ele!  
Vi-o eu, com estes, abalar da venda  
Montado numa pipa. Estou com as pernas  
que as não posso mexer.

(*Voltando-se para a mesa*)  
Examinemos  
sempre à cautela, se haverá na banca  
inda algum escorralho.

O PENEIRA  
A boas horas!  
Tudo aquilo era um sonho, uma trapaça.

O RANS  
Lá que eu bebi, bebi.

O BOTAFOGO  
Pois a das uvas!  
Essa foi outra.

O QUINTEIRÃO  
E riam de milagres! [55]

55] “Sobretudo, se tratava de transformar aqueles pensamentos de náusea sobre o espantoso e o absurdo da existência em representações com as quais se pudesse viver: essas representações são o sublime, sujeição artística do espantoso, e o ridículo, descarga artística da náusea do absurdo. Estes dois elementos, mesclados um com o outro, se unem para formar uma obra de arte que recorda a embriaguez, que joga com a embriaguez. (...) O sublime e o ridículo estão um passo além do mundo da bela aparência, pois em ambos os conceitos se sente uma contradição. Por outra parte, não coincidem de modo algum com a verdade: são um véu sobre a verdade que é, desde logo, mais transparente que a beleza, mas que não deixa de ser um véu. Temos, pois, neles um mundo intermediário entre a beleza e a verdade: nesse mundo é possível uma unificação de Dionísio e Apolo.” (NIETZSCHE, 1870)

Contudo, não haverá vislumbre do sublime ou do ridículo para Fausto ou para os ébrios; o primeiro, passou incólume pela festa a Dionísio, manteve-se apolíneo. Os últimos nunca sairão do estado de embriaguez.

#### CENA IV

*Lugar sombrio, talvez um horto, bosque ou praça densamente arborizada da cidade. Alternativas: beco ou subsolo. Lugar selvagem, rústico, grotesco. Caldeirão, elementos com fogo, um espelho, códigos e instrumentos de feitiçaria e um vidro. Ambientação misteriosa: iluminação baixa, gelo-seco, umidade, calor. Ao pé do caldeirão, e a escumá-lo, com sentido que não deite por fora, está sentada uma CERCOPITECA (macaca muito grande, de rabo comprido). O CERCOPITECO (o macho) está sentado, com os filhinhos ao pé, a aquecer-se. FAUSTO, MEFISTÓFELES. Depois, a FEITICEIRA.*

FAUSTO (*a Mefistófeles*)

Este sarapatel de nigromâncias  
faz-me nojo, declaro. E projetava  
este diabo restaurar-me a vida  
em tão vil charco de hediondezas fúteis!  
Aconselhem-se lá com uma carcaça!  
Ou tenham fé que possam bruzundangas  
duma cozinha assim descarregar-me  
trinta anos do cachaço. A não saberes  
receita que mais valha, estou servido.  
Pois dar-se-á que não tenha a natureza  
algum bálsamo seu, já descoberto  
por algum alto engenho?

MEFISTÓFELES

Aí estão palavras  
que mostram não ser parvo o nosso amigo.  
Sim senhor; sem sair da natureza  
há também com que um homem se remoçe.  
Vem isso noutra obra; e bem curioso  
que ele é, o tal capítulo.

FAUSTO

Declara-o!

MEFISTÓFELES

Guapa receita. E curativo grátis,  
sem precisar Doutor, nem feitiçeira.  
Ponha-se fora; vá-se aos campos; are;  
cave; enclausure-se, alma e corpo, em solo  
dadivoso mas parco; esteie a vida  
com frugal passadío; aprenda e exerça  
com os seus brutinhos o viver nativo;  
não julgue rebaixar-se, em repartindo  
por suas mãos o adubo ao chão que o nutre.  
Fie-se em mim: se há coisa que descarregue  
de oitenta anos, é isto. [56]

FAUSTO

Agora é tarde  
para me acostumar. Nunca até hoje  
peguei num alvião. Para o meu gênio  
esse viver obscuro era insofrível.

MEFISTÓFELES

Então, é recorrer à feitiçeira.

FAUSTO

Mas porque há de ser logo a preferida  
a tal mondonga velha? Não podias  
preparar-me tu próprio a beberagem?

MEFISTÓFELES

Belo divertimento! Eu preferia  
gastar o tempo em construir mil pontes.  
Para arranjar os filtros desta casta  
quer-se, além do saber, paciência e muita,  
e atenção de anos largos; só com o tempo  
é que se alcança o fermentar completo  
do líquido eficaz. Pois a quantia  
d'ingredientes raríssimos! É certo  
que o diabo é quem os sabe, e ensina tudo;  
mas lá para os estar manipulando  
é que não tem pachorra.

56] Sobre este trecho, Jung relaciona esta vida orgânica no campo a uma maneira de esquecer – reprimir - o inconsciente. Para além da teoria junguiana, é possível se aplicar à afirmação de modo simétrico, isto é, considerar tal vida uma tentativa de reprimir o consciente; o que importa aqui é fechar-se à dualidade da existência e ao mundo de possibilidades que ela introduz:

“(…)Não é fácil analisar o inconsciente e portanto situá-lo. Ninguém lhe arranca a força atuante por muito tempo. Tentar fazê-lo é iludir-se, reeditar o habitual processo de repressão. Mefistófeles deixa uma possibilidade aberta, que não se deve negligenciar, pois ela corresponde a uma realidade. Ele diz a Fausto a quem repugna ‘a loucura da magia’ e que de bom grado renunciaria à cozinha da bruxa: ~ Quem tiver a possibilidade de viver tal vida, não correrá jamais o risco de naufragar em outras possibilidades, uma vez que sua natureza não o incita a um problema que ultrapasse sua capacidade de apreensão. Mas se ele deparar com o grande problema, não terá nem mesmo aquela saída.” (JUNG, 1987)

*(Reparando nos animais)*

Olhe a gracinha  
do casal que ali está! São a criada  
e o servo cá da casa.

*(Aos animais)*

Olá! já vejo  
que a velhusca, vossa ama, anda por fora.

OS ANIMAIS

Eh eh eh eh!  
Ao fricassê!  
Foi pelo cano  
da chaminé.

MEFISTÓFELES

Gasta lá nesses passeios  
muito tempo a feiticeira?

OS ANIMAIS

O tempo em que na lareira  
nós aquecemos as patas.

MEFISTÓFELES *(a Fausto)*

Que tais acha estes nossos bicharecos? [57]

FAUSTO

Ai! de apetite! Nunca os vi mais feios.

MEFISTÓFELES

E eu então o meu gosto é conversá-los.

*(Aos animais)*

Dizei, bonecos danados,  
que tendes no caldeirão,  
que estais tão azafamados  
a mexer com o colherão?

OS ANIMAIS

Pois não vês? esta iguaria  
são as sopas dos mendigos.

MEFISTÓFELES

Nesse caso, meus amigos,  
tereis muita freguesia.

O CERCOPITECO *(tira da canastra o copo dos dados, e vai- se chegando a MEFISTÓFELES fazendo-lhe muitas festas)*

Juguemos aos dados!

Meu rico parceiro,  
não tenho dinheiro,  
faizei-mo ganhar.

Ser pobre é ser parvo.

Espírito nobre,  
salvai-me de pobre,  
salvai-me de alvar.

MEFISTÓFELES

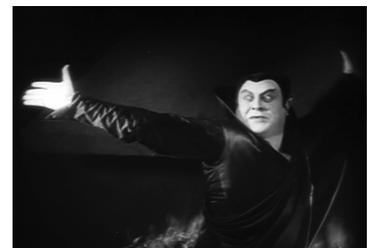
Este cercopiteco endoidecia,  
se pudesse ganhar na loteria.

*(Nestes entrementes, andam os cercopitequinhos a brincar com uma grande bola que tiraram da canastra, e vão rolando diante de si.)*

O CERCOPITECO

Tal é o mundo!  
Rolar, correr,  
subir, descer.  
Vidro rotundo  
sonoro e oco,  
a pouco e pouco

57] Os macacos eram figuras muito utilizadas na arte maneirista como metáfora, uma referência à natureza humana. Quase uma continuação dos temas animalescos da cena anterior, os macacos estão a meio caminho entre a natural e o humano e a cozinha da bruxa realiza esta ligação. O animais são caricaturas do homem, mas também são clássicas representações da travessura e da sabedoria. Certamente, estes macacos parecem possuir alguma sabedoria (o sentido de artifício também lhes é atribuído pela arte maneirista), mas uma sabedoria irreverente e frívola.



fendas a abrir.  
Aqui brilhante;  
lá coruscante;  
sempre cambiante,  
sempre a fugir.  
Fala-te um ente,  
qual tu vivente,  
qual tu mortal.  
Evita, amigo,  
esse inimigo  
mundo fatal.  
Crê-lo maciço,  
e é quebradiço  
como cristal.

MEFISTÓFELES  
Que faz aqui esta peneira?  
Tem algum préstimo?

O CERCOPITECO (*tirando a peneira do prego*)  
Pois não?  
Mostra a verdade nua e inteira.  
Supõe que fosses um ladrão,  
cara de santo e fala arteira,  
logo eu te via a maganeira,  
em observando o teu carão  
pela peneira!

(*Corre para a fêmea, a quem obriga a olhar para Mefistófeles, através da peneira*)  
Toma a luneta, companheira,  
observa, observa o figurão.  
Reconheceste-lo à primeira.  
Declara o nome do ladrão!  
Viva a peneira!

MEFISTÓFELES (*aproximando-se do lume*)  
E este pote?

OS CERCOPITECOS (*macho e fêmea*)  
Fora zote,  
burro, estúpido, asneirão.  
Não vês que é um caldeirão?  
Chama a um caldeirão um pote! [58]

MEFISTÓFELES  
Bruta corja!

O CERCOPITECO (*levanta arrebatadamente do chão um abano de rabo e mete-o na mão de Mefistófeles*)  
O quê! Depressa!  
Toma o rabo deste abano!  
Assenta-te na tripeça,  
e esperta a fogueira, mano!

(*Obriga Mefistófeles a sentar-se numa das tripeças, fazendo do abano ventarola*)

FAUSTO (*que durante todo este tempo, estivera parado defronte de um espelho, ora aproximando-se, ora recuando*)  
Oh mago espelho! que divina imagem!  
Asas, asas, Amor! conduz-me a ela!  
Se me acerco, recua, e mal a avisto  
sombra de sombra esmorecida em névoa.  
Tais graças feminis, dar-se-á que existam?  
Estarei vendo neste esbelto corpo  
das delícias dos céus a quinta essência?  
Cabe ao mundo um tal dom? [59]

MEFISTÓFELES  
Naturalmente.  
Quando lida na obra um Deus seis dias,  
ao sétimo a contempla, e exclama: Bravo!  
De ver está que executou portento  
de costa acima. Farte os olhos, farte!

58] “Desta forma os dois vão para tenda da bruxa para rejuvenescer Fausto. Lá encontram um lugar onde a racionalidade como todo seu poder não instalou seu trono como absoluto. Fausto se submete a um mundo de palavras sem nexos, um amontoado de irracionalidades. Fausto se vê no ambiente da bruxa envolvido por ingredientes e animais, pelo universo da magia de sobrevivência do mundo gótico, pelas fantasmagorias nórdicas. Uma espécie de humorismo dramático e grotesco permeia todo o diálogo, uma zombaria. Nas mãos da bruxa o sobrenatural perde o seu caráter teológico e assume um caráter humano. Estavam assim diluídas as fronteiras entre o mundo dos poderes transcendentais e o mundo natural.” (KONESKI, 1999)

59] Fausto vê a imagem de Helena de Tróia no espelho, a mais bela das mulheres e o símbolo máximo do desejo erótico masculino. Helena é a mulher perfeita, abstrata, a única a que Fausto poderia almejar. Esta imagem reaviva em Fausto o prazer propiciado pelos sentidos. A vida sensível de Fausto se inicia, não por acaso, pelo mais abstrato dos sentidos: a visão.

Deixe-me investigar que tarde ou cedo  
lhe hei de desencantar esse tesouro.  
Feliz quem no obtiver.

*(Continua Fausto a olhar para o espelho. Mefistófeles espreguiçando-se na tripeça, e brincando com o abano, continua a falar.)*

Que belo assento,  
em que eu me estou aqui refestelando!  
Nem rei no trono. Empunho um cetro. Resta  
vir a coroa radiar-me a testa. [60]

OS ANIMAIS *(que até aqui tem estado, uns com os outros, fazendo trejeitos e momices, trazem da canastra a Mefistófeles uma coroa, com grande algazarra)*  
Tome-a lá! Grude-a a si bem grudada,  
com suores e sangue, oh Senhor!

*(Ao brincarem à doida, deixam cair a coroa, que se parte em pedaços. Apanham-nos e atiram-nos por joguete uns aos outros.)*

Ih! Quebrou-se a coroa sagrada!  
Viva a turba! Acabou-se o temor.  
Galrar já podemos,  
de ventas no ar.  
As zangas que temos,  
até poderemos,  
querendo, rimar.

FAUSTO *(sem se apartar do espelho)*  
Ui que algazarra! Esvaem-me o juízo!

MEFISTÓFELES  
Se até eu tenho a bola à roda, à roda!

OS ANIMAIS  
E se a coisa desta feita  
vinga e dá seu resultado,  
das idéias a colheita  
torna o mundo afortunado.

FAUSTO *(como acima)*  
Já me arde o coração. Presto, fujamos!

MEFISTÓFELES  
Já se vê pelo menos que estes mecos  
tem para a poesia embocadura.

*(Como a macaca tinha largado o caldeirão, começa este a entornar-se ocasionando grande labareda. Entra a FEITICEIRA)*

FEITICEIRA  
Ão, ão, ão, ão!  
Maldita mona,  
que me entornaste  
o caldeirão,  
e a vossa dona  
incendiaste!  
Maldita! ão, ão!

*(Repara em Fausto e Mefistófeles)*  
Que temos? Vós quem sois? Quem teve o atrevimento  
de vos deixar entrar? qual era o vosso intento?  
Por entrardes sem vênica e a furto aos lares nossos,  
má fogo que vos queime, e vos derreta os ossos!

*(Mete o colherão na caldeira; tira-o cheio; sacode o líquido, que vai cair, convertido em chamas, sobre Fausto, Mefistófeles e os animais. Os bichos lançam grandes guinchos)*

MEFISTÓFELES *(levantando-se a súbitas, revira o abano com o cabo para fora, e começa a malhar com ele na caldeira, e em tudo que vê diante)*  
Ah! tu brincas? Pois eu faço  
à tua solfa o meu compasso,  
múmia ascosa. Na fogueira  
vaso as sopas. A caldeira  
ela aí vai tornada estilhas;

60] Enquanto Deus está ligado à ciência e a racionalidade e a ciência, Mefistófeles se vincula à magia. Na cozinha da bruxa, ele é rei.

A bruxa é a responsável pela ligação do mundo transcendental ao natural, através da magia, evocando o sobrenatural com um caráter humano, ao invés de teológico. As verdadeiras bruxas eram herdeiras de um conhecimento secular sobre a natureza, sobre suas manifestações e sobre o poder de suas substâncias. Foi com o advento da teologia cristã e, posteriormente, da medicina que a feitiçaria foi excomungada da ideologia ocidental. Assim, a bruxaria se vincula a tudo o que ocidente reprimiu durante séculos, como a loucura, o feminino ou o sexo.

Segundo Jung, a magia em suas diversas expressões é uma das formas primordiais de conhecimento não racional, tal qual as religiões e ritos primitivos, meios reconhecidos pelo estudioso para ampliar os sentidos do consciente religando-o ao inconsciente.

É a este mundo reprimido e oculto, o mundo da magia e da loucura, que Fausto se alia ao assinar o pacto com Mefistófeles. É o oposto de sua busca por racionalidade e pela verdade, é a aceitação do ilusório, do grotesco e do oculto. É possível dizer que Fausto parte da luz rumo a escuridão.

e atrás dela estas vasilhas...  
Nada inteiro há de ficar.

*(A Feiticeira tem ido retrocedendo, cheia de terror)*

Monstro! horror! arcabouço! Olá! Não reconheces o teu amo e senhor? Ínfima das refeces, queres-te opor a mim? Não sei que me tem mão que vos não leve a pau, desfeitas, de rondão, tu, e toda a relé da tua bicharia.  
Pois já esta demente acaso esqueceria este cocar de galo? a cor de grã que eu visto? até o meu semblante? Ainda, após tudo isto, para saber quem sou precisa que lhe ponha claro, eu próprio, o meu nome, a biltre sem vergonha!

A FEITICEIRA

Confesso, Grão Senhor, que foi mal recebido. Vossa alteza perdoe;... mas tinha-lhe esquecido o pezinho cabrum e o par de corvos.

MEFISTÓFELES

Bem.

Por esta inda te passo.

*(A Fausto)*

Ele havia também já tantíssimo tempo, a dizer a verdade, que me não tinha visto!... A lei da humanidade também se estende a nós: *Le monde marche*. Um vento que se chama O Progresso, ora rijo, ora lento mas constante, que varre e leva a quanto existe, também por cá chegou. Foi-se o fantasma triste do nevoento Norte. Onde há já aí diabo, que use chavelhos, garra ou pé de cabra e rabo? Ora eu enquanto ao pé, - membro que não dispenso, por ser quem me carrega em basta gente assenso - quanto ao pé, anos há que uso ao disfarce botas, como usam panturrilha os magros janotas. [61]

A FEITICEIRA *(cantando e dançando)*

Não caibo em mim d'alegria por ver meu Dom Satanás nesta minha cova fria, tal como outrora soía, lá quando eu era algum dia menos velha, e ele rapaz. Viva o meu Dom Satanás!

MEFISTÓFELES

Vedo que nunca mais tal nome se me dê.

A FEITICEIRA

Pois que mal lhe fez ele? explique-se: porquê?

MEFISTÓFELES

Nome é que anda há já muito entre outros mil escritos no volumoso rol das fábulas e mitos.

*(A Fausto)*

Coisas da espécie humana: o gênio mau proscvem e ficam-se com os maus; a esses não se atrevem.

*(À Feiticeira)*

Chama-me se te apraz "Barão!" "Senhor Barão!" Não há mais que dizer. Fico um fidalgarrão como os do sangue azul. Quanto eu sou nobre, escuso encarecer-te o; e aí vão as armas do meu uso!

*(Faz certo acionado.)*

A FEITICEIRA *(rindo a bandeiras despregadas)*

Ah ah ah ah!

Ih ih ih ih!

[61] "Mefitófeles é a personificação do lado "obscuro" da existência humana, é o desejo da transgressão. Ele significa o que se põe para confrontar o estabelecido, a tradição, ou seja, a idéia do novo. É a exigência da ação, da tomada de movimento, já que ele exige a destruição do estabelecido para que haja renovação. Por isso ele representa o Mal, querendo se divertir à custa dos homens, acaba fazendo o Bem, mesmo querendo fazer o Mal, pois a transgressão impulsiona os homens para o progresso e para o desenvolvimento. Ele é a corrupção, a desvalorização e superação que impulsiona para o novo." (KONESKI,1999)



Nunca vi, não há,  
não há, nunca vi  
brejeiro maior!  
Tratante, tratante!  
Em moço, tunante;  
em velho, pior!

MEFISTÓFELES (*a Fausto*)

Repare, meu amigo e aprenda! Esta a maneira  
como deve tratar com a súcia feiticeira.

A FEITICEIRA

Que desejam agora estes senhores?

MEFISTÓFELES

Mando

que nos tragas já já um copo trasbordando  
da sabida mistela, e quanto mais anosa  
a tiveres, melhor, mais eficaz.

A FEITICEIRA

Gostosa  
obedeço já já.

(*Tira uma garrafa e um copo*)

Nesta garrafa tenho  
com que dar ao seu mando ótimo desempenho.

Desta é que eu muita vez mato o bicho. Fortum  
nem por onde ele passe. Um copo! e mais do que um  
se quiser, essa é boa!

(*Baixo a Mefistófeles*)

Olhe que o sujeitinho,  
se traga aquilo assim como quem bebe vinho,  
sem se ter preparado, estoura antes de uma hora,  
bem sabe.

MEFISTÓFELES (*baixo à Feiticeira*)

O teu receio é mal cabido agora.  
Eu sou amigo dele e não lhe quero a morte.  
Podes-lhe dar sem medo o que haja de mais forte  
no teu laboratório. A la obra, presto, a la obra!  
Risca-me nesse chão o círculo da cobra.  
Reza lá o conjuro, e dá-lhe um copo cheio.

(*A Feiticeira com solenes ademãos, risca um círculo e põe-lhe dentro coisas esquisitas. Para logo principiam os utensílios e os copos a traquinar, com certa afinção. Traz afinal um grande livro. Mete no círculo os cercopitecos. Um deles fica a servir-lhe de estante. Os outros archotes tirados da canastra, e que per si se acenderam simultaneamente. A Feiticeira acena a Fausto, que se lhe acerque*) [62]

FAUSTO (*a Mefistófeles*)

Mas tudo isso a que vem? Patranhas vãs! Descreio  
de quanto vejo aqui: visagens estudadas,  
imposturas sem sal, tontices, meros nada.  
Sei tudo isso de cor; tenho-lhe nojo.

MEFISTÓFELES,

Asneira!

É forte bravejar contra uma brincadeira!  
Pois não vês que a mulher não faz em tudo aquilo  
senão seguir à risca o medical estilo?  
para que te aproveite e preste a beberagem,  
põe muito palavrão, muitíssima visagem.

A FEITICEIRA (*empurra Fausto para dentro do círculo; e põe-se a ler no livro, declamando com grande ênfase*)

Agora me explico,  
Do um, dez fareis;  
o dois deixareis;  
o três uguareis;  
e já sondes rico.



62] Antes da perseguição aos pagãos ocorrida na Inquisição, todos os rituais de bruxaria eram realizados em meio à natureza, geralmente no interior de círculos de pedras, semelhantes a Stonehenge. Porém, quando começou a perseguição à bruxaria, esses locais foram destruídos e os rituais de feitiçaria passaram a ser realizados em locais mais protegidos. Foi a partir daí que o círculo mágico passou a ser utilizado nos rituais da bruxaria. Traçar um círculo mágico precede qualquer ritual e significa estabelecer uma ponte entre o mundo físico e o mundo espiritual, entre o visível e o invisível.

Lançar quatro fora.  
Dos cinco e dos seis,  
sete e oito fareis.  
São estas as leis,  
e andai-vos embora.  
E os nove são um;  
e os dez são nenhum.  
E tenho acabada,  
segundo cumpria,  
toda a tabuada  
da feitiçaria.

FAUSTO (*a Mefistófeles*)

Ela estará com febre? A modo que extravagava.

MEFISTÓFELES

Ai! de pouco se admira. Inda por ora a saga  
do intróito não passou; e todo o calhamaço  
vai no mesmo teor. Eu já o li de espaço;  
por sinal que até fiz sobre o seu conteúdo  
o estudo mais cabal, mais sério, mais miúdo,  
do que vim a inferir o que lhe exponho franco:  
no que é contraditório, o sábio fica em branco,  
assim como o ignorante. Esta arte, meu amigo,  
é velha e nova; há nela, a par do imenso antigo,  
algo também moderno. Inda não houve idade,  
que, a bem de traficar com a pobre humanidade,  
não andasse a espalhar, com rara impavidez,  
erros de três por um, ou erros de um por três.  
Onde havia ensinar-se o claro, o verdadeiro,  
mentiu-se adrede ao vulgo estúpido e crendeiro.  
Contra a superstição e audácia, era preciso  
combater e suar; e a gente de juízo  
preferiu sempre a tudo um bom viver pacato.  
Nos mortais em geral dá-se um pendor inato  
para absorverem crença. Era melhor primeiro  
pensar, e crer depois; crer só no verdadeiro.

A FEITICEIRA (*continuando*)

A potência da ciência  
que anda oculta em névoa escura,  
só revela a sua essência  
ao mortal que a não procura.

FAUSTO

Que absurdo nos diz ela? A tantos disparates  
já se me oura a cabeça; oitenta mil orates  
não doidejavam mais. [63]

MEFISTÓFELES

Nobre sibila, basta!  
Venha o copo e bem cheio. Um homem desta casta,  
um famoso Doutor em tanta faculdade,  
pode beber sem risco e sem dificuldade.  
Mal imaginas tu que tragos de alto engodo  
ele já tem provado.

(*Notando em Fausto alguma hesitação, continua.*)

Abaixo! abaixo! Todo!  
Animo! escorripicha! E tu verás em breve  
como esse coração bate contente e leve.  
Ora gosto de ti! Convives com o demônio  
*tu cá, tu lá,* e agora estás como um bolônio  
com medo a um fogachinho!

(*Fausto acaba de beber resolutamente o copo apesar de saírem dele pequenas  
chamas.*)

(*A Feiticeira desfaz o círculo. Fausto sai dele.*)

Estás liberto. Agora,  
exercício que farte.



63] Fausto menospreza as palavras sem nexos que a bruxa proclama, mas no fundo a irracionalidade da feitiçaria será sua solução para a juventude. Toda sua coerência de pensamento derivado de sua racionalidade não conseguiu solucionar nenhuma dúvida ou angústia de Fausto, mas um amontoado de irracionalidades resolverão seu problema de idade com facilidade.

A FEITICEIRA  
Em muito boa hora  
que tomasse o meu filtro.

MEFISTÓFELES (*à Feiticeira*)  
E tu, se me quiseres  
alguma coisa, velha, é bom que lá me esperes  
na Valburga esta noite.

A FEITICEIRA (*a Fausto*)  
Aprenda outra cantiga  
antes de se ir embora; e é dádiva de amiga.  
Toda a vez que a entoar, há de sentir no peito  
um certo não lho digo; enfim um certo efeito

(*Fausto dá-lhe costas enjoado, com ar depreciativo*)

MEFISTÓFELES (*a Fausto*)  
Vem comigo, eu te guio. Afim de que a poção  
no interior e por fora opere a sua ação,  
não há que estar à espera; é necessário e urgente  
medir terra, correr, suar copiosamente.  
Depois te ensinarei como se logra a vida  
no suave *far niente* em flores envolvida,  
e como o deus de amor brinca, borboleteia,  
e oferta aos lábios mel pela áurea taça cheia.

FAUSTO (*querendo tornar-se ao espelho*)  
Deixem-me inda uma vez mirar nesse brilhante  
venturoso cristal a que é sem semelhante,  
da graça o *non plus ultra*. [64]

MEFISTÓFELES  
À fé, que a imagem dela  
era de todo o ponto e em todo o extremo bela;  
mas que não dirás tu, em vendo o original?  
vivinho! em carne e osso! ao pé de ti!

(*À parte*)  
Que tal!  
Com a dose que tomou, qualquer mulher que aviste  
vai julgá-la outra Helena.

Ah, sábio, enfim caíste! [65]

(*Na cena seguinte, Fausto já estará rejuvenescido. Para garantir a continuidade da ação, faz-se necessária uma cena simbólica que represente este processo. Uma possibilidade é a simples troca de vestimenta de um mesmo ator. No caso da troca de atores, uma referência encontra-se na peça "Os Sertões – O homem II", de José Celso Martinez Corrêa, na qual a passagem do jovem Antônio Conselheiro para a velhice se dá por meio da interação explícita entre os dois atores, o jovem e o velho, em uma representação poética da relação entre as idades do homem*)

64] *Non plus ultra*, do latim: Não ultrapassar. Inscrição presente nos antigos mapas para indicar os limites da navegação. Aqui utilizado por Fausto para enunciar o ponto em que a beleza não pode ultrapassar: Helena.

65] Mefistófeles encanta Fausto com a imagem de Helena, a mulher perfeita segundo a concepção clássica, na tentativa de derrubá-lo à vida terrena. Pode se comparar Fausto a Adão que, segundo relato bíblico, foi condenado a vida terrena por influência de uma mulher, ou seja, por influência de Eva ele teria comido o fruto proibido por Deus e condenado a humanidade a ficar privada da perfeição e da perspectiva de vida eterna.

A taça reaparece, depois da tentativa de suicídio de Fausto, como um novo veículo para a morte, mas aqui trata-se de uma morte simbólica: o Fausto sonhador morrerá para dar lugar ao Fausto Amador.

## CENA V

*CENA DE TRANSIÇÃO. Do original, vista de rua. FAUSTO, já remoçado, MARGARIDA, que vai passando. Depois, MEFISTÓFELES.*

FAUSTO

Minha linda fidalga, dá licença  
de oferecer-lhe o braço e acompanhá-la?

MARGARIDA

Senhor, nem sou fidalga, nem sou linda.  
Vou para casa só, perfeitamente. [66]

*(Dá-lhe costas, e sai)*

FAUSTO *(só)*

Vive Deus! que formosa criatura!  
Nunca vi coisa assim. É tão sisuda,  
tão bela! Tem de mau só a esquivança.  
Nunca me hão de esquecer em toda a vida.  
o carmim da boquinha, a cor das faces!  
Aquele abaixar de olhos, que profundo  
que se gravou cá dentro! E as respstinhas  
tão concisas! Encanto como aquele  
não quero eu que haja outro. [67]

*(Entra MEFISTÓFELES.)*

FAUSTO

Uma palavra:  
Arranjas-me a pequena?

MEFISTÓFELES

Eu! qual?

FAUSTO

Aquela  
que por aqui passou não há minutos.

MEFISTÓFELES

Ah, sim, sim: essa vinha do confesso,  
por sinal que o padreca lhe lançara  
o te absolvo dos pecados todos,  
o que eu sei de raiz, porque à sorrelfa  
pelo confessorário ia passando.  
Se há inocência é aquilo; escrupuliza  
de uma aresta que seja, e não sossega  
sem ir desabafar aos pés do padre.  
Naquela nada posso.

FAUSTO

O quê! pois ela  
não tem já seus quatorze? [68]

MEFISTÓFELES

Ui! Já lá vamos,  
meu Dom João de obra grossa? Pelos modos,  
onde houver flor é sua; o privilégio  
de colher honras e estrear carícias  
é só deste senhor. Contas são essas,  
que ao enfiar às vezes se escangalham.

FAUSTO

Mestre falastrão! Deixemos regras.  
Digo-lhe isto, e mais nada. Se esta noite  
não abraço a moçoila, ao dar das doze  
acabou-se o contrato.

MEFISTÓFELES

Ao que me pede  
não chega a minha alçada. Quinze dias  
gastarei eu no esquadrihar os azos.

66] “A santa se desvia apavorada do voluptuoso: ela ignora a unidade que existe entre as paixões inconfessáveis deste último e suas próprias paixões.” (BATAILLE, 2004)

67] Fausto poderia possuir qualquer mulher, mas escolheu a mais casta. Ele está sempre a desejar o inatingível, o mais difícil de alcançar. A pulsão do desejo é uma resposta ao seu espírito irreconciliado. Como argumenta Bataille “A interdição está aí para ser violada”, há na natureza do homem que descobriu sua individualidade uma necessidade de transgredir os limites. O erotismo é uma experiência que depende de seu aspecto proibido e o sagrado e nasce justamente desse sentimento de violação, de profanação de seu objeto.

68] Margarida é o símbolo da castidade e da devoção. Em sentido diverso ao de Fausto, ela também serve a um Deus, mas é o Deus cristão, o Senhor, o deus dos dez mandamentos. Margarida se submete completamente a Sua moral: Mefistófeles nada pode contra tal devoção. Fausto se espanta com tal impotência pois Margarida não é mais uma criança, uma *inocente*: como mulher, responsável por si, ela seria suscetível à influência de Mefistófeles.

FAUSTO

Com sete horas, não mais, se as eu tivesse,  
era capaz de haver a franganota,  
sem precisar ajudas de diabos.

MEFISTÓFELES

Galra, que nem francês. Mas piano, piano!  
Gozar logo à primeira, é parvoíce.  
O verdadeiro, o fino, é quando um homem  
amassa de princípio, amolda, ajeita  
com mil quindins a sua bonequinha;  
do que dão fé novelas estrangeiras.

FAUSTO

Bom apetite escusa especiarias.

MEFISTÓFELES

Mas sério, sério, a moça, inda o repito,  
não é dessas, que amor leva d'assalto;  
precisa-se estratégia. [69]

FAUSTO

Vê se ao menos  
me trazes desse angélico tesouro  
uma prenda qualquer. Leva-me ao quarto  
em que pernoita. Brinda-me com um lenço  
que lhe velasse o peito, com uma liga  
que lhe cingisse a curva torneada... [70]

MEFISTÓFELES

Bem! Para lhe provar quanto desejo  
dar algum lenitivo a tais ardores,  
levo-o sem mais tardança ao quarto dela.

FAUSTO

A vê-la? a possui-la?

MEFISTÓFELES

É cedo, é cedo.  
Saiu a visitar certa vizinha;  
portanto pode, a sós inteiramente,  
chamar a casa sua; e antegozando  
já no ânimo outros bens, inebriar-se  
a faltar na atmosfera do seu anjo.

FAUSTO

Vamos já?

MEFISTÓFELES

Dentro em pouco.

FAUSTO

Hás de arranjar-me  
algum dom que lhe eu leve.

(*Sai.*)

MEFISTÓFELES (*só*)

Já presentes?!  
Macacão! sabe-a toda! Agora digo  
que a tem na palma, e breve. O meu canhenho  
reza de mil tesouros enterrados.  
Vou-me à busca de algum que lhe encha o olho.

69] Como ocorre a Fausto, Margarida é imune aos sortilégios do demônio. Aos dois, Mefistófeles precisará enredar indiretamente: precisará realizar seus desejos para seduzi-los, deixá-los ir por conta própria rumo ao profano.



70] Fausto obedece as suas vontades, aos frutos de sua insatisfação. Ele já não busca transcender o humano em prol de um ideal maior, mas age conforme suas paixões, navega ao sabor de sua inquietação, novo motor para suas ações. Violar o quarto da donzela é obedecer à sua natureza inconclusa, é assumir o que lhe falta como objeto de seu desejo, seja ele o sexo oposto ou os espaços que lhe são interditados. É preciso lembrar que Fausto remoçou, iniciou uma nova vida como novo corpo, um corpo disposto a enfrentar o mundo e suas sensações. Só com tal renascimento que essa profunda mudança de interesses seria possível.

## CENA VI

*Quarto pequeno e limpinho. Uma porta ao fundo, outra ao lado, e janela do oposto. Uma mesa composta, com o seu pano. Um engenho de fiar. Um armário com chave. Um leito com cortinado. Uma poltrona. Um espelho. MARGARIDA, FASUTO e, depois, MEFISTÓFELES.*

MARGARIDA, *(acabando de arranjar as tranças)*

Tomara ainda saber quem era o cavalheiro!  
Presença mais gentil! E o rosto? verdadeiro  
retrato de um fidalgo. Até no atrevimento  
bem demonstrou que o era.

*(Vai-se pela porta do lado, fechando-a por fora à chave. FAUSTO e MEFISTÓFELES, passado pouco tempo da saída de Margarida, entram pela porta do fundo.)*

MEFISTÓFELES

Está-lhe no aposento,  
Doutor! Entre animoso e sem ruído.

FAUSTO *(após algum silêncio)*

Peço  
que me deixes sozinho.

MEFISTÓFELES *(pesquisando por todos os cantos)*

Inda não vi, confesso,  
casa de rapariga em tão completo arranjo!

*(Sai)*

FAUSTO *(só, lançando os olhos à roda de si)*

Clarão crepuscular, bem-vindo ao céu deste anjo!  
Descei-me ao coração, mágoas de amor mimosas,  
que a esperança alimentais como o rocío às rosas.  
Ave do paraíso, em teu cerrado ninho  
não vejo senão paz, contentamento, alinhado.  
Oh! que rica pobreza, oh! que prisão risonha! [71]

*(Dá consigo para cima da poltrona de couro, que está ao pé da cama. Fala com a poltrona.)*

Permite que um estranho o peso em ti deponha  
da ventura que o enche e o assoberba. Amigo,  
que em teus braços fieis, desde o bom tempo antigo,  
constante hás acolhido os gostos e os pesares  
de cada possuidor destes quietos lares;  
hereditário trono, enquanto aqui repousas,  
que de ranchos pueris, volúveis mariposas  
te haverão rodeado a rir de idade a idade!  
Aqui, a que hoje admiro esplêndida beldade,  
viria em pequenina, afável, jubilosa,  
em noite de Natal beijar a mão rugosa  
do avô, e agradecer-lhe os bolos de regalo  
com que ele a alvoroçava ao cantar do galo.  
Ai, virgem graciosa, aqui neste recinto  
como que andar-me em torno a cicizar pressinto  
essa alma arranjadeira, amena, dadivosa,  
que te inspira qual mãe, te ensina cuidadosa  
a pôr na limpa mesa o seu pano asseado,  
e a realçar com a areia o piso escasqueado.  
Cara mão divinal,  
fazes de uma choupana um Éden terreal. [72]

*(Levanta-se, e corre a cortina do leito)*

E aqui! aqui! Não sei de que ávida tremura  
padeço e gozo o assalto. Ai, sonhos de ventura,  
durai-me, se podeis, por horas esquecidas.  
Foi aqui, puro amor, que uniste duas vidas  
num êxtase dos teus, e à terra a glória deste  
de obter, fruto de um beijo, um serafim celeste.  
Aqui jazeu criança, arfando o terno seio  
de vivaz sangue ardente e de porvir tão cheio,  
e aqui foi pouco a pouco enfim, toda pureza,  
unindo em si os dons da perenal beleza,

*(Fala indignado consigo mesmo)*

71] Goethe evidencia em Fausto sua influência romântica com um sentimentalismo exagerado, a idealização da mulher amada – elevada ao plano do divino – e o amor impossível. Assim, veremos a solução para o impasse romântico ou em um final feliz, onde o amor supera as barreiras sociais, ou em um final trágico em que a morte se coloca como única saída.



72] Evidente que a disposição de Fausto ao platonismo se transferiu ao amor: para desejar uma mulher, ela precisa se tornar um objeto idealizado, inalcançável. Seu quarto é um Éden e ela é uma virgem, uma santa, ainda intocada. Mas o platonismo aqui adquiriu outra feição: Fausto saboreia cada momento da falta que constata, aceita a sua impotência em conquistar o objeto amado.

A que vieste aqui? Todo eu sou comoção.  
Que intentas? Que pesar te oprime o coração?  
Já não és, pobre Fausto, o mesmo que eras dantes.

.....  
Terá magia este ar? Eu, que inda há dois  
instantes aos deleites carnis voava audaz, faminto,  
como é que num relance enternecer-me sinto?  
Somos acaso nós e os nossos sentimentos  
um vil juguete do ar, qual chama exposta aos ventos?

.....  
Mas se ela agora entrasse! Idéia qual seria  
a justa punição de tanta aleivosia!  
Cair-lhe-ias aos pés, convulso, fulminado,  
bravo Dom João Tenório em Jan Ninguém tornado!

*(MEFISTÓFELES entra correndo da porta do fundo.)*

MEFISTÓFELES *(açodado)*  
Fuja, que já vem perto.

FAUSTO  
E é de repente. Juro  
nunca mais arriscar-me a semelhante apuro.

MEFISTÓFELES  
Aqui lhe trago um cofre, e não é nada leve.  
Pilhei-o onde eu cá sei. Meta-o no armário, e breve!  
Afirmo-lhe que a moça em vendo o conteúdo,  
fica fora de si. Não faço rol miúdo  
por não no demorar. São certas prendasitas  
que vencem geralmente a feias e a bonitas,  
Sei que esta é doutra massa... Adeus! toda a criança  
é criança, e um bonito é sempre uma festança. [73]

*(Abre-o e mostra-o de relance a Fausto, sem que os espectadores vejam o conteúdo)*

FAUSTO  
Não sei se devo ousar...

MEFISTÓFELES  
E inda o pergunta?... salvo  
se prefere deixar a rapariga em alvo,  
e fugir com o presente; e acho que assim faria  
muito melhor negócio: o tempo que perdia,  
gasta-o a passear; e eu cá lucro igualmente  
em não aturar mais um amo impertinente.  
Dou que isso no Doutor não vem de ser avaro.  
À fé de diabo amigo, eu já não sei, meu caro,  
o que lhe hei de fazer, por mais que esfregue a testa.

*(Põe o cofre no armário e dá volta à chave)*  
Abalar! abalar! Agora o que nos resta  
é deixar livre o campo, e tempo à jovem fada  
para se lhe mudar de esquiua em namorada.

*(Fausto tem-se ido fazendo sorumbático)*  
Que é isso, meu Doutor? Porque se pôs mazombo?  
que chega a atarantar-me? É tal e qual, não zombo,  
a carranca de um lente, indo tomar assento  
no claustro pleno, e ao dar com os olhos no espanto  
do corpo catedral, que é ter diante a Física  
toda como um fantasma, e toda a Metafísica.  
Ponhamo-nos ao fresco. Aí vem a nossa bela  
já perto desta porta.

*(Apontando para a porta do fundo)*  
Aquela! por aquela!

*(Vão-se precipitadamente, enquanto Margarida abre da parte de fora, a porta do lado, e entra.)*

MARGARIDA, *(trazendo na mão uma lanterna, que põe em cima da mesa)*  
Aí que ar abafado de deste quarto agora!

73] “Uma antologia do ‘cofre’ constituiria um grande capítulo de psicologia. Os móveis complexos construídos pelo operário são o testemunho sensível de uma necessidade de segredos, de uma inteligência do esconderijo. Não se trata simplesmente de guardar a sete chaves um bem. Não há fechadura que resista à violência total. Toda fechadura é um convite para o arrombador (...) O poeta vive um devaneio que vela; e, acima de tudo, seu devaneio permanece no mundo, diante dos objetos do mundo. Ele acumula o universo em torno de um objeto, num objeto. Ei-lo que abre os cofres, que condensa riquezas cósmicas num pequeno cofre. Se nele houver jóias e pedrarias, é um passado, um longo passado, um passado que atravessa as gerações que o poeta vai romancear. As pedras falarão de amor, é verdade. Mais também de poder e de destino. Tudo isso é tão maior que uma chave e sua fechadura.” (BACHELARD, 1993)

*(Abre a janela)*

Mas corre bem fresquinha a noite lá por fora.  
Sinto-me não sei como; estou com uns arrepios!...  
Tomara eu já que a mãe... (Credo! olha o mocho aos pios)  
tornasse para casa. É celebre! Esta noite  
chego a não me entender; preciso quem me afoite.

*(Começa a despir-se cantando)*

Reinava em Tule algum dia  
um bom Rei tão fino amante,  
que até morrer foi constante  
à dama com quem vivia.

À hora do passamento  
deixou-lhe ela um vaso d'ouro,  
que foi do Real tesouro  
o mais falado ornamento.

Punham-lho sempre na mesa;  
só por aquele bebia;  
e o choro que então vertia  
causava a todo tristeza.

Vendo o seu termo chegado,  
repartiu pelos herdeiros  
os bens, até aos derradeiros,  
exceto o vaso adorado.

Foi isto em jantar de mágoas  
que El Rei deu à fidalguia,  
em torre herdada que havia  
ao rés das marinhas águas.

Como El Rei houve bebido  
o seu último conforto,  
com o braço já quase morto  
levanta o vaso querido,

e por não deixá-lo ao mundo,  
da janela ao mar o atira.  
Ondeia o vaso, revira,  
enche-se, e desce ao profundo.

No mesmo triste momento  
em que o vaso se abismava,  
o Rei seus olhos cerrava,  
soltando o último alento.

*(Abre o armário para arrumar os vestidos, e dá com os olhos no cofre)*

Quem poria isto aqui! Meu Deus, eu sei de certo  
que não deixei ficar o guarda-fato aberto.  
Parece até milagre. É lindo o cofrezinho.  
Que haverá dentro nele?... Ah!... cuida que adivinho;  
é coisa de penhor que algum necessitado  
traria a minha mãe. Tem um fitilho atado,  
e presa uma chavinha... Abro ou não abro?... Adeus!  
O ver não é furtar. Que escrúpulos os meus! [74]

*(Traz o cofre para cima da mesa e abre-o)*

Que é isto, Pai do céu! Nunca em dias de vida  
vi jamais coisa assim, tão linda, tão luzida.  
E adereço completo! A mais rica senhora  
com isto num domingo, em festa grande, fora  
levar atrás de si o olhar de toda a gente.  
Que bem que este colar aqui

*(indicando a garganta)*

tão refulgente  
me havia de ficar! A quem pertenceria  
tão vistoso tesouro!

*(Enfeita-se com as jóias, e mira-se ao espelho)*

74] A abertura do cofre estabelece um paralelo com a Caixa de Pandora: aqui começa tragédia de Margarida. Fausto transforma seu mundo ao cortejá-la com valiosas jóias, depositando nestes bens materiais uma tênue esperança na moça. Ela vislumbra a mudança de sua condição de submissão na sociedade, dada sua pobreza e feminilidade, descobre uma nova possibilidade de crescer no mundo. Durante sua vida aprendeu a valorizar a alma e abafar o corpo, assim como Fausto, mas sua motivação foram os preceitos da igreja e da sociedade. A riqueza e a paixão de Fausto vão despertar uma inquietude em sua alma perante a vida, fator que vai levá-la à destruição. Neste sentido, a caixa novamente estabelecerá uma interdição: o seu poder de sedução está justamente na possibilidade de sua transgressão.

“Margarida era a personificação de um mundo que na consciência de doutor pertencia à idealidade. (...) Fausto ama esse estado de conservação na pureza na qual se encontra a moça. (...) A descoberta do amor o coloca diante de uma vivência mais rica, de contato com a intuição feminina, com o mundo até então desconhecido. (...) O dinheiro e o poder corrompem o mundo de Margarida. Fausto deposita em seu quarto uma pequena caixa contendo valiosas jóias. (...) margarida efitia-se com as jóias que realçam seu corpo e se olha no espelho. Os momentos de reflexão de Margarida diante do espelho são de plena vivência e a modificam.

[continua]

Eu nada mais queria  
que estes brincos. A gente, assim paramentada,  
até nem parece a mesma. A moça e linda agrada,  
é bem certo; contudo os próprios que a elogiam  
não se matam por ela: apenas principiam  
a lembrar-se que é pobre, os gabos da lindeza  
já vão juntos com o dó. Coitada da pobreza!! [G]

Este seu olhar para o espelho  
tem uma conotação totalmente  
diferente dos momentos  
anteriores. Margarida se vê de  
outra maneira, ela se  
transformou. Adquire uma  
consciência crítica de todo seu  
redor e não se adaptará mais a  
aldeia.” (KONESKI, 1999)

[G] A tragédia de Margarida é desenvolvida em cenas de profundidade intelectual muito menor do que os monólogos do começo do drama. Algumas delas levam o leitor a duvidar da força dramática da tragédia de Goethe, como são os casos de monólogos líricos de Margarida e diálogos com sua amiga repressora e sua vizinha alcoviteira, dão um tom melodramático à peça. Desta forma, o trecho romântico foi reduzido ao essencial, mantendo o interesse do espectador e permitindo a visão lacônica da história trágica de amor.

## CENA VII

CENA DE TRANSIÇÃO. Do original, rua. FAUSTO vai e vem meditando. MEFISTÓFELES.

MEFISTÓFELES (*acercando-se furioso a Fausto*)

Voto ao falsear no amor! Voto às essências  
do meu reino infernal!... e votaria  
praga maior, se me lembrasse. Voto...

FAUSTO

Que tens? quem te fez mal? Nunca vi cara  
de tanto desespero.

MEFISTÓFELES

Hoje ao diabo,  
se o eu não fosse, me daria eu próprio.

FAUSTO

Que pancada na mola! Acho pilhéria  
nesse teu bravejar.

MEFISTÓFELES

Faça de conta  
que o ladrão de um sotaina...

FAUSTO

Um padre?

MEFISTÓFELES

Um padre:

abafou à pobre Margarida  
quanto o Doutor lhe dera. Aí vai a história:  
Entra-lhe a mãe no quarto; avista as jóias,  
e enche-se de terror. É que a velhusca  
tem um faro! Como anda de contínuo  
afocinhada no seu livro de Horas,  
só por esse futum distingue à légua  
se o cheiro que lhe vem de cada coisa  
é santo, ou cá dos meus. Por conseguinte  
pronta aventou nas jóias do adereço  
cheirarem pouco a céu:  
- “Digo-te, filha  
- resmungou - que os bens mal adquiridos  
peste são d’alma e corpo. O mais seguro  
é dar-mo-los de oferta à Mãe Santíssima,  
e a benção do Senhor será conosco!”  
A Margarida, um tanto amuadinha,  
pensou consigo, a sós:

“Cavalo dado,  
*et cetera*. E quem nos manda um tal presente,  
de um modo tão cortês, não dá motivo  
para o crermos perverso.”

A mestra abelha  
sempre à cautela foi chamando o padre.  
Este, apenas ouvida a brincadeira,  
quis ver; alvoroçaram-se-lhe os olhos,  
e exclamou:

- “Sim senhora, isso é que é honra!  
Quem se vence é que vence. A madre igreja  
esmói bem, Deus louvado; engole reinos  
sem ter indigestão. Só ela pode,  
minhas caras irmãs, tragar sem risco  
riquezas mal ganhadas.” [75]

FAUSTO

Quanto a isso  
tem companheiros. Um judeu, podendo,  
e um Rei lêem pelo mesmo breviário.

MEFISTÓFELES (*continuando*)

E ato contínuo, foi chamando ao bolso



75] A devoção de Margarida a Deus exige que ela “se vença”, que negue seus desejos em prol da moral. É inevitável o paralelo com Fausto em seu estúdio, reprimindo suas vontades em busca da perfeição. Ambos servem, a sua maneira, a Deus e sofrem por isso, eles carregam consigo uma constante insatisfação.

Ainda uma última comparação: a busca pela verdade absoluta não é a busca por um motivo ou força exterior ou anterior ao homem que explique e justifique suas ações? Não é, por fim, a procura por uma moral dogmática? O platonismo ideológico de Fausto não equivale à moralidade de Margarida?

afogador, anéis, pulseiras, tudo  
como coisas de nada, um cabazinho  
de avelãs chochas. Deu-lhes por seguros  
mil prêmios na outra vida, e pôs ao fresco,  
deixando-as grandemente edificadas.

FAUSTO

E a Margarida? a Margarida?

MEFISTÓFELES

Ai! essa

lá está sentada a malucar sozinha,  
sem saber o que deva, ou que resolva.  
Não lhe saem da idéia as louçainhas,  
e menos quem lhas deu.

FAUSTO

Portanto pena;  
e eu por ela também.

*(Pausa, com ânimo renovado)*

Arranja as coisas a meu gosto. Ouviste? [H]

MEFISTÓFELES

Cáspite, que impaciência! A rapariga  
dá-se a partido em breves audiências.  
Na própria desta noite hão de avistar-se  
em casa da viúva, a mais de molde  
que nunca vi para um papel promíscuo  
de terceira e cigana.

FAUSTO

Aprovo.

MEFISTÓFELES

Em câmbio  
põe-nos um embaraço.

FAUSTO

É muito justo:  
uma mão lava a outra.

MEFISTÓFELES

Havemos ambos  
de jurar ao juiz, em como a ossada  
do homem dela repousa em terra benta,  
em Pádua.

FAUSTO

É providente a mulherzinha;  
mas então claro está que antes da coisa,  
temos de ir ver em Pádua a sepultura.

MEFISTÓFELES

Santa simplicidade! O que é preciso,  
é *jurar* que se viu,

FAUSTO

Se não me alvitras  
coisa melhor, gorado está o ajuste.

MEFISTÓFELES

Beatíssimo varão! Gosto do escrúpulo.  
Pois nunca nunca, em toda a sua vida,  
deu testemunho falso?  
Que de vezes  
não haverá, com magistral entono,  
coração firme e intrépido semblante,  
declarado o que é Deus! aberto o arcano  
do mundo e das miríades dos entes  
que o povoam! do homem, com o sem conto  
de afetos, de paixões, de pensamentos,  
que na alma e coração lhe tumultuam!

H] Seguia um diálogo em que Fausto ordenava a Mefistófeles que arranjasse nova jóia com que presentear Margarida e, a este diálogo, uma cena em que Margarida se aconselha com a vizinha Marta se deve ficar com as jóias e Mefistófeles entra na ação e as envolve em sua conversa persuasiva para marcar um encontro entre os futuros amantes. Cena dispensável para o entendimento do drama. Com vistas a compensar o lapso temporal entre os dois diálogos (aqui fundidos) entre Mefistófeles e Fausto, algumas linhas foram intencionalmente suprimidas, garantindo coerência e integridade aos eventos descritos.

Meta, bem dentro, a mão na consciência,  
e diga-me se tinha dessas coisas  
mais noção que da morte do Espadinha?

FAUSTO

És, foste, e hás de ser sempre um mentiroso,  
e um sofista de marca.

MEFISTÓFELES

É isso: ápodos,  
porque antevejo o que o Doutor não pesca:  
que amanhã, por exemplo, o escrupuloso  
há de enganar, jurando-lhe mil honras,  
e amores mil, a pobre Margarida.

FAUSTO

E a la fé que não minto em protestar-lhos.

MEFISTÓFELES

Bravíssimo! Portanto essas constâncias  
sem limite, esse afeto incontrastável,  
tudo isso que a tristinha há de engolir-lhe...  
tudo lhe há de brotar da consciência?

FAUSTO

Há de sim; não mo impugnes. O que eu sinto!  
este meu alvoroço! nem rastreio  
como lhe chame. Busco-lhe nas línguas  
de todo o mundo um nome, e não lho encontro.  
Excogito as hipóboles mais anchas,  
infundo, imenso, eterno, mais que eterno,  
e tudo é curto, e nada iguala ao fogo  
que arde aqui dentro... De infernal engano  
darás título a isto?

MEFISTÓFELES

*E pur si muove!* [76]

FAUSTO

Basta de me esfalfares. Quem por força  
quer vencer, e tem língua que não cansa,  
fica sempre de cima. Estou já farto  
do teu bacharelhar.

Não disputemos:  
tens razão, tens.

Não fora a dependência...!

76] Ou “Eppur si muove”. Do latim: “Todavia se move”. Foi a frase proferida por Galileu Galilei ao renunciar a teoria heliocêntrica frente ao tribunal da Inquisição. Em essência, ela significa que, apesar dos dogmas e de sua renúncia, a Terra ainda se movia e a verdade científica ainda era válida, independente da fé ou da arbitrariedade.

Mefistófeles a cita para mostrar a Fausto que, apesar de sua fé na sinceridade de seu amor à Margarida, nada não mudaria o fato de que Fausto a seduziria. Ou ainda, anteriormente, que apesar de sua autoridade de Doutor, Fausto apregoara verdades ilusórias sobre temas que, apesar de seus estudos, nunca desvendara. Tudo para desmontar em Fausto sua convicção na própria honestidade, para que mentisse a Marta sobre a morte do marido, o Espadinha.

### CENA VIII [1]

*Local bucólico da cidade, uma praça ou jardim público arborizado. MARGARIDA, FAUSTO, MARTA, e MEFISTÓFELES. (Esta cena complexa é ordenada do seguinte modo: Formam-se dois grupos: Margarida, de braço dado com Fausto; Marta com Mefistófeles. Estes dois pares, cada um dos quais trata assunto inteiramente desligado do outro, passeiam desencontradamente. Cada um deles, tanto ao aproximar-se, como já defronte dos espectadores, diz as respectivas falas, enquanto o outro mais distante, só pelos gestos se conhece que está conversando.)*

MARGARIDA *(pelo braço de Fausto)*

Por ver que eu nada sei, é que o senhor só usa  
dessas falas tão chãs. Sinto-me até confusa  
da minha estupidez. Um sábio viajante  
tratar tão mão por mão com uma pobre ignorante!  
É força de bondade! [77]

FAUSTO

O que te sai dos lábios,  
o que te luz no olhar... diz mais que dez mil sábios  
para o meu coração.

*(Beija a mão dela)*

MARGARIDA

Jesus! Não se incomode,  
meu senhor! Mão grosseira assim, como é que a pode  
beijar um cavalheiro? Em casa não há lida  
para que a minha mãe não chame a Margarida:  
então bem vê que as mãos...

*(Vão se afastando da platéia, enquanto o outro par vem se aproximando)*

MARTA

Não sei como se atura  
andar sempre a viajar.

MEFISTÓFELES

Tive esta sina escura;  
que lhe quer? é dever; segui esta carreira.  
Deus sabe quanta vez, por mais que um homem queira  
dilatarse num sítio, a atroz necessidade  
o arroja para longe, e zomba da saudade!

MARTA

Nos anos verdes, vá; lá pode achar-se gosto  
no andar correndo mundo; agora, no sol posto,  
quando já vem caindo as sombras da velhice,  
acho eu que um solteirão, que não se prevenisse  
de um arrimo de amor, enquanto a idade o aprova,  
para depois descer manso e chorado à cova,  
grande pesar curtira.

MEFISTÓFELES

Essa aflição tardia  
já só de a imaginar me assombra de agonia.

MARTA

Então não perca tempo!

*(Se afastam, enquanto o outro par se aproxima)*

MARGARIDA

Ah! sim, longe da vista,  
longe do coração. Por mais que afirme e insista,  
não me há de convencer de que esses seus louvores  
passem de um cumprimento usual entre senhores.  
Por força que há de ter no rol da gente imensa  
com quem trata e convive, e que aprendeu e pensa,  
quem discorra melhor de que eu, que não sei nada,

FAUSTO

Crê, crê, mulher sem par, que vives enganada.

] Segue-se uma cena lírica e bucólica, mas importante para manter a coerência do texto. Será a primeira conversa entre Fausto e Margarida, iniciando o envolvimento amoroso dos dois.

77] "ao longo do século XIX, a tragédia de Margarida, no fecho da primeira de Fausto, foi considerada como o coração da obra; foi imediatamente canonizada e celebrada vezes sem conta como uma das grandes histórias de amor de todos os tempos. Leitores contemporâneos e espectadores, porém, mostraram-se algo céticos e impacientes com esta história exatamente por alguns dos motivos pelos quais os antigos a amaram: a heroína de Goethe é simplesmente demasiado boa para ser verdadeira – ou para ser interessante. Sua singela inocência e sua pureza imaculada pertencem mais ao mundo do melodrama sentimental que da tragédia. Contudo, eu gostaria de propor que Margarida é uma figura mais dinâmica, mais interessante e mais genuinamente trágica do que estamos habituados a supor. Sua força e profundidade se mostrarão de modo mais nítido se encarmos o Fausto de Goethe como uma história, e uma tragédia, do desenvolvimento." (BERMAN, 1986)

Bastas vezes no mundo o nome de ciência  
é coroa da vaidade, e véu da insipiência.

MARGARIDA  
Não percebo.

FAUSTO  
Faz dó ver a simples candura  
ignorar sua ingênua e santa formosura.  
Pródiga natureza! A modesta humildade  
é o mais formoso dom que háis feito à humanidade! [78]

MARGARIDA  
Acha que hei de lembrar-lhe alguma vez por lá?  
Eu cá, não se pergunta; a mim não se me dá  
de nada mais no mundo; então...

FAUSTO  
Vives sozinha  
quase sempre?

MARGARIDA  
Isso vivo. A casa é pobrezinha,  
mas dá bem que fazer. Como não há criada,  
sou eu só quem faz tudo, e nunca estou parada.  
Eu lido na cozinha, eu varro, eu coso, eu fio,  
eu recados por fora... em suma, um corropio  
de manhã até à noite. A mãe, coitada, quer  
ver tudo num brinquinho; e se eu lho não fizer  
não sei como há de ser; que em realidade a gente  
não tinha precisão de andar eternamente  
metida nesta frágua. O meu pai, que Deus tem,  
deixou, graças a Deus, com que passarmos bem,  
e melhor do que alguns que estão à boa vida  
fazendo mais figura. A conta, se duvida,  
é fácil: ademais da casa, nosso ninho,  
temos no arrabalde um lindo quintalinho.  
Vivo em paz, isso vivo; agora mui contente  
não direi. Meu irmão tem praça, e vive ausente;  
e a minha irmã pequena está no céu... Que linda  
que era aquela criança! e o que eu a amava! Ainda  
oh! permitisse-o Deus, aceitava com ânsia  
as canseiras que tinha em na velar na infância.

FAUSTO  
Sendo ela como tu, melhor dizer podias  
um anjo a velar outro.

MARGARIDA  
Lembram-me esses dias  
como uma primavera; a sua inseparável  
fui eu sempre, e ela a minha; o risinho amorável  
com que ela me pagava as festas e as carícias!  
Servi-la para mim era colher delícias.  
Quando ela veio à luz, tinha já falecido  
o nosso pai; a mãe, com a pena do marido,  
esteve vai não vai, tão mal tão mal, que espanta  
como pôde arribar; graças à Virgem Santa,  
lá foi a pouco e pouco enfim convalescendo;  
já vê que nesse tempo era impossível, tendo  
tão pouca força ainda, haver sequer lembrança  
de empregar-se em tratar da pobre da criança;  
quem a esteou fui eu, só eu, com água e leite;  
medrou, medrou, medrou, que o vê-la era um deleite;  
pois quando eu a trazia ao colo, ou do regaço  
lhe fazia bercinho?! aquilo é que era um passo:  
vê-la rir, espernear, crescer. [79]

FAUSTO  
Assim tiveste  
o bem dos bens do mundo.

78] De cientista vaidoso a  
entusiasta da humildade e da  
frugalidade, este é o  
deslocamento de Fausto.  
Margarida vive naquele estado  
descrito por Mefistófeles na  
cozinha da bruxa: trabalha e  
vive da terra. Ela realizaria o  
ideal de uma vida orgânica, não  
fosse o ideal da castidade e da  
devoção.

79] É profunda a inversão pala qual  
passará Margarida através de  
seu romance com Fausto. Em  
sua vida pregressa, cuidou de  
um filho que não era seu. Foi  
mãe e virgem, foi santa. Mais a  
frente, seu processo de  
libertação a levará a matar o  
próprio filho, fruto de seu  
romance com Fausto.

MARGARIDA

Um bem quase celeste,  
certo é, porém rajado às vezes de tormentos:  
com o berço ao pé da cama, a quaisquer movimentos  
que a menina fazia, aí estava eu já desperta  
a enxugá-la, a voltá-la, a pô-la bem coberta,  
a dar-lhe de beber, a metê-la na cama,  
a conchegá-la a mim, e até (são pensões de ama)  
se teimava no choro, a erguer-me, (pobre linda!)  
cantando sem vontade horas e horas! Se ainda  
pelo menos, depois da noite assim passada,  
se pudesse dormir... mas qual! Vindo a alvorada,  
era saltar do leito, era ir lavar na tina  
antes de nada mais a roupa da menina;  
depois fazer o almoço, ir às compras, e a esmo  
assim o dia todo, e cada dia o mesmo.  
O que eu lhe digo só, meu senhor, é que a vida  
levada deste modo é pouco divertida...  
se bem que para abrir apetite à gente  
e dar sonos bem bons, não há mais excelente.

*(Se afastam. O outro par se aproxima)*

MARTA

Mau, mau é ser mulher. Os senhores solteiros  
são caça tão arisca! e fogem tão ligeiros!

MEFISTÓFELES

É verdade: em geral pouco nos agarramos  
ao visco, de que o sexo unta os floridos ramos;  
entretanto eu por mim talvez caísse,  
se uma dama que eu sei...

MARTA

Vá, inda mo não disse:  
Nunca achou até hoje algum ditoso objeto,  
que nesse coração causasse muito afeto?

MEFISTÓFELES

“Lar próprio e mulher boa (o provérbio que o diz  
é que o sabe) mais são que minas de rubis.”

MARTA

Portanto, é natural que alguma vez... teria  
suas... sim, tentações...

MEFISTÓFELES

Nunca até este dia  
me receberam mal em parte alguma.

MARTA

Vejo  
que não me explico bem. O que eu saber desejo  
é se ainda não amou digo amar seriamente.

MEFISTÓFELES

Pois com damas quem brinca?

MARTA

Indubitavelmente não me entende.

MEFISTÓFELES

Paciência. Entendo todavia  
que ninguém vence em graça a Vossa Senhoria. [80]

*(Se afastam. Vem à platéia o outro par)*

FAUSTO

Mal que entrei no quintal, pergunto, o meu anjinho  
reconheceu-me logo?

MARGARIDA

Ai, logo de caminho,



80] A alternância dos casais, por mais simplório que seja o artifício, é essencial para preservar a coerência dos diálogos interrompidos e da referência à viúva (Marta) na cena anterior. Além disso, é curioso ver como Mefistófeles desvia a atenção da alcoviteira do jovem casal com promessas vazias e respostas evasivas: são os modos de que dispõe para fazer seu mestre alcançar seu objetivo mais rapidamente.

tanto assim que abaixei os olhos de repente.

FAUSTO

Inda me queres mal pela audácia impudente  
com que te ousei falar quando vinhas da Igreja?

MARGARIDA

Causou-me admiração, causou, verdade seja.  
Era a primeira vez que tal me sucedia;  
ninguém teve jamais que me dizer. Veria  
em ti ou no teu ar (dizia-me eu comigo)  
alguma leviandade (abrenúncio do inimigo!)  
para te vir falar com tanto desempenho?!  
Contudo já então no seio mal-sereno  
confesso... um não sei quê, novo, desconhecido,  
me andava a suplicar perdoasse ao atrevido.  
A raiva com que estava a mim própria era tal  
que nem lugar me deu para lhe eu querer mal.

FAUSTO

Oh querida, querida!

MARGARIDA (*largando o braço de Fausto*)

Ai, quero ver.

(*Apanha um malmequer, de uma das redouças de flores, e principia a desfolhá-lo.*)

FAUSTO

Que fazes? Um ramalhete?

MARGARIDA

Nada; um brinco dos rapazes.

FAUSTO

Que brinco?

MARGARIDA

Ai, quer-se rir? não digo; esteja quedo.

(*Continua a desfolhar a florinha, falando baixo.*)

FAUSTO

Tu, que estás murmurando? Ah!! temos um segredo!

MARGARIDA (*sempre na mesma ocupação, mas falando de modo que se ouça*)

Bem me quer, mal me quer...

FAUSTO (*à parte*)

Rosto do paraíso!

MARGARIDA

Bem me quer, mal me quer...

FAUSTO (*como acima*)

Tem sustos no sorriso.

MARGARIDA

Bem me quer, mal me quer...

(*Arrancando a última pétala, louca de alegria*)

Bem me quer!

FAUSTO

Sim meu bem!

Falou-te Deus na flor; na flor creio eu também.  
Se te quer! o feliz por quem a desfolhaste!  
mas com que veras d'alma! Ainda não amaste  
de certo; mas por fé procura adivinhar  
o infinito que encerra esta palavra: amar  
Amo-te, amo-te. [81]

(*Pega-lhe em ambas as mãos.*)



81] Não se trata de se aproveitar da inocência de Margarida. Sem dúvida, Fausto é um sedutor, mas nem por isso ele é um farsante: ele não promete a Margarida nada além do que ele esteja disposto a lhe dar, não jura um relacionamento eterno ou núpcias. Ao declarar o seu amor, Fausto está sendo sincero: assim como a própria experiência do mundo, o amor a Margarida é para Fausto uma experiência arrebatadora é, arriscando o clichê, “eterno enquanto dure”. Como tal é preciso vivenciá-lo em toda sua extensão e intensidade. Não é portanto um engodo na medida em que o amor de Fausto se consuma como um misto de apego e renúncia: ele vivencia Margarida ao mesmo tempo que a liberta.

MARGARIDA

Sinto em mim toda um abalo, um tremor...

FAUSTO

Sê mulher! impõe-te dominá-lo!

Consente que este olhar que em ti se está cravando,  
consente que estas mãos às tuas abraçando,  
te expressem mudamente o que de mim tens feito,  
o que nem cabe em voz, nem cabe já no peito;  
permite-me engolfar-me em bem-aventurança,  
num afeto sem fim, sem quebra nem mudança,  
eterno... sim, que a ser menor que a eternidade,  
seria o desespero, o nada. Este não há de,  
não pode já ter fim; jamais, jamais. [82]

*(Margarida aperta-lhe as mãos e foge precipitadamente. Fausto fica alguns instantes absorto e depois, como acordando, procura Margarida; não a avistando, corre ao acaso pela mesma vereda por onde ela desaparecera)*

MARTA *(que se aproxima com Mefistófeles)*

O dia  
findou.

MEFISTÓFELES

Força é deixar tão bela companhia.

MARTA

Eu havia de instar para que estes senhores  
se demorassem mais; porém murmuradores,  
que em toda a parte os há, tem línguas tão daninhas!  
e então cá nesta rua!... eu tremo das vizinhas;  
o seu modo de vida é estar continuamente  
a espiar, a inquirir tudo que faz a gente;  
a princípio é zum-zum; depois já são balelas...  
Livrar de bacharéis... e mais, de bacharelas!...  
Mas que fim levaria o nosso casalinho?  
onde estarão?

*(Durante a fala precedente, tem, do lado esquerdo, entrado no caramanchão Margarida, que se põe ansiosamente a espreitar em todas as direções.)*

MEFISTÓFELES

Descanse; é perto e bom caminho.  
Vi-os ir-se um trás outro, além, de fito posto

*(Indicando o caramanchão)*

na casinhola verde, e voavam que era um gosto!  
não lembravam, senão dois pássaros malandros,  
acesos com o verão.

*(Vê-se Fausto voltar da alameda por onde saíra, e procurar Margarida por toda a parte)*

MARTA

Eu lá desses arcanos  
pouco sei, porém ele acho que gosta dela.

MEFISTÓFELES

E ela dele. No amor é jogo usual a pela.

*(Continuam ambos a conversar baixo, indo para longe da platéia. Fausto aproxima-se do caramanchão. Margarida, de modo que o espectador veja, cose-se com a verdura, e espia para fora.)*

MARGARIDA

Lá vem ele!

FAUSTO *(entrando para o caramanchão)*

Ah velhaquita!  
Supunhas zombar comigo.  
Toma para teu castigo! *(Beija-a.)*

MARGARIDA *(beijando-o também)*

Meu amado! e minha dita!

82] Fausto promove a libertação de Margarida, clama para que deixe de ser santa para ser mulher, que domine suas paixões. O frêmito que percorre Margarida é um misto de desejo e medo da transgressão. Dominá-lo, aqui, se opõe à reprimi-lo: não se controla um sentimento contendo-o, mas sim dando-lhe vazão, assumindo sua força e jogando com ele. Este é o pedido de Fausto: que Margarida siga o seu exemplo e vivencie suas paixões. Assim, Fausto condiciona a libertação de seu corpo ao de Margarida.



*(Mefistófeles tira uma cana do tecido do caramanchão, e bate com ela na ombreira da porta, como quem pede para entrar.)*

FAUSTO *(batendo com o pé no chão)*  
Quem é?

MEFISTÓFELES  
Paz.

FAUSTO  
Besta!

MEFISTÓFELES  
É já tarde.

MARTA *(chegando)*  
Por certo, já não é cedo.

FAUSTO *(a Margarida)*  
Acompanho-a?

MARGARIDA *(em decisão e acanhamento)*  
Eu sei...?

FAUSTO  
Tens medo?

MARGARIDA  
Minha mãe...

FAUSTO *(com pesar)*  
Pois Deus te guarde.

MARGARIDA  
É forçoso que me ausente.

MARTA  
Boas noites, meus senhores.

MARGARIDA  
Até breve...

*(Saem Fausto, e Mefistófeles, pela porta do fundo.)*

MARGARIDA  
Ó Deus clemente!  
Esclarece os meus temores!  
Não há nada que ele ignore;  
nada escapa ao seu engenho.  
O enleio que ante ele eu tenho  
faz que eu de mim própria core.  
Digo-lhe a tudo que sim.  
Pareço uma criancinha.  
Sou mais dele do que minha.  
Mas que acharia ele em mim? [83]



83] “Veremos como, na verdade, ela é tão inquieta ai quanto Fausto o era em seu estúdio, embora lhe falte o vocabulário para expressar seu descontentamento, até a aparição de Fausto. Não fosse por esta inquietação interior e ela seria insensível a Fausto; ele não teria nada a lhe oferecer. Seu trágico romance não se desenvolveria se eles não fossem espíritos afins desde início.” (BERMAN, 1986)

## CENA IX

*CENA DE TRANSIÇÃO. Rua da cidade. Do original, o rochedo escancarado em cavernas é substituída por um abrigo qualquer: uma árvore, uma marquise, algo que configure um canto. FAUSTO e MEFISTÓFELES.*

FAUSTO (*só, meditando, encostado a uma árvore, com os olhos no céu. Luar encoberto. Relampeja. Zune o vento.*)

Tudo obtive de ti, sumo, infável Ente.

Entrevi-te no mundo a face refulgente.

Sou rei da criação; sinto-a e desfruto-a. Dás-me não só que a observe à flor e em seus prodígios pasme; sondo-a, leio-a por dentro, assim, como leria no peito de um amigo. Entendo, da harmonia que une tantos milhões de seres passageiros, ser tudo uma família, e irmãos meus verdadeiros o mudo arbusto, o ar, as águas. [84]

*(Cresce o temporal e ouve-se ao longe o desabar de um pinheiro)*

Quando a mata

ruge com o temporal, e o pinheiro-magnata rui fracassando em torno as arvores, e atroa com a trovejante queda o monte que reboa,

*(Encaminhando-se para um abrigo)*

forças-me com o terror a entrar na alta caverna, onde me descortino eu próprio à luz interna, e no fundo do peito, aberto, onipotente mil prodígios descubro incógnitos à mente. [85]

*(Após um espaço de contemplação muda, amansa e cessa a tormenta. A lua rompe brilhante dentre as nuvens, e alumia a cena.)*

Desfez-se o temporal: ergue-se clara a lua!

O mato gotejante, a penedia nua vem-me representar, num alvor prateado, miragens da saudade, as cenas do passado.

*(Saindo do abrigo, continua a caminhar)*

Ai! que não caiba um gozo, estreme, verdadeiro, nesta vida falaz! Deste um companheiro, que onde sinto endeuar-me, acorre sempre frio, impassível, cruel, a recalcar-me o brio, a provar-me o meu nada; um monstro, que eu forcejo para afastar do lado e sempre ao lado vejo. Se me choves teus dons, ele, com um leve acento da sua voz maldita anula-os num momento; ele mal que vislumbra aos olhos meus o belo, dentro no coração me ateia um Mongibelo. Que vida! angústias sempre: ora a almejar por gozo, ora inquieto na posse, e do almejar saudoso!

*(MEFISTÓFELES chega.)*

MEFISTÓFELES (*chegando-se a Fausto*)

Com que então, já cansou? Depois da faina da boa vida que levamos juntos, tornou-se a divertir? De tempo a tempo, bom é que se descanse um pouquinho. Isso é que abre o apetite e aumenta as forças. Vamo-nos procurar mais novidades.

FAUSTO

Não tens mais que fazer, que vir tentar-me nas horas boas?

MEFISTÓFELES

Com a melhor vontade

o entrego a si, se quer; declare-o franco: vai-se-me um sem-sabor, ranzinza e doido; forte perda! levar o dia inteiro sempre a servi-lo, sem lhe ler nas trombas nunca jamais se está ou não contente!

84] Aqui ocorre uma mudança na maneira de Fausto ver o mundo: por intermédio de Mefistófeles, ele vivencia a natureza na sua plenitude e abdica do conhecimento como discurso, como mera representação da mesma.

Sua busca científica pela essência de todas as coisas dá lugar a uma investigação fenomenológica do mundo, agora manifesto como devir de seres transitórios e indivisíveis nas suas relações, não mais objetos estáticos e isolados. Se a existência agora precede a essência, cabe a Fausto atribuir essências às coisas por meio de sua “imaginação criadora”, nos termos de Bachelard.

É neste sentido que Fausto se assume como “rei da criação”, dissolvendo a barreira entre criador e criatura. Também se dissolvem os limites entre o observador e o objeto: Fausto reconhece a intrínseca conexão entre todos os fenômenos e se permite interferir, por meio de sua imaginação, no universo que o rodeia. Ocorre um claro deslocamento de uma perspectiva cartesiana para um modo de pensar complexo e sistêmico.

85] Fausto trabalha no campo poético ao criar imagens de mundo e de refúgio. Aqui, tudo conduz a Bachelard e sua topanálise: Fausto, partindo de sua nova sensibilidade, atribui uma cólera anímica à floresta que “ruge” com a tempestade: ele projeta sua alma no mundo que o rodeia, o que equivale a dizer que o mundo também penetra em Fausto.

[continua]

FAUSTO

Bravo! O diabo sempre a atanzar-me,  
e quer que inda por cima eu lho agradeça!

MEFISTÓFELES

Que seria de ti, filho do barro,  
se não fosse eu, que te ando há tanto tempo  
a curar de esquentadas fantasias?  
Tinhas-te já safado deste mundo,  
há que folhas!

Não sei que te aproveita  
o andar pousando, à laia de coruja,  
neste lapedo bronco; e o pró que tiras  
de alimentar-te como o sapo inerte  
do bafio de musgo e covas úmidas.  
Que belo, que aprazível passatempo!  
Sabes o que te eu digo? é que inda alojias  
nesse corpo o Doutor.

FAUSTO

Não, que nem sonhas  
que de força vivaz neste ermo alpestre  
já tenho haurido em mim; se a bem souberas,  
tão demo és tu, que por furtar-ma das  
trinta voltas no ar.

MEFISTÓFELES (*ironicamente*)

Se há gosto, é isso!  
Velar a noite à chuva pelos brejos,  
abraçar com volúpia o céu e a terra,  
empantufar-se a crer-se divindade,  
fossar o mundo à cata do secreto,  
volver no caco a obra dos seis dias,  
sonhando-se Fator Arquipotente...  
não sei de quê, finando-se de amores  
por quanto objeto avista, e desvestido  
o invólucro terrestre, achar-se ao cabo  
de tantas intuições maravilhosas,  
a fazer... a fazer...  
Cala-te, boca! [86]

FAUSTO (*indignado*)

Passa fora!

MEFISTÓFELES

Isso mesmo: um passa fora  
é a única resposta a quem profana  
ouvidos castos, mencionando... coisas...

(*Sorrindo*)

Mas vá lá: se o divertem mentirinhas  
pregadas a si próprio, outorgo vênia  
como seja com regra. Acho contudo  
que o meu Doutor, nesse papel sublime  
depressa há de cansar.

(*Notando que Fausto lhe trejeita de agastado*)

Ei-lo assomado  
já outra vez! Se vai por essa via,  
cedo recai na insânia e nos terrores.

(*Mudando de tom*)

Falemos de outro assunto. O seu benzinho,  
sabe o que está fazendo? Está sentada,  
no seu quarto, sozinha, o peito em ânsias,  
o pensamento a monte; a sua teima  
é toda o sujeitinho; e quer-lhe! quer-lhe  
que não há mais dizer. Valha a verdade,  
a paixão do Doutor teve rompantes  
de furiosa lava; incendiou-a,  
mas coalhou pouco a pouco, e está já fria.  
Quer-me a mim parecer, que o potestado

A este mundo animalesco Fausto irá contrapor o refúgio da caverna e quanto maior a cólera, mais eficaz será o refúgio. Fausto torna a se isolar, mas diferentemente do seu estúdio – uma prisão desconectada do mundo – a caverna age como um refúgio dentro do mundo. É espacialização da tensão entre o homem e o mundo: a caverna, ao oferecer o abrigo, fornece a segurança e a solidão necessárias ao indivíduo sonhador, seja ele o fenomenólogo ou o poeta. Ela permite que Fausto entre em contato com seus sentimentos mais íntimos.

86] Fausto, ao aceitar a sua condição e se entregar ao tempo, encontra o amor na sua forma mais ampla: o amor pelo mundo e por si. Ele vivencia o mundo, abraça-o em tua a sua complexidade e intangibilidade. Assumindo suas contradições, Fausto assume também suas paixões. E é por meio deste amor consciente que Fausto conjura simultaneamente a transcendência e a materialidade. De certa forma, Fausto ainda serve a Deus e é por isso que Mefistófeles o desencoraja: ele só ganhará a aposta se Fausto renunciar ao transcendente, se renunciar sua natureza dual e se entregar à matéria. No fim da vida, é justamente esse amor que salvará Fausto.

deste reino silvestre acertaria  
em no abdicar, e recolher-se amante  
ao seio da gentil desconsolada.  
Como ela vai fiando as horas longas!  
Encostada à janela, agora mesmo  
já está olhando o caminhar das nuvens  
para a muralha antiga da cidade.  
Daqui lhe escuto a usada cantilena:  
Tomara ser passarinho.  
para ir ter onde eu desejo;  
depressa formara as asas,  
que as penas são de sobejo.

Nisto de sol a sol consome os dias;  
nisto de sol a sol desvela as noites.  
Se alguma rara vez lhe assoma às faces  
vislumbre de alegria, as mais das vezes  
de mortal pesadumbre as tem nubladas;  
ora mostra no rosto mal enxuto  
sinais de ter chorado, ora parece  
a poder de cansada estar serena... mas sempre namorada.

FAUSTO

Ah, cobra, cobra! [87]

MEFISTÓFELES (*à parte sorrindo*)  
Cáspite! enrodilhei-te.

FAUSTO

Amaldiçoado!  
Suma-te! e nunca mais boquejes nela.  
Não tornes a acender-me nos sentidos  
inda revoltos o desejo infrene  
de ter nos braços tão suave prenda!

MEFISTÓFELES

Mas enfim que resolve? A rapariga  
julga-o fugido... e não se engana.

FAUSTO

Como,  
se eu lhe vivo tão perto, e não na esqueço,  
nem querendo esquecer-la o poderia,  
por maior que entre nós fosse a distância  
Ouve! É tanto que até, quando a imagino  
ajoelhada e contrita à mesa santa  
ao corpo consagrado tenho inveja

MEFISTÓFELES

Como eu, quando imagino o meu amigo  
pascendo rosas... no amável horto  
de dois gêmeos que eu sei.

(*Apontando para o selo.*)

FAUSTO

Fora, alcoviteiro!

MEFISTÓFELES

Bom; insulta-me, e eu rio. O fabricante,  
quando inventou rapaz e rapariga,  
tomou a si o deparar-lhe ensejos.

(*Ironicamente a Fausto*)

Coitado! Faz-me dó, que em realidade  
ir para o quarto dela ou para a forca  
vem quase a dar na mesma!

FAUSTO

É céu na vida  
sentir-me entre seus braços, repassado  
no calor de tal seio... e todavia  
mal sabes como até nesses momentos

87] A referência ao animal não vem ao acaso. Na bíblia, é a serpente que tenta Adão a sua queda. Assim como o primeiro dos homens, Fausto também é provocado por Mefistófeles a consumir seu enlace com Margarida e, com ele, sua entrega aos prazeres materiais. Mas é preciso lembrar que, como no Gênesis, cabe ao demônio apenas tentar o livre-arbítrio do homem. No fim, é Fausto que decide se perder, ele é consciente de sua escolha e está pronto para arcar com suas conseqüências.



com o pensar que a desgraça estou penando!...  
Eu sou um foragido, um pária, um monstro,  
que, sem ver norte, sem gozar descanso,  
se despenha caudal, de fraga em fraga,  
via do abismo; e ela! uma criança  
tão simplesinha, que trocara o mundo  
por se ver, num recôncavo dos Alpes,  
ditosa dona de um feliz tugúrio,  
onde sempre a lidar, fosse rainha.

*(Falando consigo mesmo)*

Não te bastou, vil réprobo, a jactância  
de arrasar o universo, inda por cima  
quiseste destruir a paz deste anjo.  
Os caídos no inferno inda eram poucos?  
Sus, sus, diabo! O teu auxílio imploro!  
Ajuda-me a encurtar este suplício!  
O que há de ser que seja! A sorte dela  
despenhe-se na minha, e pereçamos! [88]

MEFISTÓFELES

Ih, como torna a arder! Vá daí, tonto,  
vá consolá-la! Um néscio destes cuida,  
se não vê logo furo, estar perdido.  
Com gente denodada é que me eu quero.  
Pontos há em que o julgo outro diabo;  
mas diabo que logo desanima  
é coisa que eu não levo à paciência.

88] Fausto decide possuir Margarida até as últimas conseqüências, mesmo que isso signifique se atirar no abismo que o separa dela ou que o conduza à morte. De qualquer maneira, Fausto coloca em jogo sua individualidade, disposto a realizar o ideal máximo do erotismo.

Quando Fausto se assume como ser inconcluso descobre sua condição de ser sexuado, um ser dividido e incompleto. Na história das espécies, o individual e a morte surgem ao mesmo tempo que o sexo: é o ser diferenciado sexualmente que se individualiza e morre, no momento em que se distingue dos seus pares e dos seres a que dá origem. Para este indivíduo, a morte e o sexo surgem como possibilidades de transgredir sua descontinuidade em relação ao outro – o sexo oposto, o mundo, o tempo.

Nesta violação reside o sentido mais profundo do erotismo, da atração que conduz o indivíduo a transpor o abismo entre os seres, força motriz de toda busca humana – pelo saber, pelo sexo. É a esta força que Fausto está entregue agora e que o faz levar sua existência ao seu limiar, seja pelo sexo ou pela comunhão com sua morte.

## CENA X

Mesmo local da cena VIII, MARGARIDA e FAUSTO

MARGARIDA

Sim? prometes-mo, Henrique?

FAUSTO

Inda o duvidas?

Tudo quanto eu puder.

MARGARIDA

Pois bem: que idéia

tens da religião? Sei que és bondoso;

agora crente... desconfio um tanto.

FAUSTO

Melhor é que tratemos de outra coisa,

filha. Sabes se eu te amo, e se eu daria

por ti a própria vida; agora as crenças.

deixo-as a cada um.

MARGARIDA

Pois não to louvo.

Crença é dever.

FAUSTO

Dever!

MARGARIDA

Eu não queria

senão poder guiar-te. E os Sacramentos,

respeitá-los?

FAUSTO

Respeito.

MARGARIDA

Oh sim, mas frio.

Não vais à confissão, não vais à missa...

Crês em Deus?

FAUSTO

Quem se atreve, amada prenda,

a dizer: *Creio em Deus*? Se o perguntares

a qualquer padre, a qualquer sábio, afirmo-te

que há de a resposta parecer-te escárnio. [89]

MARGARIDA

Então não crês?

FAUSTO

Encanto meu querido,

não tomes o que digo em mau sentido.

Defini-lo, que língua o tentara?

Quem se atreve a dizer: *Em Deus creio*?

Ou quem pode, sentindo-o no seio,

*Não há Deus*, temerário afirmar?

Pois aquele que abrange, que ampara

todo um mundo em seu grêmio patente,

a nós ambos não pode igualmente

e a si próprio abranger, amparar?

Não nos cobre uma abóbada imensa?

Não pisamos um chão tão seguro?

Não nos banha em clarões pelo escuro

de astros meigos perene caudal?

Quando embebo este olhar, que em ti pensa,

nesse teu, que à minha alma responde,

¿de um poder que entreluz e se esconde

não sentimos o influxo fatal?

Toda a vez que o teu peito sedento

se afundir neste mar de doçura,

põe-lhe o nome a teu gosto: *ventura*,



89] Em um sentido amplo, não há diferença entre um cientista que persegue uma verdade última e aquele que acredita em Deus: trata-se sempre de adotar um dogma. É sempre abdicar das possibilidades e da liberdade em prol de um determinismo ou de uma moral. Ao pôr em dúvida a existência de Deus, Fausto questiona a essência universal que tanto procurara em seu estúdio.

*céu de amor, ou potência de um Deus.*  
Eu nenhum. De o gozar me contento.  
Nome é fumo em que a luz se reveste;  
e eu não quero um tal fogo celeste  
encobrir aos teus olhos e aos meus. [90]

MARGARIDA

Lindo! O meu diretor diz-me isso mesmo,  
por outras expressões.

FAUSTO

Em toda a parte  
rompe idêntica voz das consciências;  
cada um na linguagem que lhe é própria  
a traduz, e eu na minha.

MARGARIDA

Em realidade  
o que aí me tens dito não destoa  
de todo em todo... mas não sei se envolve  
sua moedinha falsa... Enfim, vá tudo:  
tu não tens fé cristã.

FAUSTO

Meu caro anjinho!

MARGARIDA

Uma coisa que há muito me faz peso  
é ver acompanhar com tal figura.

FAUSTO

Como assim?

MARGARIDA

É verdade: desadorno  
do teu colchete; não vi coisa nunca  
jamais que tanto horror me produzisse  
como aquela carranca.

FAUSTO

Ele, criança,  
que mal te fez?

MARGARIDA

Não sei; ferve-me o sangue  
sempre que o vejo; é a única pessoa  
a que não quero bem. Tanto me alegre  
quando tu chegas, como ao vê-lo esfrio.  
Tem-me ar, Deus me perdoe, de um sacripanta.

FAUSTO

Como há gente sisuda, há valdevinos;  
que se lhe há de fazer?

MARGARIDA

Deus me livrara  
de conviver com semelhante escória!  
Quando entra, encara sempre nas pessoas  
como quem zombeteia ou vem zangado;  
não toma nada a sério; está-se lendo  
naquela testa que ninguém lhe agrada.  
Sinto-me tão contente a sós contigo!  
tão senhora de mim! tanto à vontade  
no calor que a tua alma infunde à minha!  
vem ele... e eis me tolhida inteiramente.

FAUSTO

Superstições de um anjo.

MARGARIDA

É tal o enguiço  
que onde me ele aparece, até já cuido

90] Quando questionado sobre a religião, Fausto opta pela dúvida como ação do pensamento humano, nada pode ser tão rígido para ser negado ou afirmado com certeza. Não há afirmação que não gere negação e vice-versa, conhecimento que não gere dúvida e dúvida que não seja o motor do conhecimento, a constante confrontação de realidades que move Fausto ao devir. Sua atitude agora é extremamente ambígua, ele renuncia a Deus, mas não nega sua existência. Ele sempre é um homem absurdo, pela definição de Camus, está sempre se apoiado na confrontação de realidades, o que o leva a uma postura flexível:

“Todas as morais são baseadas na idéia de que um ato tem conseqüências que o legitimam ou o obliteram. Um espírito sensibilizado pelo absurdo julga apenas que esses desdobramentos devem ser considerados com serenidade. Baseada numa verdade dogmática. O homem absurdo não possui esta verdade, sendo assim mais flexível (quanto seus julgamentos). Em outras palavras, se para ele pode haver responsáveis, não há culpados. Quando muito, ele consentirá em utilizar a experiência passada para basear seus atos futuros. O tempo levará o tempo a viver e a vida servirá a vida. Nesse campo tão reduzido quanto saciado pelos possíveis, tudo nele próprio, com exceção da sua lucidez, lhe parece imprevisível. Que regra, pois, poderia provir dessa ordem despropositada?

[continua]

que não gosto de ti. Diante dele,  
fosse eu querer rezar! Faz-me cá dentro  
tudo isto uma aflição! Não te sucede  
o mesmo, Henrique?

FAUSTO  
Antipatias.

MARGARIDA  
Vou-me.  
É forçoso.

FAUSTO  
O que eu dera, Margarida,  
por poder, uma hora, uma só hora,  
passar contigo descansado! unidos  
peito a peito! alma a alma!

MARGARIDA  
Tu bem sabes  
que não durmo sozinha. Eu, por meu gosto,  
deixava-te ficar já hoje a porta  
fechada em falso, e então... Mas a mãezinha  
tem o sono tão leve! E se ela fosse  
dar conosco, eu morria de repente.

FAUSTO  
Para isso, meu anjo, há bom remédio.  
Toma este vidro! basta que lhe lances  
três gotas na bebida, e adormeceu-a  
a bom levar: nenhum rumor ta esperta.

MARGARIDA  
Desejas, cumpro. Esta água, já se sabe,  
não pode fazer mal...

FAUSTO  
Pois, se o pudesse,  
eu dava-te, querida?

MARGARIDA  
Homem como este,  
onde há outro? Sim, sim, querido amante;  
lê-se no teu aspecto a proibidade  
às cegas te obedeco. Tenho feito  
por ti já tanto que o restante é nada.

(*Sai.*)

MEFISTÓFELES (*entrando*)  
A espertalhona foi-se?

FAUSTO  
E não me perdes  
a manha de espiar.

MEFISTÓFELES  
Ouvi-lhe tudo;  
desta feita o Doutor, em catecismo  
pode fazer exame; que lhe preste!  
O amigo é pouco visto em raparigas:  
não dão ponto sem nó. Talvez não saiba  
porque as encanta o converter marmanjos;  
é porque dizem: - Quem me cede nisto,  
há de ceder-me em tudo.

FAUSTO  
Ó monstro bruto!  
Pois não concebes que uma crente ingênua,  
convicta de que ao céu não vão descrentes,  
curta um martírio em só cuidar que o homem  
que ela a todos prefere é já do inferno? [91]

“A única verdade que lhe pode parecer esclarecedora não é nada formal: se anima e se desenvolve nos homens. Portanto, não são diretrizes éticas que o espírito absurdo pode achar no fim do seu raciocínio, mas ilustrações e o sopro das vidas humanas. As poucas imagens que se seguem têm essa tendência. Perseguem o raciocínio absurdo, dando-lhe sua atitude e seu calor.”  
(CAMUS, 1989)

91] O amor entre Fausto e Margarida é libertador, porque ao invés de confirmar ideais pré-estabelecidos, incita o confronto entre as diferenças: expõe a inocente à volúpia de Fausto, ao qual é permitido viver um amor que se abre ao mundo cheio de possibilidades. Nesse sentido, é possível dizer de Fausto o que Camus fala de Don Juan:

“Ele é, por isso, egoísta? À sua maneira, sem dúvida. Mas também aí se trata de compreender. Há aqueles que são feitos para viver e aqueles que são feitos para amar. Don Juan, pelo menos, o diria de bom grado. Mas seria por uma síntese entre as que poderia escolher. Porque o amor de que se fala aqui é adornado com as ilusões do eterno. Todos os especialistas da paixão nos ensinam isso: só existe amor eterno contrariado. Quase não existe paixão sem luta. Um amor semelhante só tem fim na última contradição que é a morte. É preciso ser Werther ou nada. Ainda há, nisso, diversas maneiras de se suicidar, de que uma é a doação total e o esquecimento de sua própria pessoa.

[continua]

MEFISTÓFELES

Charco de vício e flor de namorados!  
Com que assim dás o beijo a uma criança!

FAUSTO

Fogo do inferno, e espírito de borra!

MEFISTÓFELES

E é mestra em decifrar fisionomias:  
- Tenho ar, Deus lhe perdoe, de um sacripanta!  
- Ver, é ficar tolhida! - Acha-me uns ares  
de traidor mascarado, algum duende,  
talvez até diabo...

Então o amigo... sempre, esta noite...?

FAUSTO

Que te importa?

MEFISTÓFELES

Ai! muito.  
Vou-lhe bailar na boda as tripecinhas.

“Don Juan, tanto quanto um outro, sabe que isso pode ser emocionante. Mas ele é um dos únicos a saber que o importante não está aí. Sabe-o claramente também: aqueles que um grande amor desvia de toda a vida pessoal talvez se enriqueçam, mas empobrecem inapelavelmente àqueles que seu amor escolheu. Uma mãe, uma mulher apaixonada têm necessariamente o coração seco, porque ele se afastou do mundo. Um único sentimento, um único ser, um único rosto, mas tudo é devorado. É um outro amor que sacode Don Juan e esse é libertador. Traz consigo todos os rostos do mundo e seu frêmito provém de que ele se sabe perecível. Don Juan optou por ser nada.”  
(CAMUS, 1989)

## CENA XI [J] [K]

*Conforme o original, rua com casas de ambos os lados. Lá ao diante, uma frontaria de Igreja. Dá meia-noite na torre do templo. VALENTIM, FAUSTO, MEFISTÓFELES. Depois, MARGARITA, MARTA, MORADORES DA VIZINHANÇA e ANJO MAU.*

VALENTIM (*só*)

Dantes era regalo ir a uma súcia,  
daquelas onde a gente bravateia  
sem ninguém lho estranhar. Cada confrade  
chamava à sua a flor das raparigas,  
empinava um copázio em honra dela,  
e, fincando na mesa os cotovelos,  
quedava-se todo ancho. Eu, do meu canto,  
ia-os mui pachorrento ouvindo, ouvindo,  
a sorrir-me, e a anediar este bigode;  
depois, erguendo ao alto o copo cheio,  
proclamava: “Não digo menos disso;  
porém que iguale à minha Margarida,  
nem lhe deite água às mãos, quitam buscá-la;  
sou seu irmão, e ufano-me de sê-lo.”  
“Toque! Faço a razão!” vozeavam todos,  
todos à uma, ao tilintar dos copos.  
- “Não diz nada de mais: a Margarida  
é realmente a jóia das mulheres!”  
Não se ouvia outra coisa; os roncadores  
nem chus nem bus...

E agora! Dão-me ganas  
de arrancar estas barbas de vergonha,  
e esmagar numa esquina esta cabeça!  
Agora, pode já qualquer patife  
mirar-me de revés, e até deitar-me  
sua picuinha; e eu moita, sem ousio  
para me erguer sequer, suando em bagas,  
que nem ruim-paguilha, atanzado  
diante do credor. Fazer em postas  
um bruto desses não custava muito;  
mas desmenti-lo...

*(Vêm ao fundo Mefistófeles e Fausto, e conversando entre si sem ser ouvidos. Valentim à espreita.)*

Enxergo além dois vultos.  
Para cá se encaminham... Vem pisando  
com passo de patrulha. Alto! observemos!  
Dá-me no coração que estes figuros  
hão de ser os meus dois. Se apanho o melro,  
já o não largo, senão feito em postas.

*(MEFISTÓFELES, de guitarra às costas, e FAUSTO, descem para a boca do teatro, observados por VALENTIM, recolhido ao portal de Marta.)*

FAUSTO

Arde a perene a lâmpada do templo.  
Repara na alta fresta!

*(Apontando para uma das janelas cimeiras da Igreja)*

O lume santo  
espalha-se em luz, que a pouco  
e pouco vai de círculo em círculo caindo  
até penumbra, e da penumbra em trevas:  
imagem deste amor na escuridade.

MEFISTÓFELES

Entendo, e até já estou com farnicoques  
como os do meu Doutor. Não nos comparo  
com a lâmpada da Igreja. Só me lembra  
um bichano em janeiro, quando sobe,  
a arrulhar e a esfregar-se, ao paraíso  
do telhado, onde a bela o está chamando.  
A gente como nós ama a virtude;  
mas, uma vez por outra, lá se lembra  
de cobiçar o alheio, e andar à tuna.

J] Aqui iniciava um monólogo de Margarida em seu quarto falando da saudade de seu amado Fausto. A cena foi retirada por ser de ínfima contribuição ao drama, pois sua fala é de cunho estritamente melodramático.

K] Numa cena seguinte, Margarida escuta de uma amiga a história de uma moça que havia sido enganada e abandonada grávida por seu amante. Esta conversa serve para realçar o preconceito da sociedade repressora na qual Margarida estava inserida. Não se faz necessário mostrar esta cena para o público entender a condição da moça, isso já foi realçado pela própria personagem em outros momentos. Em seguida, Margarida vai clamar a Virgem com dúvida em seu romance. Novamente, uma cena dispensável.

Eu só de pôr na idéia o rega-bofe,  
que em Valburga vou ter com o mulherio  
já depois de amanhã, não tenho fibra  
que não me ande a bailar dentro no corpo.  
Quem perde assim a noite é quem na ganha.

FAUSTO

Vamos nós: o tesouro soterrado  
que me fizeste ver, e que inda aos olhos  
me está brilhando, entregas-me, ou que fazes?

MEFISTÓFELES

Pode desenterrar, se o leva em gosto,  
por suas próprias mãos. Que panelada  
de boas peças de ouro! Eu, que lho digo,  
é que já noutra dia as vi com estes,  
e estive-as namorando.

FAUSTO

Não me arranjas,  
ademais disso, algum condigno adorno  
com que eu possa raiar a minha amante?

MEFISTÓFELES

Ah! lembrou bem! A modo que entre as loiras  
enxerguei... não sei quê... de anéis, de brincos...  
Nada; um colar de pérolas. [92]

FAUSTO

Aprovo.  
Quando a vou procurar com as mãos vazias,  
vexo-me.

MEFISTÓFELES

O desfrutar gratuito às vezes  
também tem seu lugar.  
Noite de estrelas  
como esta, meu Doutor, pede um descante.  
Vamos-lho dar por baixo da janela.

FAUSTO

A do seu quarto é essa, onde estão vasos,

MEFISTÓFELES

Se ainda não dorme, escutará gostosa.  
São trovas de mão cheia, e sobretudo  
muito morais. Assim é que as eu logro.

*(Canta, acompanhando-se com a guitarra)*

Que fazes, por vida minha,  
à porta do namorado,  
quando inda não é sol-nado,  
Catarininha?

Ai, leviana, cautela, cautela  
com essa entrada!  
Vais donzela; mas, coitada,  
sairás donzela?

Florinha, esquivate à aragem,  
por mais que amor te prometa  
que, em fugindo a borboleta,  
boa viagem!

Com ave que não tem medo  
bem vai ao passarinho.  
Catarininha! primeiro,  
o anel no dedo!

VALENTIM *(adiantando-se furioso)*

A quem vai o distante, alma danada?  
Leva-te a breca a banza, e a ti com ela.

92] O colar de pérolas, se não é uma referência, é pelo menos mais uma similaridade ao mito de Pandora.

Mitologicamente, o colar de pérolas foi dado a ela pelo deus Netuno. Pandora foi a primeira mulher, criada pelos deuses para punir Prometeu por ter roubado o fogo dos céus, a chama do conhecimento, e tê-lo dado ao homem. Pandora foi oferecida a Prometeu mas, recusada, casou-se com seu irmão Epimeteu, o qual mantinha em sua posse de uma caixa que continha os males do mundo. Abrir a caixa foi a maneira que Pandora encontrou para consumir a punição dos deuses.

Algo similar acontece na tragédia de Goethe. Fausto é um Prometeu, ambiciona se elevar ao céu e obter a chama do conhecimento eterno ao homem. Fausto almeja o bem em seu estado puro mas a caixa que dá a Margarida contém em si a possibilidade da queda de Fausto pois, uma vez aberta, uma vez desperto o desejo de Margarida, desencadeia-se um processo que culminará na rendição de Fausto à matéria. Em um certo sentido, o que a caixa contém é o mal, a metade esquecida da existência por Fausto.

*(Arranca-lhe o instrumento e quebra-o.)*

MEFISTÓFELES

Ganhou, que não tem concerto.

VALENTIM *(desembainhando a espada e arremetendo com Fausto)*

E agora essa caveira!

MEFISTÓFELES *(à parte para Fausto, e dirigindo-lhe o braço)*

Alma! Não ceda,  
Senhor Doutor! Cosa-se bem comigo,  
que eu lhe tenteio o jogo. Ande com ele  
Esgrima-me o chanfalho! Afronte os botes,  
que eu lhos aparo.

VALENTIM

Apara-me este.

MEFISTÓFELES

E aparo.

VALENTIM

Mais este.

MEFISTÓFELES

Pronto.

VALENTIM

Brigo com o diabo.  
Deu-me estupor no pulso.

MEFISTÓFELES

Ande-me, acabe-o!

VALENTIM *(que, varado de uma estocada de Fausto, vai estrebuchando até cair sentado no degrau da porta de Margarida)*

Ai! [93]

MEFISTÓFELES

Já está manso o bruto. Agora ao fresco!

*(Ouve-se vozear e abrir janelas, em várias casas da rua; depois principiam a sair das portas os moradores com luzes.)*

Já anda alvoratada a vizinhança.  
Fugir, que vem gentio. Eu da polícia  
sei muito bem safar-me; agora em coisa  
de foro crime, até o demo esbarra.

*(Vão-se. Aparecem MARTA e MARGARIDA, primeiro, nas suas janelas e depois na rua, HOMENS e MULHERES)*

MARTA *(com luz à janela)*

Acudam!

MARGARIDA *(com luz à janela)*

Tragam luz!

MARTA *(mais alto)*

É gente aos gritos:  
brigam na rua; ouvi tinir espadas.

*(Os populares vêm das casas a correr com luzes.)*

HOMEM DO POVO

Homem morto!

MARTA *(correndo)*

Onde estão os matadores?

MARGARIDA *(ainda na janela)*

Quem jaz aí?



93] O duelo, é preciso esclarecer, não é um simples assassinato. Quando Valentim desafia Fausto, ele põe em jogo sua própria vida e o sabe. No duelo, vida e morte se confrontam, os dois participantes estão conscientes de que irão morrer ou matar no processo. Pelo jogo com a morte, se põem em questão as identidades e estruturas vigentes. É um rito de renovação.

A morte de Valentim estabelece esta ruptura para Fausto e Margarida; é o momento em que ambos passam a ser renegados pelo sistema moral de sua sociedade. De certa forma, se tornam livres do mesmo já que não mais precisam responder por seus atos; cometeram o pior dos crimes e estão, desde então, *fora-da-lei*. Trata-se de um momento libertador onde Fausto e margarida conhecem o Mal, cruzam as fronteiras da rígida moral e rumo a uma existência dual.

HOMEM DO POVO

Jaz teu irmão.

MARGARIDA (*da janela*)

Socorro!

Grande Deus!

(*Margarida desce à cena. Todas as mulheres estão chorando, e lamentando o caso umas com as outras.*)

VALENTIM

Morro. Curto é o dito; e o feito  
muito mais curto. Porque está chorando  
todo esse mulhério? Aqui!... Mais perto...  
Escutem-me!

(*Acercam-se-lhe as mulheres*)

Tu, mana Margarida,  
inda estás verde em anos e em juízo;  
não sabes arranjar-te. Um bom conselho,  
aqui muito entre nós. De prostituta  
já tu tens praça; então, marchar em frente!  
a valer! a valer!

MARGARIDA

Que estás dizendo,  
irmão? Meu Deus!

VALENTIM

A que vem Deus chamado  
para estas coisas? Por desgraça, o feito  
já ninguém to desfaz; e a ruins entranças  
mais ruins saídas.

Principiaste, a ocultas,  
com um; provado o bolo, acodem outros;  
em se chegando à dúzia, é porta aberta.  
Vem fraquinha, a princípio, a desvergonha.  
Teme ser vista, embuça-se com as trevas.  
Não custava a matá-la. Como a deixam,  
medra, até sair nua; e como cuida  
que a desnudez a alinda, embora a afeie,  
despida, ao sol, na praça, se apavona.  
Dentro em bem pouco toda a gente honrada  
há de fugir de ti, rameira indigna,  
como se foge de um cadáver podre.  
Se alguém te encarar fito, há de transir-te.  
Não pões mais ouros. Já não vais na Igreja  
para a capela mor: nem com romeiras  
de rendas finas florear nas danças.  
Hás de te encafiar numa possilga,  
refúgio de pedintes e aleijados.  
Talvez que Deus ao cabo te perdoe,  
mas o mundo é que nunca.

MARTA

Recomende  
sua alma a Deus; não esteja a encarregá-la  
com mais ódios e injúrias!

VALENTIM (*para Marta*)

Quem me dera  
poder-te lançar mão desse arcabouço,  
alcoviteira maldita! Ai! que indulgência  
que indulgência plenária a que eu ganhava!

MARGARIDA

Valentim! meu irmão! ai! que suplício!

VALENTIM

Sabes que mais? Deixemos choradeiras.  
Quando tu deste mate ao teu decoro,  
correste-me no peito uma estocada [94]



94] Valentim é um típico herói guiado por ideais nobres, defensor da moral e da honra. Margarida, sua irmã, é a mulher referência de obediência dos bons costumes e conduta, segundo os preceitos estabelecidos pela sociedade medieval. Valentim não aparenta ser um homem presente na vida de Margarida, vive somente a se gabar aos amigos das virtudes da irmã e aparece no drama no momento de incriminar e punir a transgressora da moral e da honra.

que me acabou.

Já a morte me adormenta.  
Vou-me acordar em Deus. Fui bom soldado  
e homem de bem; feneço descansado. [95]

*(Ato contínuo, Margarida veste um véu de luto. A cena ilumina apenas o corpo de Valentim, margarida e o anjo mau. O restante da cena permanece às escuras. As personagens em blackout entoam o coro. Ressoa um som de órgão.)*

ANJO MAU [L]

Inda te lembra, Margarida,  
quando tão outra, e fronte erguida,  
vinhas aos pés daquele altar  
as santas rezas soletrar  
do teu livrinho, já tão gasto,  
dando à tua alma o doce pasto  
do amor de Deus e do folgar?

Hoje só negros pensamentos.  
Hoje só dor no coração.  
Mataste a mãe, que arde em tormentos  
vens sufragar-lhe absolvição?

Quem derramou à tua porta  
um mar de sangue? o teu irmão.  
De sua voz, já quase morta,  
que herança houveste? a maldição.

Não sentes já nessas entranhas  
ânsias insólitas, estranhas,  
presságio atroz de um novo ser?  
visão que em sonhos te aparece,  
e que, inda a luz não lhe amanhece,  
já principia a padecer?

MARGARIDA

Deus meu, Deus meu, que já não posso  
com esta guerra interior.  
Pelo infinito afeto vosso  
valei-me, ó Deus, em tanta dor!

CORO

*Dies iræ, dies illa,  
Solvat sæculum in favilla, [96]*

*(Toca o órgão.)*

ANJO MAU

Tremem-te os membros gélicos.  
Fatal momento!  
Troa a trombeta lúgubre  
do chamamento.  
De cada aluído túmulo  
surde um fantasma.  
Julgavas leito a lápida.  
Agora pasma,  
que a vês alçapão lóbrego  
do fogo ardente,  
que ressuscita os réprobos  
eternamente.

MARGARIDA

Quem já me dera daqui fora  
Que órgão, meu Deus! Falta-me o ar.  
Como é feliz a dor que chora!  
Não poder eu sequer chorar!...

CORO

*Judex ergo cum sedebit,  
quidquid latet apparebit,  
nil inultum remanebit. [97]*

95] Novamente o arquétipo de herói é confirmado por Valentim, pois sua principal característica é a capacidade que tem de se sacrificar em nome do bem estar comum. O encontro com a morte leva o herói ao triunfo, por se tornar um mártir. Valentim morre conciliado, porque ele não é um homem atormentado pela consciência da angústia humana, pela sua liberdade. Servidor da moral, ele não é o senhor de suas ações, não possui vontades: ele praticamente já estava morto. Todas suas ações não eram escolhas – entre o bem e o mal – sempre seguiam um ideal maior, o qual levou em conta para incriminar sua irmã.

L] Originalmente, o luto de Margarida ocorria em uma cena distinta, dentro de um templo, junto a “mulheres e burgueses de joelhos”. A fusão daquela cena com a morte de Valentim visa preservar a continuidade da ação, inclusive com a possibilidade da presença de Fausto, em *blackout*. Também visa sublinhar o caráter alegórico da cena, introduzido pelas presenças sobrenaturais do Anjo Mau e do coro.

96] Latim, do Réquiem em Ré Menor (KV626) de Mozart: “Dia de ira, aquele dia, No qual os séculos se desfarão em cinzas.”

97] Latim, Réquiem de Mozart: “Logo que o juiz se assente, Tudo o que está oculto, aparecerá, Nada ficará impune.”

MARGARIDA

Ai que opressão! que negra abóbada!  
Quem me prendeu neste lugar?  
Quero-me erguer, não posso. Acudam-me!  
Ar! ar! ar! ar!

ANJO MAU

Fugir! Sumires-te! Não, mísera!  
O teu opróbrio, o teu pecado  
já não se esconde. A lei do Altíssimo  
o há decretado.

CORO

*Quid sum miser tunc dicturus?  
Quem patronum rogaturus,  
Cum vix justus sit securus?* [98]

ANJO MAU

Santo nenhum já te olha, ó réproba.  
Cada fiel, em tu saindo,  
para evitar o torpe escândalo  
te irá fugindo.

CORO

*Quid sum miser tunc dicturus?*

ANJO MAU

Vai teu caminho!

*(Cai desmaiada)*

98] Latim, Réquiem de Mozart:  
“O que eu, miserável, poderei  
dizer?,  
A que patrono recorrerei,  
Quando apenas o justo estará  
seguro?”



## CENA XII

*Noite de Santa Valburga. A exemplo da cena IV, um lugar, talvez um horto, bosque ou praça densamente arborizada da cidade. Nesta cena, dada a obscuridade das falas, intenciona-se mostrá-la, sobretudo, através da imagem, som, cheiro e tato. É um momento propício para enfatizar a ação em detrimento do texto e deixar o público se envolver pela magia da cena. A platéia entra em um espaço em que seus sentidos sejam estimulados: são tocadas por plumas ou folhas bem leves, causando arrepio, depois penetram em um espaço perfumado, quente ou fresco, com iluminação fraca e turva. Muita musicalidade e dança. Cena voltada aos prazeres carnavais, à orgia e à libertação do corpo – talvez dança com corpos úmidos e seminus. Apelo à cor vermelha, à ansiedade e à fome. Gelo seco leve. FAUSTO e MEFISTÓFELES. Depois, as personagens que forem citadas.*

### MEFISTÓFELES (a Fausto)

Em vez de palmilhar, Doutor, não gostaria de ir num pau de vassoira? Eu por mim preferia montar um bom cabrão. Antes que lá cheguemos não nos falta que andar.

### FAUSTO

Sou rijo; caminhemos.  
Este bordão de nós por ora me é bastante.  
E apressar, para quê? Se há gosto que me encante na jornada que faço, é isto: ir à vontade vendo este labirinto e a sua variedade; tanto vale espantoso! e aqui sobre esta penha a cascata sem fim que troa e se despenha!  
Já primavera nova anima os vidoeiros; engalana-se o mato; alegam-se os pinheiros.  
Poderá resistir a natureza humana a tais influências? [99]

### MEFISTÓFELES

Se o mato se engalana  
e o Doutor se alvoroça, eu cá não sinto nada.  
O que eu tomara sempre era grande inverno, frio de tiritar, e por quaisquer caminhos ver só neve, sentir só neve nos focinhos.  
Como hoje vem a lua avermelhada, cava, e a alar-se sem poder! por pouco mais, deixava às escuras o mundo; é quebrar os narizes de contínuo em calhaus, em troncos, em raízes.

... Um fogo-fátuo! Bravo! Há de dar licença de o chamar. Fraca luz vale mais que sombra densa.  
Uh! uh! ó da luzerna! Há de ter a bondade de vir mais para aqui. Não gaste a claridade assim sem mais nem mais. Obséquio nos faria, se nos fosse diante a destrinçar-nos via por esta serra acima!

### FOGO-FÁTUO

Inda que a nossa essência  
é saltitar à toa, eu farei diligência,  
já que manda quem pode.

### MEFISTÓFELES

Esta é que não é feia.  
Até já este pífio os homens macaqueia!  
Salte-nos para a frente, em nome do diabo;  
e ir direito; senão, verás como te acabo  
com a flamante farofa; um sopro basta.

### FOGO-FÁTUO [100]

Sei  
que está em sua casa; o que mandar fá-lo-ei;  
mas veja que esta noite é a festa das diabruras  
cá no monte; e eu também sou uma das figuras,  
mas vá lá; faltarei, contanto que releve  
a um pobre fogo-fátuo o modo como o leve.

### FAUSTO

Cuido que já estamos no país fantástico

99] Antes de se entregar ao mundo, Fausto se preocupava com resultados, agora sua vida implica em uma constante incompletude, busca e transformação dentro de um pensar – sentir – fazer unitário. Neste momento, ele se contenta em percorrer o caminho como um constante processo, um labirinto como metáfora para tudo aquilo que o mundo apresenta de previsível e imprevisível.

Fausto agora tenta a todo o momento conjugar o divino e o profano: sua razão se volta para os fenômenos que lhe é dado observar. Encontra toda a oposição de Mefistófeles, que acredita num mundo puramente orgânico, caótico em que a consciência e sensibilidade humanas seriam infrutíferas.

100] Fogo-Fátuo é uma luz azulada que deriva da inflamação espontânea do gás dos pântanos, resultante da decomposição de seres vivos, plantas e animais do ambiente. Muitas credices são derivadas deste fenômeno, como espíritos malignos que molestam viajantes e na famosa lenda indígena brasileira de boitatá – espírito com forma de cobra com olhos flamejantes e corpo em chamas que persegue os viajantes noturnos.

de encantos e sonhos.  
Avante, bom guia! Transpõe estes páramos  
vazios, tristonhos.  
Como umas trás outras nos fogem as árvores,  
recurvas, ligeiras!  
E os serros baixando-se! E os roncões e os sibilos  
das rotas pedreiras, que vão a arquejar!

Que palram as águas? que diz toda a harmônica  
loquaz natureza?  
Serão ternas mágoas, queixumes, ou cânticos?  
é gozo? é tristeza?  
de dias celestes celestes memórias?  
amor? esperança?  
recordos confusos de gostos pretéritos?  
vão eco? ou lembrança de lenda a passar? [101]

MEFISTÓFELES  
Ui! que algaravia!  
Bufidos e pios,  
silvos e assobios  
cada vez mais perto!  
Já antes do dia,  
cá neste deserto,  
andam levantados  
gaios, papafigos!  
Que sócios e amigos  
tão desafinados  
as corujas não tem!

FAUSTO  
E aqueles pernudos,  
ascosos, pançudos,  
nas moitas além...  
serão salamandras?  
E aquelas malandras,  
que rompem das gandrás,  
fazendo ameaços,  
lançando mil braços  
qual polvo traidor!

MEFISTÓFELES  
Meras raizadas,  
todas emproadas  
a aterrar as gentes,  
fingindo serpentes.

FAUSTO  
Toupeiras e ratos,  
relé variegada,  
no musgo dos matos,  
na lama encharcada  
sem conto esfervilham.  
Para a festa voam, brilham,  
vaga-lumes aos milhares,  
azoinado redemoinho.

MEFISTÓFELES  
Mas seguimos nós caminho,  
ou quedamo-nos pasmados?

FAUSTO  
Tenho os olhos já cansados  
de ver tudo a rodopiar,  
de ver tanto horrendo esgar  
nuns penedos desalmados,  
na rudez de uns troncos  
brancos tão medonhas carantonhas.  
Fogos-fátuos nunca vi  
como aqui tão abundantes,  
alentados e arrogantes.

101] Em seu caminho, Fausto se encanta com as dádivas da natureza e sua consciência tenta apreender tudo o quanto lhe for oferecido. Age novamente como fenomenólogo: só lhe cabe conhecer o que o acaso põe à sua frente. Não há mais uma essência além do perceptível, seus sentidos são veículos para o seu saber.

Se há um deus, ele é a própria natureza, são os fenômenos considerados em seu fluxo. Pela sensibilidade de Fausto a natureza adquire vida, as águas falam, os fenômenos são considerados em sua harmonia, não mais isolados uns dos outros.

Neste momento, as perguntas falam tão alto quanto as respostas, é preciso admirá-las pelas possibilidades que abrem. Fausto conjura o saber ao sentir, o sagrado e o profano. Por isso, a todo o momento Mefistófeles se opõe à sensibilidade de Fausto.

MEFISTÓFELES (*a Fausto*)

Mas não me largue a cauda. Estamos na eminência,  
que descobre em redor toda a magnificência  
do espantoso Mamon.

FAUSTO

Que baça aurora estranha  
se espraia lá por baixo ao sopé da montanha  
até ao mais fundo abismo! Aqui surge um vapor,  
exalações de além; mais longe um misto horror  
de treva e fogo, a andar como um fio delgado,  
que afinal como fonte em jorro desatado  
serpeia pelo vale em cem veias; confluem  
todas ao mesmo ponto, e dali distribuem  
no vizinho arredor chispante areia d'ouro.  
Quem a escarpa do monte iluminou de estouro,  
toda de cima a baixo?

MEFISTÓFELES

*In verbo* luminárias,  
as do senhor Mamon são extraordinárias; [102]  
pois não são? Despiciu-se a abrilhantar a festa.  
À fé que o meu Doutor nunca esperou por esta;  
hein?

Mas tate... que avento a cáfila bravia  
vir já lá de rondão ao cheiro da folia.

FAUSTO

Safa, que furacão! Mete-me as costas dentro.

MEFISTÓFELES

Se não quer ir parar do negro abismo ao centro,  
Doutor, não há remédio; é com unhas e dentes  
ferrar-se por aí às costelas patentes  
do serro descarnado. Ui! que nevoeiro cego  
cega inda mais a noite, escura como um prego!  
Ouvii nunca fragor como anda no arvoredor?  
As corujas pelo ar esvoaçam-se de medo;  
as colunas do paço eterno-verde racham  
as pernadas gemendo estorcem-se e se escacham;  
estalam troncos; rota a raizada crepita;  
tudo em medonho caos rui e se precipita,  
trovejando e silvando até o fundo abismo  
das voragens que atulha o horrendo cataclismo.  
Não sente vozear lá no alto, e ao longe, e ao perto?  
Ora aí vem já de certo  
chegando o reboliço  
que vem povoar este montês deserto  
nas horas do feitiço. [103]

*(Sucessivamente aparecem as figuras que a seus tempos se irão indicando.)*

FEITICEIRAS E FEITICEIROS

De Brocken ao rochedo,  
correr, correr, bruxedo!  
Onde a cana já loureja,  
mas a espiga inda verdeja,  
todo o bando unido seja.  
Posto de alto e todo mano,  
é o senhor Dom Fulano  
quem preside ao nosso arcano.  
Por cima da folha, mais do pedregulho,  
festaça rasgada com todo o barulho.  
O bode tresanda fartum que enfeitiça,  
e a bruxa castiça, castiça e castiça.

UMA BRUXA

Lá vem, e vem só,  
a velha Bobó,  
nossa rica avó.  
Que flamante vem  
para a patuscada,

102] Mamon = uma divindade de origem assíria ou um termo de origem aramaica que significa dinheiro, riqueza. No Velho Testamento, Mamon é descrito como um demônio das riquezas. Demônio é uma oposição à figura de Deus, como dito antes, remete ao lado pagão do homem, o animalesco, o mal, o caos, o tempo finito, o profano, o imoral e a loucura. Assim, Goethe só pode ter escolhido propositadamente esta figura para presidir a Noite de Valburga.

103] Goethe nos apresenta a Noite de Valburga, onde Fausto vai fugir de uma sociedade repressora em que estavam ele e Margarida submersos – sua maior prova foi a ira de Valentim – para penetrar em sociedade libertária, entrado em contato com o caos generalizado, a liberdade, a desordem e o espontâneo:

“Valburga é a carnavalização e o riso irônico em contraposição à seriedade e às estruturas hierárquicas das festas religiosas, uma paródia da coletividade, uma ‘moral às avessas’. Realiza o prazer físico, uma utopia da carne, o prazer é coletivo. O espiritual é dissolvido e transfere para o material tudo o que é elevado e ideal. Há o privilégio do prazer, do sensorial e do presente, tudo misturado a uma grande paródia que detrói com seriedade da tradição. É a total desritualização, é o jogo com os opostos, com a Vida e com a Morte, com o Certo e o Errado, com o Bom e com o Mal, com o Sacro e com o Profano.” (KONESKI,1999)

[continua]

toda escarranchada  
numa porca-mãe!

#### CORO

Quem de todas é primeira,  
toca-lhe ir na dianteira.  
Tudo atrás da vovozinha,  
que parece uma rainha  
sobre a porca parideira.

UMA BRUXA (*para outra*)  
Donde vens?

#### A OUTRA

Da roca  
de Ilsen, onde está,  
dentro numa toca  
funda negra e suja,  
ninho de coruja.  
Deitou-me de lá,  
com ar macambúzio,  
por ver a espreitá-la,  
um lúzio... que lúzio!

#### BRUXA

Cala-te aí! Quem te ora fala de coruja?  
Subvertida  
sejas tu!

#### OUTRA

Mas que pressa! Onde é a ida?

#### A OUTRA

Já do chouto vou ferida.  
Podes vê-lo: olha este...

#### FEITICEIRAS E FEITICEIROS

Leva, leva, cavalgada,  
que tão cedo não se apanha  
ver o fim de tal jornada  
por tais fragas de montanha.  
A vassoira arranha.  
O forçado fura.  
E todas põe manha  
na cavalgadura.  
E o chouto nas panças  
abafa as crianças.  
E as mães coitadinhas,  
a cada pinote  
vão para as vizinhas  
tocando fagote.

#### O CORIFEU DOS FEITICEIROS

Deixar lá ir as seresmas  
de escantilhão nos seus potros.  
Fica melhor a nós outros  
esta andadura de lesmas.  
Se tudo vai para o paço  
do Grão-Perro, não se queira  
estranhar ao femeação  
que nos leve dianteira.

#### A CORIFÉIA DAS FEITICEIRAS

Falem, falem, linguarudos!  
É que na estrada dos demos,  
onde nós mil passos demos,  
chegam num pulo os barbudos. [104]

#### VOZ DO ALTO DO MONTE

Olá da lagoa,  
vinde para a altura!

Nesta cena, Goethe aproveita também para escrever coisas que não cabiam em outras partes, uma espécie de fragmentos e brincadeiras literárias com personagens de sua época.

104] “A ‘carnavalização’ estudada por Bakhtin (A cultura popular na Idade Média e no Renascimento) é um recurso para a compreensão do Fausto de Goethe. Na primeira parte, a linguagem de Mefistófeles e suas peripécias, as situações às quais Fausto é induzido, trazem à lembrança o espírito das festas carnavalescas, no sentido da dissolução de crenças e convicções. No espaço aberto para a carnavalização o divino e o misterioso se humanizam. O Bem e o Mal se diluem. A parte mais provocante é a cena da noite de Walpúrgis. Trata-se de uma orgia ancestral que faz explodir a sexualidade carnalizada, do imaginário festivo popular.” (KONESKI, 1999)

VOZ NA BAIXA  
A vontade é boa,  
mas o banho apura  
do corpo a brancura.  
Por isso, cá estamos,  
se bem, coitadinhas,  
que, mais que façamos,  
por mais que lavamos,  
por mais que esfregamos,  
ficamos maninhas, [105]

FEITICEIRAS E FEITICEIROS  
Cala o vento; não há vê-la  
meia estrela.  
A baça lua  
de todo amua.  
Passa alvorotado  
o bando encantado  
como um turbilhão,  
deixando crivado  
de chispas o chão.

VOZ EM BAIXO  
Parem, parem!

VOZ NO ALTO  
Quem nos brada  
dos abismos do rochedo?

VOZ EM BAIXO  
Levai-me deste degredo,  
que a trepar pelo fraguedo  
levo há já trezentos anos,  
sem chegar à cumeada!  
Deixai-me ir convosco hermanos!

FEITICEIRAS E FEITICEIROS  
Ala, ala, vassouras, forcados,  
bodes, trancas! arriba, às alturas!  
Ai de quem as não vinga; maus fados  
para sempre lhe estão destinados  
nas funduras.

SEMI-BRUXA (*na baixa*)  
Vou-lhes na pegada  
correndo estafada.  
Tamanho é o avanço,  
que não as alcanço.  
Já lá na casinha  
Não tinha descanso.  
Mesquinha, mesquinha,  
debalde me canso.

FEITICEIRAS  
Feiticeira bem untada  
feiticeira bem dotada.  
De uma gamela  
faz caravela;  
de uma rodilha  
faz uma vela  
com que a amantilha.  
Navega por 'í fora;  
bom vento, e vive Alá!  
Quem não viaja agora,  
quando viajará?

TUTTI  
Sus, apear, desembarcar!  
Chegou-se enfim aos grandes cimos.  
Pousar agora e descansar  
quantos e quantas ora vimos  
esta charneca povoar!

105] Fausto vivencia tudo que o carnaval permite ao homem. Para Mikhail Bakhtin (1895-1975), estudioso do carnaval em sua forma médio-renascentista, “a lógica do carnaval não é a do verdadeiro ou falso, a quantidade ou casual da ciência e da seriedade, mas a lógica qualitativa da ambivalência, em que o ator é também o espectador, a destruição dá margem à criação, e a morte é equivalente ao renascimento.” (LECHTE, 2003)

O carnaval se contrapõe à moral e a ciência. No carnaval, há a libertação do corpo, que passa de elemento fechado e privado a aberto ao mundo. Tudo se torna ambivalente, inclusive o corpo. Fausto irá experimentar uma das faces do carnaval, sua torpeza, degradação e aviltamento, onde o corpo e suas funções – defecar, urinar, copular – fazem parte da experiência carnavalesca.

O riso também é parte integrante desta festa, como forma de libertação e democratização. Goethe explora isto em suas personagens na Noite de Valburga, onde todos democraticamente participam do riso festivo, como objetos ou sujeitos.

(*Vão-se assentando*).

MEFISTÓFELES

Que apertão, que empurrões, que barafunda,  
tropeções, castanholas, assobios,  
empuxões, voltas, palavras, luzes-luzes,  
fagulharia, fétidos ardores...  
em suma feira franca de feitiços.  
Cosa-se bem comigo, que a desviar-se  
não sei onde irá ter... Onde está ele?...  
Doutor! Doutor!

FAUSTO (*Muito longe*)

Aqui...

MEFISTÓFELES

Já lá tão longe!  
Não há remédio. Cá nos meus morgados  
sou eu só quem governa. Afasta! arreda!  
Dom Belzebu que chega! Abri-lhe praça,  
raia miúda!  
Aqui, Doutor! segure-se!  
Belo; e agora é safarmo-nos num pulo,  
dentre esta turbamulta, que atordoia  
até aos do meu pano.

Espera... aquilo  
que será que além brilha? Estou curioso,  
Meto-me à sarça. Venha, venha! Entremos,  
sem fazer bulha.

FAUSTO

Mais variável gênio  
do que tu és, não quero que haja. Embora!  
Vamos lá; mas só doidos tal fariam:  
Cansar a gente a marinhar ao Brocken  
na noite de Valburga, e por desfecho  
ter o que? embrenhar-se como os bichos. [106]

MEFISTÓFELES

Não trove de repente! Afirme a vista!  
Perceberá candeios de mil cores.  
Há lá festa; há de achar-se acompanhado,  
mas sem balbúrdia.

FAUSTO

Ao píncaro do monte  
mais folgara que fôssemos; avisto  
já por lá turbilhões de fogo e fumo.  
Que de devotos que ao maligno acodem!  
E que de enigmas que hão de ali solver-se!

MEFISTÓFELES

E que de outros urdir-se! Os mais que folguem  
a seu sabor; nós outros desfrutemos  
à chucha-caladinha a nossa conta.  
Isto de concílios formados  
na grande sociedade é moda antiga.  
Lá vejo eu bem gentis feiticeirinhas  
nuas em pêlo; e velhas à cautela  
todas bioco. Não me faça de urso!  
Mas que seja tão só por me dar gosto,  
quero-o ver todo França. O custo é pouco,  
e o gáudio de enche-mão. Ouço instrumentos,  
ou coisa que o parece; irra, que bulha!  
Paciência! a princípio é que se estranha.  
Venha comigo, mexa-se! já agora  
não há remédio. Eu sou quem o apresenta,  
por isso vou diante. Em realidade,  
sempre o nosso Doutor me deve muito!  
Que tal acha este campo? é formidável,  
pois não é? custa a ver o limite.  
Arde ao redor um cento de fogueiras;

106] Segundo Castilho:

"*Noite de Santa Valburga* – Santa Valburga ou Valpurga (Walpurg em alemão) é figura de vulto no calendário dos católicos alemães; e não só lá, mas também em Inglaterra, na Holanda, na Bélgica, e em muitas terras de França, onde o povo lhe transtorna o nome de modos vários: Vaubourg, Gauburge, Gualbourg, Falbourg, e Avaugour. Foi abadessa de Heidenheim na Baviera, e faleceu no ano de 779, ou antes 780. A sua festa era geralmente celebrada no 1.º de Maio.

A véspera ou vigília de Santa Valburga era de grande festança popular em Heidenheim. Por isso talvez é que o poeta se lembrou de chamar a esta balbúrdia de feiticeiras, duendes, e trasgos, *Noite de Santa Valburga*, sendo que a bem-aventurada nada tinha com bruxas nem demônios; assim como iam bem entre nós a véspera de S. João foi sempre famosa pelas moiras encantadas, vaticínios de amores, passagem pelo vime, virtudes das orvalhadas, etc.; coisas que nunca nem pela idéia passariam ao Santo do deserto, apesar de profeta.

Muito bem nota o tradutor italiano Maffei, que o poeta alemão, como protestante que era, intitulou isto *Noite de Valburga* e não de *Santa Valburga*, segundo é costume entre os católicos.

O importante, e o que faz ao nosso propósito, é que na noite de 30 de Abril para o 1.º de Maio os camponeses, no pressuposto de que as feiticeiras andam por essas horas escuras fazendo invisivelmente as suas procissões e correrias pelos campos, giram com archotes e aos tiros por toda a parte, a ver se as disturbam e afugentam."

baila-se; palra-se; enche-se a barriga;  
pinga a rodo; mochedo à tripa forra.  
Onde é que pode haver melhor cantada?

FAUSTO

Tu, como é que na súcia te apresentas?  
como diabo, ou disfarçado em bruxo?

MEFISTÓFELES

Costumo andar incógnito; mas hoje  
dia de gala, assoalham-se as veneras;  
não ponho jarreteira; o pé de cabra  
mete mais vista. Já lá vem a rastos  
um caramujo, de focinho em terra;  
já me aventou aposto. Está sabido:  
encobrir-me eu aqui, era impossível.  
Toca, toca a rodar essas fogueiras.  
O alcoviteiro sou eu; por sua conta,  
só fica o desfrutar.

*(Dirige-se a uma roda de velhos, que cercam um brasido de fogueira) [107]*

Vocês, velhotes,  
que fazem por aqui? Se os visse andarem-se  
de réstia com os pimpões da brincadeira,  
entendia; mas isto, acantoados  
como ermitães, que vale ou que lhes presta?  
Era muito melhor não vir à festa.

UM DOS VELHOS, GENERAL

No fim lhe há de achar a errata  
um parvo que serve ao povo,  
e por lhe agradar se mata.  
Mulher quer sempre ao mais novo;  
plebe ao da última data.

OUTRO VELHO, MINISTRO

Tempinho santo o passado.  
Hoje, que há 'í de sisudo,  
de bom, de bem ordenado?  
Século, em que éramos tudo,  
foste o século doirado.

TERCEIRO VELHO, PARVENU

Espertos, também nós fomos,  
que engordamos e subimos,  
sem nos prendermos nos cornos.  
Entraram novos mordomos,  
fugiu-nos tudo, e caímos.

QUARTO VELHO, UM AUTOR

Quem sofre hoje as obras ler  
de chorume e de saber?  
A exclusiva faculdade  
do julgar e do escrever  
toca à fátua mocidade.

MEFISTÓFELES *(parecendo de repente velhíssimo)*

O dia de juízo é já propínquo.  
Nesta minha subida derradeira  
ao monte dos feitiços, reconheço  
que está chegada ao termo a humanidade;  
por isso o meu barril já deita as borras.

UMA BRUXA BELFURINHEIRA [108]

Não passem, fregueses, sem ver a fazenda  
de trinta mil castas, que trago hoje à venda.  
Não são galanduchas, que nunca alguém visse.  
Não vem coisa alguma, que já não servisse  
uma vez ao menos de perder a alguém.  
quem vem? quem enfeira? fregueses, quem vem?  
Nenhum punhal trago que não se embainhasse  
nalgum coração;  
nem copa brilhante, que não ministrasse

107] Uma roda de velhos = provavelmente uma sátira de Goethe a pessoas de seu tempo.



108] Bruxa Belfurinha = segundo Castilho, simboliza a imprensa infame e desaforada da época de Goethe.

veneno terrível aos lábios de um são;  
nem jóia que à honra de bela donzela  
não fosse fatal;  
nem folha de espada que nunca em cilada  
se visse cravada por mão desleal.  
Mil outras como estas a arca contém,  
que em algo funestas já foram a alguém.  
Quem vem? quem enfeira? fregueses, quem vem?

MEFISTÓFELES (*tornando-se outra vez moço*)  
A adela anda no mundo trasnoitada,  
por força; pois não sabes que hoje em dia  
só se quer dito e feito, e sempre novo?

FAUSTO  
Já começo a temer, com tal barulho,  
de mim próprio afinal vir a esquecer-me.  
E chama-se isto feira!

MEFISTÓFELES  
Antes se chame  
fervença de ambiciosos apostados  
a qual primeiro se verá no cume.  
Cuidas ir empurrando, e és empurrado.

FAUSTO  
Aquele quem será?

MEFISTÓFELES  
Pois não conhece!  
Repare; é a Lilita. [109]

FAUSTO  
Hein! que Lilita?

MEFISTÓFELES  
A Lilita da Costa; não te lembras?  
a primeira mulher de Adão de Barros.  
Cuidado em ti com os seus gentis cabelos,  
que os não há mais encanto. Ai do mancebo  
que neles se enredar; nunca mais foge.

FAUSTO  
E essas duas a par tão bem sentadas,  
a velha, mais a moça? Esbaforiu-as  
sem dúvida o bailar.

MEFISTÓFELES  
Isto hoje, amigo,  
não dá trégua nem folga. Aí principia  
já outro bailarico. Ande depressa!  
agarre um par e salte! A coisa é essa.

(*Fausto dança com a moça, e Mefistófeles com a velha.*)

FAUSTO (*dançando e cantando*)  
Em macieira de estima  
sonhei ver duas maçãs;  
tão d'enche-mão, tão louças  
que lhes saltei logo em cima.

BELA (*idem*)  
Se de maçãs tanto gostas,  
não vás com o Éden sonhar.  
Também eu no meu pomar  
cá tenho maçãs bem-postas.

MEFISTÓFELES (*idem*)  
E eu sonhei com uma cepeira  
.....  
.....  
.....

## 109] Segundo Castilho:

“*Lilita* – pareceu-nos que o nome assim escrito saia melhor para o português que Lilit. O que ainda não conseguimos entender é a razão de se ter assim trocado o nome de Eva bem como o dizer-se que fora ela a *primeira* mulher de Adão. Se graça é isto que o poeta põe na boca do pai da mentira, fria graça nos parece.

Andaria aí alguma alusão à Lili, por quem o poeta nos conta nas suas memórias ter andado perdido de amor? A ser isso, o trecho para ele e para ela poderia ter algum sentido talvez: para os mais ficou enigma indecifrável.

Como disparates se podem sem dispensa casar entre si, não pusemos dúvida em aplicar ao primeiro homem o apelido de *Barros* e à primeira mulher o de *Costa*, destemperado joguete de palavras que nos lembra ter encontrado nas facécias do poeta cabeleireiro António Joaquim de Carvalho.”

Já, segundo D’Ornellas:

“Na magia caldaica, Lilit é um súcubo. Acerca dele forjaram os rabinos cabalistas uma lenda, segundo a qual Lilit seduz Adão, que com ela procria numerosos demônios. *Isaías*, XXXIV – 14, faz menção a Lilit, que a Vulgata traduz por lâmina. Na Agada, poarte lendária de Talmud, Lilit aparece como um principio de trevas que, unido a Adão, gera demônios, simbolizando assim os vícios que nascem da união do homem com a ignorância.”

A VELHA (*dançando*)  
Lá tocas não têm concerto,  
senhor Dom Pé cavalari,

PROCTOFANTASMISTA  
Gente maldita, que ousadia a vossa!  
Não se vos provou já que nunca espírito  
pode agüentar-se em pé? Sais-me agora  
até dançantes!

BELA (*continuando a dançar*)  
Que lhe importa a ele  
o que se faz no baile? [110]

FAUSTO (*dançando*)  
É manha velha:  
em tudo se intromete. Em não podendo  
impugnar cada passo, abnega o todo.  
E o que o mais rala, é ver que se progride.  
Resolvessem-se os mais a andar como ele  
sempre à roda em zunzum de dobadoura,  
tinham certo o seu A, principalmente  
se o rude sistema louvassem.

PROCTOFANTASMISTA  
Teimam! não se vão! Quem viu tal birra?  
Víspera, coisas más! Não nos ouviste  
O *Fiat lux*? Canalha de diabos,  
as regras só lhes servem de debique.  
Até nós, nós, protótipo do siso,  
sentimos dar-nos volta a moleira,  
pensando no que aí vai. Ter eu varrido  
todas essas insulsas nigromancias,  
e ver como inda o mundo me enxovalham  
Teimam! Não se vão! Quem viu tal birra?

BELA  
Homem, não mace mais!

PROCTOFANTASMISTA [111]  
Na própria cara  
vo-lo repito, Espíritos! Não sofro  
a Espíritos ser déspotas; e a causa  
é que déspota ser não posso eu mesmo.

(*Continuam a dançar*)  
Tudo hoje me sai torto. Paciência!  
Pelo menos, fiz mais esta *Viagem*.  
E antes que faça a última, inda espero  
vencer enfim diabos e poetas.

MEFISTÓFELES  
Daqui a nada, assenta-se num charco,  
que nisso é que acha alívio. As sanguessugas  
as nádegas lhe sangram, até que o deixem  
de espíritos e espírito curado.

(*A Fausto, que deixou a dama*)  
Deu de mão à formosa parceirinha,  
tão sereia no canto?

FAUSTO  
Irra, que nojo!  
Ao cantar, cuspiu fora um camundongo,  
por sinal encarnado.

MEFISTÓFELES  
Ora que espantos!  
Inda se fosse pardo... E por tão pouco  
se desperdiça a maré do carvoeiro?

110] “Fausto passa a sentir que Margarida, por lhe ter dado tudo o que lhe podia dar, despertou nele um apetite que ela não é capaz de saciar. Ele se dirige, no meio da noite às montanhas Harz, com Mefisto, para celebrar *Walpurgisnacht*, um orgiástico Sabá de bruxas. Ali desfruta mulheres incomparavelmente mais experientes e despojadas; drogas ainda mais inebriantes; estranhas e maravilhosas conversações que valem por verdadeiras viagens. (...) é só no fim da noite que ele tem uma iluminação agourenta, pergunta pela moça que havia abandonado e vem a saber o pior.” (BERMAN,1986)

111] Segundo D’Ornellas:

“É termo da composição de Goethe. Para dar uma idéia do que significa em português, servir-me-ei da frase que Diniz aplica no Hissope ao pior da Alcáçova: ‘homem vexado de noturnas visões’. Confere Goethe nome tão peculiar ao livreiro Nicolai, de Berlim, grande inimigo de superstições e preconceitos e ridiculamente enfatuado com sua ilustração. Nicolai criticou com incrível arrogância a escola literária que fundaram Goethe e Schiller, e esses grandes gênios não desdenharam retorquir-lhe com pungentíssimos epigramas”

FAUSTO  
Mas é que inda vi mais.

MEFISTÓFELES  
Mais quê?

FAUSTO  
Repara!  
Não vês além ...ao longe...em pé...sozinha  
uma linda menina, aspecto pálido,  
passos de quem arrasta grilhões?  
Quer-se-me figurar que as parecenças  
são tais quais as da boa Margarida.

MEFISTÓFELES  
Deixe lá isso: o apegar-se em certas coisas  
às vezes não é bom. São vãs sombrinhas;  
que lhe quer? imposturas do bruxedo.  
Querer vê-las ao perto é perigoso.  
Pessoa em que as visões encarem fito  
ficou, a bem dizer, petrificada.  
Sabe o que era a Medusa?

FAUSTO  
Em realidade,  
os olhos são como olhos de defunto  
não cerrados à luz por mão piedosa.  
Aquele é o próprio seio, o ninho  
amante da minha Margarida; aquele o corpo  
que já foi meu tesouro.

MEFISTÓFELES  
Usuais efeitos  
da arte ruim, meu crendeirão palerma.  
Cada um vê naquilo a própria amada.

FAUSTO  
Oh que céu! oh que inferno! Olhar é esse,  
que o não posso fugir. E a gargantilha  
que lhe cinge o pescoço! um fio apenas,  
estrito como as costas de uma faca,  
e vermelho. [M]

(Saem FAUSTO e MEFISTÓFELES seguidos pela platéia)



**M]** Na maioria das dramatizações de *Fausto* é cortada a cena das Áreas Núpcias, que seguia a esta cena. A cena, um trecho obscuro repleto de personagens e falas bizarras, é uma ruptura tão radical ao fio dramático que o próprio Goethe a inclui apenas como um *intermezzo* – intervalo na peça – onde são representados satiricamente tipos da época do autor.

### CENA XIII

CENA DE TRANSIÇÃO. Rua da cidade. FAUSTO e MEFISTÓFELES caminhando.

FAUSTO

Penúria, desconforto a vida inteira,  
e um cárcere afinal. [112]

Quem to diria,  
bela inocente! como ré fadada  
a cruz tormentos! Tanto pôde a sina!  
E este infame traidor a ter-mo oculto  
Ousa ainda encarar-me! Anda, dardeja-me  
as brasas desse olhar. Se te parece,  
exaure-me de todo a paciência  
a arrostares-me em face!

Encarcerada,  
falta de tudo, obsessa de demônios,  
em garras de juizes desalmados,  
e eu no entanto em mil frívolos recreios  
engodado por ti, seus ais não ouço,  
não na arranco do abismo onde a recalcas.

MEFISTÓFELES

Já não é a primeira.

FAUSTO

Ah perro! há monstro!  
Retorna-o, Senhor Deus, que podes tudo,  
ao ser canino com que o vi rojar-se  
aos meus pés, com que fila atraído  
ao viandante incauto, e salta às costas  
do homem caído! ou torne à costumada  
forma de cobra, arraste-se na terra,  
e eu que pise, que esmague o miserável!  
*Já não é a primeira!!* Onde há 'í peito,  
que abranja horror tamanho! Haver mais de uma,  
que se tenha afogado em tal miséria!  
Não terem logo os transe da primeira  
por todas pago e resgatado a todas!

Eu só de imaginar as penas desta  
sinto infernos cá dentro!... ele, impassível,  
mencionando as sem conto amostra os dentes!

MEFISTÓFELES

E quer isto conosco associar-se!  
Onde a ciência em nós começa apenas,  
a de homens deu em seco.

Ambicionaras  
seguir-me o vôo, e mal batemos asas,  
já se te oura o juízo e cais.

Busquei-te,  
ou buscaste-me tu? [113]

FAUSTO

Não me arreganhes  
a dentuça roaz! metes-me nojo!  
Espírito sublime, oh tu, que observas  
meu sentir e pensar, como te aprouve  
jungir-me escravo ao mais feroz dos gênios,  
para o qual dor alheia é pasto, é glória!

MEFISTÓFELES

Findou?

FAUSTO

Salvá-la!... ou mal por ti, que voto  
com tal imprecação assoberbar-te,  
que te há de durar séculos.

112] Aqui, Fausto confirma na prática o que disse no estúdio. Ainda que entregue aos prazeres terrenos, sua busca pelo prazer e contentamento produziu um sofrimento desmesurado. Não encontrou a saída para sua condição absurda: assim como toda a sua erudição só lhe trouxera dúvida, seu amor só lhe causou suplício. Os serviços Mefistófeles ainda não lhe trouxeram a tão sonhada satisfação.

113] Foi casual o encontro de Mefistófeles e Fausto? Não teria a busca pelo divino, desde o início, condenado Fausto a cair no profano? Não seria o Mal o contraponto inevitável ao Bem Absoluto que Fausto buscava realizar através da difusão conhecimento? O próprio Fausto o admitiu anteriormente; estas contradições são inerentes ao mundo absurdo. Por fim, a idéia de justiça à qual Margarida será submetida contempla este paradoxo ao assassinar a assassina: é o mal gerando o bem ou o bem que conduz ao mal.

MEFISTÓFELES

Não cabe  
na minha alçada espedaçar os ferros  
da pública vindicta. Acho-te pilhas  
no teu *Salvá-la!* Quem pregou com ela  
nesse abismo? eu ou tu?

Vá lá. Fulmina-me!

(Inda foi providência o não ser de homens  
o jus do raio.) Usual nos tiranetes  
foi sempre, onde inocentes se desculpam,  
tapar-lhe a boca, por livrar de empachos.

FAUSTO

Leva-me a ela: vou soltá-la. [114]

MEFISTÓFELES

E os riscos?  
Lá na cidade o crime de homicida  
acha-se inda em aberto... Inda revoam  
sobre os terrões do morto espirítinhos  
vingadores, à espera do homicida.

FAUSTO

Outra das tuas. Maldições sem termo  
sobre ti, monstro! Já to disse; mando  
que lá me ponhas, e ma salves.

MEFISTÓFELES

Pronto,  
quanto ao levar-te; agora onipotência  
confesso que a não tenho. O que eu só posso  
é sepultar em sono o carcereiro.  
O mais não me pertence: há de ser de homem  
a mão que fure a chave e solte a presa.  
Eu fico de vigia. Tenho prestes  
os nossos cavalos enfeitados;  
montam, ponho-os em salvo. O que prometo  
é isto, e hei de cumpri-lo.

FAUSTO

Andar! Corramos!

*(FAUSTO e MEFISTÓFELES se aproximam do cenário da cena seguinte)*

FAUSTO

Não sei que avisto ao longe... a modo de figuras  
a esfervilhar num ponto, em diversas posturas,  
a subir, a descer, à luz de archotes. Creio...

MEFISTÓFELES

Serem bruxas talvez, que andem no seu recreio.

FAUSTO

Não. Quer-me parecer, se o olho não me é falso,  
ver gente azafamada a armar um cadafalso.

MEFISTÓFELES

Deixa-os lá cozinhar a gosto seu. Crerão,  
dar um prato à justiça, outro à religião.  
Isso a nós que nos monta? O nosso empenho agora  
é chegarmos a tempo. Açoite, e fite a espora!

114] A vontade de salvar Margarida não parte do remorso de Fausto por ter envolvido a moça no seu processo de desenvolvimento pessoal, mas da luta em destruir a moral da sociedade que se impõe sobre o indivíduo. Fausto não poderá ser livre enquanto outra pessoa estiver enclausura, ser livre é uma decisão que toma para ele mesmo e para toda humanidade. A libertação de Margarida pode ser a representação de uma vontade maior de Fausto, como a queda da Bastilha foi o símbolo da destruição da tirania monárquica na França.



#### CENA XIV

*Prisão. Local institucional. MARGARIDA, presa em uma plataforma elevada. Talvez a mesma estrutura das cenas I e II; ao invés do estúdio um misto de cadafalso e prisão. MARGARIDA, pálida, numa espécie de sonolência, ferros aos pés e pulsos, cobertor sobre si. FAUSTO a alcança por trás da grade com molho de chaves e uma lanterna. Depois, MEFISTÓFELES.*

FAUSTO

Arrepios assim nunca eu senti. (Fraqueza da humana condição.) Aqui, nesta escuridão, nesta umidade infecta onde entro horrorizado, e que ela está vivendo, é que ela tem penado por um sonho de gosto horas sem fim de luto. Que é isto, coração! Tremes irresoluto no momento de ir vê-la! A sua aparição, que tem para assustar-te? Avante, coração! Valor! Para a salvar apenas resta um passo. Cada instante perdido acerca-a do trespasso.

*(Mete a chave na fechadura.)*

MARGARIDA *(cantando em delírio)*

Nasci de uma perdida.  
Gerou-me um salteador.  
A mãe roubou-me a vida.  
O pai tragou-me em flor.  
Saltou-me a irmã vizinha  
do fresco seu coval;  
mudou-me em avezinha  
no agreste matagal;  
fugiu da terra feia; vim ser feliz no ar;  
aqui só me recreia voar, voar, voar. [115]

FAUSTO *(diligenciando abrir a fechadura)*

Ah! Mal sabe a infeliz, que o seu querido ausente já tão perto lhe está, que lhe ouve claramente o tinir dos grilhões, das palhas o soído, cada vez que revolve o corpo dolorido.

*(Entra)*

MARGARIDA *(desvairada, envolve-se no cobertor, voltando-se para a parede)*

Jesus, vê-los lá vem! Que horrendo fim!

FAUSTO *(mansinho)*

Não tremas.  
Não grites; sou eu; venho arrancar-te as algemas salvar-te.

MARGARIDA *(arrastando-se para Fausto)*

Se és acaso um ente humano, e pode tocar-te um mal extremo, ao meu martírio acode! [116]

FAUSTO

Silêncio! O teu clamor acorda os guardas.

*(Pega nos grilhões para os abrir.)*

MARGARIDA *(de joelhos)*

Não!  
Não! Quem te deu licença, algoz, de me pôr mão?  
Antes da meia noite! É cedo. Tem piedade!  
Um pouco mais de vida! Espera a claridade!

*(Levanta-se)*

Sou tão nova, tão nova! Hei de morrer tão nova?  
Meu Deus! diz que sou bela, e vou por isso à cova.  
Ai! que é do meu querido? antes sempre ao meu lado,  
e agora tão distante? a coroa do noivado  
desmanchou-se-me; o pó sumiu-lhe as tristes flores. [117]

*(Fausto forceja para a levar)*

Larga-me os pulsos, larga! "Acrescentar-me dores,  
selvagem! para quê? fiz-te algum mal? até

115] Margarida está encarcerada e experimenta um estado de transe. A ruptura com seu passado e suas tradições fez com que perdesse o referencial de sua vida. Foi atirada para fora da sociedade assim como também o fora a própria loucura. Porém, a loucura de margarida não é alheia ao mundo, ela é uma loucura criadora. As imagens que a loucura de margarida cria refletem o absurdo ao seu redor e seu sofrimento. De certo modo, a loucura torna Margarida a mais lúcida em um mundo repressor e, por isso, insano.

116] O mal que se abate sobre Margarida aflige todos os homens: silenciar-se perante o mesmo e promover a própria destruição. É a este mútuo reconhecimento no horror a que apela Margarida. Acima de tudo, ela revela que Fausto, salvando-a, estará salvando a si mesmo.

117] Em sua loucura, Margarida confunde Fausto com seu algoz e ele o é. Foi Fausto que abriu o caminho para a perdição de Margarida e chega agora, justamente às vésperas da sua execução, impondo que Margarida tome uma decisão; Fausto precipita, assim, sua a morte.

nunca te vi.

FAUSTO  
Que transe!

MARGARIDA  
Estás-me aqui ao pé;  
bem vês que te não fujo. É mister que amamente  
primeiro o meu menino, e depois o adornente,  
que toda a santa noite a levamos de vela,  
a criancinha a rir-me, e eu a afagá-la a ela.  
Para me atormentar, furtam-ma, e agora teimam [118]  
que a matei eu! Vê, vê, com as penas que me afleumam  
se posso nunca mais ter hora de alegria?  
Até já pela rua (olha que tirania!)  
cantam a Margarida; a moda é moda antiga,  
mas comigo é que entende a letra da cantiga.

FAUSTO (*caindo em joelhos*)  
É ele, o amado, o teu, que te ora de mãos postas  
ajoelhado a teus pés, que o sigas, que dês costas  
a este infame horror.

MARGARIDA (*ajoelhando ao lado dele*)  
Oh sim; ajoelhemos.  
Nos céus mora a piedade; os santos invoquemos.  
Vê, ouve lá por baixo o inferno em fúria, a sanha  
com que o espírito mau o fogo eterno assanha!

FAUSTO (*em voz mais alta*)  
Margarida, repara! Atende, Margarida!

MARGARIDA (*atenta*)  
Ouvi-lhe a voz... Chamou-me... Onde está?

(*Caem-lhe os grilhões e as algemas*)  
Desprendida!  
Já o posso abraçar; já posso neste peito  
senti-lo palpitar no abraço mais estreito.  
Chamou-me. Vi-o ali. Todo o motim do inferno  
a escarnecer-me em coro, e a blasfemar do Eterno,  
não lhe encobriu a voz; reconheci-lha; disse  
Margarida! e era a mesma, a mesma na meiguice.

FAUSTO  
Sou eu.

MARGARIDA  
És tu?! Repete-o.

(*Tateando-o*)  
És; és; já não duvido.  
Ficai-vos, meus grilhões, meu cárcere insofrido!  
Vens salvar-me: estou salva e livre... Espera!... aqui  
é (se a não reconheço?! ) a rua em que eu te vi  
pela primeira vez; a porta além diviso  
que entra ao quintal da Marta, ao nosso paraíso.

FAUSTO (*forcejando para que saiam*)  
Vem, vem! Segue-me!

MARGARIDA  
Espera. É tão grande a alegria  
que estou sentindo aqui na tua companhia!

(*Afagando-o.*)

FAUSTO  
Se teimas em ficar, perdemo-nos.

MARGARIDA  
Já vejo  
que tudo lhe esqueceu: pois nem sequer um beijo?

118] Margarida é vítima da condenação de uma sociedade que a repeliu por não poder conviver com sua liberdade. Foi esta punição que levou Margarida ao desespero, ao delírio e ao infanticídio. Com seu crime, Margarida revela que o fruto de sua transgressão não terá lugar no mundo, seja no antigo ou no novo. É justo, portanto, responsabilizar a própria sociedade pelo crime a que condena Margarida.

“Tanto Fausto como Margarida abalaram a disciplina da cidade, a separação de pessoas por uma hierarquia bem definida. Eles ousaram quebrar a sociedade de classes. Um homem da cidade, sem vínculos com a terra, com a família, adepto à ilimitada liberdade. Fausto representava uma realização pessoal e não uma busca do coletivo, da comunidade.” (KONESKI,1999)

Mas, será que sua realização ou escolha pessoal não era uma determinação individual que se refletiria na sociedade? Fausto na verdade, projetava este desejo na sociedade; ele diz, através de suas decisões, o que considera certo para todos os homens. Mais adiante ele efetivamente investirá na transformação da sociedade.



Não me entendo! a abraçar-te e inda aflita! Mas dantes quando o teu falar terno, os teus olhos amantes me envolviam de céu, beijavas-me; um beijar como quem me queria em beijos sufocar. Beija-me, ou beijo-te eu.

*(Beija-o)*

Que lábios! que regelo!  
que mudez! Tanto amor, pudeste-me esquecer-lo?

*(Vai-se afastando dele)*

FAUSTO

Vem! Segue-me, querida! Anima-te! Protesto que ardo por ti, mas sai deste lugar funesto! Nada mais te suplico. Anda comigo.

MARGARIDA *(encarando-o, indecisa)*

Creio...

mas não sei se és o mesmo. Afirma-mo! Receio. [119]

FAUSTO

Sou, sou; fujamos!

MARGARIDA

Bom. Tens-me desalgemada.

Senta-me no teu colo!... Estou maravilhada de me olhares sem tédio. Ignoras por ventura quem seja esta mulher, a quem vens dar soltura, meu amigo?

FAUSTO

Vem, vem! Já rompe a alva.

MARGARIDA

A mãe

matei-a; a criancinha afoguei-a também... mas não era só minha, era tua igualmente; para os dois, é que Deus a dera de presente; sim, também para ti...

Mas, fala-me sincero:

és na verdade o mesmo? ou será sonho? Quero sentir nas minhas mãos a tua mão querida.

*(Toma-lhe a mão)*

Enxuga-a! que lentor!

*(Encarando fitamente na mão)*

De sangue vem tingida!

Justos céus, que fizeste? Embainha essa espada!

Pela cruz to suplico.

FAUSTO

O pretérito é nada.

Matas-me.

MARGARIDA

Não te hás de ir, antes de satisfeito

o que aos mortos se deve, e exige pronto efeito, e amanhã já. Repara! Importa que to explique:

No principal sepulcro a mãe; meu mano fique logo ao pé dela. A mim, talha-me a cama fria mais longe, mas, por Deus, não longe em demasia.

Ao meu seio direito, o nosso pequenino muito aconchegadinho; e mais, só determino que junto a mim, ninguém. Por suma glória tinha jazer-me ao pé de ti; foi outra sorte a minha.

Como que sinto um braço a empuxar-me invisível para ti... de ti outro a repulsar-me horrível.

E mesmo assim és tu, que me olhas tão piedoso. [120]

FAUSTO

Pois se vês que sou eu, se vês que te amo, e ousou

119] Não, Fausto não é mais o mesmo; muito tempo passou na Valburga, tempo suficiente para ter acesso a outras mulheres, outras experiências. Neste intervalo, no qual Margarida teve um filho, Fausto continuou seu intenso processo de desenvolvimento pessoal, assumiu sua transitoriedade e agora vive nela. Poder-se-ia dizer que ele é um ator, mas nos termos de Camus: é um homem que muda à medida em que vive, que se abre tão intensamente ao mundo que este o modifica.



120] Fausto vive intensamente o presente, abriu-se para o futuro e promove a destruição criadora das estruturas vigentes. Nega deste modo as tradições, o passado. Mas Margarida, que se entregou ao mesmo processo destrutivo, demonstra uma atitude mais conciliadora. Em seu testamento verbal, afirma não poder ser sepultada junto à sua família pois se afastou demais de sua moral e de tudo o que eles representavam. Pedes, no entanto, que não seja enterrada demasiadamente longe. Margarida faz assim um apelo à memória, sabe que o mundo que ela criou também é o resultado daquilo que destruiu.

salvar-te, é vir comigo, e já.

MARGARIDA

Lá para fora?

FAUSTO

Sim, sim, para o ar livre.

MARGARIDA

Ai, não, não. Nesta hora  
anda por lá a morte à minha espreita. Escuta!  
Avizinha-se; fico; e espero-a resoluto.  
Não movo pé daqui senão para a jazida  
onde nunca se acorda, e todo o mal se olvida.  
Adeus, e para sempre, amado Henrique! Parte!  
Vive!... Não poder eu agora acompanhar-te!

FAUSTO

Podes, queira-lo tu. A porta está patente.

MARGARIDA

Não me é dado sair. Perdida totalmente  
a esperança! Fugir! E para quê, se eu sei  
que me alcançavam logo? oh! não, não fugirei.  
Achavas que era dita andar de terra em terra  
a mendigar o pão, comigo própria em guerra?  
sempre em sustos? Quem foge a tantos mil espias? [121]

FAUSTO

Bem; morrerei contigo, uma vez que aporfias.

MARGARIDA

Vem! Corre! Dá-te pressa!  
Acode ao teu filhinho!  
Sabes? a via é essa,  
que borda o ribeirinho.  
Remonta-lhe a corrente!  
Corta-o na ponte! Dás  
num matagal em frente!  
À esquerda encontrarás  
o açude de um moinho...  
É lá, é lá,  
que inda boiando está o inocentinho.  
Vai, salva-o, que és seu pai!  
vai! vai!

FAUSTO

Deliras, Margarida! Ah! torna em ti! Desperta!  
Decide-te! Um só passo, ó cara, e estás liberta.

MARGARIDA

Oh! quem já me dera passado este monte!  
A mãe lá em cima diviso sentada  
na penha escavada, que fica defronte!  
Que mão regelada as tranças me aferra!  
Não posso; fujamos; assombra-me; aterra  
ver sempre defronte a mãe assentada  
na penha escavada no cimo do monte.  
Meneia a fronte,  
sem que me veja.  
Não pestaneja.  
Que ar de quebranto!  
Se dormiu tanto!  
Dorme, e jamais há de acordar:  
adormeceu para deixar  
o nosso amor em liberdade.  
Gostos da minha mocidade,  
quão breve tίνheis de acabar!

FAUSTO (*Deitando-lhe as mãos.*)

Já que és surda à razão, e às súplicas do amor,  
levo-te à força. [122]

121] Como continuar a existir depois de destruir o seu próprio mundo? Fausto já estava desvinculado das tradições antes de compactuar com o Demônio, mas Margarida pertencia ao mundo medieval e a sua moral. Aqui, Margarida revela que seu processo de desenvolvimento não apenas conduziu à destruição de seu mundo, mas a sua própria.

122] Margarida não está surda às súplicas de Fausto, ela apenas as ignora pois sabe que Fausto já não a ama como antes e que, salvando-a, ele renunciará todo o desenvolvimento que realizou. Margarida, por outro lado, não tem a opção de continuar vivendo: destruindo seu mundo, destruiu a si mesma.

Sua morte será, então, um ato deliberado de sacrifício, um ato erótico segundo Bataille. Ela dará sua vida pela de Fausto e, assim como no ato sexual, colocará em jogo sua descontinuidade. Mais adiante, ela pedirá que Fausto esconda a todos a ligação entre eles. Ela morrerá para que Fausto se liberte de seu amor, para que ele adquira uma nova vida onde possa dar continuidade ao seu desenvolvimento, para que sua destruição se converta em impulso criador pelas mãos de Fausto.

É um ato que remete Fausto a sua condição mortal, a sua transitoriedade. Morrendo, ela oferecerá sua morte a Fausto que, por sua vez, também morrerá. Neste momento, morre simbolicamente o Fausto Amador para dar lugar a um novo Fausto, liberto do erotismo do corpo e do coração: o Fausto Fomentador.

MARGARIDA

Pára! Afasta-te! Ousas pôr  
mãos violentas em mim? Neguei-te eu nunca outrora  
nada do que é devido àquele a quem se adora?

FAUSTO (*Apontando-lhe para fora das grades da prisão*)  
Doce amor da minha alma, é dia; vês? é dia.

MARGARIDA

Vejo; o meu derradeiro, o mesmo que devia  
sagrar o nosso enlace.

Esconde a toda a gente  
que estiveste comigo.

Adeus eternamente,  
pobre coroa minha!

Hajamos esperança  
de tornar-nos a ver, mas não será na dança.  
... Em cada rua povo! e povo! e povo! a praça  
apinhada em silêncio; o juiz que espedaça  
a vara, e aos pés ma atira! aquilo é o campanário,  
que lá me está chorando o dobre funerário!  
Tomam-me; atam-me as mãos; chegam-me ao cepo, sente  
cada um no seu colo o golpe ao meu pendente...  
Acabou-se o universo. [123]

FAUSTO

Antes não ter nascido  
se tinha de ver isto: ela, assim! eu perdido!

MEFISTÓFELES (*da parte de fora da grade.*)

Perdidos, se exauris em frases e terrores  
o instante de escapar.

(*Entra*)

Os nosso corredores  
escarvam de impaciência. A manhã rasga.

MARGARIDA (*com grande terror*)

Aquilo  
que surge além do chão... quem é?! Vai despedi-lo,  
Ele, ele! que me quer! Tenta levar-me! Ousado  
vem-me inda perseguir neste lugar sagrado!

FAUSTO

Viverás!

MARGARIDA (*pondo os olhos no céu e caminha para o cadafalso*)

Juiz Sumo, a ti me entrego.

MEFISTÓFELES (*a Fausto*)

Vem,  
ou deixo-te com ela. Escolhe!

MARGARIDA (*colocando a corda ao redor de seu pescoço*)

Sumo Bem,  
Pai meu, que estás nos céus, salva-me, que eu sou tua  
Santos Anjos de Deus, levai-me à vista sua!  
Henrique, horror a ti minha alma purifique!

(*Abre-se o cadafalso e cai Margarida. Ao mesmo tempo, ilumina--se o Empíreo e o CORO  
DOS ANJOS*)

MEFISTÓFELES

Sentenciada!

CORO DE ANJOS

Salva! [124]

MEFISTÓFELES (*apossando-se de Fausto e levando-o consigo*)

És meu.

123] “(...) esse velho mundo é que vem a ser o protagonista final da tragédia de Margarida. Quando Marx, no *Manifesto Comunista*, descreve as autênticas e revolucionárias conquistas da burguesia a primeira delas é que a burguesia “pôs um fim a todos os condicionalismos feudais, patriarcais e idílicos”. A primeira parte do Fausto se dá num momento em que após séculos esses condicionalismos feudais, patriarcais e sociais estão vindo abaixo. A esmagadora maioria das pessoas vivem ainda em “pequenos mundos”, como o de Margarida, e esses mundos, como vimos, são extremamente fortes. No entanto, essas pequenas cidades celulares começam a ruir. Primeiro, através do contato com explosivas figuras marginais de fora – Fausto e Mefisto - acenando com dinheiro, sexo e idéias, são os clássicos “agitadores alienígenas” tão caros à mitologia conservadora - , mas acima disso, através da implosão, acionada pelo incipiente desenvolvimento interior que seus próprios filhos, como Margarida, começam a experimentar.” (BERMAN, 1986)

124] Margarida aceitou a morte conscientemente, deixou de ser uma simples vítima mas também não é uma suicida: colocará a corda ao redor do pescoço mas não abrirá o cadafalso. Está ciente de sua escolha e é por isso que se salva. Aqui, Deus não hesita em salvar uma devassa infanticida, ele transcende mais uma vez a moral em prol de uma existência plena de possibilidades e escolhas.

## CENA XV [N]

*CENA DE TRANSIÇÃO. A alta serra do original é substituída por uma rua da cidade, um local dado a contemplação, preferencialmente que favoreça a visão da cidade. FAUSTO e MEFISTÓFELES, caminhando.*

FAUSTO (*sai*)

Das solidões a mais funda a meus pés vendo  
Atento deste cerro a beira piso,  
Deixando dessa nuvem o transporte,  
Que sobre terra e mar, tão docemente,  
Ao fulgurante dia me há trazido.  
De mim se solta a custo, não se espalha.  
A leste segue em massa conglobada  
E pasmado o olhar vai após dela:  
Divide-se oscilante, ondeando, vária,  
Mas modelar-se quer. — Não falha a vista!  
Reclinada em coxins que ao sol resplendem,  
Nobre, mas colossal, fêmea forma,  
Aos deuses semelhante, — sim, eu vejo-a!  
A Juno recordando a Leda, a Helena,  
Quão majestosa e meiga ao olhar se oferece!  
Ai, dissolve-se já! Pousou no Oriente,  
Informe, vasta, em alteroso cúmulo,  
A distantes geleiras semelhante  
E de fugazes dias o sentido  
Profundo e grande, lúcida reflete.  
Mas em torno de mim flutua ainda  
Reluzente e gentil fita de névoa,  
Ao peito e fronte, fresca e deleitosa,  
Refrigério vertendo. Ei-la que sobe  
Hesitante e ligeira, alto e mais alto;  
Condensa-se. — Uma imagem sedutora  
Do da primeira idade bem supremo,  
Que tão chorando foi, virá iludir-me?  
Do fundo peito os íntimos tesouros  
Transbordam: essa imagem me assinala,  
Com leve vôo, o puro amor da aurora,  
Esse primeiro olhar sentido a fundo,  
Apenas compreendido, mas que na alma  
Retido, excede a mais brilhante jóia.  
Qual angélico espírito se eleva  
A maravilhosa forma, não se apaga,  
Já mais e mais ao Éter se remonta,  
O melhor do meu ser levando preso.

(*Mefistófeles chega*)

MEFISTÓFELES

Isto enfim é progresso! Mas que fazes?:  
No meio deste horror vens apear-te,  
Destas medonhas rochas entreabertas?  
Conheço-as bem, com quanto de outro sítio,  
Pois já foram do Inferno o próprio fundo.

FAUSTO

A minguá nunca estás de histórias tolas;  
Já começa de novo a fabricá-las!

MEFISTÓFELES (*sério*)

Quando Deus meu Senhor, — o porquê sei-o —  
Do Éter nos lançou no fundo abismo,  
Onde, ardendo central, um fogo eterno  
Em suas próprias chamas se consome,  
Acho-nos, com luz mui de sobejo,  
Em comprimida, incômoda postura.  
Eis que os demos, a um, soltam espirros  
E por cima e por baixo vão bufando;  
Peja o inferno um fétido sulfúreo,  
Um ácido vapor, formam-se gazes  
E com tal expansão, que a chata crosta  
Da terra, embora espessa, estoura e abre.  
Trocados estão pois os dois extremos:  
O que então era fundo, é cimo agora;

N] A qui se inicia a segunda parte da tragédia de Fausto. Seus três primeiros atos foram retirados do texto sem, no entanto, romper o fio dramático uma vez que estes são totalmente independentes. O primeiro ato começa com um monólogo de Fausto sem a profundidade dos anteriores, é muito mais um discurso poético bem composto. As cenas seguintes se passam em função de um imperador e sua corte, na qual Mefistófeles se infiltra como bobo e Fausto aparece, depois, em um carnaval, com a máscara do deus Pluto. O imperador se encanta com a magia de Fausto e deseja conhecer a beleza grega: Helena. Fausto penetra sob a terra para invocar as “mães” e volta com o poder mágico de produzir o espírito de Helena. Evoca a mais bela das mulheres, e como apaixonado que é, logo a deseja.

O próximo ato começa inesperadamente no laboratório de Wagner, agora um erudito famoso como Fausto fora, que apresenta sua nova criação, o Homúnculo. O Homúnculo conduzirá Fausto pela noite de Valburga clássica, cuja função é apresentar esboços de Goethe que não cabiam em outra parte. As bruxas são substituídas por ninfas e os demônios por deuses. O ato acaba sem Fausto ter encontrado Helena e o Homúnculo desaparece fechando o segundo ato.

Após de uma seqüência de alegorias, Goethe realiza o seu maior devaneio na Tragédia de Helena, um ato em que a mulher desejada por Fausto desde a cozinha da bruxa aparece cercada por um coro falando metro próprio típico da tragédia grega.

[continua]

E serve isto de base à sã doutrina  
De o mais baixo elevar à suma altura.  
Pois da caverna ardente e opressora  
Para o imenso império do ar livre  
Conseguimos fugir. Arcano aberto,  
Bem guardado, que só mui tarde aos povos  
Revelado será. (Eféios 6, 12)

FAUSTO

Mudez solene  
Guarda ante mim a mole das montanhas;  
O de onde e o porquê lhes não pergunto.  
Ao fundar-se a si mesma a natureza,  
Tranqüila arredondou terrena esfera,  
Folgou com o alto cerro e com os abismos,  
Uniu rocha a rocha e monte a monte,  
Serena modelou do outeiro a encosta  
E manso a fez baixar do vale ao fundo.  
Veveja e cresce aí; para alegrar-se,  
De turbilhões ferventes não carece. [125]

MEFISTÓFELES

Assim dizeis! Parece-vos claríssimo!  
Mas eu, que fui presente, sei que é falso.  
Estava eu lá, quando o profundo abismo  
Intumeceu fervendo e em torrentes  
De chamas rebentou, quando o martelo  
De Moloque, forjando as duras rochas,  
Penedos pelo espaço despargia.  
Erriçam ainda o solo estranhas moles:  
Quem sabe o impulso que arrojá-las pôde?  
Entendê-lo, o filósofo não logra:  
Jaz a pedra? Deixemos que aí jaza;  
Já de tanto pensar estamos corridos.  
Só o fiel e vulgar povo o compreende  
E a crença não sofre que lhe abalem;  
Maduro no saber é já de há muito:  
É milagre, ao demônio cabe a honra.  
Com as muletas da fé, passa o viandante  
Pontes do Diabo ou rochas do Inferno.

FAUSTO

Não deixa de ser digno de notícia,  
O como encara o demo a natureza.

MEFISTÓFELES

Que seja a natureza o que lhe apraza,  
Pouco para mim monta! Ponto de honra  
É porém que o demônio entrou na coisa!  
Somos gente capaz de grandes feitos,  
Tumulto, insânia, força, — ,aí estão as provas! —  
Mas para que afinal te fale claro:  
Sobre a face da terra nada escolhes?  
Em vastíssimo espaço contempleste  
Os reinos do Universo e a glória deles; (Mateus 4)  
Insaciável, pois, como te mostras,  
Nenhum desejo experimentasse ainda?

FAUSTO

Um senti, cativou-me idéia imensa.  
Adivinha!

MEFISTÓFELES

Não é trabalho grande.  
Escolhera eu assim uma cidade:  
No centro, o horror em que o burguês se cria,  
Tetos a prumo, becos tortuosos,  
No estreito mercado nabos, couves  
E talhos, onde as moscas em cardumes  
Nas gordurentas carnes vão cevar-se:  
Aí, em todo o tempo, achas sem falta  
Fedor e atividade. Mais adiante.  
Praças imensas, ruas espaçosas,

Helena irá fugir da vingança de Menelau no castelo medieval de Fausto, possibilitando um encontro erótico entre os dois personagens do qual nasce Eufórion. Assim como aparece abruptamente, Helena e seu filho morrem e voltam a ser somente fantasmas para Fausto.

[A menção à Helena na primeira fala desta cena é, portanto, literal mas, no contexto desta montagem, pode consistir em uma alusão à Margarida. Mefistófeles, na cozinha da bruxa, afirma que para o rejuvenescido Fausto “Com a dose que tomou, qualquer mulher que aviste vai julgá-la outra Helena”]

Depois do exposto, é possível justificar a retirada destas partes. A manutenção destes atos resultaria em uma montagem teatral exaustiva, além de comprometer a intensidade poética. Prevê-se a quebra da linearidade da peça em alguns momentos – como a Noite de Vaburga ou a cena da batalha – mas a sucessão de cenas desconexas dissolveria o foco na figura de Fausto e seu processo de desenvolvimento. Assim, a melhor entrada da segunda parte seria o quarto ato, em que Fausto e Mefistófeles conversam sobre as novas intenções de Fausto e proporciona uma pausa meditativa após a forte cena da morte de Margarida.

125] Aqui, Fausto confessa a consolidação de sua mudança de postura frente à natureza. Sua compreensão dos fenômenos não mais depende de uma essência transcendente, de um motivo inacessível aos sentidos. [continua]

Para nova aparência se arrogarem  
E onde portas enfim o não impedem,  
Subúrbios que se alongam sem limites.  
Folgara de ouvir lá rodar os coches,  
Agitar-se o ruidoso burburinho.  
Lidar abaixo e acima eternamente.  
O fervente, disperso formigueiro;  
Passando eu a cavalo ou em carruagem,  
Entre todos o centro pareceria  
E centenas de mil dar-me-iam preto.

FAUSTO

Não basta isso a contentar-me! Apraz-nos  
Ver o povo crescer e que lhe é fácil  
Encontrar agradável alimento,  
Que até se vai instruindo e melhorando —  
E por fim são rebeldes que criamos.

MEFISTÓFELES

Então edificava grandioso,  
Em lugar aprazível um palácio  
De recreio, a meu ideal conforme.  
Bosques, outeiros, prados, vales, campos,  
Em jardins suntuosos transformara:  
Ante virentes muros o veludo  
De tapetes de relva alinhados  
Caminhos e copados arvoredos,  
Em artísticos grupos; despenhadas  
Correntes pelas rochas escoando  
E repuxos de infinda variedade:  
Aqui sobem altivos, mas aos lados  
Silvam, esguicham, jorram aos milhares.  
Depois a formosíssimas mulheres  
Dava casas discretas, confortáveis;  
Passava ali no ermo deleitoso  
E sociável, horas infinitas.  
Mulheres!, disse; agradam-me somente  
Bezas no plural.

FAUSTO

Mau e moderno!  
Sardanapalo! [126]

MEFISTÓFELES

É coisa que se entenda  
O que tu desejaste? Foi decerto  
Atrevido e sublime! Como andaste  
Lá tão perto da lua, acaso nela  
A tua mira pões?

FAUSTO

Bem longe disso!  
Esta terrena esfera a nobres feitos  
Espaço deixa ainda. Há de um portento  
Realizar-se! Esforço, vigor sinto  
Para atrevida empresa.

MEFISTÓFELES

Buscas fama?  
Vê-se que vens de estar com heroínas!

FAUSTO

Senhorio conquisto, propriedade!  
A ação é tudo, um sonho a nomeada. [127]

MEFISTÓFELES

Sempre há de haver poetas, que aos vindouros  
Tuas grandes façanhas anuncie  
E com sandices a sandice inflamem.

FAUSTO

De afetos tais nem sombra te foi dada.  
Que sabes tu do que deseja o homem?!

Ele compreende os fenômenos geológicos como um contínuo processo material. Fausto nega qualquer vontade, divina ou demoníaca, por traz dos processos naturais.

Fausto descobre o poder de conhecer que se iguala ao poder do criador. É esta nova concepção que levará Fausto a intervir efetivamente no meio ambiente. O processo autônomo da natureza o desperta para a possibilidade de sua intervenção física na mesma: não há mais uma obra divina intocável, há apenas processos físicos manipuláveis através da força do trabalho do homem.

126] Sardanapalo é o nome grego do último grande imperador assírio, Ashurbanipal, tido como sanguinário e devasso.

127] Fausto se converte de criatura em criador. O projeto de Fausto é uma ruptura com as representações do passado, com a cidade medieval ou com o retiro bucólico propostos por Mefistófeles. Fausto almeja o novo, feitos tão inéditos que escapam à criatividade do demônio. Em seu estúdio, Fausto determinara: “No princípio era a ação”. Agora, sem Deus, Fausto se assume para si a iniciativa da ação: ele é o princípio fundador de uma nova ordem.

No novo projeto, não há tempo para se lamentar por Margarida, ela foi mais uma experiência em seu desenvolvimento. A amou porque ama o mundo. Sua morte lhe abriu a possibilidade do progresso e é preciso consumá-la.

Tu natural rebelde, odiento, acerbo,  
Como achar pode o que aos humanos falta?!

MEFISTÓFELES

Satisfaça-se pois tua vontade!  
De teus caprichos dize-me o alcance!

FAUSTO

Tinha no alto mar fixada a vista:  
Vi-o crescer e alto encapelar-se,  
Depois baixando, arremessar as ondas  
Para tomar de assalto o chão da praia.  
Magoado fiquei; pois a arrogância,  
Agitando violenta o sangue inquieto,  
O peito livre que o direito preza,  
No sentimento íntimo perturba.  
Julguei ser um acaso, olhei atento:  
A onda pára, atrás as águas rola,  
Foge da meta que tocara altiva;  
A hora torna, e recomeça a luta.

MEFISTÓFELES (*aos espectadores*)

Não acabo de ouvir grã novidade;  
Há cem mil anos já que o tenho visto.

FAUSTO (*prosegue entusiasmado*)

As infinitas partes onde arrasta  
A estéril onda, estéreis vai tornando  
O mar; cresce e se empola e o triste espaço  
Da solitária costa cobre e inunda.  
Aí reinam as vagas poderosas,  
Retiram-se depois, — nada criaram!  
Até o desespero quase me angustia  
Sem resultado ver desperdiçar-se  
A energia de infrenes elementos!  
Eis se excede a si mesmo o meu espírito:  
Quisera aí lutar, domar tal força!  
E conseguir-se pode! — Impetuosa  
Por mais que seja, amolda-se submissa  
A um outeiro qualquer; a fúria toda  
Basta a quebrar-lhe a mínima eminência,  
Pequeno fosso a chama irresistível.  
Planos sobre planos logo, ativa,  
Minha mente concebe: alcança o gozo  
Supremo de afastar o mar soberbo  
Da praia, ao vasto pego pôr limites  
E sobre si ao longe arremessá-lo!  
Ponto por ponto o considereí comigo;  
Eis meu desejo: — Busca preenche-lo! [128]

(*Tambores e música guerreira ressoam a distância, invisíveis*)

MEFISTÓFELES

Como isso é fácil! — Ouves os tambores?

FAUSTO

Guerra outra vez?! Ouvi-lo ao sábio pesa.

MEFISTÓFELES

Paz ou guerra, que importa?! Aproveitar-se  
De qualquer circunstância é do sisudo  
A diligência suma. Olha-se, espia-se  
O ensejo propício. A ocasião chega:  
Eia! Fausto! Depressa a mão lhe lança!

FAUSTO

Poupa, te peço, as frases enigmáticas!  
O que é mister? Mui breve e claro o dize!

MEFISTÓFELES

Enquanto viajei, não ignorava  
Que ao bom imperador graves cuidados  
Perseguem. Tu, conhecê-lo? Outrora,

128] Que melhor meio para iniciar um novo projeto de mundo, senão no espaço inabitado? Fausto volta suas atenções ao mar, pretende transgredir o limite último do assentamento humano. Quer domar-lhe as forças, humanizar o indomável.

“De súbito, a paisagem à sua volta se metamorfoseia em puro espaço. Ele esboça grandes projetos de recuperação para atrelar o mar a propósitos humanos: portos e canais feitos pela mão do homem onde se movem embarcações repletas de homens e mercadorias; represas de irrigação em larga escala; verdes campos e florestas, pastagens e jardins, uma vasta e intensa agricultura; energia hidráulica para animar e sustentar as indústrias emergentes; pujantes instalações, novas cidades e vilas por construir – e tudo isso para ser criado a partir de uma terra desolada e improdutivo, onde seres humanos jamais sonharam viver. Enquanto desdobra seus planos, Fausto percebe que o demônio está atordoado e exausto. Ao menos uma vez, ele não tem nada a dizer.” (BERMAN, 1986)

Fausto, em sua experiência fenomenológica, aprendeu que o homem é o princípio de todas as coisas. Agora, ele leva este ideal ao limite, supera-o: tudo deve servir ao homem. Ele vê a infinita força dos oceanos e pensa em convertê-la em prol do bem-estar. Não pode haver desperdícios, a natureza se instrumentaliza. É o passo seguinte ao que ocorria no ato anterior. Antes, a sensibilidade de Fausto o levava a se espelhar no mundo (e vice-versa), agora ele irá efetivamente transformar o mundo segundo sua vontade.

Enquanto o divertíamos e prontos,  
Com fantástico ouro, as mãos lhe enchíamos  
Julgava o mundo seu. Inda mancebo,  
Herdara o trono, e a razão transviada  
Lhe fez crer que mui bem se concilia,  
E desejável é, e até grandioso,  
Governar e gozar ao mesmo tempo.

FAUSTO

Erro profundo! Aquele que governa,  
Deve a dita suprema achar no mando;  
O peito lhe enche energética vontade,  
Mas os desígnios seus nenhum suspeita.  
O que do mais leal fia ao ouvido,  
Eis se executa, e pasma o mundo inteiro.  
Só assim o mais alto será sempre,  
O mais digno também! — Gozar degrada. [129]

MEFISTÓFELES

Outro modelo é o seu. Gozou — e como!  
Cai entretanto o império em anarquia,  
Grandes, pequenos, travam-se, guerream-se,  
Irmãos a irmãos expulsam, assassinam,  
Torres com torres, vilas com cidades,  
Misteres com a nobreza rixa trazem,  
Trá-la o bispo com o povo e o cabido:  
Tudo quanto se vê são inimigos.  
Homicídio e violência nas igrejas,  
As portas da cidade em risco o tráfico,  
Todos enfim de audácia redobrando;  
Defender-se era a vida! — E a coisa andava.

FAUSTO

Andava — vacilou, caiu, ergueu-se,  
E de novo e de vez rolou por terra.

MEFISTÓFELES

Tal estado de coisas não ousava  
Ninguém a censurar: ter importância  
Podiam todos, todos cobiçavam;  
Valia o mais pequeno um potentado.  
Enfim, aos principais demasiada  
A desordem pareceu. Os mais espertos,  
Levantando-se em peso, proclamaram:  
"Senhor é quem sossego nos garante.  
Não pode o imperador, não quer mantê-lo. —  
Eleja-se outro que avivente o império,  
Dando a todos abrigo e segurança,  
E regenere o mundo, reunindo  
A justiça e a paz!" [130]

FAUSTO

Soa o discurso  
Clerical um tanto.

MEFISTÓFELES

E foram os padres!  
Por defender os ventres anafados,  
Pois tinham de perder mais do que os outros.  
Cresceu a insurreição, santificaram-na,  
E o Príncipe, a quem nós alegramos,  
Marcha talvez para a suprema luta.

FAUSTO

Condôo-me dele; tão bondoso e franco!

MEFISTÓFELES

Anda, vamos nós ver! Quem vive, esperei  
Livremo-lo de passo tão estreito!  
Mil vezes vale, ser uma vez salvo.  
Quem o cair dos dados adivinha?!  
Se a sorte lhe sorri, terá vassalos.

129] É preciso lembrar que Fausto envelheceu, seu corpo não tem mais o vigor de outrora para se deleitar com os sentidos. Seu desejo erótico dá lugar a uma vontade de desenvolvimento, quer imprimir sua marca no mundo, mesmo que às custas da opressão.

Ele também rodou o mundo. Não há mais razão para a deriva contemplativa: o mundo não lhe reserva nenhum mistério. É também por isso que suas ambições agora se tornam mais ativas e mais amplas.

130] De certa forma, Goethe narra a crise da monarquia. Institui-se uma insurreição, o povo se divide. Há revoluções eclodindo e o poder do rei se esvai. Mas é uma narração controversa, pois relata a revolta contra um rei para o coroamento de outro apoiado pelo clero, é a monarquia deposta e substituída por ela mesma.

De qualquer forma, é desta situação de crise que Fausto, o portador do desenvolvimento, se aproveitará para obter os meios para dar partida em seu projeto sem ideais, já que é o próprio Fausto quem caçoa dos elevados ideais de justiça e paz de que fala o clero. Fausto revela aqui que não há nova ordem moral ou ideológica embutida na transformação que ele pretende empreender. À monarquia sustentada pela religião, ele sobreporá um regime sem qualquer vinculação com o divino.

*(Transpõem um monte, uma esquina, um obstáculo qualquer e avistam o cenário da cena seguinte. Elevam-se os tambores e músicas marciais.)*

MEFISTÓFELES

A posição, já vejo, é, bem escolhida;  
Dêmos-lhe auxílio, e a vitória é certa.

FAUSTO

E que meios empregas? Artifícios,  
Miragens, aparências sem substância!

MEFISTÓFELES

Estratagemas, que batalhas ganham!  
Meditando no fim que tens em vista,  
Confirma-te em gigantes pensamentos!  
Se império e trono ao César conservamos,  
Pondo o joelho em terra, dele aceitas  
A plena doação da costa imensa.

FAUSTO

Muito tens tu já feito; ganha agora  
Também uma batalha!

MEFISTÓFELES

Ganhas esta  
Tu!, que és o general em chefe.

FAUSTO

É distinção que em mim bem assentava,  
Comandar, quando disso nada entendo!

MEFISTÓFELES

Arranja tu estado maior hábil,  
Que o Feld-Marechal está seguro.  
Prevendo há muito a lástima da guerra,  
Um conselho de guerra hei já formado,  
Do prisco monte com os primevos íncolas;  
Feliz de quem souber pilhá-los juntos!

FAUSTO

Que vejo além? Que gente é essa armada?  
Acaso levantaste os montanheses?

MEFISTÓFELES

Isso não, mas de toda a massa extraio,  
Qual outro Pedro Quince, a quintessência.

*(Entram OS TRÊS VALENTES (Samuel II, 23, 8) [131])*

MEFISTÓFELES

Lá vêm os meus rapazes! Bem diversos,  
Na idade, como vês, no traje e armas.  
Não te hás de dar mal com eles todos.

*(Aos espectadores:)*

Qualquer criança agora se entusiasma  
Pelo elmo e arnês de cavaleiro,  
E sendo esses maraus alegorias  
Inda hão de achar melhor acolhimento.

RAUFEBOLD *(moço, armado à ligeira, com vistoso traje)*

Quem para mim olhar, logo na face  
Os punhos lhe porei, e os que fugirem  
Aferro-os pelas pontas dos cabelos.

HABEBALD *(varonil, bem armado, ricamente vestido)*

Lutas sem resultado, meros brincos,  
Com que se perde o tempo precioso;  
Em adquirir somente sê incansável,  
De tudo o mais depois terás cuidado!

HALTEFEST *(ancião, completamente armado, sem manto)*

Pois inda assim não é grande o proveito!

131] Samuel II, 23,8-23 :

“8. Eis os nomes dos heróis de Davi: Jesboão [Raufebold], filho de Hacamoni, chefe dos três. Foi ele quem brandiu o seu machado contra oitocentos homens, matando-os de uma só vez. 9. Depois desse, Eleazar [Haltefest], filho de Dodo, filho de Aoí, um dos três heróis. Achava-se ele em Efes-Damim, quando os filisteus se reuniram ali para o combate. Tendo os israelitas fugido (cada um para a sua tenda), 10. ele manteve-se firme e bateu os filisteus até que sua mão se cansou e se crispou sobre a espada. O Senhor operou naquele dia uma grande vitória. Os soldados voltaram para onde estava Eleazar, mas somente para recolher os despojos. 11. Depois dele, Sama [Habebald], filho de Age, o ararita. Reuniram-se os filisteus em Lequi, onde havia um pedaço de terra plantado de lentilhas; fugindo o exército diante dos filisteus, 12. postou-se Sema no meio do campo, defendeu-o e derrotou os filisteus, operando assim o Senhor uma grande vitória. 13. Três dos trinta desceram e foram ter com Davi, no início da colheita, à gruta de Odolão, estando a tropa dos filisteus acampada no vale dos refains.” 14. Davi estava então na fortaleza, e havia uma guarnição de filisteus em Belém. 15. Davi teve desejo extravagante e exclamou: “Quem me dará a beber das águas do poço que está à porta de Belém? 16. Então os três valentes penetraram no acampamento dos filisteus e tiraram água do poço que está à porta de Belém. Trouxeram-na a Davi, mas ele não a quis beber, e derramou-a em libação ao Senhor,

[continua]

Um cabedal tão pronto se dispersa,  
Na torrente da vida arrebatado!  
Tomar é bom, porém guardar prefere;  
Do homem já grisalho te confia,  
E ninguém logrará tirar-te nada!

*(Vão todos ao cenário da cena seguinte)*

17. dizendo: Longe de mim, ó Deus, fazer isso! Vou eu beber o sangue desses homens que para buscá-la arriscaram a sua vida? E não quis beber. Eis o que fizeram os três heróis: **18.** Abisai, irmão de Joab, filho de Sarvia, que era também chefe dos trinta, brandiu sua lança contra trezentos homens, e os matou, conquistando assim grande renome entre os Trinta. **19.** Ele era o mais considerado dentre os Trinta, mas não chegou a se igualar aos Três. **20.** Banaias, filho de Jojada, homem de valor e rico em façanhas, originário de Cabseel, feriu os dois filhos de Ariel de Moab. Foi ele também quem desceu, num dia de neve, e matou um leão na cisterna. **21.** Feriu ainda um egípcio de alta estatura, que tinha uma lança na mão. Banaias desceu contra ele com um simples bastão, arrancou-lhe a lança das mãos e o matou com a sua própria arma. **22.** Isso fez Banaias, filho de Jojada, obtendo renome entre os heróis. **23.** Foi mais considerado que os trinta, mas não igualou aos três. Davi pô-lo à frente de sua guarda.”



## CENA XVI [0]

*Campo de Batalha. Tambores e música militar. Desdobram a tenda do Imperador. IMPERADOR, GENERAL EM CHEFE, EMISSÁRIOS, ARAUTO, FAUSTO, MEFISTÓFELES e os TRÊS VALENTES.*

### GENERAL EM CHEFE

Bem ponderado alvitro considero  
O neste vale havermos concentrado  
O exército inteiro. Firme esperança  
Nutro de que será feliz a idéia.

### IMPERADOR

O que há de ser, mui breve nós veremos;  
Contudo o retirar, a meia fuga  
Pesa-me.

### GENERAL EM CHEFE

Olha, senhor, a ala direita!  
É posição qual pode desejá-la  
O ideal da guerra: não mui íngreme,  
Nem sobejo acessível, a colina  
A nós protege, ilude ao inimigo;  
O ondulado plaino nos oculta,  
Não se atreve até aqui cavalaria.

### IMPERADOR

Nada me resta mais que dar louvores;  
Aqui provar-se podem peito e braço.

### GENERAL EM CHEFE

No prado, que no centro está do plaino,  
Cheia de ardor marcial vês a falange.  
Brilham ao sol as lanças refulgentes,  
Por entre os véus da névoa matutina.  
Quão denso ondeia o sólido quadrado!  
Por grande feito ali ardem milhares.  
Vês que poder aquela massa encerra;  
Nele confio, para a amiga força  
Romper e dispersar.

### IMPERADOR

Tão bela vista  
Pela primeira vez gozar me é dado.  
Um exército tal a dois vencera.

### GENERAL EM CHEFE

Da nossa esquerda pouco a dizer tenho:  
Heróis defendem a escarpada rocha;  
As penhas, onde agora armas cintilam,  
Deste desfiladeiro estreito guardam  
O importante passo. Já pressinto  
Que contra ele impróvida se quebra,  
Em sanguinosa lide, a força inimiga. [132]

### IMPERADOR.

Além avança a treda parente!  
Tratando-me de tio, irmão e primo,  
Rompam cada vez em mais excessos,  
Roubavam lustre ao trono, força ao cetro,  
Com rixas o império devastavam,  
E hoje contra mim juntos rebelam-se!  
A multidão hesita, incerta e vária,  
Mas rui depois onde a corrente a arrasta.

### GENERAL EM CHEFE

Homem fiel, mandado à descoberta,  
Desce veloz; tivesse ele fortuna!

### PRIMEIRO EMISSÁRIO

Penetrando em muita parte,  
Com astúcia e com valor,  
Só trazemos, com tal arte,  
Novas de pouco primor.

0] A cena da guerra, ainda que de pouca contribuição para a poética da peça, é um momento essencial, pois é através dela que Fausto obtém o domínio do mar, como retribuição do rei a sua ajuda na batalha.

132] “Se o desejo de comer homens nos é profundamente estranho, não acontece o mesmo com o desejo de matar. Ele não é experimentado por cada um de nós, mas quem ousaria pensar que ele não é mantido, na multidão, tão real, ou tão exigente quanto o apetite sexual. Através da história, a frequência dos massacres deixa claro que em todo homem existe um possível assassino. O desejo de matar situa-se em relação à interdição da morte como o desejo de uma atividade sexual qualquer em relação ao complexo de interdições que a limita. (...). Ela [a interdição] se formula com uma simplicidade maciça: ‘Não matarás’. É verdade que ela é universal, mas nela está evidentemente subentendido: ‘salvo em caso de guerra e em outras condições em que o corpo social mais ou menos determinou’. (...)

O homicídio é aceito no duelo, na vendeta e na guerra. (...) O duelo, a vendeta e a guerra violam a interdição conhecida, mas de acordo com uma regra.” (BATAILLE, 2004)

Muitos juram fiel preito  
E muitos, dedicação;  
Mas o povo mal sujeito  
É desculpa da inação.

#### IMPERADOR

Cuidar de si, do egoísmo é sempre  
A doutrina; jamais deixa inspirar-se  
De gratidão, dever, afeto ou honra.  
Não pensais que acabada vossa conta  
Vos devora o incêndio do vizinho?

#### GENERAL EM CHEFE

Chega outro esculca; desce lentamente:  
De fadiga lhe treme o corpo todo.

#### SEGUNDO EMISSÁRIO

Primeiro, tumulto ardente  
Gostosos vimos reinar;  
Eis que logram de repente  
Novo César levantar.  
Já por caminho traçado  
Seguem todos o pendão  
Da mentira despregado: —  
De carneiros condição.

#### IMPERADOR

É para mim proveito levantarem  
Rival imperador: agora sinto  
Que o César sou eu! Soldado, apenas  
Envergara o arnês; mais alto é agora [133]  
O fim para que o visto. Em toda a festa,  
Por brilhante que fosse, onde uma falta  
Ninguém notava, a mim faltava o perigo!  
Jogos de anel vós outros me oferecéis,  
Quando eu só por torneios suspirava,  
E se da guerra não me desviassem,  
Fama tivera já de heróicos feitos.  
Gravou-se-me no peito a independência,  
Quando me vi nas chamas espelhado:  
O fogo sobre mim correu terrível,  
Era só ilusão, porém sublime.  
Delirante sonhei renome e glória;  
Culposa negligência enfim reparo. [134]

*(São enviados os arautos a desafiar o anti-imperador. Entra FAUSTO, armado de todas as armas, com a viseira meio calada. OS TRÊS VALENTES, armados e vestidos como acima.)*

#### FAUSTO

Eis-nos aqui, confiando não mereça  
Nossa vinda censura. A previdência  
até sem necessidade é bem cabida.  
O povo das montanhas, como sabes,  
Medita e dissimula, e nos segredos  
Da Natureza e das rochas é versado.  
Os duendes, há muito das planícies  
Retirados, ao monte mais que nunca  
Se afeiçoam. Em fendas intrincadas  
Qual labirinto, em atmosfera rica  
De metálicos gazes, eles lidam  
Com silencioso afã; constantemente,  
Decompondo, provando, refundindo,  
Têm por única mira invenções novas.  
Co leve dedo de ideais potências,  
Criar conseguem formas transparentes,  
E no cristal e seu mistério eterno  
Do mundo superior vêem os sucessos.

#### IMPERADOR

Ouvi e acredito o teu discurso;  
Mas dize-me, meu bravo: a que vem isso?

133] “O caráter da guerra arcaica lembra o da festa. A guerra moderna nunca está longe desse paradoxo. O gosto pela indumentária de guerra magnífica e vistosa é arcaico. Primitivamente, a guerra parece ser um luxo. Não é um meio de aumentar pela conquista a riqueza de um soberano ou de um povo: é uma exuberância agressiva, que mantém a prodigalidade da exuberância.” (BATAILLE, 2004)

134] O Imperador está cego. Sua corte o manteve no ócio e na opulência, a crise no seu reino não é senão o fruto de seu despotismo. Convencido de seu poder, o rei se desligou dos rumos de sua plebe e se ocupou do simples gozar de sua condição. não respeitou assim os laços de co-dependência entre o senhor e o escravo. Impossível não traçar um paralelo entre esta situação e a da França às vésperas da Revolução.

Mas o povo desgovernado agora elege um outro rei, outro senhor que os governe. Agora sua mesma corte de bajuladores lhe asseguram uma gloriosa vitória de modo que a majestade se veste de guerreiro e quer reconquistar sua honra e seu reino por meio da glória militar, tal qual fez Júlio César antes dele.

Fausto, que teve uma visão total da batalha e sabe que está perdida, será o único a recomendar cautela ao Imperador.

#### FAUSTO

De Nórdia o nigromante, o grão Sabino  
É servo teu fiel e dedicado.  
Que destino fatal lhe era iminente!:  
Já crepitava a lenha, ardentes línguas  
A chama dardejava; ao redor dele  
Montes de secos toros, com varinhas  
Cheias de enxofre e pez entretecidos;  
Homem, demônio ou Deus não o salvariam —  
Mas quebrou a majestade ardentes ferros  
Foi em Roma. Por tal mercê cativo  
De ti ficou, e tem sempre o cuidado  
Em tua sorte posto; desde essa hora  
Esquecido de si, por ti somente  
Os astros interroga e o profundo.  
Como urgente missão nos deu o encargo  
De trazer-te assistência. Poderosas  
São da montanha as forças; nela atua  
Tão vigorosa e livre a natureza...  
Taxa-as de bruxaria um clero ignaro.

#### IMPERADOR

Em jubiloso dia, quando os hóspedes  
Saudamos, que vêm chegando alegres  
A gozar alegrias, comprazemo-nos  
Em cada um que a custo ganha a entrada  
E com trabalho torna inda mais denso  
O apertão das salas; mas bem-vindo  
Sobre todos nos deve ser o forte  
Que, cheio de valor, nos traz auxílio  
Na hora da manhã que muito vale,  
Pois sobre ela indecisa está pendente  
A balança do fado. Mas nesta hora  
Solene, tu a forte mão desvia  
Da Cobiçosa espada! Honra o momento,  
Em que tanto milhar de bravos marcha,  
Contra mim ou por mim, a dar batalha!  
Por si se prove o homem! Quem cobiça  
Coroa e cetro, seja pessoalmente  
De tanta honra digno! Esse fantasma  
Que contra nós se ergueu, que se diz César,  
Senhor de nossas terras, chefe e guia  
Do exército, dos vassalos nossos  
Suserano, com o próprio braço quero  
Ao vão reino das sombras enviá-lo!

#### FAUSTO

Muito que valha obrar tamanho feito,  
Acertado não é que a vida empenhes.  
O elmo não adornam timbre e plumas?  
Guarda a frente que ardor no peito acende.  
Que valem sem cabeça os membros todos?  
Se dorme, logo frouxos desfalecem;  
Se a ferem, a todos lesa o golpe;  
Mas, apenas sarou, ressurgem vivos.  
Usa de seu direito o forte braço,  
Ergue veloz o escudo e a testa ampara,  
Logo a espada fiel o dever cumpre,  
Desvia o ferro e corresponde ao golpe;  
De ambos partilha a sorte o pé robusto,  
E a nuca pisa ao inimigo em terra. [135]

#### IMPERADOR

Como pede meu ódio, o eu tratara,  
Sua frente altiva com meus pés pisara!

#### ARAUTOS (*voltam*)

Nem honra, nem grão proveito  
Alcançou nossa missão;  
Nobre repto, em vez de preito,  
Acha neles irrisão:  
"Vosso César é passado,  
Qual eco que se desfez;



**135]** O Imperador tem ganas se unir à batalha e de honrar os esforços do seu exército; ele quer, como o rei Davi, penetrar no castelo inimigo para obter o direito de beber da taça da sua fonte.

Mas Fausto o desencoraja: ele compara o rei à cabeça do corpo do exército, parte coordenadora de todas as outras e essencial ao seu funcionamento. Em outras palavras, Fausto está disposto a sacrificar quantas vidas forem necessárias para concluir seu projeto. (Ele já o fez com Margarida).

O que Fausto propõe ao rei é um modo de administração altamente especializado, em que o poder se dilui em suas várias hierarquias. É o contraponto do regime monárquico dependente da pessoa do rei.

Se por alguém é lembrado,  
E dizendo: — Era uma vez."

FAUSTO

Com desejo conforme dos melhores,  
Que a teu lado estão fiéis e firmes,  
Foi o sucesso. Avança o inimigo  
Além; cheios de ardor os teus o esperam:  
Manda atacar, pois é propício o ensejo!

IMPERADOR

Aqui desisto do comando.

*(Ao comandante em chefe.)*

Príncipe,  
Em tuas mãos o teu dever confio!

GENERAL EM CHEFE

Que marche em frente a nossa ala direita!  
Do inimigo à esquerda, já na encosta,  
Antes do passo último, rechacem,  
Com ardor juvenil, provados bravos.

FAUSTO

Permite então que este herói fogoso  
Prestes vá colocar-se em tuas filas,  
Intimamente a elas se incorpore  
E desenvolva assim seu vigor nato! [136]

*(Acena para a direita.)*

RAUFEBOLD *(avança)*

Quem a face me mostre, não a volve  
Sem que partidos tenha os queixos ambos;  
Quem as costas me der, zás! Lá lhe pendem  
Testa, topete e nuca ensangüentados,  
A balouçar horríveis sobre os ombros.  
E se com fúria tal como eu ferirem  
De maça espada os teus, sem que um só escape,  
No próprio sangue afogam-se os amigos.  
*(Vai-se.)*

GENERAL EM CHEFE

Que a falange do centro siga a passo,  
E, prudente, com toda a força encontre  
O inimigo! A resistência acérrima  
Dos nossos, já à direita há perturbado  
Um tanto o plano deles.

FAUSTO *(apontando para o do meio).*

Teus mandados  
Siga este também! [...]

HABEBALD *(avança)*

Sede de saque  
Das tropas imperiais juntar-se deve  
Ao heróico valor; por alvo seja  
A todos dada a tenda suntuosa,  
Do contrário soberano! Muito tempo  
No trono seu altivo não campeia:  
Vou da falange à testa colocar-me.

EILEBEUTE *(vivandeira, encostando-se a ele)*

Se não estou com ele desposada,  
Pelo mais caro amante o tenho sempre.  
Para nós tal colheita está pendente!  
A mulher é implacável quando toma,  
Inexorável se a roubar começa;  
Na vitória, avançar! que tudo é lícito. *(Saem ambos)*

GENERAL

Como era de prever, sua direita  
Cai sobre a nossa esquerda, com violência.

*"Os três valentes.*

Por muito que tenha a peito abreviar estas notas, parece-me inevitável explicar os nomes desses três novos personagens, já que nem a autoridade nem o talento do senhor Visconde de Castilho possuiu para lhes achar os equivalentes portugueses. (...) Os três heróis que em si concentram as forças que atuam nas batalhas (...) são designados por nomes que exprimem essas forças neles personalizadas. A idéia primitiva parece, indica-o pelo menos a citação bíblica à margem [Saumel II, 23, 8], tiradas dos três guerreiros que a Davi trazem água da fonte de Bethlehem, então em poder dos filisteus. Raufebold, *ardido no ataque*, simboliza o ímpeto, a fúria; Habebald, *ganha depressa*, significa avidez no saque, a cobiça de lucro; e finalmente Haltefest, *conserva com firmeza*, é a personificação da tenacidade, da persistência, da firmeza inabalável que nenhuma força demove."

Corpo a corpo, ao assalto furioso  
Para ganhar o passo dos rochedos,  
Havemos resistir.

FAUSTO (*aponta para a esquerda*)  
Senhor, eu peço  
Que atentes também neste: mal não causa  
Reforçar o que é forte.

HALTEFEST (*avança*)  
Pela esquerda  
Ninguém esteja solícito! É segura  
A posse onde eu estiver. Aí o velho  
Prova o que vale: um raio não divide  
O que na mão aperto.

(*Vai-se.*)

MEFISTÓFELES (*descendo*)  
Olhai, ao fundo,  
De cada boca das abruptas rochas,  
Gente armada a surgir, que estreitas sendas  
Vêm ainda apertar; com elmos, grevas,  
Arneses e broquéis e espadas formam  
Na retaguarda nossa uma muralha,  
O sinal aguardando, de atacarem!

(*Baixo aos que sabem:*)  
Donde onde isso vem não deve pergunta-se!  
O tempo não perdi, as salas de armas  
Da vizinhança tenho despejado:  
Lá estavam de pé ou de cavalo,  
Como se inda na terra dominassem;  
Foram outrora reis, imperadores,  
Cavaleiros, e hoje apenas cascas  
De caracóis vazias; muito espectro  
Com elas se enfeitou, de novo dando  
À meia-idade corpo. Mas embora  
A duendes encubram, neste caso  
O desejado efeito não falece.

(*Alto:*)  
Ouvi como já de antemão se irritam  
E com tinir de ferros se abalroam!  
Também adejam rotos estandartes,  
Que insofridos esperavam frescas brisas.  
Pensai: eis aí pronto um povo antigo,  
Ansioso por entrar na nova luta.

(*A partir daqui, os movimentos das tropas serão descritos ou representados por efeitos*)

FAUSTO [137]  
O horizonte anuviou-se, apenas fulge  
Aqui e ali com força a luz pressaga  
De vermelho clarão. Brilham as armas  
Com sangrento reflexo; entram na lide  
A rocha, o bosque, o ar, o céu inteiro!

MEFISTÓFELES  
Com bravura se porta a ala direita;  
Vejo porém entre eles distinguir-se  
Raufebold, o gigante impetuoso,  
Sem descanso lidando, qual costuma.

IMPERADOR  
Um braço só vi no princípio erguer-se;  
Vejo agora agitar-se uma dezena;  
Natural não é isso.

FAUSTO  
Nunca ouviste  
Das névoas que nas costas da Sicília  
Costumam flutuar? Nelas se mostra,

137] É importante ressaltar que não se trata de uma cena épica. Fausto encarna o senhor da guerra, aquele pelo qual todos morrem. Tanto o é que todos os eventos são apenas narrados pelas personagens na tenda. Eles são meros espectadores desta orgia de morte. Sente-se o caráter meramente burocrático da cena já que ela não é um ponto alto da tragédia, apenas uma ponte para que Fausto adquira terras.

“Goethe parece pouco à vontade nesse interlúdio político: seus personagens aí de tornaram surpreendentemente pálidos e flácidos, e sua linguagem perde muito da força e da intensidade habituais. Ele não se identifica com nenhuma das opções políticas existentes e deseja passar depressa por essa parte.” (BERMAN, 1986)

Elevada até o meio da atmosfera,  
Estranha aparição, que é refletida  
Por certos vapores: cidades pairam  
Aqui e ali, cidades sobem, descem,  
À medida que o éter vão rompendo  
Imagens à porfia.

IMPERADOR

Quão pasmoso!  
Coriscar vejo as lanças apumadas  
E da nossa falange sobre os dardos  
Vivas chamas saltar: Parece-me isto  
De mais coisa de espíritos.

FAUSTO

Perdoa,  
Meu senhor! São de espirituais naturas  
Os vestígios apenas, um reflexo  
Dos Dioscuros, por quem todos os nautas  
Juravam: suas forças derradeiras  
Aqui eles concentram.

IMPERADOR

Porém, dize:  
A quem devemos nós que a natureza,  
Por nosso bem solícita, acumule  
Os mais raros prodígios?

MEFISTÓFELES

Quem seria  
Senão o mestre, aquele sábio ilustre  
Que tanto tem a peito o teu destino?  
Dos inimigos teus a atroz ameaça  
O abalou até o íntimo. Salvar-te  
Quer sua gratidão, embora ponha,  
Por consegui-lo, a vida. [138]

IMPERADOR

Em grande pompa,  
Jubilosos levavam-me; então era  
Alguma coisa; quis experimentá-lo,  
E, sem muito pensar, pareceu-me azado  
Dar liberdade à fronte encanecida.  
De grão prazer frustrei o clero, e certo  
Não ganhei seu favor. Hoje, passados  
Já tantos anos, sentirei o efeito  
De um ato de alegria?

FAUSTO

Pingues lucros  
Costuma dar um feito generoso.  
Dirige ao alto a vista!: Afigurou-se-me  
Que Ele um sinal te envia. — Atenção presta:  
Manifesta-se já!

IMPERADOR

Nos altos céus  
Paira uma águia, com feroz ameaça.  
Um grifo a segue.

FAUSTO

Nota bem: parece-me  
Favorável auspício! Fabuloso  
Animal é o grifo; como pode  
Tanto infatuar-se, que medir-se ouse  
Com a águia real?!

IMPERADOR

Depois em círculos  
Extensíssimos, vão voando em torno  
Um do outro. — Ao mesmo tempo correm  
A atacar-se, e o pescoço e peito,  
A lacerar-se.

138] “A função básica da cena da guerra é fornecer a Fausto e Mefisto um fácil instrumento racional para a barganha política que eles promovem: eles emprestam suas mentes e sua magia ao Imperador, para ajudá-lo a tornar seu próprio poder novamente sólido e eficiente. Este, em troca, lhes dará ilimitados direitos de desenvolver toda a região costeira, incluindo carta branca para explorar quaisquer trabalhadores de que necessitem e livrar-se de qualquer nativos que encontrem no caminho. ‘Goethe não podia percorrer o rumo da revolução democrática’, escreve Lukács. A barganha política de Fausto mostra a visão goethiana de ‘um outro caminho’ para o progresso: ‘O irrestrito e grandioso desenvolvimento de forças produtivas tornará supérfluas as revoluções políticas’. Assim Fausto e Mefisto ajudam o Imperador a prevalecer, Fausto ganha a sua concessão e, com grande estardalhaço, começa o trabalho do desenvolvimento.” (BERMAN, 1986)

FAUSTO

Considera agora  
Como o nefasto grifo flagelado,  
Depenado, só dano encontra e, baixa  
A leonina cauda, cai de chofre  
No cimo da floresta desaparece.

IMPERADOR

Ao presságio o sucesso corresponda!  
Cheio de assombro e pasmo aqui o aceito.

MEFISTÓFELES (*para a direita*)

A crebros, impetuosos golpes cedem  
Os inimigos, e, lutando incertos,  
Para a direita inclinam, perturbando  
De sua maior força o flanco esquerdo.  
Eis de nossa falange a firme frente  
À direita converge, e, como o raio,  
Pelo ponto mais fraco os acomete.—  
Agora, como ondas escumando [139]  
Da procela ao impulso, em dupla briga  
Acesa lutam forças que se igualam:  
Nada mais belo foi jamais sonhado.  
E ganha para nós está a batalha!

IMPERADOR (*à esquerda, a Fausto*)

Olha!: Julgo que além é grave o caso!  
Arriscado parece o nosso posto,  
Não vejo voar pedras, já vencidas  
Estão debaixo as rochas, as de cima  
Abandonadas. Neste instante! — Em massas  
Espessas, vai ganhando o inimigo  
Cada vez mais terreno, talvez esteja  
Tomado o passo: Eis as conseqüências  
De ímpios esforços! Vossos artificios  
Inúteis são!

(*Pausa.*)

MEFISTÓFELES

Meus dois corvos me chegam: [140]  
Que mensagem trarão? Tenho receio  
Que mal as coisas corram!

IMPERADOR

Esses pássaros  
Nefastos a que vêm? Do renhidíssimo  
Combate junto às rochas, endireitam  
Aqui o negro vôo.

MEFISTÓFELES (*aos corvos*)

Pousai bem junto  
De meus ouvidos! Pode inda salvar-se,  
Aquele a quem vaieis, que é mui discreto  
Vosso conselho.

FAUSTO (*ao Imperador*)

Ouviste já de pombos  
Que de terras longínquias voltar sabem  
Do ninho seu ao desejado abrigo.  
Com a devida diferença, o caso é análogo:  
Serve na paz dos pombos o correio,  
Exige a guerra corvos mensageiros.

MEFISTÓFELES

De iminente perigo anúncio chega.  
Olhai além!: Vede o extremo aperto  
Em que na rocha se acham nossos bravos!  
Ganhas estão as próximas alturas  
E, se vencido fosse o passo, em risco  
Estariamos.

139] A comparação de Mefistófeles adianta a cena seguinte: a exemplo do que fará com o mar, Fausto rege as forças do mar de homens formado na batalha. Como na guerra, Fausto estará disposto a sacrificar sua própria força de trabalho na realização do desenvolvimento.

140] Segundo Castilho:

“Par de corvos. – Corvos são acessórios com que se pinta o diabo na mitologia do Norte.”

IMPERADOR

Por fim ludibriado  
Eu sou! Nos vossos laços me enredastes;  
Tremo de horror por ver-me neles preso.

MEFISTÓFELES

Coragem, que inda nada está perdido!  
Paciência e finura até o extremo!  
Em geral é no fim que a faina cresce.  
Tenho aqui os meus tidos mensageiros;  
Manda, por que eu também mandá-los possa!

GENERAL EM CHEFE (*chegando*)

Sempre com grão pesar te vi unido  
Com estes; próspera e sólida fortuna  
A magia não traz. Nesta batalha  
Já nada sei fazer. Que acabem eles,  
Pois que a começaram! Eu deponho  
O bastão de comando.

IMPERADOR

Tu o conservas  
Para melhor ensejo que a fortuna  
Nos depare talvez! Em sobressalto  
Me põe esse vilão e o seu trato  
Tão íntimo com os corvos. [141]

(*A Mefistófeles:*)

Conceder-te  
Não pudera o bastão; não me pareces  
Pessoa competente. Mas dá ordens,  
Procura libertar-nos, e o modo  
Seja qual ele for!  
(*Entra na tenda com o General em chefe.*)

MEFISTÓFELES

Mui bom proveito  
Lhe faça o bastão rombo! Pouco préstimo  
Teria para nós: alguma coisa  
Nele havia da cruz.

FAUSTO

O que fazemos?

MEFISTÓFELES

Está já feito! — Agora, negros primos,  
A lagoa dos montes, e depressa!  
As ondinas saudai-me, e de torrentes  
Pedi-lhe a semelhança! Com secreto,  
Feminil artifício assim conseguem  
Separar o parecer do ser, que todos  
Substância juram ser o que é aparência.

(*Pausa.*)

FAUSTO

Decerto que souberam nossos corvos  
Seduzir as aquáticas deidades:  
Além a murmurar águas começam.  
Em muita rocha árida, escalvada,  
Rebenta grossa e rápida nascente:  
Foi-se a vitória dos contrários nossos!

MEFISTÓFELES

É uma recepção prodigiosa!  
Perturbam-se os melhores da escalada.

FAUSTO

Arroios sobre arroios se despenham,  
Com fúria, e dos abismos regurgitam  
Engrossadas torrentes; caudaloso,  
Projeta um rio um arco radiante,  
Em pedregoso chão logo se espria,

141] O Imperador percebe que se aliou ao Diabo. Aliar-se à matéria foi o recurso que o possibilitou manter seu poder, uma vez que sua presumida divindade já não lhe garantia a obediência do povo. É a monarquia se afastando da idealidade da coroa e se aliando às forças produtivas para poder existir.

Mais adiante, porém, em uma cena excluída, o arcebispo que outrora apoiou o imperador rival vem cobrar-lhe expiação pela aliança profana. O rei pronto se dispõe a construir uma igreja e no local da batalha e a ceder os domínios contíguos aos de Fausto ao clero.

Deste lado e daquele muge e espuma  
E se arroja até o vale, de salto em salto.  
Tenaz, heróica luta — que aproveita?  
Corre a potente vaga a submergi-los.  
De tão voraz dilúvio eu mesmo tremo.

#### MEFISTÓFELES

Nada vejo das águas mentirosas;  
Só deixam iludir-se olhos humanos.  
Regozija-me o caso portentoso.  
Eis que em corpos inteiros, se despenham  
Tontos que julgam afogar-se, quando  
Em terra firme inda respiram; correm  
Com ridículos gestos de quem nada!  
Geral é a confusão. [142]

*(Os corvos tornaram.)*

Hei de louvar-vos  
A nosso augusto amo; mas se agora  
Mestres quereis provar-vos, ide à forja  
Ardente, onde os anões, sempre incansáveis,  
Metal e pedra em chispas saltar fazem!  
Com difusos discursos persuadindo-os,  
Um fogo lhes pedi que fulja e estoure,  
Coisa que em alta conta os homens tenham!  
No longínquo horizonte ver relâmpagos  
Sem rugir de trovão, altas estrelas  
Ver rápidas cair, suceder pode  
Numa noite de estio; mas coriscos  
Por intrincadas moitas, e planetas  
Que dão silvas no solo umedecido,  
Tão fácil não se encontram. Sem dar mostras  
De alto empenho, pedi e enfim dai ordens.

*(Vão-se os corvos. Sucede como fica dito.)*

#### MEFISTÓFELES

Espessa treva envolva os inimigos!  
E dêem passos, tateiem na incerteza!  
Por toda a parte vejam fogo errante  
Ou clarões que de súbito os deslumbrem!  
É soberbo! É belíssimo! Careço  
Inda porém de estrondo que apavore.

#### FAUSTO

As ocas armaduras, ressurgidas  
Das salas sepulcrais, robustas sentem-se  
Ao ar livre. Retine além há muito,  
Estruge estranho som desafinado.

#### MEFISTÓFELES

Ótimo! Já ninguém contê-los pode:  
Ressoa já fidalga bordoada,  
Como nos santos tempos que passaram!  
Representando as grevas e coxotes  
Gibelinos e Guelfos, recomecem  
Violentos a rixa interminável.  
Firmes no herdado ódio, se mostram  
Irreconciliáveis; o tumulto  
Atroa tudo já de perto e longe.  
Por fim, de quanto ao demo regozija,  
É sobretudo o ódio de partido  
Que ao extremo horror as coisas leva.  
Entretanto ressoa horrendo, pânico  
E penetrante, estrídulo, satânico,  
Ruído aterrador no vale inteiro!

[P]

*(Tumulto guerreiro na orquestra que gradualmente se transforma em alegre música marcial. Na próxima cena, Fausto se apresentará como um ancião, qual fora no início. Novamente faz-se necessária a troca de atores, representada simbolicamente)*

142] Água e fogo: as mesmas forças que Fausto canalizará em prol do desenvolvimento são utilizadas aqui para a destruição do exército inimigo. Tal qual Fausto, tais forças guardam em si o poder de destruir e criar. Manipulando-as, Fausto se torna o destruidor criador, ele abarca as contradições em seu projeto está disposto a arcar com todos os sacrifícios. Em uma cena seguinte, excluída, Baúcis, a velha senhora que será morta a mando de Fausto, descreve o trabalho realizado nas cercanias de sua casa:

“Nada de dia adiantavam  
Pás, enxadas, com afã;  
De noite, luzes pairavam,  
Era um dique até manhã!  
Homens deviam morrer,  
De noite ouviam-se os ais;  
Iam chamas ao mar ter:  
Eram de manhã canais.  
É um ímpio que nos deseje  
A cabana o bosquezinho!  
Mas humilde que a gente seja  
Com tão soberbo vizinho.”

P] A esta se seguia outra cena ambientada na tenda do Imperador contrário, já foragido. Ela principia com os Três Valentes saqueando os despojos quando chega o Imperador vencedor que, depois de consagrada sua vitória, vê-se obrigado a repartir o que restou de seu reino (depois de suas concessões a Fausto) com o clero. Ao fim da cena, só, o imperador constata: “Em breve o Império dei, se vou desta maneira”. A cena, a exemplo da batalha, tem oferece pouco ao poético ou ao fio da história. A ausência total de Mefistófeles e Fausto também levou a sua exclusão.

## CENA XVI [Q]

*Mesmo local da guerra. Ilumina-se o Palácio de Fausto. FAUSTO, idade avançada, vagueando e meditando no balcão, ATALAIA, MEFISTÓFELES e os TRÊS VALENTES.*

LINCEU, ATALAIA *(pelo porta-voz)*

O sol já se põe, derradeira  
Das velas o porto buscou.  
Que barca tão linda, ligeira,  
Ao nosso canal aportou!  
Ondeam bandeiras brilhantes,  
Os mastros estão preparados;  
Ditosos se prezam mareantes,  
Se a tempo em ti são abrigados.

*(O sino ressoa ao longe)*

FAUSTO *(no balcão, estremecendo)*

Tanger insofrível, maldito,  
Que fere, qual tiro traidor!  
Em frente é meu reino infinito;  
Nas costas me punge esta dor.  
Recorda o tanger invejoso,  
Que plena não é a posse minha!  
As túlias, o pátio musgoso  
Não são meus, nem a capelinha.  
Se ali recrear quero os olhos,  
Sombra estranha me vem aterrar;  
Na vista, nos pés são abrolhos  
Quem me dera daqui longe estar! [143]

ATALAIA *(como acima)*

Como voga a barca luzida,  
Da brisa da tarde impelida!  
No cheio, pejado convés,  
Que sacas, que fardos não vês!

MEFISTÓFELES. OS TRÊS VALENTES *(em baixo)*

CORO

Desembarcar!  
Todos cá estão!  
Viva o senhor!  
Viva o patrão!

*(A carga é posta em terra)*

MEFISTÓFELES

Bons obreiros provamo-nos, e basta-nos  
O louvor do patrão. Com dois navios  
Saídos daqui só, com mais de vinte  
Regressamos ao porto. Que proezas,  
Portensosas fizemos, vê-o a gente  
Nesta carga tão rica. O mar é livre,  
Livre torna o espírito. Quem pensa —  
Aí em refletir! Só é preciso  
Diligente fisgar: Fisga-se o peixe  
E fisga-se um navio. Quem já conta  
Três baixéis, bem depressa apresa o quarto,  
E mal se avém o quimo que apareça;  
Temos força, também temos direito.  
Só curamos do *Quê*, nunca do *Como*! [144]  
Eu de navegações nada quisera,  
Se guerra, trato e curso não formassem  
Trindade, que ninguém separar deve.

OS TRÊS VALENTES

Nem — obrigado —  
Nem um saudar!  
Como se o fosse  
Isto enjoar!  
Mostra-nos cara  
Contrariada:  
De rei o espólio  
Lhe não agrada.

Q] A esta cena precediam duas pequenas cenas sobre o casal Filémon e Baúcis que será morto por desafiar a vontade de Fausto em possuir suas terras. Não é necessário mostrar estas cenas para o manter o fio dramático do texto pois o Fausto deixa claro sua inquietação em relação ao casal de velhos uma descrição suficiente ao entendimento do espectador.

143] Fausto escolheu o mar para realizar seu projeto de desenvolvimento pois este lhe oferecia um meio selvagem, sem qualquer realidade precedente a considerar. Dá as costas, deste modo, ao seu passado, à terra em que crescera. Mas, a despeito do desdém de Fausto, essa mesma terra se faz lembrar pelo tanger do sino.

É importante sublinhar o caráter simétrico desta cena em relação à cena do estúdio [Cena II], uma vez que várias falas e elementos lhes são comuns e acentuam o drástico antagonismo entre as duas. Por exemplo, a memória do mundo propiciada pelo tanger do sino outrora salvou Fausto do suicídio. Agora, ela é o motivo da agonia de Fausto.

No estúdio, Fausto se voltava à nostalgia em todas as suas formas: a verdade, a essência, o passado. Ele repudiava o tempo. Naquele contexto, a tradição tinha um papel redentor. Em oposição, agora Fausto se volta ao futuro e ao tempo. O que ele faz é uma aposta em uma criação que não conhece e cujas conseqüências não pode prever, apenas assumir, uma criação sem descobertas ou ideais que a antecedam. Aqui, o sino é o apelo inconveniente à memória.

MEFISTÓFELES  
Não tereis prêmios  
Mais que ti vestes!  
A vossa parte  
Já recebestes.

OS VALENTES  
Isso foi para  
Nos entreter;  
Parte igual todos  
Queremos ter.

MEFISTÓFELES  
Primeiro expõe,  
Sala por sala,  
A rica presa,  
Para mostrá-la!  
Em vindo ver  
Tal louçania,  
Melhor as coisas  
Ele aprecia,  
Por avarento  
Não quer passar;  
Banquete à frota  
Vai logo dar.  
Os pássaros aqui amanhã estão,  
Vou preparar-lhes boa recepção.

(*É levada a carga.*)

MEFISTÓFELES (*a Fausto*)  
Com carregada frente, olhar sombrio,  
Acolhes tua sorte incomparável.  
Coroadado está o altivo pensamento  
E com a praia as ondas congradadas;  
Da costa as naus recebe o mar submisso  
E carreira veloz facultada a todas.  
Fala pois, que aqui este palácio  
Teu braço abrange o Universo inteiro!  
Aqui, neste lugar, começa a empresa,  
Barraca primeira aí foi erguida  
E um estreito fosso descavado,  
Onde agora incessante lida o relho.  
Teu sublime pensar, dos teus o esforço,  
A terra e o mar avassalar souberam.  
Foi daqui —

FAUSTO  
O *aqui* maldito seja!  
Com seu molesto peso ele me oprime.  
A ti, tão experiente, hei confessá-lo:  
Golpe após golpe ao coração me atira;  
Para tanto sofrer faltam-me as forças!  
E de dizê-lo pejo-me, envergonho-me:  
Esses velhos além devem ceder-me,  
Para morada quero as tílias; árvores  
Poucas, que não possuo, a aguar-me bastam  
O domínio do mundo. Aí quisera  
De tronco em tronco armar escadarias,  
Para avistar no longe, larga estrada  
Descobrimo ao olhar, porque se espraie  
Por tudo quanto fiz e de um só golpe,  
Possa descortinar do humano espírito  
O supremo labor, fecundo plano,  
Larga morada assegurando aos povos. [145]

Das angústias decerto a mais pungente  
É sentir na opulência alguma falta!  
O tanger da sineta, o odor das tílias  
Como em movimento fúnebre me encerram.  
A vontade, o querer do poderoso  
Aqui nestas areias vem quebrar-se!

144] É nova a organização do trabalho proposta por Fausto. Nela, a responsabilidade se dilui em diversas hierarquias funcionais: Mefistófeles e os Valentes são o meio pelo qual Fausto, tal qual a cabeça de um corpo, realizará suas ambições. Mas a Fausto só interessa o fim alcançado, deixando ao encargo de seus servos os métodos. Tal procedimento, mais a diante, é o que levará o velho casal à morte.

145] Apesar de todas as suas conquistas e a despeito de todo o esforço de Mefistófeles, Fausto ainda não está contente. Pelo contrário, a sua agonia é diretamente proporcional à extensão de suas posses frente se a ela faz frente um desafio ínfimo.

A percepção de seus limites corporais, o *aqui*, o oprime: ele conquistou tudo o que a sua vista pode alcançar mas o tanger do sino, para além dos montes, o lembra que há mais além do que a sua vista lhe oferece.

Ele deseja a morada do casal, sobretudo para a construção de um mirante de onde possa ver totalmente a extensão de suas posses. Ele abdicou de qualquer idealidade transcendente, agora precisa escorar sua superioridade sobre os homens em símbolos materiais, no caso, uma superioridade de posição meramente.

Como de tal idéia a mente afasto?  
Toca o sininho, e de furor eu bramo.

MEFISTÓFELES

É natural que um pesar supremo  
A vida te angustie! Quem o negara?  
A todo o nobre ouvido, repugnante  
É esse baladar. Tlim-tlão maldito,  
Que escurece da tarde o céu sereno,  
E do banho primeiro até o sepulcro  
Com todos os sucessos se mistura,  
Como se entre tlim e tlão a vida  
só fosse um vácuo sonho.

FAUSTO

A resistência,  
A pertinácia amesquinhar conseguem  
O mais glorioso bem. Com dor intensa,  
Cansamo-nos enfim de sermos justos. [146]

MEFISTÓFELES

Porque hás de com isso embarçar-te?  
Colonizar há muito não procuras?

FAUSTO

Pois, embora! De junto a mim afasta-os! —  
O formoso aposento bem conheces,  
Que destinei aos velhos. [147]

MEFISTÓFELES

Transportamo-los  
E sentamo-los lá e em pouco tempo  
Estão outra vez de pé; sendo a violência  
Passada, um belo abrigo os reconforta.

*(Solta um assobio estridente Entram os Três.)*

MEFISTÓFELES

Vinde, para cumprir do amo as ordens!  
E uma festa naval amanhã tendes!

OS TRÊS

Recebeu-nos mui mal nosso amo velho;  
Uma festa de estrondo é o que nos serve.

MEFISTÓFELES *(aos espectadores)*

Antiga história agora se repete,  
Que de Naboth a vinha é já de há muito. *(Regum I, 21)* [148]

*(Saem Mefistófeles e os Três Valentes a cumprir a ordem de Fausto)*

LINCEU, VIGIA *(cantando na atalaia do castelo)*

Para ver nascido,  
A olhar destinado,  
Na torre metido,  
Do mundo me agrado.  
Sei ao longe olhar,  
Sei ver também perto  
Estrelas, luar,  
A corça, o deserto.  
Em todos eu miro  
Beleza sem fim,  
E como os admiro,  
Aprazo-me a mim.  
Vós, olhos ditosos,  
Quanto visto haveis,  
Por vário que fosse,  
Foi belo, direis!

*(Pausa.)*

Colocado em tal altura  
Não fui só para gozar:

146] O primeiro ato deliberadamente mau de Fausto. Mais uma vez, é a inversão de sua situação no estúdio: antes desejava o bem máximo ao homem (o conhecimento) e só realizava o mal por disseminar sua vaidade. Agora quer ser mau para poder realizar o bem maior.

147] Quantas vezes tal situação se repetiu durante as grandes reformas modernistas nas cidades ocidentais?

“Fausto, em sua atividade como “o Fomentador” que põe o mundo em seu passo certo, é um herói moderno arquetípico. Todavia, o fomentador, como Goethe o concebe, é não apenas heróico, mas trágico. Para compreender a tragédia do fomentador, é preciso julgar sua visão de mundo, não só pelo que ela revela — pelos imensos novos horizontes que abre para a espécie humana —, mas também pelo que ela esconde: pelas realidades humanas que se recusa a ver, pelas potencialidades que não é capaz de enfrentar.  
(...)”

Isso é um estilo de maldade caracteristicamente moderno: indireto, impessoal, mediado por complexas organizações e funções institucionais. Mefisto e sua unidade especial retornam ‘na calada da noite’ com a boa notícia de que tudo estava resolvido.” (BERMAN,1986)

148] Reis I, 21, 1-3:

“1. Passado tudo isso, aconteceu o seguinte: Nabot de Jezrael possuía uma vinha nessa cidade, ao lado do palácio de Acab, rei de Samaria.

[continua]

Do seio da treva escura,  
Que horror me vem aterrar?!  
Das tília na sombra densa  
Vejo faíscas saltando;  
Cresce e cresce chama intensa,  
Que o vento vai ateando.  
Ai, em fogo toda acesa  
A musgosa choça está!  
Quer socorro com presteza,  
mas auxílio nenhum há.  
Ai, os velhos! Pobre gente!  
Co fogo tão cuidadosa,  
Presas de um braseiro ardente!  
Que desgraça temerosa!  
Chameja, rúbida cor  
Tinge o muro enegrecido;  
Livrasse-os um salvador  
Desse inferno escandecido!  
Sobem línguas fulgurantes  
Entre os ramos verdejantes;  
Secas hastes, pronto ardendo,  
Já começam de cair.  
Vós, olhos, o estais vendo,  
Tão longe, vista, há de ir?  
Da ramada sob o peso  
A capelinha baqueia;  
Das tília no tope ileso,  
Qual serpe o fogo se enleia;  
Cavos troncos incendeia  
A rubra chama até o pé.  
*(Longa pausa. Canto:)*  
O que aos olhos aprazia,  
Com os séculos passado é.

FAUSTO *(ao balcão)*

De cima que gritos, que choro?  
Já tarde vêm brados e voz.  
Lamenta o vigia, eu deploro,  
No íntimo, o ato feroz.  
Do arvoredo aniquilado  
Em breve só resta o carvão;  
Cedo um mirante hei levantado  
Para avistar toda a extensão.  
Verei também novo aposento  
Que, generoso, ao velho par  
Eu concedi. Com sentimento  
Grato, a velhice vão passar.

MEFISTÓFELES e OS TRÊS *(em baixo)*

Cá vimos nós a bom trotar.  
Perdoai tão mal isto acabar!  
Era bater, sempre bater,  
E sem alguém nos responder.  
Um só balanço, um empurrão,  
A velha porta está no chão.  
Erguemos logo um alarido,  
Porém, ninguém nos deu ouvido;  
E, como soe acontecer,  
Não ouviam por não querer!  
Com isso não nos demoramos,  
Pronto dali os transportamos.  
Os velhos pouco padeceram:  
Logo de susto faleceram.  
Um forasteiro lá escondido  
Quis resistir, ficou estendido,  
Depois de luta encarniçada,  
estava no chão palha espalhada,  
Cai-lhe um carvão: Fogo que vês  
Serve de pira a todos três. [149]

FAUSTO

Ordens que dei não escutastes?  
Queria troca, e vós roubastes!

2. Acab disse a Nabet: Cede-me tua vinha, para que eu a transforme numa horta, porque está junto de minha casa. Dar-te-ei em troca uma vinha melhor, ou se o preferires, pagar-te-ei em dinheiro o seu valor. 3. Nabet, porém, respondeu a Acab: Deus me livre de ceder-te a herança de meus pais!"

149] “Fausto, de repente preocupado, pergunta para onde foi removido o velho casal — e vem a saber que a casa foi incendiada e eles foram mortos. Fausto se sente pasmo e ultrajado, tal como se sentira diante de Gretchen [Margarida]. Protesta dizendo que não ordenara violência; chama Mefisto de monstro e manda-o embora. O príncipe das trevas se vai, elegantemente, como cavalheiro que é; porém ri antes de sair. Fausto vinha fingindo não só para outros mas para si mesmo, que podia criar um novo mundo com mãos limpas; ele ainda não está preparado para aceitar a responsabilidade sobre a morte e o sofrimento humano que abrem o caminho. Primeiro, firmou contrato com o trabalho sujo do desenvolvimento; agora lava as mãos e condena o executante da tarefa, tão logo esta é cumprida. É como se o processo de desenvolvimento, ainda quando transforma a terra vazia num deslumbrante espaço físico e social, recriasse a terra vazia no coração do próprio fomentador. É assim que funciona a tragédia do desenvolvimento.”  
(BERMAN, 1986)

Seja só vossa a atroz ação!  
Lanço-lhe eu a maldição!

CORO

A antiga voz, voz se repete  
A força logo te submete!  
Se ousas travar luta renhida,  
Expões a casa, o lar, — a vida.  
(*Saem.*)

FAUSTO (*no balcão*)

Dos astros foge olhar e luz,  
Abate o fogo e mal reluz;  
Trêmula brisa o está atiçando,  
Calor e fumo aqui soprando.  
Ordem mui pronta, ação pior! -  
Que sombra paira aí ao redor?

(*Meia-noite. Chegam quatro mulheres grisalhas.*)

PRIMEIRA

Eu chamo-me Falta.

SEGUNDA

Eu chamo-me Dívida.

TERCEIRA

Meu nome é Inquietação. [150]

QUARTA

O meu é Miséria.

A TRÊS

Cerrada está a porta, entrar não podemos;  
Um rico ali mora, a força perdemos.

A FALTA

Aqui sou eu sombra.

A DÍVIDA

Aqui sou eu nada.

A MISÉRIA

Desviam de mim a face amimada.

A INQUIETAÇÃO

Não podeis, irmãs, não deveis entrar.  
No fecho da porta só eu sei passar.

(*Desaparece a Inquietação.*)

A FALTA

Vós, tristes irmãs, depressa fugir!

A DÍVIDA

Bem junto a teu lado me vou eu cingir.

A MISÉRIA

E logo após segue a mísera sorte.

A TRÊS

Dos astros a luz a névoa já cega;  
De trás, lá de trás, de longe nos chega  
Ainda outra irmã, e última, a — Morte.

FAUSTO (*no palácio*)

Das quatro que vinham só três vi volver;  
Sentido das falas não pude entender  
Um tanto soou-me de: mísera sorte;  
Sinistra era a rima que vinha após: — morte!  
A voz era funda, de espectro, abafada.  
Minha liberdade, não estás conquistada!  
Podendo a magia da senda afastar,

150] No original de D'Ornellas, a inquietação se chama Cuidado. Apesar de sinônimos, porém, Inquietação ou Ansiedade são traduções mais recorrentes e adequadas, visto que representam de imediato e sem equívocos a essência desta entidade.

Ela é a força a qual Fausto se opôs por toda a sua vida. Representa tudo o que a natureza humana tem de trágico e inconcluso. Em sua nova fase, tal qual no estúdio, Fausto busca justamente o fim do permanente estado de inquietação (o seu e o de toda a humanidade). Mas agora o faz por meios meramente materiais. Não deseja mais trazer a chama da verdade ao homem, mas quer garantir-lhe um espaço físico que lhe garanta a felicidade, a "Larga morada assegurada aos Povos".

É justamente esta busca incessante pela satisfação que resulta na inquietação de Fausto. Ironicamente, pode-se dizer que, se Fausto aceitasse viver na inquietação, ele já não mais seria inquieto.

Por fim, o dialogo à porta de Fausto demonstra essa ironia: a Falta, a Dívida e a Miséria não podem entrar nos domínios do afortunado Fausto. Mas, ainda que vivendo na opulência, Fausto abre a porta à Inquietação.

Palavras de encanto de todo olvidar,  
De ti na presença só homem parecer,  
A pena valera, Natura, homem ser!  
E era-o eu antes que as trevas buscasse,  
Ao mundo e a mim "Malditos!" bradasse.  
Agora, está o ar de espectros tão cheio,  
Que seja impossível fugir-lhes, receio.  
Se o dia sorrindo nos fala à razão,  
De noite nos cerca de sonhos visão  
Do campo ridente se volto animado,  
Lá grasna uma ave: que grasna? Mau fado!  
Noite e dia envolvem-nos superstições,  
Presságios, agouros e aparições!  
Assim abalados, sós deixam-nos estar.  
Ranqueu esta porta; ninguém vi entrar.

(Assustado:)  
Está aí alguém?

A INQUIETAÇÃO  
Sim!, devo dizer.

FAUSTO  
E tu quem és? Dize!

A INQUIETAÇÃO  
Apraz-me aqui ser.

FAUSTO  
Afasta-te! Vai-te!

A INQUIETAÇÃO  
Sou em lugar seguro.

FAUSTO (*primeiro furioso, depois sossegado, para si*)  
Atenta, não soltes algum esconjuro!

A INQUIETAÇÃO  
Se me não percebe o ouvido,  
No peito faço ruído;  
Exerço, com vários vultos,  
Tremendo poder oculto:  
Sobre a terra e mar imenso,  
Companheiro eterno, infenso;  
Sem ser buscado, presente;  
Afiado e repelente! —  
Não conheces o Cuidado?

FAUSTO  
Não fiz mais que através passar do mundo,  
Cada apetite, sem parar, fartando;  
O que me não bastava, abandonando;  
Do que escapava não fazia fundo.  
Desejei, consegui; de novo ardia  
O desejo, e assim com energia  
A vida em turbilhão corri; potente  
Outrora, hoje moroso, hoje prudente.  
Esta terrena esfera bem conheço.  
E a vista além dela acha tropeço.  
Néscio, quem turvos olhos lá põe mais  
E sobre as nuvens sonha ter iguais!  
Firme na terra, atente bem em tudo:  
Não é, para quem pensa, o globo mudo!  
Que ganha em divagar na eternidade?  
Aqui, palpa e conhece a realidade.  
Pise pois este solo o caminhante!  
Se larvas o turvarem, siga avante!  
No progredir terá gozo e tormento;  
Satisfação, porém, nenhum momento! [151]

A INQUIETAÇÃO  
Ao que cai sem meu poder,  
Pouco o mundo há de valer:

151] Há uma relação entre as ações de Fausto nesta cena e o conselho de Mefistófeles na cozinha da bruxa [Nota 56]. A empreitada de Fausto nada mais é do que a tentativa sugerida por Mefistófeles de abafar a dualidade da inquietude se resignando a uma existência puramente material. Aqui, Fausto tenta esquecer que sua intelectualidade, mas tenta reprimir seu lado obscuro e o de toda a humanidade. Sobre este trecho, diz Jung:

“(…) trata-se invariavelmente de repudiar o inconsciente como algo inútil, infantil, carente de sentido, absurdo e obsoleto. Não há mais nada a fazer senão dar de ombros, negar-lhe o valor e resignar-se. Se o indivíduo quiser voltar a uma vida razoável deverá reconstituir, da melhor maneira possível, o segmento da psique coletiva a que chamamos *persona*, silenciar os acontecimentos da análise, deixando-os de lado e se possível esquecer que possui um inconsciente. Poderá ater-se às palavras do Fausto de ‘Goethe’:  
‘[Esta terrena esfera bem conheço.](…)’

Tal solução seria perfeita se o homem pudesse desembaraçar-se por completo do inconsciente, privando-o de sua libido, de forma a torná-lo inativo; mas como a experiência mostra não se pode privar o inconsciente de sua energia, ele continua atuante; não só contém a libido, mas é sua fonte mesma, a partir da qual fluem os elementos psíquicos originários, os pensamentos de tonalidade afetiva ou os sentimentos de tonalidade reflexiva e todos os germes indiferenciados das possibilidades formais e dos sentimentos. [continua]

Cerca-o treva permanente,  
Sem aurora nem poente;  
São os órgãos exteriores,  
Vive em íntimos terrores;  
Tesouros que reunir,  
Nem os sabe possuir.  
Em dor e gozo, inconstância,  
Fome e míngua na abundância.  
Sofrimento ou alegria,  
Deixa para o outro dia;  
Sempre à espera do porvir,  
Nada ousa decidir.

FAUSTO

Cala-te! Assim não tens comigo entrada!  
Não quero ouvir, que é necedade tudo.  
Vai-te! Tal ladainha destoadada  
Faz o tino perder ao mais sisudo.

A INQUIETAÇÃO

Segue avante? Atrás acode?  
Resolver-se já não pode.  
Sobre larga, aberta estrada,  
Tenta a medo uma passada.  
Mais perdido cada vez,  
Olha as coisas ao revés,  
A si, aos outros pesando,  
A respirar abafando,  
Não sufocado, mas morto,  
Sem desespero ou conforto.  
Assim contínuo oscilar,  
Dor no ócio e no lidar,  
Liberdade e opressão,  
Mau sono, má refeição,  
Acorrentam-no a um lugar,  
até ao inferno o levar.

FAUSTO

Assim, funestas lamas, maltratais  
Mil vezes, sempre, a humana geração,  
Que dias indiferentes transformais  
De sofrer e penar num turbilhão.  
Não se escapa aos demônios facilmente,  
O laço imaterial não há romper;  
Mas teu poder, Inquietação, oculto e ingente,  
Eu não hei de jamais reconhecer!

A INQUIETAÇÃO

Sente-o, pois, que em despedida  
Eu te lanço a maldição!  
Sê cego no fim da vida!  
Os mais toda ela o são. [152]  
(*Sopra-lhe na face.*)

FAUSTO (*cego*)

Já noite mais e mais densa me envolve;  
Só brilha luz no íntimo do peito:  
Corro a cumprir o que o pensar revolve;  
Só a voz do senhor produz efeito. —  
Servos, de pé! Aqui todas chegai!  
Meu pensamento ousado executai!  
Travar da ferramenta, pá e enxada!  
Realize-se a obra planeada!  
Ordem severa, lida sem detença  
Sempre conquistam alta recompensa;  
Para acabar a empresa vasta e ingente,  
De braços a um milhar basta uma mente.

(*Fausto desce ao chão*)

MEFISTÓFELES (*à frente como inspetor*)  
Aqui, Lemures! Quero ver-vos,

Seria portanto ilusório acreditar que através de alguma teoria ou método mágico poder-se-ia esgotar a libido do inconsciente, eliminado este último. Talvez uma ilusão deste tipo durasse algum tempo, até chegar a hora em que seria inevitável dizer, como Fausto:

'[Agora, está o ar de espectros tão cheio,

Que seja impossível fugir-lhes, receio.](...)' (JUNG, 1987)

152] Fausto rejeita a Inquietação em toda a carga de negatividade que esta joga sobre o seu trabalho positivo. Ele fecha os olhos para o lado obscuro do mundo e do homem e é por isso que sua Inquietação o cega.

É mais uma vez a face da condição absurda da qual Fausto não pode escapar: por tanto perseguir a luz acabou condenado às trevas.

E é nisto que ele difere de Édipo Rei: Fausto não sente culpa de seus atos, ao contrário, ele é cego por sua obstinação. A mesma obstinação que o levou a matar o casal, seu antigo mundo e a si mesmo.

Trêmulas criaturas;  
Só com tendões, ossos e nervos,  
Toscas seminaturas!

LEMURES (*em coro*)  
Prontos aqui, a teu aceno;  
Segundo temos ouvido,  
Vai-se ganhar vasto terreno,  
Que nos será podido.

Agudas estacas há já,  
Cadeia de medir;  
Mas porque nos chamaram cá,  
Não pode à mente vir.

MEFISTÓFELES  
Nada aqui vale artístico desvelo!  
Procedi lá segundo o vosso alvitre:  
Estenda-se por terra o mais comprido!  
Vós outros, os torrões erguei em torno  
E, como a nossos pais se fez outrora,  
Cavai um quadrilongo! Do palácio,  
Para a estreita morada! — Este é o estúpido  
Desenlace, em que ao fim vem a dar tudo.

LEMURES (*cavando com gestos de mofa*)  
Quando novo vivia e amava,  
Mui doce me parecia!  
Onde a música e dança soava,  
As pernas lá mexia.  
Traígoeira velhice imatura  
Co bordão me tocou;  
Tropeçar eu fui na sepultura  
Quem aberta a deixou?

FAUSTO (*saindo do palácio, apalpa os umbrais da porta*)  
Quanto o rumor de enxadas me deleita!  
É a multidão que a mim presta serviço;  
Faz congraçar consigo mesma a terra,  
Põe às ondas limites e circunda  
Com apertado valo o mar imenso.

MEFISTÓFELES (*à parte*)  
Só para nós trabalhas, com teus diques  
E cais; darás das águas ao demônio,  
A Netuno, um opíparo banquete.  
A vossa perdição de torto é certa:  
Conjurados conosco os elementos  
Estão, tudo caminha a aniquilar-se. [153]

FAUSTO  
Inspetor!

MEFISTÓFELES  
Pronto!

FAUSTO  
Faze diligência!  
Operários procura em grande número!  
Com castigos e prêmios estimula-os,  
Paga, seduz, compele mesmo à força!  
Quero notícia ter todos os dias  
De como cresce a projetada cava.

MEFISTÓFELES (*à parte*)  
De cova e não de cava aqui se trata,  
Segundo ouvi dizer... [154]

FAUSTO.  
Junto do monte  
Empesta um brejo o conquistado espaço;  
Derradeiro, supremo dos triunfos  
Será esgotar o corrompido charco.

153] Os elementos estão conjurados com Mefistófeles. Deus, no estúdio, era a idealidade e o eterno, mas o plano material dos elementos físicos e sua transitoriedade, é o reino de Mefistófeles.

Este é o sentido profundo desta fala: Mefistófeles já conta com a alma de Fausto pois este se resignou ao trabalho na terra, à manipulação dos elementos. Fausto é o protagonista da canção dos lêmures: a cada novo golpe da pá, abre-se a cova de Fausto e, com ela, a boca do inferno que consumará sua perdição.

154] A exemplo do que fizera Margarida e si, Fausto se aniquilou ao matar o casal e, com ele, todo o seu passado. Fausto removeu todos os obstáculos do caminho de seu projeto com exceção de si mesmo.

“As palavras de Fausto são mais verdadeiras do que ele supunha: os sinos de Filemo e Báucia tangem por ele, antes de mais nada. Goethe nos mostra como a categoria de pessoas obsoletas, tão importante para a modernidade, acaba por trazer aqueles que lhe dão vida e poder.” (BERMAN, 1986)

Ganho terreno onde milhões habitem,  
Seguros não, mas livres, mas ativos!  
É verdejante o campo, fértil! Homens  
E rebanhos no novo solo assentam  
Aprazível morada, ao pé do outeiro,  
Que gente audaz, enérgica erguer soube! [155]  
Aqui no interior é um paraíso;  
Lá fora ruge o alar e à borda chega;  
Mas, se abre brecha para entrar violento,  
Comum esforço a repará-la acode.  
Oh, sim! A idéia tal todo me voto,  
É da sapiência a derradeira máxima:  
Que só da liberdade e vida é digno  
Quem cada dia conquistá-las deve!  
Assim robusta vicia, entre perigos,  
Crianças, homens, velhos, aqui pasmam.  
Pudesse eu ver o movimento infindo!  
Livre solo pisar com povo livre!  
Ao momento fugaz então dissera  
"És tão belo, demora-te! Por séculos  
E séculos de meus terrenos dias  
Não se apaga o vestígio". — Agora mesmo,  
Somente em pressentir tanta delícia,  
Gozo ditoso o mais celeste instante.

*(Fausto cai para trás, os Lemures apoderam-se dele e estendem-no por terra.)*

#### MEFISTÓFELES

Nenhum prazer o farta, não lhe basta  
Ventura alguma, sempre após seguindo  
De várias fantasias. Este instante  
Derradeiro, vazio, miserável,  
Procura o infeliz inda retê-lo!  
O tempo dominou quem soube opor-me  
Tão tenaz resistência: aí jaz o velho  
No pó! Pára o relógio, —

#### CORO

Pára! Cala  
Como à meia-noite, e o ponteiro  
Cai —

#### MEFISTÓFELES

Consumou-se!

#### CORO

E acabou-se tudo!

#### MEFISTÓFELES

Acabou-se! Palavra sem sentido!  
Acabou-se por quê? Acabou e nada  
É tudo a mesma coisa! Então que vale  
A eterna criação? Causas criadas  
Ao nada reduzir! "Está acabado!..."  
Que quer isto dizer? É exatamente  
Como se nunca fosse, e todavia  
Circula, como tendo inda existência!  
Preferira ao que acaba o vácuo eterno. [156]

*(Enterro)*

#### LEMUR *(solo)*

A casa, tão mal quem a fez,  
Com pás e com enxada?

#### LEMURES *(coro)*

Para ti, que vestes de linho,  
É mui bem acabada.

#### LEMURES *(solo)*

A sala tão mal quem dispôs?  
Que é de mesas e bancos?

155] "Caminhando na terra, ao lado dos pioneiros do seu novo empreendimento, Fausto se sente mais a vontade do que já se sentiria junto do povo simpático mas estreito de sua cidade natal. Estes, agora, são homens novos, tão modernos quanto o próprio Fausto. Emigrantes e refugiados de uma centena de vilas e vilarejos góticos – egressos da primeira parte do Fausto – eles aí chegaram à procura de ação, aventura, um ambiente no qual eles podem, como Fausto, sentir-se *tätig-frei*, livres para agir, livremente ativos. Eles chegaram juntos para formar um novo tipo de comunidade: uma comunidade que não se concentra na repressão da livre individualidade para manter um sistema social fechado, mas sim na livre ação construtiva, comunitária, para proteger as fontes coletivas que permitem a cada indivíduo ser *tätig-frei*." (BERMAN, 1986)

156] Mesmo após sua morte, as realizações de Fausto ecoam, progridem por si. Fausto deu início a um processo que era maior que ele mesmo, e agora é irreversível.

É isto que Mefistófeles não pode entender pois ele pertence ao passado medieval até então acreditava que a matéria nada tinha a ver com Deus. Mas Fausto, em seu momento final, mostra que já havia superado Mefistófeles e que, em seu projeto, estava implícito o antigo desejo de se assemelhar a Deus: ele se rejubila não apenas pela grandiosidade de seu feito, mas pela sua capacidade de manipular a natureza, de se tornar um deus possível, mas ainda sim um Deus, ao qual cabe o poder de destruir e criar.

LEMURES (*coro*)

Fiado era tudo por pouco;  
Os credores são tantos.

MEFISTÓFELES

Jaz o corpo, e se quer fugir o espírito,  
O título, que escrito foi com sangue,  
Apresento-lhe logo. — Infelizmente,  
São tantos hoje os meios de ao demônio  
As almas arrancar. Acham-se estorvos  
Na velha estrada, e não mui bem aceitos  
Somos na nova: eu só bastara outrora,  
Hoje devo chamar auxiliares.  
Tudo nos corre mal! Antiga usança,  
Tradicional direito, em coisa alguma  
Se pode confiar! Em outras eras,  
Co último suspiro a alma saía,  
Eu estava à espreita, e, qual ligeiro rato,  
Zás! Segura nas garras a apertava.  
Agora hesita, do cadáver sórdido  
Deixar não quer a lóbrega morada,  
Até que os elementos, que se odeiam,  
Com ignomínia a lançam dele fora.  
Mas que dias e horas me dê tratos,  
Toda a questão é o *quando*, e *como*, e *onde*;  
Perdeu a antiga morte a força pronta:  
O mesmo se está muito tempo em dúvida!  
Quantas vezes mirei já cobiçoso  
Inteiriçados membros: e era apenas  
Aparência!, moviam-se de novo. [157]

(*Gestos fantásticos de esconjuro à maneira dos serrafilas*)

Depressa aqui! Acelerai o passo,  
Vós de ponta direita e ponta curva,  
Senhores de infernal, antiga tâmara,  
E convosco trazei do inferno a boca!  
Bocas tem o inferno muitas! Muitas!  
E segundo o estado e dignidade  
A cada um engole; todavia,  
Mesmo neste final supremo lance,  
Não terão de futuro tanto escúpulo.

(*Abre-se a hedionda boca do inferno*)

A dentuça roaz se lhe escancara;  
Da abóbada do bátrio rebenta  
De vivas chamas rábida corrente,  
E no ardente fundo lá descubro,  
Em fogo eterno, a lúrida cidade.  
até os dentes vem a rúbida ardência,  
Nadam precitos, salvação esperando,  
Mas colossal a hiena os esmigalha,  
E com angústia o fêrvido caminho  
De novo tentam. Nos recantos fica  
Muito por descobrir: do mais horrível  
Tanto tem tão pouco espaço! Fazeis muito  
Para aterrar os pecadores, e eles  
Julgam que sois mentira, ilusão, sonho.

(*Aos diabos bojudos de ponta curta e grossa*)

Vós, ó panças de rosto afogueado,  
Que tão gordos luzis, fartos de enxofre,  
Colos grossos, imóveis, quais madeiros!  
Espreitei aqui em baixo, se qual fósforo  
Reluz uma faísca!: é a branda alminha,  
É a Psique em par de asas: arrancai-lhas,  
Fica um verme hediondo! Co meu selo  
Quero estampá-la, e logo, logo ao fogo,  
Ao ígneo turbilhão!  
Cuidado, odres,  
Nas partes inferiores, isso toca-vos!  
Se lhe aprouve talvez ir lá postar-se,  
Com certeza a ciência não define.

157] Mefistófeles pela primeira vez deixa revelar seu aspecto patético e impotente, talvez apenas o escondera de Fausto durante seu trajeto. Até então ele fora imperturbável, era o senhor da matéria e nada no mundo era um mistério para ele. Mas os tempos são outros e muitas as novas formas de escapar de seu domínio. Mefistófeles confessa que o mundo do homem o ultrapassou.

É isto que fez Fausto: sua intervenção na natureza foi de tal ordem inédita e intensa que superou a vida campestre que Mefistófeles pregava na cozinha da bruxa. Se no estúdio Fausto almejava o eterno e se condenava ao terreno, neste último ato fez o oposto: interveio no terreno e esteve, desta forma, mais próximo de ser Deus do que jamais sonhara.

Assim, a morte de Fausto se dá como este prescrevera no estúdio, caindo fulminado logo após a glória [Nota 31]. Sua morte não o reconciliou, apenas impediu, como este desejava, que a Inquietação minasse sua felicidade tão logo esta fosse alcançada.

Fausto não se satisfaz com o serviço do demônio e, com isso, deu a vitória da aposta a Deus. Mefistófeles se apressa em levar a alma de Fausto pela boca do inferno aberta pelo próprio. No seu íntimo, ele talvez saiba que a causa é perdida e os seus esforços vão.

Dizem que folga de habitar no umbigo:  
Vigiai que por lá vos não escape!

*(Aos diabos magros de ponta comprida e curva)*

Vós, imbecis, esguios serrafilas,  
Sem descanso lançai ao ar as garras!  
Braço teso e as unhas afiadas  
Para aferrar a alada, a fugitiva!  
Decerto se dá mal na casa velha,  
E às alturas sempre o gênio aspira.

*(Resplendor de cima, oposto à boca do Inferno)*

#### FALANGES CELESTES

Segui, enviados,  
Do céu aliados,  
Com manso voar:  
Pecados solvei,  
O pó revivei!  
A todos os seres,  
Suaves prazeres  
Convosco trazei,  
No lento passar!

#### MEFISTÓFELES

Ouço discordes sons, torpe arruído,  
Que das alturas vem com luz odiosa  
Os tais abortos são hermafroditas  
Com que o gosto pietista se deleita.  
Sabeis que aniquilar a espécie humana  
Nas mais nefandas horas meditamos:  
De nossas invenções a mais infame  
Com a tal devoção mui bem se ajeita.  
Vêm com ar disfarçado, os peralvilhos!  
Muita alma nos têm assim roubado.  
Com nossas próprias armas nos guerreiam  
São demônios também, mas encobertos.  
Serdes vencidos fora opróbio eterna;  
Aqui, à cova, e firmes dela à beira!

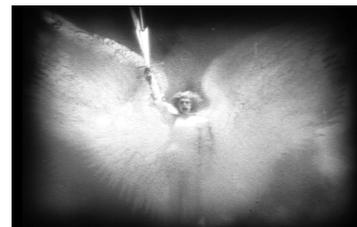
#### CORO DOS ANJOS *(espalhando rosas)*

Rosas, fulgurando,  
Bálsamo exalando,  
Que no ar pairais,  
E vida excitais,  
Com ramos alados  
E desabrochados  
Botões, florescei!

Com púrpura e verde  
O verão se arreie!  
De cima o empíreo  
Ao morto trarei! [158]

#### MEFISTÓFELES *(aos diabos)*

Porque tremeis e vos curvais? É uso  
Isso no inferno? Farei frente, embora  
Espalham eles rosas! No seu posto  
Cada fantasma! Com as tais florinhas,  
Dos demônios o ardor gela pretendem!  
Engelhadas, tismadas estão com o sopro  
Vosso. Bufos, bufai! — Basta! O bando  
Todo com o vosso hálito descora.  
Tão forte não! Tapai focinho e trombas!  
Na verdade soprastes com excesso.  
Não saberdes jamais guardar medida!  
Não murcham só: enegrecem, torram-se, ardem,  
Já voam para nós, com peçonhentas  
E refulgentes chamais: resisti-lhes,  
Uni-vos uns ecos outros, ajuntai-vos! —  
Quebra-se a força, o ânimo esmorece!  
Do ignoto fulgor, demônios tremem.



158] “Eis o ponto de partida do existencialismo. De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dela nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas.” (SARTRE, 1970)

Dentro do contexto desta tragédia, porém, o Empíreo tem seu lugar, mas não como recompensa pelo respeito a uma moral. O paraíso, aqui, está reservado para aqueles que, como Fausto, foram até o fim na própria construção admitindo sua liberdade, não se entregando à causa alheia, seja a de Deus ou a do Demônio.

Curioso perceber que Deus não comparece nesta cena final [nem na que a sucedia]. Além disso, é importante lembrar que a alma de Fausto é posta em jogo a partir de uma aposta, e não no âmbito de uma moral eterna.

[CORO DOS] ANJOS

Celestiais flores,  
Jucundos fulgores,  
Que amor espalhais,  
Delícias nos dais  
Quais o peito anela.  
Verbo de verdade,  
Qual a claridade  
Da eterna cidade,  
Difunde luz bela.

MEFISTÓFELES

Oh, maldição! Infâmia a tais mofinos!  
Eis por terra os demônios! Os obesos,  
Remoinhando no espaço, vão de cosas  
No inferno cair. Mui bom proveito  
Vos faça o banho quente, que é merecido!  
Eu não largo o meu posto!

*(Debatendo-se com as rosas aladas.)*

Fogos fátuos,  
Fora! Tu que refulges tão brilhante,  
És asqueroso lodo mal te toco.  
A que pairas aí? Queres sumir-te?! —  
Qual pez ou enxofre à nuca se me apegas.

CORO DE ANJOS

O que vos for estranho,  
Deveis evitar!  
O que vos fere o íntimo,  
Não suportar!  
Se com violência insiste,  
Com força se resiste.  
Amor só quem amar  
Ao céu pode levar. [159]

MEFISTÓFELES

Cabeça, coração, fígado fervem-me!  
Elemento inda mais que diabólico!  
Intenso muito mais que infernal fogo!  
Por isso vosso pranto é tão dorido,  
Infelizes amantes desdenhados,  
Que, pela amada ver, torceis o colo.  
A mim também! O que me volve o vasto  
Naquela direção? Um inimigo  
jurado deles sou, era-me outrora  
Tão penosa e adversa uma tal vista!  
Ter-me á penetrado estranha essência?  
Folgo de ver os cândidos meninos;  
Que me prende, que nem amaldiçoá-los  
Posso? — Quem de futuro há de chamar-se  
Por excelência talo, se me deixo  
Ludibriar agora? — Os malditos  
Rapazolas que odeio, me parecem  
Sedutores demais!  
Lindos pequenos,  
Dizei: Da geração sereis de Lúcifer?  
Tão bonitos que sois: eu bem quisera  
Beijar-vos! Sinto que chegais agora  
Muito a propósito. Estou tão satisfeito,  
Tão à vontade, como se mil vezes  
Já vos tivesse visto, tão aceso  
Em desejo recôndito, felino:  
A cada olhar que deito mais, mais belos!  
Oh, vinde! Oh, concedei-me um volver de olhos! [160]

ANJOS.

Nós vimos, porque foges e recuas?  
Aqui estamos; se podes, fica, espera!  
*(Correndo em torno, enchem os anjos todo o espaço.)*

MEFISTÓFELES *(repelido)*

De malignos espíritos taxais-nos,

159] A Inquietação que dominava Fausto provinha se seu eterno amor pelo mundo, seu desejo desmesurado por todas as coisas. Se fez barbaridades, se ordenou matanças, foi em nome desse amor humano, capaz do pior e do melhor. É este amor que leva Fausto a viver plenamente até o último segundo, é este amor que o salva.



160] Aqui, Mefistófeles parece obedecer à lógica da interdição/transgressão. O próprio universo enunciado por Goethe assume assim caracteres absurdas em que o absoluto antagonismo entre o divino e o profano resulta em uma pulsão incontrolável. Os anjos, em contrapartida, são imunes aos apelos apaixonados do demônio pois são, como o disse Mefisto, hermafroditas, seres divinos e acabados. Portanto, não estão sujeitos a paixões do rei da matéria.

E saís os verdadeiros feiticeiros,  
Pois encantais os homens e as mulheres.  
Que maldita aventura! É esse acaso  
Do amor o elemento? O corpo inteiro  
Está em chamas, apenas sinto o fogo  
Que à nuca me arde. — Nas alturas  
Pairais: baixai à terra, dai aos membros  
Mais profano meneio! A seriedade  
Fica-vos a matar; porém quisera  
Ver-vos rir uma vez! Delícia eterna  
Com isso gozaria! Assim a modo  
Quero dizer, como os amantes se olham!  
Um jeitinho nos lábios, e está pronto!  
Tu, mais altinho, és quem melhor me agrada;  
Mas não te assenta bem o ar padresco;  
Deita-me olhos lascivos! E podéis  
Com decência também vir mais despidos:  
É pudica demais a longa fralda! —  
Voltam as costas! — Ai, por trás olhados! —  
Muito apetite metem estes pícaros!

#### CORO DOS ANJOS

A luz procurai,  
Vás chamas de amor!  
Todo o pecador,  
Verdade, salvai!  
Do mau à prisão  
Consiga fugir,  
A imensa união  
Eterna fruir.

#### MEFISTÓFELES (*caíndo em si*)

Que é isto?! — Eu feito um Jó, chagas e chagas,  
Homem que, de si próprio horror sentindo,  
Triunfa ao mesmo tempo, quando se olha  
Todo e em sua raça e em si confia:  
Salvas estão do demo as partes nobres,  
O feitiço de amor sai todo à pele!  
Eis as chamas nefandas consumidas;  
Posso, como é dever, maldizer todos!

#### CORO DOS ANJOS

Quem de vós tocado,  
Santo fogo ardente,  
Aos santos ligado  
Ditoso se sente.  
Cantemos em coro  
Da vitória a palma!  
O ar está puro:  
Respire esta alma!

(*Elevam-se, arrebatando a parte imortal de Fausto.*)

#### MEFISTÓFELES [R]

O que foi? — Para onde se escaparam?  
Gente imberbe, colhestes-me de salto!  
Fugiram para o céu com a presa minha;  
Por isso nesta cova debicavam!  
Tesouro imenso, único, me roubam:  
A nobre alma, que em penhor se dera,  
Com cavilosas tretas me empalmaram.  
Junto de quem agora irei queixar-me?  
Quem garante meu lídimo direito?  
És enganado já no fim da vida,  
Merecesse-o! Para ti corre mal tudo!  
Nisto andei o pior possível.  
Perdido, que vergonha!, um gasto imenso!  
Apetite vulgar, paixão absurda  
Do alcatroado demo se apoderam.  
Quando o prudente, o esperto perdeu o tempo  
Em tão pueril, estulta brincadeira,  
A demência deveras não é pouca  
Em que veio a cair, no dia extremo.



R] Obedecendo à lógica simétrica, o mesmo tom cósmico dado pela primeira cena da peça, *Prólogo no Céu*, é utilizado no final da tragédia. Os anjos buscam a alma de Fausto, mas como no começo, Mefistófeles contrapõe às forças divinas levando a característica profana do mundo. Terminar a peça no desfiladeiro, cena posterior a esta, seria eliminar todo o equilíbrio entre o sagrado e o profano apresentado ao longo de todo o texto. Então se optou por retirar a cena do *Desfiladeiro* e acabar o drama com os anjos levando a alma Fausto enquanto Mefistófeles, que possui uma posição relevante na história, se lamenta por sua derrota encerrando, com sua fala, o texto.

**FINIS.**

## BIBLIOGRAFIA

- CAMUS, Albert. **O mito do Sífifo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. Tradução: CASTILHO, Antônio Feliciano. **Fausto**. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1956.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. Tradução: D'ORNELLAS, Agostinho. **Fausto**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- HOCKE, Gustav R. **Maneirismo: o mundo como labirinto**. São Paulo: Perspectiva, 2005
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 23ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KONESKI, Anita Prado. **Um "olhar" para o Fausto de Goethe**. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- LECHTE, John. **Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais: do estururalismo à Pós-modernidade**. 3ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- NIEZSCHE, Friedrich. **A visão dionisíaca do mundo**. 1870. (Disponível on-line em 20/02/2007 em [http://www.nietzscheana.com.ar/la\\_vision\\_dionisiaca.htm](http://www.nietzscheana.com.ar/la_vision_dionisiaca.htm))
- SARTRE, Jean-Paul; Tradução: Rita Correia Guedes. **O existencialismo é um humanismo**. Paris: Lês Éditions Nagel, 1970. (Disponível on-line em 20/02/2007 em [http://www.ateus.net/ebooks/downloads/sartre\\_o\\_existencialismo\\_e\\_um\\_humanismo.zip](http://www.ateus.net/ebooks/downloads/sartre_o_existencialismo_e_um_humanismo.zip))
- BO BARDI, Lina. ELITO, Edson. **Teatro Oficina**. São Paulo: Blau, 1980-1984
- CORRÊA, Zé Celso Martinez. **Primeiro Ato: Cadernos, depoimentos, entrevistas (1958,1974)**. São Paulo: ed. 34, 1998.
- CRUCIANI, Fabrizio. **Arquitetura teatral**. México: Gaceta, 1994.
- DE PAULA, Leon. **A maldição do Vale Negro. Reflexões sobre uma encenação num espaço não-italiano**. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000 Monografia (Graduação).
- MALTA, Laura Giane Souza. **Hamlet: um projeto cenográfico**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992. Monografia (Graduação)
- MANTOVANI, Anna. **Cenografia**. São Paulo: Série Princípios, 1989
- MICHALSKI, Yan. **Reflexões sobre o teatro brasileiro no século XX**. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999
- RATTO, Gianni. **Antitratado de cenografia**. Variações sobre o mesmo tema. São Pualo: editora SENAC, 1999
- ROUBINE, J.J. **A linguagem da encenação teatral (1880-1980)** (texto: a explosão do espaço). RJ: Zahar, 1982
- SERRONI, J.C. **Cenografia: Um novo olhar**. São Paulo: Sesc, 1995
- TAVARES, Renan. **Teatro Oficina de São Paulo: seus dez primeiros anos (1958-1968)**. São Paulo: Yendis, 2006
- TEATRO DA VERTIGEM. **Trilogia Bíblica**. São Paulo: Publifolha, 2002.
- FILME: **Faust**. Friedrich Wilhelm Murnau. Alemanha, 1926.  
<http://wikipedia.org/> (Disponível on-line em 20/02/2007)  
<http://www.bibliacatolica.com.br/> (Disponível on-line em 20/02/2007)